

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC- SP**

**LUCIANO DEPPA BANCHETTI**

**MEMÓRIAS EM JOGO: FUTEBOL, SELEÇÃO BRASILEIRA E AS  
COPAS DO MUNDO DE 1950 E 1954.**

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**SÃO PAULO**

**2011**

**No tombo:**

**Luciano DeppaBanchetti**

**MEMÓRIAS EM JOGO: FUTEBOL, SELEÇÃO BRASILEIRA E AS  
COPAS DO MUNDO DE 1950 E 1954.**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC- SP**

**LUCIANO DEPPA BANCHETTI**

**MEMÓRIAS EM JOGO: FUTEBOL, SELEÇÃO BRASILEIRA E AS  
COPAS DO MUNDO DE 1950 E 1954.**

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora  
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção do título de  
Mestre em História Social, sob a orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Estefânia Knotz Canguçu Fraga.**

**SÃO PAULO**

**2011**

Banca Examinadora

---

---

---

*Para minha mãe, Locádias.*

*Pessoa que encarna a figura materna na mais romântica concepção do termo.*

*Ela é a responsável.*

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, instituição que apoiou a pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que, sem exceção, ofereceram larga contribuição à pesquisa e a minha formação. E, à Betinha, secretária do programa, sempre disposta a ajudar.

À professora Estefânia KnotzCanguçu Fraga que, com paciência, me orientou pelos caminhos da academia e contribuiu decisivamente para o resultado deste trabalho.

Ao professor Fábio Franzini. Aqui apenas repito o que me acostumei em dizer sempre que o encontro: muito obrigado! Serei eternamente grato pelos lançamentos magistrais - dignos de Jair e Zizinho - que por diversas vezes me ofereceu, deixando-me apenas na obrigação de completar e sair para o abraço. Obrigado também à sua esposa, Elaine Lourenço.

Ao professor Antônio Rago Filho que, prontamente, aceitou fazer parte da banca – mais um craque que, em muito, contribuiu com o andamento desta pesquisa.

Ao professor Wanderson Fábio de Melo, por toda a sua dedicação em me ajudar a desenvolver o projeto que enviei para tentar a vaga no mestrado que, agora, concluo. Outra jogada sensacional, oferecida por um grande mestre a este banheira que tenta aproveitar as oportunidades.

A Ricardo Mazzone e a seu pai, Antônio Mazzone, que em um gesto de generosidade, após um rápido contato - obrigado, Rafael (PUC-RJ) - e percebendo meu interesse por Thomaz Mazzoni, convidaram-me para uma agradável conversa que se deu na residência da família. Pude perceber que os frutos deixados por Mazzoni não se tornam parentes apenas no meio futebolístico, no seio de seus familiares também.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado de São Paulo, da Biblioteca da Federação Paulista de Futebol, da Biblioteca Municipal Oswaldo Eleutério (Barueri) e aos colaboradores do Instituto Museu da Pessoa.net, agradeço pelo apoio oferecido.

À dona Olga Prusaitis, que se prontificou em realizar as traduções que precisei. À Sandra e seu noivo que também me ofereceram apoio.

Aos diversos professores que passaram pela minha vida e trouxeram tantos significados para o caminho que percorro. Dentre tantos, mesmo com o receio de não citar todos os nomes que deveria, não consigo deixar de mencionar ao menos os de alguns, como o de Eduardo Bonzato, de Maria Odila, de Maria Antonieta, de Reinaldo Rossi, de José Antonio, de Lúcio Menezes, de Geraldo, de Lurdinha – carinhosamente assim chamada, a minha primeira professora. Contribuições inestimáveis que preenchem meu espírito.

Aos colegas do programa que, com suas intervenções, contribuíram para muitas das reflexões aqui expostas. À Lídia Noêmia, ao Edney, à amiga Regiane, ao Marcelo Rasta,

ao Luiz Chorro, ao Leonardo Nunes, ao Rafael, ao Regis, à Micheli Tito, à Rita, ao Henrique, à Eliana, ao Cícero, à Nadia, ao Paulo, à Bebel, ao Marcelo (e nossa lembrança do *The Warriors*). Em especial, agradeço também à Célia – torço por seu doutorado!- e ao Felipe, que trilhou a batalha concomitantemente e que faz do futebol e dos estudos, uma ação divina.

Agradeço aos professores, colegas de trabalho, Mônica Tavares, Vânia, Andreia, Edenor, Renato (in memoriam), Sandro, Cleide, Nelson, Vera, Regina e à diretora Vânia Santos. Pessoas experientes que, juntamente com todos os demais membros da comunidade escolar EMEF Francisco Zacarioto, muito me trouxeram certezas de que o caminho da educação foi minha melhor escolha.

À amiga Zuleika, craque da área que, mesmo com suas inúmeras tarefas, contribuiu decisivamente com este trabalho, principalmente nos momentos de maior abatimento - sempre driblando sua corintianisse, não posso deixar de dizer que, nesse tempo de mestrado, também foi ótimo ter tido a quem lembrar os três anos de invencibilidade palestrina no derby.

Devo muito aos amigos, mesmo enquanto estava imerso nos estudos. Lembrar das brincadeiras, dos churrascos, das cervejadas, das discussões clubísticas e das peladas, sem dúvida, eram um grande lenitivo; melhor ainda, quando foi possível colocar em prática essas atividades fundamentais para a saúde. Por isso, agradeço àqueles que passaram a fazer parte imprescindível de minha vida e de minha família e que, pelo meu coração verde, passaram a ser identificados por seus respectivos clubes de coração: Marcos Palestrino-Palmeirense, Éder Corintiano, Kelma Palmeirense (que sempre destaca a relação entre memória e o ato de torcer) e Rogério Sãopaulino, Roberta Palmeirense, Paulinha e André Corintianos. Além da Dani Dadário e da Tati Brondi Corintianas, do Vitor Palmeirense (historiador, nato!) e do José Francisco Corintiano (craque da história, também um grande incentivador).

Ao meu sobrinho Alax (exclusivamente, para mim, *Zé*), a minha irmã Paula Deppa (linda, quando veste-se de Palmeiras) e ao meu cunhado Fábio Santista, estudioso do futebol que, como se não bastasse ter me ajudado com indicações interessantes, sempre deixa escancarada a porta de sua generosa geladeira, revestida com o lema: “*Mi cerveza tu cerveza*”.

Ao meu pai, por manter as portas de casa sempre abertas e por me legar o amor pelo Palmeiras. A minha mãe, por tudo.

E, por recomeço (jamais, por fim!), à Ligia que, na distância sempre se fez presente e na presença se faz intensa.

*(...) hoje, as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente transformam-se, permutando entre si, através de choques irremissíveis, de guerras impiedosas, mas também através de avanços de consciência e de esperança que nos permitem dizer - sem ser utópicos e mesmo sendo-o - que as humanidades de hoje estão abandonando dificilmente algo em que se obstinavam há muito tempo - a crença de que a identidade de um ser só é válida e reconhecível se for exclusiva, diferente da identidade de todos os outros seres possíveis.*

*Edouard Glissant*

## RESUMO

Luciano DeppaBanchetti

### Memórias em jogo: futebol, Seleção Brasileira e as Copas de 1950 e 1954.

Há o devido espaço para as memórias e histórias do futebol? Existe uma memória do universo futebolístico que se faz mais difundida? Ao buscar respostas para tais questões, é possível perceber que, apesar de toda a diversidade e do alcance do fenômeno nas mais diversas regiões do país, contraditoriamente, identifica-se o predomínio de uma memória do futebol no Brasil que se faz divulgada constantemente através dos mais variados meios, ou seja, há uma tendência à busca pela singularidade, ao estabelecimento de uma visão do passado que procura repetir alguns dados e, na mesma intensidade, acaba por silenciar outros, constituindo, dessa forma, uma ideia que se pretende generalizante do que seria *um* modelo de futebol brasileiro. Assim, considerando o quanto é intensa a relação entre futebol e memória, esta dissertação tem por objetivo principal problematizar as *construções* a respeito do passado do universo futebolístico, buscando analisar a trajetória percorrida por alguns membros desse meio das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, nos momentos que envolveram a participação da Seleção Brasileira nas primeiras Copas do Mundo do pós-guerra, mais exatamente, do período de abstinência da disputa da Taça Jules Rimet, nos anos 1940, aos dias movimentados dos jogos dos Campeonatos Mundiais de 1950 - realizado no Brasil - e de 1954 - vivido em território suíço. Através da análise de diversas fontes, como jornais (especialmente os da Fundação Cásper Líbero), revistas e memórias, procurou-se ressaltar as expectativas, as euforias e as decepções, entre diversos sujeitos participantes de diferentes grupos diretamente envolvidos com o universo do futebol da época – autoridades de Estado, dirigentes esportivos, jogadores, imprensa, torcedores. Histórias que contribuíram para tornar o futebol esse fenômeno social de enorme relevância que se verifica atualmente.

Palavras-chave: Futebol. Seleção Brasileira. Memórias. Imprensa. História Social.

## **ABSTRACT**

**Luciano DeppaBanchetti**

### **Memory Conflict: Football, Brazilian National Team and World Cups 1950 and 1954**

Is there a proper space for memories and stories about football? Is there a memory of the football world which becomes more widespread? In seeking answers to these questions, it is possible to perceive that despite all the diversity and importance of the phenomenon in several regions of the country, we can, in contradiction, identify the predominance of a single memory of the football in Brazil, widely spread through a variety of means. This demonstrates that there is a tendency to look for uniqueness, to establish a vision of the past that tries to constantly repeat some data and, at the same intensity, ends in silencing other opinions or data, thus generalizing an idea intended to be the only one representing what would be a model of the Brazilian football. Thus, considering how intense is the relationship between football and memory, the main objective of this paper is to discuss the building of an idea on the past of the football world, aiming to analyse the trajectory of some members of this activity in the cities of Rio de Janeiro and São Paulo, in moments such as the participation of the Brazilian National Team in the first post-war World Cups, more precisely the period of abstinence from the Jules Rimet Trophy race in the 1940s to the busy days of the games in the World Championships: 1950 – held in Brazil – and 1954 – held in Switzerland. Through the analysis of several sources, such as newspapers (especially those of the Casper Libero Foundation), magazines and memories, we tried to emphasize the expectations, the euphoria and disappointment among many participants of different groups directly involved with the football world at that time – government authorities, sport officials, players, press, fans. Narratives which have contributed to make the football this social phenomenon of enormous significance in the present days.

Key words: Football. Brazilian National Team. Memories. Press. Social History.

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1. Charles Miller – “*Introdutor do futebol no Brasil*”, página de abertura do livro *História do futebol no Brasil*, de Thomaz Mazzoni. ....39
- Imagem 2. Moacir Barbosa retratado na seção *Ídolos do nosso futebol*(*O Cruzeiro*, 6 de março de 1954, p.55). Fonte:<<http://osgigantesdacolina.blogspot.com/2010/08/barbosa.html>>....135
- Imagem 3. Escultura vencedora do concurso *Galileu Emendabili*, que visava a criação do *Monumento ao Soldado Constitucionalista de 32*. (*A Gazeta*, 8 de julho de 1950, p. 8). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. ....149
- Imagem 4. Capa de *A Gazeta*, edição especial em homenagem ao Dia da Independência. (*A Gazeta*, 7 de setembro de 1953). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. .... 179
- Imagem 5. Divulgação do uniforme da Seleção Brasileira (*A Gazeta*, 5 de janeiro de 1954, p. 29). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. .... 184
- Imagem 6. Página do jornal *A Gazeta* com notícias sobre a Copa do Mundo de 1950, no dia seguinte à partida final. (*A Gazeta*, 17 de julho de 1950, p. 11). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. .... 240

## LISTA DE SIGLAS

ACEESP - Associação dos Cronista Esportivos do Estado de São Paulo.

AFA - Asociación del Fútbol Argentina.

APEA - Associação Paulista de Esportes Atléticos.

AUF - Asociación Uruguya de Fútbol.

CBD - Confederação Brasileira de Desportos.

CBF - Confederação Brasileira de Futebol.

COI - Comitê Olímpico Internacional.

CONCACAF - Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe.

CND - Conselho Nacional de Desportos.

FBF - Federação Brasileira de Futebol.

FICG - Federazione Italiana Giuoco Calcio.

FIFA - Fédération Internationale de Football Association.

FFF - Fédération Française de Football.

LCF - Liga Carioca de Futebol.

MIS - Museu da Imagem e do Som.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. EXPECTATIVAS PARA A COPA DE 50</b> .....	42
1.1. O Estado em campo: em busca da Copa do Mundo .....	43
1.2. Do campo para a fama: expectativas nos boleiros .....	60
1.3. A maior das metas: a organização .....	70
<b>2. ENFIM A COPA: EUFORIA, CONFLITOS E DECEPÇÕES</b> .....	87
2.1. Chega a Copa do Mundo: adversários em êxtase .....	88
2.2. A trajetória dos campeões .....	118
2.3. O vice-campeonato: culpa para uns, oportunidades para outros .....	124
<b>3. DO PASSADO EM BRANCO PARA O VERDE-AMARELO</b> .....	145
3.1. Da Copa do Mundo para o IV Centenário .....	147
3.2. Derrotas em campo: fissuras expostas .....	161
3.3. Em busca da imagem e da Taça .....	175
3.4. “Maior do mundo é aquele que não perde” .....	194
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	238
<b>FONTES</b> .....	242
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	243
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANEXO A</b> - Criações do cartunista Lorenzo Molas .....	253
<b>ANEXO B</b> - Nino Borges: Charges em <i>A Gazeta Esportiva</i> .....	254
<b>ANEXO C</b> - Entrevista com sr. Antônio e Ricardo (filho e neto de Thomaz Mazzoni) .....	256

## INTRODUÇÃO

*“Apita o árbitro, bola rolaaandooo ...”  
 “Correuuu, bateuuu, é gol (gol, gol, gol) goooooooooool do Palmeiras! Evair camisa 9 ...”  
 José Silvério*

*“Xiru xiru lá xiru xiru li iiiiiii quiiiiiiii goooooooooool!”  
 Osmar Santos*

*“Tááááá naaa reedee!”  
 Oswaldo Maciel*

*“Olho no laaaaance! Éééééééééé mais um goool brasileeeiiiuro, meu povo!  
 Encha o peito, solte o grito da garganta e confira comigo no replay!  
 Zi Zi Zi Zico! É dele a camisa número 10 ...”  
 Silvio Luis<sup>1</sup>*

Após vitórias, derrotas, empates, repletos ou não de lances empolgantes, prolongávamos as emoções das partidas por horas a fio. Eu ficava ali, atento a tudo aquilo que se dizia, muitas vezes até tarde da noite, com os olhos quase fechando, lutando contra o meu único grande adversário da época: o sono, arquirrival, que insistia em atrapalhar a hora de que eu mais gostava!

Entre os comentários, as análises, as controvérsias e as polêmicas “criadas” pelos locutores do rádio ou da televisão, meu pai trazia, às discussões, “gloriosas” passagens mais antigas do futebol que, não por acaso, eram justamente as que envolviam o seu (que em pouquíssimo tempo virou nosso) time de coração. Quase que invariavelmente, eram lembranças que giravam em torno de assuntos como os dos tempos da chamada “Academia de

---

<sup>1</sup> Esses locutores e seus jargões que me vieram *de primeira* à mente, desde os anos 1980 marcam minhas lembranças a respeito do futebol. Desses, estão em atividade: **José Silvério** de Andrade, nas transmissões da Rádio Bandeirantes de São Paulo AM e FM, **Oswaldo Maciel**, que faz parte da equipe de Éder Luis (outro renomado locutor) na Rádio Transamérica FM de São Paulo e **Sílvio Luis** Perez Machado de Souza, que possui uma história profundamente ligada à televisão e atualmente é encontrado na RedeTV! em transmissões da série B do campeonato brasileiro e de jogos internacionais. Já **Osmar** Aparecido **Santos**, ex-locutor da Rádio Panamericana S/A (Jovem Pan de São Paulo), Rede Record, Rede Globo e que fez grande sucesso tanto no rádio como na televisão, teve sua carreira interrompida em 1994 após grave acidente automobilístico, que o deixou com profundas seqüelas físicas: “Osmar Santos completa 60 anos”. Disponível em: <<http://jornalismofc.wordpress.com/2009/07/28/osmar-santos-completa-60-anos/>>. Acesso 09 de Set. 2009.

Futebol” do Palmeiras <sup>2</sup>, os jogos da Seleção Brasileira - muito mais das equipes do bicampeonato de 1958 e 62 que a de 1970 - e os vários jogadores dessa época.

Histórias que, muitas vezes, se voltavam para os mesmos episódios. E, claro, não me cansavam. Os acontecimentos contados tomavam contornos diferentes, já que se relacionavam às emoções que estávamos sentindo a cada rodada do campeonato, a cada lance. Enfim, a cada contar, as palavras de meu pai se entrecruzavam com as dos cronistas, o tom de sua voz nunca era o mesmo, a gesticulação era outra e, assim, as histórias eram na verdade constantemente recriadas. Inclusive por mim, que assim começava a desenhar minhas próprias imagens a respeito de um universo que, cada vez mais, me seduzia.

Paixão que só cresceu. Da casa para os golzinhos da rua, às traves da “quadrinha verde” - ponto preferido das várias turminhas de garotos daquele reduto da Cohab de Carapicuíba <sup>3</sup>. Já, quando adolescente, a participação em equipes de várzea da região. Como torcedor, foram incontáveis as idas ao Parque Antártica, ao Pacaembu, ao Morumbi; incursões às torcidas uniformizadas (fortes emoções!). E, ainda, a breve tentativa de jogar profissionalmente (não por muito tempo, já que percebi logo as minhas próprias limitações...).

Foram experiências que me levaram a cultivar um profundo gosto por um esporte que passou a ocupar grande parte de meu cotidiano. Como não podia deixar de ser, gosto que também foi incorporado às minhas preocupações acadêmicas e que, conseqüentemente, me impulsionou a desenvolver este trabalho, que está em consonância com as ciências sociais que, por sua vez, já, há alguns anos, vêm se debruçando sobre o universo futebolístico, entendendo-o como um elemento significativo da contemporaneidade, um fenômeno social que merece séria atenção diante de seu largo alcance. <sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> “Nos anos 1960, o Palmeiras foi o único clube a rivalizar com o Santos de Pelé, passando a ser conhecido como Academia do futebol brasileiro.”. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/clube.php?cod=4&ref=1>>. Acesso em 08 dez. de 2009

<sup>3</sup> Conjunto Habitacional Presidente Castelo Branco, bairro pertence à Carapicuíba, um município que compõe a região metropolitana de São Paulo.

<sup>4</sup> A bibliografia sobre o tema cresceu muito, principalmente a partir dos anos 1990. Um momento decisivo para esse processo pode ser identificado quando se consolida a rejeição às teses mais ortodoxas dos anos 1970, ou seja, quando surgem trabalhos que se contrapõem às “teorias sociais mais deterministas” que condicionavam o futebol de forma simplista à “ópio do povo”. Nesse sentido, apesar de não seguirmos a mesma perspectiva da relação futebol e sociedade brasileira, dois trabalhos publicados no ano de 1982 foram decisivos: DAMATTA, Roberto. “Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira”. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982; e, MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982. Vale destacar, ainda, como uma boa referência do atual momento dos estudos acadêmicos na área, o “I Simpósio de Estudos Sobre Futebol – Futebol, sociedade e

Para os pesquisadores da área da história social, faz-se interessante levar em consideração o quanto é profunda essa relação entre futebol e memória. Minha experiência trata-se apenas de um pequeno exemplo do quanto o desenvolvimento da prática futebolística busca apoio num passado contado através dos mais diversos interlocutores. Seja nas residências, nas ruas, nas beiras dos campos, nas arquibancadas, nos meios de comunicação em geral, e até nos museus,<sup>5</sup> pode-se perceber que futebol e memória formam uma forte parceria. Assim, histórias contadas a respeito do passado que envolveu essa prática, de forma espontânea ou não, individualmente ou através de instituições, provoca por sua vez uma irresistível força de atração em muitos, tornando o futebol um fenômeno social de grande relevância em diversas regiões.

Assim sendo, cabe a pergunta: Há o devido espaço para as memórias e histórias do futebol? Existe uma memória do universo futebolístico que se faz mais difundida?

Como bem diz Cardoso (2006: 178)<sup>6</sup>:

(...) São vários os mecanismos usados pelos setores dirigentes para concretizarem sua hegemonia sobre o social. Nessa luta, os sentidos do passado podem ser buscados de muitas maneiras. (...) Se as memórias individuais narradas pelas pessoas podem fazer emergir sentimentos, valores, atitudes de um grupo e o cotidiano das experiências vividas pela população, a memória pode ser também o guia da construção da história oficial, escolhendo lugares e controlando a evolução dos acontecimentos que devem ser lembrados.

Apesar de toda a diversidade e o alcance do fenômeno, que se compõe de uma vastidão de memórias possíveis de serem evocadas, contraditoriamente, percebe-se o predomínio de uma memória do futebol no Brasil que se faz divulgada constantemente através

---

cultura: pesquisas e perspectivas”, promovido pelo Museu do Futebol, FFLCH/USP e PUC-SP, ao qual tivemos oportunidade de participar: o evento contou com um número aproximado de 200 de trabalhos, de pesquisadores de mais de 60 instituições de ensino superior e de pesquisa do país.

<sup>5</sup> Várias são as iniciativas de musealização do futebol, tanto por iniciativa de clubes, de entidades e do poder público. Destacamos aqui o Museu do Futebol, inaugurado em 29 de setembro de 2008, com sede no Estádio Municipal do Pacaembu, em São Paulo. Uma realização da Fundação Roberto Marinho, Prefeitura da Cidade de São Paulo e do Governo do Estado de São Paulo. Contando com o apoio, entre outros, da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), segundo o site do próprio Museu, sua finalidade é “*Investigar, divulgar e preservar o futebol como manifestação cultural brasileira*”. Disponível em: <<http://www.museudofutebol.org.br/historia/sobre-o-museu/missao>>. Acesso 7 ago. 2010.

<sup>6</sup> CARDOSO, H. H. P. Memória e imagens (re)pensando significados do Memorial JK. In: MACIEL, L. A. ; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. Outras Histórias: memórias e linguagens, São Paulo: Olho d’Água 2006: 178-193.

dos mais variados meios, uma busca pela singularidade, uma visão do passado, que repete alguns dados e, na mesma intensidade, silencia outros, constituindo, dessa forma, uma ideia que se pretende generalizante do que seria *um* modelo de futebol brasileiro.

Vale destacar, nesse sentido, um estudo que busca analisar a questão via uma passagem específica envolvendo a Seleção Brasileira em Copas do Mundo:

a memória jornalística esquece e quase apaga as imagens da disciplina, do esforço, do planejamento, da rotina, do treinamento e da ciência, que foram fundamentais na obtenção do sucesso da seleção de 1970. Todavia, tais imagens não se justificam às imagens identitárias da ‘arte’, da ‘criatividade’, da ‘malícia’ ou ‘malandragem’ do jogador brasileiro – imagens hegemônicas em determinadas situações (SOARES, et al., 2007: 369).<sup>7</sup>

O artigo escrito em 2007, que buscava refletir como, durante as Copas do Mundo de 1998 e 2002, os jornais se lembravam, ou melhor, *esqueciam-se* dos rígidos métodos de trabalho físico, tático e técnico da Seleção Brasileira em sua preparação para a Copa do Mundo do México. Trata-se apenas de um exemplo, um estudo sobre mais um momento em que alguns esquecimentos são sobrepujados por características que insistentemente são repetidas quando se refere à Seleção Brasileira e ao que se define por *futebol brasileiro*.

Dentre os objetivos principais da pesquisa, portanto, um deles é problematizar essas *construções*, observar os elementos que contribuíram para a formação e a difusão de uma história que se pretende oficial e que está hoje entre nós. Procuramos nos valer, para dar conta de tal tarefa, da análise da trajetória percorrida por diferentes grupos e indivíduos do meio futebolístico do Rio de Janeiro e, principalmente, de São Paulo, nos momentos que envolveram a participação da Seleção Brasileira nas primeiras Copas do Mundo do pós-guerra. Mais exatamente, das expectativas geradas pelo período de abstinência da disputa da Taça Jules Rimet, nos anos 1940, aos dias movimentados das disputas do mundial de 1950, realizado no Brasil, e de 1954, vivido em território suíço.

Para isso, recorre-se a diversas fontes, inclusive, às memórias que podem dizer muito a respeito desse processo, em um diálogo em que as lembranças de variados indivíduos devem ser entendidas:

---

<sup>7</sup> SOARES, A. J. G.; BARTHOLO, T. L.; SALVADOR, M. S. Revista portuguesa de Ciência do Desporto. v. 7 n. 3 Porto dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-05232007000300011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-05232007000300011&script=sci_arttext)>. Acesso 5 mai. 2009.

(...) não como esferas separadas, mas como campos que se misturam ou se cruzam, em que elementos de um podem ser encontrados em outro, muitas vezes ressignificados no conjunto daquilo que vai readquirindo sentido para as pessoas. Em qualquer das suas dimensões, a memória se articula enquanto campo de tensões e de contestações, de luta mesmo pela sua apropriação (CARDOSO, 2006: 178-179).

Assim, buscar essas outras memórias que, na maioria das vezes, encontram-se abafadas pelo desproporcional alarde que se faz das narrativas hegemônicas do passado, trata-se de um valoroso exercício, pois, inversamente, colaboram com a reflexão sobre a constituição desse próprio discurso homogeneizante, visualizando os embates para o seu estabelecimento, os motivos pelos quais foi impulsionado, assim como, identificando os grupos que mais se interessaram por essa difusão.

Sabe-se que já foram realizados outros trabalhos que discutiram esse processo de criação de uma memória hegemônica do futebol no país. Porém, acredita-se que, apesar disso, manter a problematização é necessário. Trata-se de uma forma de lutar contra o esquecimento e o silêncio, que se fazem presentes diante dos discursos que, através da mídia, de instituições diversas e, muitas vezes, da própria academia, se fazem perpetuar. Mesmo porque,

É bem verdade que as sociedades não podem viver numa lembrança permanente e igualmente nítida, infinita e perfeita em sua repetição. A remissão do passado não é uma necessidade pontual em cada obra do presente. Pode-se imaginar uma negociação entre esquecimento e lembrança, na qual fatos, discursos, práticas, nomes, datas não estão ao mesmo tempo na consciência, nem são iluminados por inteiro (SARLO 2005: 34).<sup>8</sup>

A intenção é tentar oferecer uma pequena contribuição ao elã de pesquisas já desenvolvidas a respeito do tema e do período. Assim, aqui se procura voltar para um momento que se julga emblemático no contexto político e econômico do país e diretamente relacionado a um período de significativo desenvolvimento do futebol na sociedade brasileira, principalmente nos grandes centros urbanos.

Foi em um momento de transição entre lideranças políticas no comando da nação em que se deu o fim do Estado Novo (1937-45) e as eleições do General Eurico Gaspar Dutra (1946-51) e, em seguida, de Getúlio Vargas (1951-54) - um retorno que culminou com seu

---

<sup>8</sup> SARLO, Beatriz. Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação. Edusp: São Paulo, 2005.

suicídio. Regiões do país foram marcadas por forte urbanização e industrialização. Especificamente, quanto ao futebol, foram marcas relevantes os reflexos da retomada dos grandes eventos internacionais e de um envolvimento profundo de diversos segmentos da sociedade brasileira nesse cenário.

Nesse estudo, reflete-se a respeito desse período, procurando ressaltar, em diversos grupos - autoridades de Estado, dirigentes esportivos, jogadores, imprensa, torcedores - as expectativas, as decepções, as euforias, enfim, sentimentos aqui entendidos como plurais, já que a preocupação é respeitar as experiências em sua individualidade, tentando-se desviar, dessa forma, das generalizações. Nesse sentido, histórias de vida relacionadas ao período se transformam em rico material para a pesquisa. Como a de Thomas Soares da Silva, mais conhecido como Zizinho que, com passagens marcantes pelo Clube de Regatas Flamengo, pelo Bangu Atlético Clube, pelo São Paulo Futebol Clube e pela Seleção Brasileira, nos anos 1940 e 1950 viu o desenvolvimento de sua carreira acontecer exatamente no mesmo período de escassas competições internacionais e de conturbações políticas, não apenas na direção do país, como também na direção da própria seleção de futebol que representava o Brasil.

O recorte temporal neste trabalho não se constitui em balizas temporais rígidas. Porém, pode-se dizer que sua delimitação está contida em um período de resultados obtidos pela Seleção Brasileira que foram considerados, por muitos, adversos. Ao mesmo tempo, trata-se de um momento imediatamente anterior às primeiras grandes conquistas internacionais do selecionado cebedino.<sup>9</sup> Portanto, aborda-se, aqui, um momento em que ainda se discutia a difusão das ideias de uma característica unitária do futebol brasileiro que só em seguida, diante das vitórias, surgiria como um discurso amplamente divulgado, repetido, consolidando-se pouco depois,

Esse passado glorioso construído entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1970 foi o suficiente para introduzir nos distintivos de nacionalidade brasileira em todo o mundo a excelência no futebol, esporte mais difundido entre a população do planeta. (...) (LOPES, 2004:121).<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Em 1958, a Seleção Brasileira consegue o título da Copa do Mundo pela primeira vez na Suécia e, no certame seguinte, realizado no Chile, obtém o bicampeonato. Após não atingir o objetivo maior em 1966, na Copa realizada no México, em 1970, finalmente, conquista o tricampeonato.

<sup>10</sup> LOPES, Leite s. A vitória do futebol que incorporou a pelada. Revista da USP, Dossiê Futebol. São Paulo, 22 (jun, jul, ago): 64-83, 1994.

Neste estudo, o “*passado glorioso*” é preterido em favor do período em que se entende terem sido lançadas as bases para se arquitetar tal discurso. Acredita-se que a narrativa sobre o passado do *futebol brasileiro*, amplamente difundida após o auge da Seleção, alcançado entre os três títulos mundiais, já vinha sendo gestada e estava apenas por ganhar um acabamento. Contudo, perante a não conquista do certame mundial de 1950 e os desacordos políticos entre os dirigentes do futebol de São Paulo e do Rio de Janeiro, vividos em toda primeira metade do século XX, adiou-se, em alguns anos, a ampla difusão dessa memória que se pretende hegemônica do futebol no Brasil.

Um discurso sobre o passado do futebol que se cristalizou, isso sim, somente a partir das grandes vitórias e que, por sua vez, procurou-se impor nos âmbitos interno e externo, aliado ao discurso de outros segmentos, principalmente artísticos - como ao da música -, mas também econômicos - como o do turismo. Um processo que atingiu um largo alcance. Basta ver algumas referências que chegam até nós a respeito do que se entende por *futebol brasileiro* e, no limite, por Brasil, em algumas esporádicas menções internacionais ao país.

Nesse sentido, vale lembrar o historiador Eric J. Hobsbawm (1995: 97)<sup>11</sup> que, em seu livro *Era dos Extremos*, não se furta a fazer uma breve referência ao Brasil através do futebol, quando trata do tema das artes entre 1914 e 1945, justificando, inclusive, o porquê de aproximar esporte à arte e, por sua vez, à cultura popular. Em seu texto, em determinado momento, lança a seguinte questão desafiadora: “*e quem, tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte?*”.

Enfim, o “*passado glorioso*” se estabeleceu somente após os “*dias de glória*”, portanto, não se pode deixar de notar o quanto foram momentos difíceis aqueles entre a gestação de um ideal para o *futebol brasileiro* e as duas primeiras Copas da década de 1950 e a da vitória, em 1958.

Tal período que acompanhado por constantes embates políticos e intensa movimentação na sociedade. Há um surto de industrialização e de urbanização no centro-sul do país, ao mesmo tempo em que a imigração européia por conta das Grandes Guerras, já havia diminuído consideravelmente. Desenvolve-se, assim, um intenso fluxo migratório para

---

<sup>11</sup> HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. 2.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

os centros urbanos – principalmente São Paulo e Rio de Janeiro (Cf. PAIVA, 2004) <sup>12</sup>. Politicamente, com o fim do Estado Novo, se dá uma transição para o governo Dutra que deixa muitos trabalhadores receosos perante uma elite desejosa por desqualificar conquistas trabalhistas (Cf. FERREIRA, 2005) <sup>13</sup>.

Esses fatores somados tornam-se decisivos para provocar os mesmos anseios demonstrados em tempos de Vargas, no governo de Eurico Gaspar Dutra, ambos preocupados em aproveitar eventos de repercussão internacional, como a Copa do Mundo, para propagandear tanto seu governo, como a própria nação, interna e externamente. Tudo isso, sem se esquecer da exacerbação dos regionalismos e das lutas políticas próprias do ambiente futebolístico.

\* \* \*

As preocupações levantadas, despertadas através da vida acadêmica, em conjunto com o interesse pessoal pelo tema futebol, em determinado momento, ganharam uma contribuição muito importante, que acabou por permitir vislumbrar os caminhos a serem seguidos nesta pesquisa. Principalmente, por promover contato com as principais fontes aqui utilizadas.

Em 2005, Fábio Franzini, reconhecido pesquisador que, à época, era meu professor, surpreendeu-me ao indicar meu nome para desenvolver uma atividade que extrapolava os domínios da universidade. Eu estava frente a um desafio que se mostrava por demais prazeroso: realizar uma pesquisa para um trabalho que compunha o projeto intitulado *Histórias das Copas*, uma parceria entre o Instituto Museu da Pessoa.net <sup>14</sup> e o site Cidade do

---

<sup>12</sup> PAIVA, Odair da Cruz. Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930 – 1950). Bauru: EDUSC, 2004.

<sup>13</sup> FERREIRA, Jorge. O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular (1945-64). Rio de Janeiro: Civilizações, 2005.

<sup>14</sup> O Instituto Museu da Pessoa.net é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPI). Trata-se de “*um museu virtual de histórias de vida*”, conforme diz seu próprio sitio na internet, disponível em: <www.museudapessoa.net>. Paul Thompson ao abordar “*as novas tecnologias de comunicação*”, ao que classifica um dos “*desafios*” da história oral, diz: “*Existem também novas excitantes possibilidades para difundir a história oral através da multimídia e da internet. Dispositivos de multimídia têm um potencial especial para integrar som, imagens visuais e texto, e eles podem ser um importante caminho de atração para uma audiência mais jovem. Criar sites de memória na internet, e combinar diferentes tipos de documento, são novas formas igualmente importantes. Muitos projetos de história oral na Europa e nas Américas se lançaram nessas novas formas, mas muito freqüentemente, de um jeito um tanto sem graça, sem qualquer design cintilante. A esse respeito, no Brasil o trabalho do Museu da Pessoa em São Paulo, sobre uma gama completa de temas – incluindo sindicatos, grandes negócios, mercados, clubes de futebol, usuários de metrô, etc. – tem*

Futebol.<sup>15</sup> Foi a primeira oportunidade que eu tive de realizar um trabalho em que pude conciliar o fazer historiográfico com o futebol. O primeiro passo, como já disse, em direção à pesquisa aqui desenvolvida.

As necessidades daquele trabalho me fizeram vasculhar os arquivos digitais do Instituto Museu da Pessoa.net, rico em depoimentos de histórias de vida diversas, inclusive, de gente envolvida com o meio do futebol – registros orais cuidadosamente tomados, alguns deles pelo próprio historiador Fábio Franzini. Tornou-se possível ter contato com memórias de ex-jogadores da Seleção Brasileira, como a de Zizinho, que já foi mencionado, de Pepe (ponta-esquerda do Santos Futebol Clube dos anos 50 e 60), de Bauer (médio do São Paulo F. C. dos 40 e 50), de Zezé Moreira (ex-jogador da Società Sportiva Palestra Itália<sup>16</sup> e dos principais clubes do Rio de Janeiro, como jogador e técnico, que também integrou a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1954); além das lembranças de pessoas que exerceram outras funções no meio, como a de Dona Catarina Serroni, cozinheira do São Paulo F. C. e da Seleção Uruguaia em plena Copa do Mundo realizada no Brasil (já que, em 1950, esse selecionado se concentrou no Canindé – sede do clube paulista no período)<sup>17</sup>.

Outra oportunidade marcante foi ter realizado entrevistas com profissionais do futebol ainda em atividade, como Valdir de Moraes (ex-goleiro da Sociedade Esportiva Palmeiras, o criador da função de preparador de goleiros), Moraci Santana (preparador físico da Seleção que conquistou a Copa de 1994), entre outros. A pesquisa para a realização do trabalho ainda me direcionou ao Arquivo do Estado de São Paulo, onde pude ter acesso a uma vasta iconografia do acervo que, naquele momento, estava sendo catalogado e me permitiu ter contato com fotos originais do futebol de clubes e seleções dos anos 1950, 60 e 70.

---

*uma elegância e sofisticação pioneiras.*”. Ver: THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Revista História Oral, São Paulo, nº 5, jul. 2002, p. 27.

<sup>15</sup> O site Cidade do Futebol <[www.cidadedofutebol.com.br](http://www.cidadedofutebol.com.br)> tem o propósito, segundo divulga em seu sítio, de “integrar a comunidade dos profissionais do setor e abrir espaço para as pessoas com interesse nas questões científicas nas mais variadas áreas ligadas a esta modalidade esportiva”. Disponível em: <<http://www.cidadedofutebol.com.br/AUniversidade/8,25,HISTORICO.aspx?p=25>>. Acesso em 28 Mai. 2009.

<sup>16</sup> Clube que, por pressões políticas, alterou seu nome, primeiro, para Palestra Itália de São Paulo, porém, como não conseguiu contentar às aspirações contrárias às organizações que traziam consigo algum tipo de referência aos países que compunham o Eixo na Segunda Guerra, alterou mais uma vez sua denominação para Sociedade Esportiva Palmeiras, que permanece até hoje. Cf.: NEGREIROS, Plínio José Labriola de. A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40. 1998. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 237-240.

<sup>17</sup> Em 1956 o Canindé foi vendido para a Associação Portuguesa de Desportos, que ali está até hoje. Já o São Paulo F. C. mudou-se para o Morumbi, local em que foi construído seu estádio - Cícero Pompeu de Toledo - inaugurado em 1960.

A partir da autorização gentilmente cedida pelo Instituto Museu da Pessoa.net, alguns dos depoimentos colhidos, estão presentes neste trabalho. Como já foi dito, registros de ex-jogadores, ex-técnicos e outros componentes de alguns clubes e da Seleção do Brasil, foram motivadores deste trabalho. Incentivo decisivo, pois, são vozes importantes que, ao mesmo tempo, foram abafadas. As memórias de pessoas envolvidas com o tema aqui discutido, suas biografias e autobiografias são fontes a serem seriamente estudadas.

Como já foi dito, a preocupação central deste trabalho está em construir uma narrativa que problematize os discursos hegemônicos sobre o futebol. Nesse sentido, Portelli, em um texto em que se preocupa em transmitir um método a respeito do trabalho de campo na produção da História Oral, aponta, logo de início, uma questão conceitual que contribui para a discussão. O autor faz questão de ressaltar que a História Oral está em profunda relação com a memória, ou seja, com as “*versões do passado*” e, afirma:

Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. (...) as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais (PORTELLI, 1997: 16) <sup>18</sup>.

Por esse motivo, buscar as memórias daqueles que vivenciaram o meio futebolístico daquele período traz caminhos para o diálogo com os discursos já estabelecidos como verdade. Discursos constantemente celebrados, enfatizados, repetidos, comemorados, sejam na falação da crônica esportiva <sup>19</sup>, nos livros editados, nos monumentos criados ou nos memoriais e museus que vêm surgindo nos últimos anos. Nas palavras do próprio Portelli, pode-se valer das memórias dos indivíduos para que, em suas experiências, sempre únicas, apesar de ligadas a um contexto mais amplo, se observem especificidades que podem fornecer outros entendimentos do passado:

---

<sup>18</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, São Paulo (15), p. 13-33, abr. 1997.

<sup>19</sup> Não se trata do termo formulado por Humberto Eco nos finais dos anos 1960, que pretendia designar o papel alienante desempenhado pela crônica esportiva em detrimento de outras questões da sociedade. A utilização do termo “*falação da crônica esportiva*” se aproxima da ideia de José Carlos Marques (2002), ou seja, destaca a força que o esporte, sobretudo, que o futebol possui na imprensa brasileira. Cf.: MARQUES, J.C. A falação esportiva (o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol). In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, XXV, 2002, Salvador. São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM.

Consequentemente, enquanto as outras ciências sociais desempenham a indispensável tarefa de abstrair, da experiência e memória individuais, padrões e modelos de memória que transcendem à pessoa, a História Oral alia o esforço de reconstruir padrões e modelos à atenção às variações e transgressões individuais concretas. Assim, a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido. Em última análise, essa também é uma representação muito mais realista da sociedade, conforme a experimentamos (PORTELLI, 1997: 16-17).

Não se poderia aqui, neste trabalho, deixar de dar ouvidos às vozes que, através dos mais variados depoimentos, realizados e registrados por outros, estão latentes na sociedade. Sabia-se das dificuldades geradas pelo uso desse tipo de documentação e, por isso, cuidados foram tomados, principalmente, para que fossem evitadas falas que, se fazem sedutoras. Quanto ao modo com que foram registradas, tem-se a consciência dos cuidados tomados para a coleta, e para a própria transcrição que, por sua vez, não deixa de ter credibilidade, mesmo com prováveis imperfeições, pois, como falou Portelli (1997:27), apesar de os cuidados extremos no processo de transformar a fala em palavras ser uma praxe própria da História Oral, é preciso lembrar que *“nem mesmo a história documentária cita seus documentos de arquivo com o mesmo zelo com que os historiadores orais citam suas entrevistas”*. Pode-se deduzir também que o depoimento não é uma fonte que necessariamente só pode ser utilizada por aquele pesquisador que faz a entrevista, pois, a História Oral produz seus documentos passíveis de múltiplas reinterpretações, como também afirma o pesquisador: *“(...) aqueles que leram minha história sobre Terni descobriram possibilidades de ligação entre as entrevistas citadas que haviam me passado despercebidas e que, no entanto, nelas estavam presentes.”* (PORTELLI, 1997: 27).

Tais percalços são perfeitamente contornáveis, pois, como diz Sarlo (2005: 34): *“A história é um horizonte de debate entre narrativas diversas, que reaparecem mesmo ao serem condenadas ao esquecimento. As palavras continuam pensando.”* E, depois, afirma: *“É impossível esquecer por completo salvo por um ato de amnésia que, face às provas, seria um ato de loucura.”*

Assim, seguindo esse caminho, procurou-se o cruzamento das fontes, uma das características primordiais do fazer historiográfico. Assim sendo, a imprensa surge como de grande importância. Evidentemente, não se pretende aqui tomá-la com mera informação dos

fatos da época. A pretensão é perceber o quanto se trata de documentos que podem trazer dados relevantes, ao se atentar para a forma e não apenas para o mero conteúdo. É preciso levar em consideração que:

O jornal e a revista e outros veículos impressos não nasceram prontos. A própria configuração do que hoje entendemos como um jornal, ou uma revista, um gibi, uma revista semanal noticiosa, um jornal da imprensa sindical são elas mesmas produto da experimentação e da criação social e histórica (CRUZ & PEIXOTO, 2007: 261)<sup>20</sup>.

Deve-se, portanto, levar em consideração o espaço de circulação do jornal, as pessoas e os interesses envolvidos na instituição que o produz, as relações que se fazem a partir dele e para ele, o alcance de leitores. E, ainda, no caso específico deste trabalho, o espaço destinado à produção do jornal para os esportes em geral, para o futebol em particular, comparando-os, e procurando identificar e analisar as transformações ocorridas.

Os diversos estudos a respeito dos acontecimentos aqui tratados, principalmente sobre a Copa de 1950, trazem, em geral, uma ampla abordagem dos jornais da época. Além do trabalho de fôlego de Fábio Franzini (2000; 2010)<sup>21</sup>, rico em fontes jornalísticas sobre o assunto, o trabalho de Gisela Moura de Araujo (1998)<sup>22</sup>, traz uma narrativa construída através de um trabalho de pesquisa todo dedicado à imprensa do Rio de Janeiro, trata-se de uma discussão de peso, tanto qualitativa quanto quantitativamente:

As reportagens e crônicas publicadas em alguns dos maiores jornais da cidade [Rio de Janeiro] entre maio de 1947 e agosto de 1950 constituem um rico material de análise para o historiador. Jornalistas, literatos, intelectuais católicos, dirigentes esportivos ocuparam espaço na imprensa (...) (MOURA, 1998: 15).

Sendo assim, com relação a esse período, o foco da pesquisa recai sobre as fontes advindas da imprensa de São Paulo, especialmente a veiculada pela Fundação Cásper Líbero,

---

<sup>20</sup> CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Revista Projeto História. Nº 35, p. 255 – 272, dez. 2007.

<sup>21</sup> FRANZINI, Fábio. As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950). 2000. Dissertação (Mestrado em História) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; FRANZINI, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. In: Revista de História, São Paulo, nº 163, p. 243-274, jul./dez. 2010.

<sup>22</sup> MOURA, Gisela de Araújo. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

por diversos motivos. Primeiro, porque os trabalhos citados, contemplam o objetivo desta pesquisa, logo, nos permite ouvir outros veículos de imprensa, que não os de São Paulo e *A Gazeta*, recorrendo a tais obras. Em segundo lugar, porque pode-se dizer que *A Gazeta Esportiva*, nascida em 1928, como suplemento de esportes de *A Gazeta*<sup>23</sup> era o principal periódico esportivo paulista, e um dos mais importantes do Brasil. Em terceiro lugar, seu alcance político era enorme e “(...) buscava ser muito mais popular, no sentido de se aproximar do leitor das classes populares através de temas que pudessem seduzi-lo.” (NEGREIROS, 1998: 55). Objetivo que, no período aqui estudado, foi alcançado através das grandes tiragens de *A Gazeta* e, principalmente, *A Gazeta Esportiva* que no correr da década de 1950, veio a suplantar a célula-mãe.

O intercâmbio entre o caderno de esportes de *A Gazeta*, intitulado *Todos os esportes* e *A Gazeta Esportiva* era enorme. A redação do jornal específico fornecia material para compor em uma ou duas páginas os acontecimentos esportivos de maior relevância para os leitores de *A Gazeta*. Portanto, a redação esportiva da Fundação Casper Líbero era única e tinha em Thomaz Mazzoni seu principal jornalista. Abordava, sobretudo, os assuntos relacionados ao futebol e à Seleção Brasileira, inclusive sendo ele o correspondente oficial da CBD, em todos os jogos internacionais, desde a Copa de 1938. Jornal não só relevante, portanto, para o universo esportivo e futebolístico, mas devido ao seu largo alcance, uma imprensa que rivalizava fortemente com a carioca<sup>24</sup>.

Em seu trabalho, Negreiros (1998) também dá preferência às posições da Fundação Casper Líbero e dos editores de *A Gazeta Esportiva*. O pesquisador preocupou-se em narrar a movimentação da população, da imprensa e das autoridades públicas em torno do

---

<sup>23</sup> Jornal fundado pelo poeta e jornalista Adolfo de Campos de Araújo, em 1906. Em 1918, foi comprado por Casper Líbero que o transformou num dos maiores órgãos de imprensa da época, dado ao grande investimento na modernização do veículo. Buscou, ao longo do tempo, ter características de um jornal popular, de linguagem acessível e diagramação mais atraente. Em 1928, surgiu o suplemento de esportes de *A Gazeta* que no início saía apenas às segundas-feiras. Em 1938, esse suplemento passou a se chamar *A Gazeta Esportiva*, em 1939, começou a publicar fotos coloridas e, em 1941, saíria também aos sábados. Em 1947, o suplemento ganhou sua autonomia. Casper Líbero, no ano de 1943, em um acidente aéreo no Rio de Janeiro veio à falecer e deixou todo o seu complexo de comunicações para uma Fundação que recebe seu nome. (Cf. NEGREIROS, 1998: 55).

<sup>24</sup> Há uma escassez de trabalhos a respeito dos periódicos *A Gazeta* e *A Gazeta Esportiva*. Sobre a biografia de Thomaz Mazzoni não há publicações. As informações aqui contidas, principalmente no que se refere a Mazzoni, decorrem em grande medida da gentil contribuição do seu filho e ex-jornalista da Fundação Casper Líbero, o senhor Antonio Mazzone e do neto Ricardo Mazzone. Eles, no apartamento da família, concederam uma entrevista em 20 de maio de 2010 (anexo C). Na ocasião, também foi oferecido pelo senhor Antônio uma pequena biografia escrita por um dos irmãos de Thomas Mazzoni, o senhor Victor Mazzoni.

desenvolvimento do futebol nos anos 1930 e 40, na cidade de São Paulo. Nesse processo, volta sua atenção para dois jornalistas do meio esportivo da cidade: J. R. Pantoja e Thomaz Mazzoni, nomes que, através dos diários aos quais pertenciam, respectivamente *O Estado de São Paulo* e *A Gazeta*, debatiam calorosamente a respeito de uma questão presente no futebol da época, ou seja, a profissionalização ou a permanência do amadorismo. Thomaz Mazzoni torna-se bastante relevante, devido a seu maior alcance popular e a sua afinidade com o profissionalismo em defesa do mesmo, que acabou por prevalecer, em detrimento do amadorismo pretendido por outros, fator que mostra sua afinidade com os círculos do poder do futebol.

Neste trabalho também é dada ênfase à revista *O Cruzeiro*, publicação editada no Rio de Janeiro e de largo alcance nacional que, em seu caráter de variedades, procurava apresentar edições repletas de fotos, além de não se furtar a trazer uma significativa abordagem a respeito do futebol; uma revista semanal que gozava de grande popularidade e, propunha-se a “*deixar o leitor informado do que realmente aconteceu*”, uma espécie de “*guardiã da verdade*”. (BAITZ, 2003: 23) <sup>25</sup>.

O periódico também abria espaço para nomes influentes de outras áreas que se pronunciavam, inclusive, a respeito do futebol, como foi o caso de Gilberto Freyre, Raquel de Queirós e Ary Barroso (Cf. FRAGA, 2009) <sup>26</sup>. Os jornalistas especializados no esporte, em *O Cruzeiro*, realizavam reportagens e comentários que muito se aproximavam das posições desses nomes consagrados no cenário cultural da época, como foi o caso de David Nasser – fato que será melhor abordado no decorrer deste trabalho.

Contudo, a Fundação Cásper Líbero e Olympicus, como assinava o redator-chefe Thomaz Mazzoni, suas colunas, são o principal foco. Através do valioso auxílio da obra de Negreiros (1998) e Franzini (2000), por um lado, confirma-se a força de Thomaz Mazzoni <sup>27</sup>

<sup>25</sup> BAITZ, Rafael. Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964). São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2003.

<sup>26</sup> FRAGA, Gerson Wasen. “A derrota do Jeca” na Imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>27</sup> Thomaz Mazzoni nasceu em 11 de março de 1900 em Polignano a Mare, Itália. Ainda pequeno, veio com a família para o Brasil e seu pai passou a funcionário da Usina do Gasômetro em São Paulo. Residindo na zona que leva o mesmo nome da empresa, atuou nas equipes da várzea da região. Apesar da opinião contrária da família, sonhava em ser jogador de futebol, porém, após fraturar uma das pernas em uma partida, o que o impediu de continuar jogando, direcionou seus esforços para outras funções dentro do esporte. Desde a década de 1920, passou a se dedicar ao jornalismo e aos estudos sobre os esportes, especialmente sobre futebol. Em 1928, já estava na redação de *A Gazeta Esportiva*, caderno semanal de *A Gazeta* da Fundação Cásper Líbero. A

em São Paulo. Por outro, como também o faz Franzini (2000), além de Antunes (2004)<sup>28</sup>, Souza (2008)<sup>29</sup>, e outros autores, Mário Filho<sup>30</sup>, no Rio de Janeiro, ocupava posição de destaque semelhante e por isso também será enfatizado nesta pesquisa.

Através do desenrolar de suas respectivas vidas profissionais, há muita semelhança no envolvimento de ambos com o futebol de suas respectivas regiões. Envolvimento com características que beiravam a militância - como classificou Negreiros (Cf. 1998: 58) em relação a Mazzoni - e que acabou por contribuir para a construção e a difusão de uma memória hegemônica do futebol, que será objeto de análise neste trabalho.

No entanto, ao contrário do que fizeram Negreiros (1998) e Franzini (2000), a maior parte dos trabalhos, quando versam sobre essa questão, atribuem importância incontestável a Mário Filho, mesmo quando é para criticá-lo. Logo, privilegia-se a imagem de um futebol brasileiro cunhada a partir de nomes ligados ao futebol profissional do Rio de Janeiro. E, ao mesmo tempo, Thomaz Mazzoni acaba sendo deixado de lado, mesmo quando citado por muitos dos pesquisadores.

Aqui também se procura dar atenção a esse tipo de memória, mais ligada às esferas do poder, que procura impor-se às demais e que parece alicerçada fortemente no período aqui tratado. Mais especificamente, faz-se referência diretamente às duas obras emblemáticas lançada naqueles anos e que trouxeram como tema principal o passado do futebol. Trabalhos que com o passar dos anos, ganharam maior relevância, à medida que diversos estudos acadêmicos também passaram a se dedicar ao tema.

---

partir de 1930, assumiu o comando da editoria de esporte e implantou uma nova linguagem que caiu no agrado dos leitores. Em 1947, finalmente, conseguiu convencer seus superiores a publicarem diariamente e em separado *A Gazeta Esportiva* que, por sua vez, na década de 1950 veio a superar a célula-mãe. Thomaz Mazzoni, marcado pelo empreendedorismo no esporte, tinha sua própria agência de publicidade, a *TM Sports*.

<sup>28</sup> ANTUNES, Fátima R. Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

<sup>29</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. O Brasil entra em campo!: construções e reconstruções da identidade nacional (1930 – 1947). São Paulo: Annablume, 2008.

<sup>30</sup> Jornalista nascido no Recife que teve toda sua trajetória profissional percorrida em terras cariocas. Pioneiro em várias iniciativas ligadas à imprensa e ao esporte, principalmente ao futebol. Em 1928, em *A Manhã*, jornal de seu pai, causa alvoroço com uma novidade para a época: publica uma entrevista de meia página com o goleiro Marcos de Mendonça. Trouxe uma linguagem menos formal que de costume para as matérias que realizava. Consagra, a partir de 1936, o *Jornal dos Sports* como um dos mais importantes da época, dedicado exclusivamente aos esportes. Cf. ANTUNES (2004); CASTRO, Ruy. O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Cia. Das Letras. 1992.

As obras *O negro no futebol brasileiro*, lançada pela Irmãos Pongetti Editores, em 1947, e *A história do futebol no Brasil (1894-1950)*, publicada pela editora Leia, foram elaboradas por dois importantes jornalistas, profundamente ligados aos grupos que dominavam o futebol do eixo Rio-São Paulo:

Thomaz Mazzone e Mário Filho foram os cronistas esportivos que mais estiveram atentos – nos anos 1930 e 1940 – aos assuntos do futebol. Souberam perceber que não era possível pensar futebol desvinculando-se de questões mais gerais do país e do mundo. Nesse sentido, olhar para o futebol dessa época, passa, necessariamente, por esses dois cronistas esportivos (NEGREIROS, 2003: 126)<sup>31</sup>.

A referência acima pode ser estendida para o período aqui trabalhado. Cada um dos cronistas, por intermédio de sua vida profissional, não apenas em suas reportagens e colunas de inúmeros leitores, mas também em seus livros, desenvolveram ações que promoveram o crescimento futebolístico das suas respectivas cidades.

As duas obras citadas, *O negro no futebol brasileiro* e *A história do futebol no Brasil*, aqui serão tomadas como importantes documentos a serem analisados como produtos de uma época, obras que trazem impressões, desejos, expectativas, frustrações, percebidas ou sentidas por seus autores e não como meras fontes exclusivas de consulta.

Em *História e a invenção de tradições no futebol brasileiro*, texto que nasce de uma tese de doutorado defendida em 1998, na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, publicado em forma de artigo em 2001, Antônio Jorge Soares posiciona-se claramente contrário às limitações causadas a alguns trabalhos acadêmicos pela narrativa de Mário Filho. Nesse texto Soares é taxativo na posição que assume: “Os ‘novos narradores’ continuam a narrativa de Mário Filho para manter vivas as tradições inventadas sobre o Brasil e seu futebol.” (SOARES, 2001: 17)<sup>32</sup>. Para o autor os “novos narradores” seriam os que escrevem academicamente usando o *Negro no futebol brasileiro* como “laboratório de provas”, sem cruzar com outras fontes, e acabam por manter “tradições inventadas” – no

---

<sup>31</sup> NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Editora UFPR.

<sup>32</sup> SOARES, A. J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

sentido a que se refere Eric Hobsbawm<sup>33</sup>. Entre esses novos narradores, que, ainda na visão de Soares, constroem “*legitimações acadêmicas da obra e de seu autor*”, ou seja, de *O negro no futebol brasileiro* e de Mário Filho, estariam diversos nomes, citando diretamente Valdenir Caldas<sup>34</sup>, Leite Lopes<sup>35</sup> e Gordon Jr.<sup>36</sup>, inclusive trechos de seus respectivos trabalhos acadêmicos já publicados.

Neste sentido, chama a atenção, o trabalho de Capraro (2007: 206)<sup>37</sup> que, além de ressaltar a força da construção narrativa de Mário Filho a respeito do futebol no Brasil, chega a comparar esse cronista a Thomaz Mazzoni:

Vários outros já eram conhecidos no cenário nacional, principalmente alguns paulistas, como Thomaz Mazzoni, De Vaney e Pualo Várzea e gaúchos, como o jovem Aldyr Garcia Schlee. Entretanto, tais escritores produziram de forma menos integrada e sem uma concepção de identidade nacional e simbolismos relacionados ao futebol tão acentuados quanto à produção literária do quarteto de cronistas estabelecidos no Rio de Janeiro (...). Tamanha é a importância de tais literatos que notórias foram suas contribuições na consolidação de um ideal que até a atualidade vincula o selecionado de futebol brasileiro a categorias como nacionalidade, identidade, progresso e retrocesso, raça e, principalmente, pátria.

O “*quarteto de cronistas estabelecidos no Rio de Janeiro*”, ao qual o autor se refere é composto por Mário Filho e os representantes do que ele próprio chama de seu

---

<sup>33</sup> HOBSBAWM, Eric. A produção de Massa de Tradições: Europa, 1789 a 1914. In: HOBSBAWM, E. & RANGER, T. A invenção de Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>34</sup> CALDAS, W. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990. O excerto destacado: “*Vale a pena citar Mário Filho, sem dúvida o maior conhecedor do futebol brasileiro dessa época. Extremamente objetivo, o autor nos dá uma noção precisa da ascensão e perseguição ao Vasco, quando da conquista do campeonato em 1923.*” (Caldas, 1990: 46, *apud* Soares, 2001: 15)

<sup>35</sup> LOPES, Leite s. A vitória do futebol que incorporou a pelada. Revista da USP, Dossiê Futebol. São Paulo, 22 (jun, jul, ago): 64-83, 1994. Excerto: “*[Em] O negro no futebol brasileiro Mário Filho faz uma verdadeira etnografia da relação do clube de fábrica com a vida social local dominada pela vida operária no bairro de Bangu.*” (Leite Lopes, 1994: 80, *apud* Soares, 2001: 14)

<sup>36</sup> GORDON Jr., César C. História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. Pesquisa de Campo/ Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/ UERJ. Rio de Janeiro. 3/4 : 65-78, 1996. Segue o trecho destacado por Soares: “*O negro no futebol brasileiro é uma obra de significativa importância para a história do futebol brasileiro (talvez a mais completa fonte historiográfica já levantada sobre nosso futebol) e, mais do que isso, uma contribuição valiosa para a compreensão de nossa identidade.*” (Gordon Jr, 1995: 72, *apud* Soares, 2001: 15).

<sup>37</sup> CAPRARO, André Mendes. Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná.

“*legado*”, que se seguiu nas figuras de Nelson Rodrigues,<sup>38</sup> José Lins do Rego<sup>39</sup> e Armando Nogueira<sup>40</sup>. Estes teriam seguido a mesma linha de pensamento que, baseado em Franzini (2000) e Hollanda (2005)<sup>41</sup>, Capraro afirma ter se formado através das reflexões elaboradas por Gilberto Freyre a respeito do futebol no Brasil.

As contribuições de Thomaz Mazzoni não estão tão desvinculadas da memória oficial que se difundiu a respeito do futebol brasileiro, principalmente, observando a reedição de 1964 de *O negro no futebol brasileiro*, à qual Mário Filho acrescenta dois capítulos. Parece-nos uma espécie de réplica, não apenas aos feitos da Seleção Brasileira que havia se tornada bicampeã mundial (1958/62), após a derrota, de certa forma, inesperada em 1950. Mais que isso, pode ser entendida também como uma resposta à obra de Thomaz Mazzoni, conseqüentemente, ao próprio futebol paulista.

Faz-se interessante notar que exatamente no momento em que estão todos do meio futebolístico e muitos de fora dele se preparando para a Copa do Mundo a ser disputada no Brasil, surgem as duas obras. Tanto Mário Filho quanto Thomaz Mazzoni, procuraram escrever uma história a respeito do futebol, desde o seu surgimento no país até a sua difusão e apresentam uma linearidade que transmite a ideia de evolução da prática futebolística no Brasil como um todo. Para os dois autores, o futebol, diante do grande interesse por parte da população em geral, à medida que foi se difundindo e se desenvolvendo, seria um exemplo e um elemento de comprovação da própria evolução do país.

---

<sup>38</sup> Renomado autor do teatro e da literatura brasileira e irmão de Mário Filho. Sua biografia escrita, por Ruy Castro teve grande repercussão nos estudos acadêmicos acerca do futebol. (CASTRO, 1992)

<sup>39</sup> O famoso literato, em 1939, dois anos após chegar ao Rio de Janeiro torna-se sócio-contribuinte do Flamengo; em 1942, assume o cargo de secretário-geral e em 1948, vira sócio-proprietário do clube. Com relação à CBD, foi secretário-geral em três oportunidades: 1946, 49 e 52; além de ter assumido interinamente a presidência em 1950, envolvendo-se com a organização publicitária da Copa do Mundo disputada esse ano no Brasil. E, inclusive, chefiou a delegação brasileira de futebol no campeonato sul-americano de 1953 e na V Copa do Mundo (1954).

<sup>40</sup> Jornalista que logo no início de sua carreira cobriu a Copa do Mundo de 1954. Também foi um dos responsáveis pela implementação do jornalismo da Rede Globo de televisão. Em 29 de março de 2010, veio a falecer aos 83 anos.

<sup>41</sup> HOLLANDA, B. B. B. Dos Engenhos de açúcar aos campos de futebol: a crônica esportiva de José Lins do Rego. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M. História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. São Paulo: UNICAMP, 2005.

*O negro no futebol brasileiro* foi lançado no Rio de Janeiro, no ano de 1947<sup>42</sup>. Portanto, três anos antes da Copa do Mundo do Brasil. A tese central da obra está na suposta capacidade que o futebol teria em promover a democracia racial na sociedade brasileira. Nela, Mário Filho, procurava, ainda, relacionar o desenvolvimento urbano do país à difusão da prática que, ao mesmo tempo, segundo sua linha de raciocínio, fazia com que o Brasil produzisse os melhores jogadores do mundo.

Uma obra que, ao vir a público, merecia atenção da academia. L. A. Costa Pinto, na *Revista Sociologia*, afirmava que a biografia sociológica e antropológica através de *O negro no futebol brasileiro* se enriquecia com o “(...) valioso ensaio, de um depoimento valioso que lhe indica um campo virgem para pesquisas fundamentais sobre nossa situação racial e social.” (PINTO, 1947: 184)<sup>43</sup>. Na visão do sociólogo, a importância estava não apenas no seu pioneirismo, mas também no seu conteúdo, pois era mostrado “(...) como um tipo de recreação e de lazer - no caso o futebol – passou da condição de divertimento privado, íntimo, de amigos, vizinhos suburbanos para a condição de instituição nacional, contratual, de massa.” (PINTO, 1947: 181).

Importância que, ao longo dos anos, foi ganhando novo status; tanto que se passou a classificar a obra como clássico literário:

(...) está alinhado com a mesma tradição das obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. que, nas décadas de 1930 e 1940, procuravam interpretar o Brasil, buscando a especificidade de nossa história e o sentido de ‘ser brasileiro’. Assim, o livro merece todo o respeito que deve ser dado a uma obra considerada clássica. Obra clássica no sentido de ter suscitado debates, não só no sentido dogmático, de ‘verdade inquestionável’ (SOUZA, 2008: 171-173).

Nesse sentido, Mário Filho e *O negro no futebol brasileiro* teriam contribuído decisivamente para a difusão do que foi concebido por muitos como um modelo ideal do *futebol brasileiro* e, por sua vez, da própria *sociedade brasileira*, o que permite afirmar, como

---

<sup>42</sup> Em 1964 ganha sua segunda edição. Dessa vez lançada através da Civilização Brasileira, após as vitórias da Seleção Brasileira em 1958 e 62. O que, na visão de Mário Filho, teria exigido uma complementação em dois capítulos, sem nenhum tipo de alteração no que havia escrito anteriormente. O bicampeonato apenas teria confirmado sua tese central, em suas palavras, literalmente, aquela segunda edição saía de forma “definitiva”. Essa publicação é a mais utilizada pelos pesquisadores.

<sup>43</sup> PINTO, L. A. Costa. *Revista Sociologia* – Vol. XII, Número 1, Março, 1950, p. 181-184.

dá sinais o excerto acima citado, o quanto a obra é significativa para a formação, que se deu ao longo dos anos, a respeito de uma memória do futebol no Brasil.

Apesar de a tese central da obra de Mário Filho estar relacionada a uma narrativa que pretende ser a própria história a respeito do futebol no Brasil, no sentido geográfico a ênfase se dá exclusivamente na análise de uma realidade mais local, vivida pelo próprio autor em seus anos de experiência como jornalista esportivo. Portanto, o que acaba por se encontrar é a dedicação constante de Mário Filho ao desenvolvimento e a difusão do futebol dos maiores clubes cariocas, assim como, a relação desse reduto com as maiores forças do futebol de São Paulo. Contudo, a imposição de uma ideia que seria de alcance nacional permite que se tenha também a construção de um modelo de futebol que se enquadrava com um determinado modelo de país que nos últimos anos vinha sendo amplamente divulgado. Algo que Mário Filho, inclusive, indica em sua *Nota ao Leitor*, escrito para a primeira edição:

O Negro no Futebol brasileiro não me custou, evidentemente, apenas os cinco meses que levei para escrevê-lo. Desde 42, quando iniciei em *O Globo* uma coluna diária, a que dei o nome *Da Primeira Fila*, eu me preparava, sem o saber, é claro, para o trabalho que aqui está pronto, em volume. Foi o que me permitiu realizá-lo. *Pude estudar, separadamente, várias épocas do futebol brasileiro, ou melhor, do futebol carioca, cuja história não há de diferir, em essência, de nenhuma outra dos grandes centros esportivos do Brasil* (RODRIGUES FILHO, 1964). [*itálico nosso*]

O passado do *futebol carioca* é tomado como referência válida para Mário Filho justificar que seu estudo trazia a história do futebol brasileiro como um todo. Ainda vale dizer que, quando se refere ao futebol do Distrito Federal da época, o autor, na verdade, durante a sua narrativa, dá atenção ao que diz respeito ao restrito círculo de disputas entre os clubes mais reconhecidos do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, a alguns outros que jogavam contra esses maiores, ou seja, alguns clubes do subúrbio, mas apenas os que fizeram parte ao longo do tempo das Ligas ditas oficiais. Generalização que pode, perfeitamente, ser relacionada aos interesses dos dirigentes dos clubes de maior força política daquela região, que, por sua vez, associados aos interesses da imprensa local, liderada pelo próprio Mário Filho, buscavam a hegemonia dentro do cenário nacional.

Ao mesmo tempo em que são decisivas para aqueles momentos próximos à Copa do Mundo de 1950, as ideias trazidas por Mário Filho em seu livro clássico, transparecem os anseios de uma parcela importante da sociedade, de uma elite intelectual ligada aos agentes do poder público, que, já há alguns anos, muito se envolvia com o futebol, a partir da cidade que

era a Capital Federal da época. (ANTUNES, 2004: 28). Não é por acaso, nesse sentido, que *O Negro no futebol brasileiro* possui uma profunda influência das concepções de Gilberto Freyre, o que foi prontamente identificado pelo sociólogo Costa Pinto (1947: 181):

A história da instituição [futebol] e de sua passagem de um estado de *folk* para um estado de *civilização* não é feita, porém, no seu conjunto, mas é vista através do *status* do negro e dos papéis por ele ocupados durante essa transformação – da grade ao gramado, do gramado à glória.

Nem mesmo a própria forma de escrever encontrada na obra passou despercebida e acabou por merecer certos apontamentos do crítico:

(...) o autor apresenta com uma clareza notável, numa prosa agradabilíssima, embora prejudicada, aqui e ali, pelo estilo gaguejado que o modernismo difundiu em nosso meio e Gilberto Freyre quase oficializou em seus trabalhos sociológicos (PINTO, 1947: 181).

O próprio intelectual Gilberto Freyre prefaciava a obra de Mário Filho, considerando-a “(...) *uma contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileira na sua fase predominantemente urbana*”, pois, ela tratava das questões que mais estavam presentes nas preocupações do próprio Freyre, ou seja, que se debruçavam sobre as características, consideradas como problemas a serem resolvidos, dos “(...) *homens do Brasil. Homens de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas europeias.*” E que, ainda, trazia uma solução para os males dessa sociedade, através da instituição futebol, como o próprio Gilberto Freyre já havia identificado, anos antes, por ocasião das vitórias na Copa do Mundo de 1938:

Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tronou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca da sublimação. Essa sublimação estava outrora apenas na oportunidade para feitos heróicos ou ações admiráveis que o Exército, a Marinha e as Revoluções mais ou menos patrióticas abriam aos brasileiros brancos e, principalmente, mestiços ou de cor, mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais. (...) (FREYRE apud RODRIGUES FILHO, 1964).

A coesão entre as ideias trazidas por Freyre e a tese central de *O negro no futebol brasileiro* está ligada a um pensamento que se formou ainda em fins do século XIX, a respeito

da América Latina como um todo e que contagiou toda uma geração de intelectuais<sup>44</sup>. O auge de tal processo, no Brasil, aconteceu durante as primeiras décadas do século XX, através do próprio Gilberto Freyre. Reflexão que busca, em geral, uma visão unitária, homogênea a respeito da mistura étnica muito própria do continente, procurando ilustrar a diversidade étnico-cultural de forma a produzir imagens harmônicas; um “*gesto falsificador*”, pois o conflito é nítido. Um tipo de narrativa vista como necessária por diversos intelectuais para se construir a identidade latino-americana, no caso de Freyre, especificamente, a identidade brasileira (ARROYO, 2003: 12).

Não se deve esquecer que essa construção, presente nos discursos políticos, econômicos e intelectuais do continente, se dá exatamente em um momento de mudanças na sociedade que provocava preocupações por parte dos grupos dominantes, temerosos frente ao que classificavam como “problema negro”. Uma questão que se fez notar, principalmente, após o processo de abolição da escravidão e do surgimento das repúblicas americanas e que veio a tomar maior dimensão com a forte urbanização de algumas capitais. Era, a partir daí, inevitável para esses grupos refletir sobre o que deveria ser feito com uma multidão que acabara de se deslocar da condição de escravo para assumir o papel de cidadão nessas sociedades. Era preciso por parte da elite, representada nessa questão principalmente por intelectuais, incluir tal grupo ao menos no discurso.

Assim, pode-se entender que o que busca Gilberto Freyre em seus significativos trabalhos está além de meramente compreender o Brasil. Como membro de uma elite intelectual e de grandes proprietários de terras, de origem escravocrata, Freyre vislumbra dois problemas significativos, que giram em torno de questões a serem resolvidas sob o espectro do nacionalismo. A primeira delas, de âmbito mais interno, está presente no seguinte dilema: *como inserir a massa recém-liberta que mais que incomodava, apavorava os grupos hegemônicos?* Simultaneamente evidenciava-se a segunda parte do “problema”, que dizia respeito às relações exteriores: *como fazer do Brasil um país respeitado internacionalmente diante das nações tidas como as grandes potências da época? Mais especificamente, como fazer a elite brasileira reconhecida frente à europeia?*

---

<sup>44</sup> Fernando Ortiz, em Cuba; José Vasconcelos, que aspirou tornar-se presidente no México; José Carlos Mariátegui, jornalista, com tendências socialistas, no Peru, entre outros. Cf. ARROYO, Jossiana. *Travestismos culturales: literatura y etnografía em Cuba y Brasil*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2003. Especialmente, capítulo 1: *Travestismos culturales: culturas nacionales y mestizaje*.

De acordo com seu prefácio em *O negro no futebol brasileiro*, Freyre indica a resposta para as questões levantadas havia anos e sobre as quais já vinha trabalhando, em seus estudos: as características muito próprias dos “*brasileiros brancos e, principalmente, mestiços ou de cor, mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais*” poderia, ela própria, ser o impulso para a “*sublimação*”. Em outras palavras o “problema negro” poderia ser superado e o meio para isso se encontrava na nação, nas instituições nacionais:

Essa sublimação estava outrora apenas na oportunidade para feitos heróicos ou ações admiráveis que o Exército, a Marinha e as Revoluções mais ou menos patrióticas abriam aos brasileiros brancos e, principalmente, mestiços ou de cor, mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais (FREYRE apud RODRIGUES FILHO, 1964).

Porém, mais que as instituições oficiais do Estado, um outro elemento mostrava-se muito eficaz nesse processo, mesmo porque era muito mais atrativo ao maior número de pessoas. Por isso, mesmo não possuindo a mesma condição no aparelhamento estatal, por Gilberto Freyre foi elevado a uma condição muito superior a de simples prática esportiva:

Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca da sublimação (FREYRE apud RODRIGUES FILHO, 1964).

Portanto, a participação no futebol, ainda mais ao se representar o país contra estrangeiros, tal como a participação nas forças armadas em conflitos com outros países, proporcionava o desejado adentrar na história. Aproximava participantes e a própria nação brasileira dos países que tinham o privilégio de protagonizarem a história.

Tal pensamento não era novo em Gilberto Freyre. Em 1938, após a vitória da Seleção Brasileira sobre a representação da Tchecoslováquia, que causou furor, tanto em terras francesas – local do evento – como em brasileiras, o intelectual, no bojo dos acontecimentos, veio a se manifestar diretamente com relação ao futebol, vindo “*a lavar a certidão de nascimento da brasilidade futebolística*”. Nada melhor que esta feliz expressão de Fábio Franzini (2003: 77)<sup>45</sup> para demonstrar o quanto foi significativo o sociólogo Gilberto

---

<sup>45</sup> FRANZINI, Fábio. Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Freyre, fortemente ligado ao Estado Novo, ter cunhado através da crônica sugestivamente intitulada *Foot-ball mulato*, publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, palavras que cada vez mais foram sendo associadas à brasilidade e ao futebol que seria supostamente praticado pelos brasileiros:

Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo de jogar futebol que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE apud FRANZINI, 2003: 77).

Foi um importante pronunciamento que, de Pernambuco, difundiu a ideia que deveria predominar a respeito do que seria o futebol praticado no país. Tratava-se de um ideário que se instalava e se desenvolvia no período estadonovista e que deveria encontrar o seu auge na Copa do Mundo de 1950.

A ligação é intrínseca entre Gilberto Freyre e a ideia de futebol no Brasil que se pretendia transmitir na narrativa de *O negro no futebol brasileiro*. A obra de Mário Filho se refere, em todas as suas páginas, à memória que se pretendia estabelecer a respeito de um futebol que, para eles e seus seguidores, naquele momento de meados do século XX, já havia contribuído positivamente para a “*sublimação*” de uma sociedade marcada pelo que seria encarado como percalços de sua “*hibridez*” racial.

Tal concepção influenciará decididamente as análises que se fizeram ao longo do tempo a respeito da derrota mais emblemática da Seleção Brasileira em Copas do Mundo, ou seja, no certame realizado em suas próprias terras, no ano de 1950. Porém, antes de se avançar para análise dos acontecimentos do torneio, é preciso se deter um pouco mais e atentar-se para outra obra igualmente importante para o futebol daquele momento e para as análises que dele foram feitas pelos estudiosos posteriormente. *A história do futebol no Brasil*, de Thomaz Mazzoni.

A capital, que era o centro político da República, também era o local das decisões políticas do futebol, desde que a CBD fora estabelecida como único órgão responsável pela

administração esportiva do país <sup>46</sup>. Porém, São Paulo tinha se tornado, há muito tempo, um importante pólo econômico e, paralelamente a esse fenômeno, seus grandes clubes de futebol, a partir da intervenção pública e do estabelecimento do profissionalismo, haviam se fortalecido. Conseqüentemente, a rivalidade no campo futebolístico, como em outras instâncias, entre ambos os pólos só aumentava. E outras vezes, que se pretendiam tão hegemônicas quanto as já mencionadas, ecoavam de outros pontos.

Nesse jogo bastante acirrado, se o Rio de Janeiro contava com as ações de Mário Filho, os grupos ligados não apenas ao futebol de São Paulo, mas também a outros setores da política e da economia tinham em Thomaz Mazzoni um grande porta-voz. Se o primeiro, em 1947, havia lançado o *Negro no futebol brasileiro*, Olímpicus, três anos depois, a pouco menos de um mês da Copa do Mundo, trazia a público, *História do futebol no Brasil*. O livro era uma espécie de resposta à concepção histórica do futebol brasileiro trazida por Mário Filho.

Na obra publicada pela editora Leia, em 1950, amplamente divulgada através da Fundação Cásper Líbero, percebe-se uma preocupação do autor em construir uma narrativa que trouxesse uma história linear e evolutiva da prática do futebol no Brasil. Na apresentação do livro, denominado *Introito*, ainda em suas primeiras frases Mazzoni afirma:

A história do futebol brasileiro, que iremos ler, foi possível tão somente a 30 anos de arquivos por nós organizados, onde reunimos todos os documentos possíveis e necessários. Foi uma tarefa difícil, sinão penosa, mas que tornou possível essa obra, auxiliada também pela nossa biblioteca especializada. Não se trata, pois, de nenhuma história escrita pelo método “ouvimos dizer”, “ou nos contaram assim assado” (MAZZONI, 1950).

Deve-se notar que, ao construir sua narrativa a partir de sua leitura do passado, Mazzoni pretende tomar o documento (escrito) como verdade absoluta, como uma fonte privilegiada que falava por si <sup>47</sup>. Como uma resposta direta a Mário Filho que, ao apresentar seu livro, deixou claro que recorreu aos relatos orais e ao cruzamento de diversas fontes.

---

<sup>46</sup> Início dos anos 1940, apesar da entidade ter sido concebida em 1915 - um dado que será abordado melhor nas próximas páginas.

<sup>47</sup> Um método muito difundido na virada do século XIX para o XX, em que através das interpretações que se fizeram do historiador Leopold von Ranke (1795-1886), muitos acreditavam na possibilidade de uma neutralidade do olhar do historiador. Visão que veio a sofrer profundas críticas, principalmente, após os trabalhos da Escola dos Anales, a partir dos anos 1930. Cf. WEHLING, Arno. A invenção da História: Estudos sobre o historicismo. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF/ EDUFF, 1994.

Após afirmar que não ficaria no “*ouvimos dizer*”, propunha-se a encontrar os dados dos fatos propriamente ditos, selecionando os que, para ele, realmente mereceriam estar presentes, devido os limites impostos por questões editoriais:

Nossa preocupação foi a de reunir, nessa obra, antes de mais nada, os maiores dados possíveis acerca dos fatos principais, de importância estritamente nacional. Fatos e episódios de maior vulto, como interesse geral. Não fosse assim, e seria somente possível escrever a história do futebol brasileiro, não em um volume apenas, e sim em dez... *Sim, porque, por história do futebol no Brasil, muitos poderiam entender e ... exigir a história futebolística de cada Estado, de cada Capital, de cada município, de cada clube...* (MAZZONI, 1950). [*italico nosso*]

A “*exigência*” que muitos poderiam ter e que supostamente estava relacionada a uma queixa dele próprio, tem relação direta com a obra publicada, três anos antes, a respeito do mesmo tema. Mário Filho dizia que seu livro acabava por tratar da própria história do futebol brasileiro, porém, via-se a atenção às questões relacionadas somente ao futebol carioca, direta ou indiretamente, e, talvez por isso, Mazzoni reconheça a impossibilidade da construção de uma história que abarcasse o todo completo do território nacional. Mas não se furta a realizar a tentativa, que reconhece fazer com certa limitação. Em um trecho, ainda no início do livro, intitulado emblematicamente como *Não é fácil a história do futebol brasileiro...*, em que procura expor as dificuldades com relação à documentação, afirma:

O material reunido e arquivado no entanto, torna possível, em mãos de quem tem competência para isso, reconstruir esses 56 anos de futebol brasileiro de Norte a Sul em seus principais episódios e fases. São Paulo, o berço, Rio, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas, Pernambuco, Pará e Paraná foram e são os principais centros. (...)

Centenas de milhares de adeptos conhecem, ha muitos anos, o esporte-rei, milhares de pessoas escreveram e escrevem sobre o “soccer”, em nosso país, porém é fato que somente um punhadinho de historiadores possuímos desde o passado até hoje (MAZZONI, 1950).

Ou seja, Thomaz Mazzoni reconhece as contribuições dos historiadores do futebol e em sua lista inclui Mário Filho<sup>48</sup>. Porém, procura deixar claro que teve condições, diante da documentação, de desenvolver uma narrativa que chegou a abranger os principais centros do

---

<sup>48</sup> Mazzoni traz uma lista do que julgava trazer “o pequeno grupo de historiadores do futebol brasileiro”. São eles: Antonio Figueiredo, Leopoldo Santana, os irmãos Paulo Várzea e Max Valentim, Horácio Werner, Afonso de Castro, Indalicio Mendes (José Brigido) e Pimenta Neto, além de Mário Filho (MAZZONI, 1950).

Brasil. Nessa explicação, não deixa de estabelecer, logo de início, São Paulo como o “berço” do esporte no país.

Ao mesmo tempo em que imprime destaque sobre São Paulo, Mazzoni procura colocar o futebol do Rio de Janeiro em um nível próximo ao de outras capitais do Brasil, estabelecendo certo grau de inferioridade em relação ao paulista. Vale ressaltar, ainda, que faz questão de referir São Paulo como o ponto difusor do futebol no Brasil, mas sem deixar de atribuir um grande destaque ao que seria o ponto de origem da prática, ou seja, sem deixar de frizar a herança europeia. Assim, ao buscar expressões, como “*esporte-rei*” e “*soccer*”, que acabam por reafirmar a origem inglesa da prática <sup>49</sup>, Mazzoni colocava os desportistas paulistas como legítimos seguidores do futebol praticado na Inglaterra, entendida como a terra mais civilizada, no futebol e fora dele.

Nesse sentido, portanto a edição de *História do Futebol no Brasil* é bastante significativa. A própria formatação do livro nos dá dimensão do quão representativo desejava ser o projeto. Em matéria - propaganda em tom de notícia - publicada na época do seu lançamento no jornal *A Gazeta*, se dizia: “*Para se ter uma idéia da grandiosidade do livro (...) basta se diga que a obra conterà trezentos e poucos capítulos. Além da leitura conterà a obra fotos de todas as épocas (...).*” E completava-se, em seguida: “*A edição de luxo se há esgotadas. As edições comum e popular, todavia, circularão conjuntamente.*” (*A Gazeta*, 27 de maio de 1950, p. 19)

Não era para ser um livro qualquer. Características que também se faziam presentes nos discursos a respeito de São Paulo, sempre prontos a declarar uma idéia de pujança, de riqueza material, de empreendedorismo em relação aos demais estados da Federação.

Nesse sentido, torna-se ainda mais emblemática a primeira página do livro, em sua melhor edição. Mazzoni não contava com prefácio escrito por um fino literato, nem mesmo tinha prefácio sua obra. Mas, contava com uma imagem de um ícone de sua própria construção histórica - Charles Miller - que, por sua vez, no modo como fora retratado, sintetizava o espírito paulista idealizado por seus próprios grupos hegemônicos:

---

<sup>49</sup> Ao longo do trabalho daremos destaque a essa relação entre as construções que se fazia, principalmente, através da imprensa, a respeito dos elementos ingleses em relação ao futebol brasileiro.

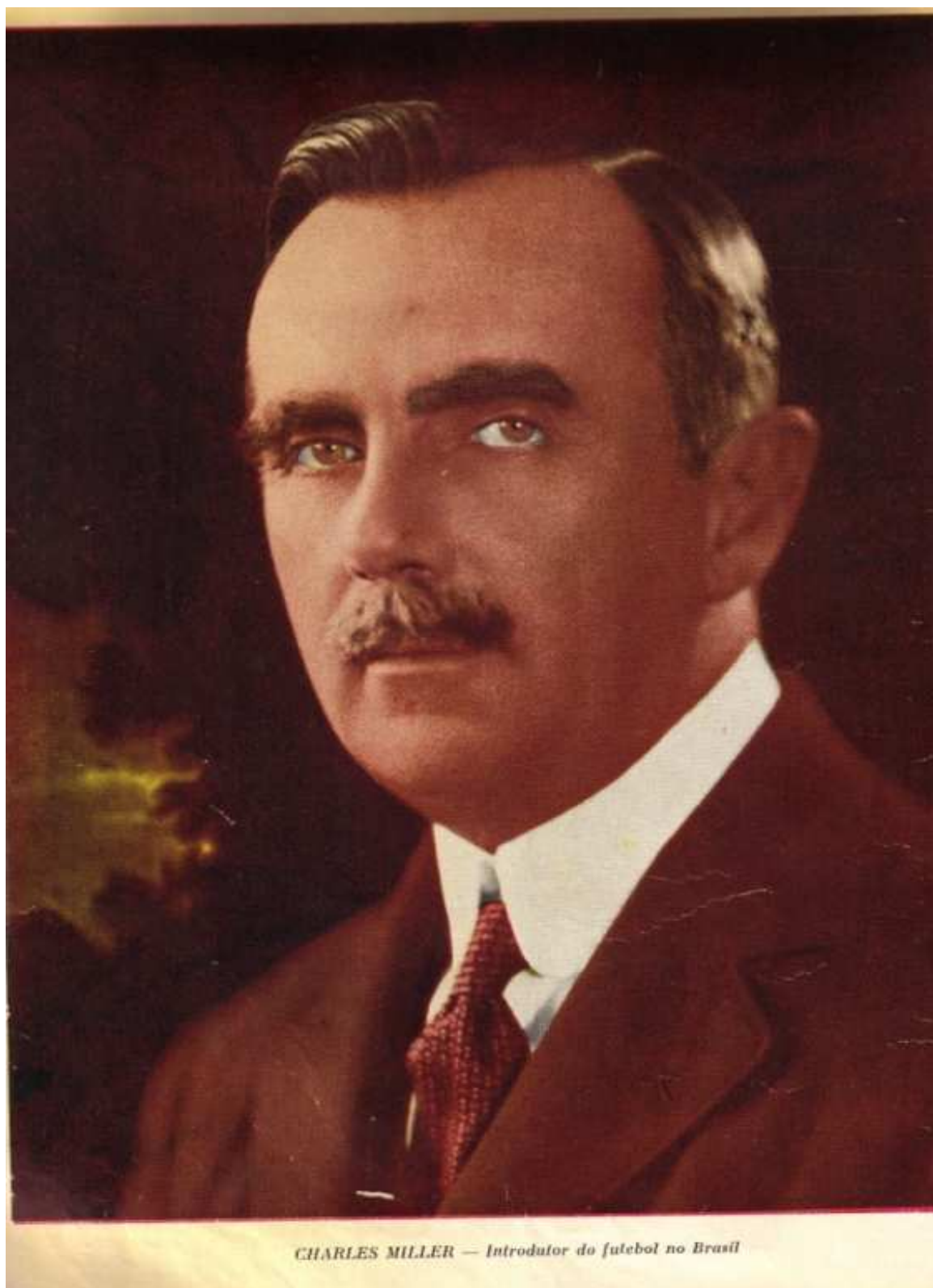


Imagem 1: *Charles Miller – “Introdutor do futebol no Brasil”*, página de abertura do livro *História do futebol no Brasil*, de Thomaz Mazzoni.

A abertura do livro de Thomas Mazzoni apoia-se na imagem de um homem alinhado sob as roupas consagradas por um Ocidente que se industrializou. Cabelos impecavelmente penteados, olhar austero, passando a ideia, para quem se depara com a bela edição daquele livro, de uma personalidade muito séria. Características perfeitamente cabíveis ao bandeirante que se “*aburguesou*”, como disse Carlos Rodrigues Brandão (1983)<sup>50</sup>, ao se referir à construção daquele que seria o paulista por excelência idealizado por seus grupos hegemônicos. Em outras palavras, um ser que teria como componentes de seu caráter, por um lado, o *pioneirismo* que marca o bandeirante, aqueles tidos como desbravadores do território brasileiro a partir de suas ações ainda no Brasil colonial. Por outro, o *empreendedorismo* próprio daquele que além de se consagrar como produtor agrícola, trilhava os caminhos impostos pela modernidade da época, ou seja, os da industrialização que se desenvolvia na capital. Nessa linha de raciocínio, a figura sugere concepções sobre o *progresso* que se dizia ter sido conquistado pelo estado de São Paulo.

Charles Miller, como “*introdutor do futebol no Brasil*”, é a representação do que se concebia como o caráter pioneiro do paulista. Charles Miller em Thomas Mazzoni é evocado como elemento exemplar do ser paulista: caracterizado pela qualidade da iniciativa e do pioneirismo de quem teria adquirido técnicas em outro local - Inglaterra - e retorna com a primeira bola embaixo do braço e chuteiras nos pés, disposto a transmitir o conhecimento e a impulsionar a atividade. A personalidade não se furtava a difundir a novidade do mundo *desenvolvido* para os demais brasileiros. Para tanto era preciso deixar bem clara a própria origem do pioneiro, bem como sua alta capacidade técnica:

Portanto, Charles Miller, brasileiro, nascido em 1814, em São Paulo, à rua Monsenhor Andrade, no Braz, antes de introduzir o futebol no Brasil foi um campeão consumado entre os amadores da Inglaterra, ou seja, antes de existir o association em nosso país, um moço brasileiro tornara-se perito futebolista (MAZZONI, 1950: 18).

Sendo assim, na obra de Thomaz Mazzoni, à São Paulo caberia o título de *berço do futebol*, o pioneirismo que constantemente é associado aos ícones da história tradicional paulista, aos *bandeirantes*.

Entendendo-se, neste trabalho, que estavam em jogo muito mais que a vitória em uma partida de futebol e as paixões por determinadas equipes, o foco deve recair à Seleção

---

<sup>50</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os caipiras em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Brasileira, ao futebol e às disputas pela memória no período que envolve as primeiras Copas do Mundo da década de 1950.

No primeiro capítulo, intitulado *Expectativas para a Copa de 50*, destaca-se a ansiedade gerada pelos anos 1940, a década sem Copas, e pelo desenvolvimento do futebol no país. Com relação à Copa do Mundo e à Seleção Brasileira, tanto para os dirigentes esportivos como para muitas das autoridades estatais, da imprensa, dos torcedores e dos próprios jogadores, os anos sem o evento mostraram-se de grande ansiedade. Na III Copa do Mundo da França, em 1938, última antes da Segunda Guerra Mundial, as autoridades brasileiras já haviam se oferecido para sediar o evento seguinte e se preparavam para isso, porém, devido ao conflito bélico, o que fora previsto para 1942, só pôde se concretizar em 1950. Longos doze anos de espera, portanto, para dirigentes do Estado e para os demais segmentos que se interessavam pelo futebol no Brasil.

No segundo capítulo, *Enfim a Copa: euforia, conflitos e decepções*, através da análise dos desentendimentos implícitos e muitas vezes explícitos, como nos mostram as fontes, entre a imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro, pretende-se problematizar o desempenho da Seleção Brasileira na tão esperada Copa do Mundo de 1950, assim como, oferecer maiores detalhes a respeito do que envolveu o certame em relação aos uruguaios e, ainda, trazer a voz dos jogadores que estiveram diretamente envolvidos com a derrota da final realizada no dia 16 de julho e que tiveram suas trajetórias como futebolistas profissionais significativamente abaladas.

Finalizando o trabalho, em *Derrotas em campo fissuras expostas*, problematiza-se o ambiente no futebol do eixo Rio-São Paulo e da Seleção Brasileira em torno da Copa do Mundo da Suíça, em 1954. Parte-se dos acontecimentos da Copa anterior e da repercussão dos resultados negativos obtidos pela Seleção Brasileira, do empate no Estádio Municipal do Pacaembu contra os suíços e da derrota no Estádio Municipal do Maracanã na final da Copa de 1950, dos desentendimentos que se seguiram nas delegações que disputaram os campeonatos internacionais até a Copa de 1954 e a derrota frente aos húngaros. Assim, com a instituição do novo uniforme verde-amarelo e com as alterações da comissão técnica e dos jogadores, entre outros fatores, pode-se dizer que encontram-se elementos de uma profunda transformação pela qual passava a imagem que se desejava transmitir da Seleção Brasileira.

## 1. EXPECTATIVAS PARA A COPA DE 50

*“E no entanto, por nossos padrões, os esportes de massa, embora agora globais permaneceram extraordinariamente primitivos. Seus praticantes ainda não tinham sido absorvidos pela economia capitalista. As grandes estrelas ainda eram amadores, como no tênis (isto é, assimilados ao status burguês tradicional), ou profissionais que ganhavam um salário não muito superior ao de um operário industrial qualificado, como no futebol britânico. Ainda tinham de ser apreciados pessoalmente, pois o rádio só podia traduzir a visão real do jogo ou corrida nos crescentes decibéis da voz do locutor. A era da televisão e dos esportista pagos ainda estava alguns anos à frente. Mas, como veremos, não tanto assim.”*

*Eric J. Hobsbawm (1995: 197)*

Após a participação da Seleção Brasileira em 1938, no terceiro campeonato mundial realizado na França, ficava claro, de uma vez por todas, o elevado grau ao qual o futebol estava dimensionado na sociedade brasileira. Para esse fenômeno, ainda mais que antes, se direcionavam as atenções de grande parcela da população, nos mais diversos locais da ampla geografia do território nacional. Um interesse que partia das arquibancadas, dos campos de jogo ou dos bastidores e que, na maioria das vezes, ultrapassava as não muito consistentes linhas que delimitam tais espaços. Dessa forma, torcedores, jogadores, treinadores, literatos, imprensa, empresários do comércio e da indústria e o próprio Estado, percorreriam a década seguinte se dedicando cada vez mais à prática que, por consequência, ganhava cada vez mais ênfase. E, nesse processo, restava aos diversos grupos envolvidos esperar ansiosamente por grandes oportunidades de demonstrar internacionalmente os resultados desse movimento.

O governo brasileiro, desde o início da década de 1930, já vinha demonstrando interesse para com eventos esportivos de grande magnitude. Após a boa participação na Copa do Mundo da França, novos estádios foram construídos e as autoridades se empenharam em trazer o campeonato mundial para o Brasil, entre outras medidas. A imprensa esportiva se desenvolvia e constituía-se como parte importante do processo. A carreira do jogador de futebol que, oficialmente, desde 1933, já era encarada como uma profissão ganhava grande notoriedade. Assim, enquanto alguns destes viam seu nome se destacar em relação aos demais, principalmente após suas respectivas participações na Copa de 1938, outros esperavam ansiosamente novas oportunidades para também desfrutarem de tal condição.

Enfim, tudo indica que, para a IV Copa do Mundo, que só veio a ocorrer no ano de 1950, foram anos de muita espera. Expectativas vividas de diferentes formas e em diversos segmentos da sociedade.

### 1.1. O Estado em campo: em busca da Copa do Mundo

Em 1934, as autoridades responsáveis pela Seleção Brasileira enviada para disputar a II Copa do Mundo, puderam observar a vibração de Mussolini diante da conquista do primeiro campeonato da *Azzurra*, na própria Itália – uma comemoração que veio a se repetir com o bicampeonato do selecionado italiano conquistado na França, em 1938. O clima que fundia a política de Estado Fascista ao torneio, que já passava a ser considerado como o mais importante do futebol mundial, era todo registrado por uma delegação repleta de homens de confiança do presidente Getúlio Dornelles Vargas, aliás, como as principais entidades do esporte no Brasil:

O então presidente da CBD [Confederação Brasileira de Desportos] era Luiz Aranha, irmão do ministro da Fazenda Oswaldo Aranha, ambos revolucionários de 1930 e diretamente ligados ao presidente Getúlio Vargas, enquanto o chefe da delegação que foi à Itália era Lourival Fontes, diretor da secretaria geral do gabinete do interventor do Distrito Federal e que anos depois, já no Estado Novo, viria a ser diretor do todo-poderoso Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (FRANZINI, 2003: 66).

Mostrava-se, assim, um Estado que dava os primeiros sinais de atenção aos eventos que repercutiam internacionalmente. E que, ao mesmo tempo, passava a observar, através de suas autoridades presentes, políticas internacionais que muito se preocupavam com investimentos nos espetáculos <sup>51</sup>, sobretudo esportivos, inclusive o futebol. Principalmente, quando se tratava de Estados nazifascistas que, naqueles anos, gozavam de seu auge no continente europeu e, conseqüentemente, tornavam-se referência para governos como o de Getúlio Vargas, no Brasil.

O envolvimento das sociedades em que os eventos esportivos vultosos aconteciam, seduziam os olhares das autoridades brasileiras, que estavam prestes a perpetrar o golpe do Estado Novo. Interesses que aumentavam ainda mais através das impressões surgidas em Berlim, em 1936: “(...) *em função das notícias que chegavam ao Estado, através das agências de notícias, temos a impressão de que os Jogos Olímpicos foram mais importantes enquanto ato político do que esportivo (...)*”. (NEGREIROS, 1998: 200). Na ocasião daqueles Jogos Olímpicos, o chefe da delegação brasileira, Décio do Amaral

<sup>51</sup> Segundo Guy Delbord: “*O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna ,imagem.*”. Ver: DELBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. RJ: Contraponto, 1997, p. 25.

Fontoura, fazia chegar ao governo brasileiro ideias fortes a respeito das virtudes da Alemanha nazista e sua dedicação aos esportes. Para ele, tratava-se de um país que, por esse meio, combatia com eficiência o comunismo e, ao mesmo tempo, mantinha a ordem. Algo que também não deixava de ser observado com relação aos Estados Unidos da América, país liberal que obtinha, com seus atletas treinados em centros universitários bem equipados, não apenas ótimos resultados esportivos, mas também uma confortável situação político-social interna.

Na lógica das autoridades políticas brasileiras, representadas por Fontoura, nos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), assim como já havia entendido Lourival Fontes, chefiando a delegação que havia participado da Copa do Mundo da Itália (1934), aquelas oportunidades tratavam-se de situações privilegiadas para a manutenção da ordem social dos países que se dispunham a investir nesses tipos de eventos. Situação privilegiada que, por sua vez, contrariava as recentes experiências vividas na própria sociedade brasileira – por exemplo, o movimento de 35 – que, na visão dos dirigentes do governo, cada vez mais, forçava-os a atitudes reacionárias, levando a um processo de repressão e censura no Brasil que culminaria com a criação do Estado Novo, que veio a se instituir em 10 de novembro de 1937. (Cf. VIANA, 1991)<sup>52</sup>

Situação de desordem, na visão das forças repressoras, que condizia em certo sentido com o que seus próprios membros presenciavam nos grandes eventos em relação às participações e o fraco desempenho das delegações esportivas brasileiras. Na medida em que não se alcançavam resultados positivos, ficava nítido um descompasso entre o desporto brasileiro e o de outros países com maiores destaques que se firmavam rapidamente como potências esportivas.

Especificamente, no caso do futebol, apesar de um considerável número de craques atuarem e serem reconhecidos além das fronteiras brasileiras<sup>53</sup>, as representações do país, em torneios internacionais, até aquele momento, tinham obtido resultados pífios. E

---

<sup>52</sup> VIANNA, M. A. G. Revolucionários de 35: sonho e realidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

<sup>53</sup> Um dos grandes problemas observados pelos clubes e entidades no período do amadorismo era a imigração de craques seduzidos por propostas estrangeiras. Não apenas para países sul-americanos, mas também para europeus, sobretudo, a Itália que em suas linhas titulares na Copa do Mundo de 1934, chegou a contar com o jogador brasileiro Filó. Cf. DUARTE, Orlando. Todas as Copas do Mundo. São Paulo: Votorantim, 1987, p. 48

tendiam a piorar quando as conquistas da Seleção Brasileira eram comparadas às de um vizinho sul-americano, o Uruguai.

Naquele período, a denominação *Celeste Olímpica* já fazia todo sentido. O selecionado uruguaio já estava consagrado como uma das grandes potências do futebol mundial, após ter sido bicampeão dos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928 e ainda havia conquistado a primeira Copa do Mundo em torneio sediado no próprio país, no ano de 1930<sup>54</sup>. Já, em contrapartida, o futebol brasileiro, com seus selecionados, não conseguia realizar feitos que superassem as fronteiras sul-americanas<sup>55</sup>. Algo que passava, portanto, a preocupar o Estado e, ao mesmo tempo, a ser alardeado por diversos segmentos da sociedade como um sério problema.

Contudo, a relação de inferioridade marcada pelas competições internacionais entre as representações brasileiras e as de outros países, que já se colocavam como potências nesse meio, não apenas se restringia aos maus resultados. Esses eventos na medida em que empolgavam as autoridades brasileiras vieram a demonstrar para o próprio Estado deficiências que poderiam vir de um fator que ficava cada vez mais nítido: a falta de enquadramento do universo esportivo do país dentro das exigências internacionais. Em outras palavras, uma falta de organização.

Por exemplo, enquanto o Comitê Olímpico Internacional (COI), exigia a existência de uma única entidade organizadora das modalidades esportivas de cada país - regra que seria seguida também imposta pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA) - o futebol brasileiro, na primeira metade da década de 1930, contava com duas: a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e a Federação Brasileira de Futebol (FBF) (Cf. NEGREIROS, 1998: 193). As duas entidades, por sua vez, materializavam divergências profundas existentes entre dirigentes do Rio de Janeiro e de São Paulo, localidades que, desde muito cedo, pretendiam para si a liderança do esporte no país. Entre os conflitos que aumentavam na medida em que mudanças na estrutura do futebol pareciam

---

<sup>54</sup> Segundo o historiador Bill Murray: "(...) *O Uruguai foi a escolha óbvia para receber a primeira competição, a ser disputada em 1930, não só pelo sucesso assombroso de seu time em Paris e Amsterdã, mas porque podia pagar a conta da viagem e proporcionar acomodações a todos os competidores. (...)*" MURRAY, Bill. Uma história do futebol. São Paulo: Hedra, 2000, p. 90. Na ocasião foi construído, em Montevideu, como o grande palco do evento, o Estádio Centenário - nome que homenageia os 100 anos de independência do país. Na final do torneio, em uma partida entre uruguaio e o selecionado argentino, vencida pelos primeiros pelo placar de 4 a 2, registra-se um público de 90.000 pessoas, com 67.300 pagantes. (Cf. DUARTE, 1987: 42)

<sup>55</sup> Os dois títulos mais significativos, até aquele momento, tinham sido as já longínquas conquistas dos campeonatos sul-americanos de 1919 e 1922, ambos sediados no próprio território brasileiro.

inevitáveis, estava a questão da profissionalização dos jogadores, assunto muito em voga naquele momento e que provocou muita polêmica e desentendimentos, fruto de uma interferência que se fazia sentir, ao menos, desde os anos 1920: “*O futebol já estava presente nas fábricas, mas foi na Era Vargas que essa combinação ganhou nova entonação*”. (FRAGA & ROQUE, 2010: 255)<sup>56</sup>

Essa situação, fez com que os desacordos repercutissem na composição das próprias equipes representantes do Brasil nos dois primeiros mundiais de futebol. Em 1930, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) - na época entidade organizadora do futebol de São Paulo - sente-se preterida, já que do selecionado convocado, quinze, dos vinte e seis jogadores, eram de seus clubes filiados e, por outro lado, a CBD - órgão responsável pela organização nacional e localizado no Distrito Federal, na época, o Rio de Janeiro - não incluía representantes paulistas na comissão técnica que se dirigia para o Uruguai. Sem entendimento entre as entidades, nenhum dos quinze atletas de São Paulo foi cedido para compor a equipe que acabou sendo eliminada na primeira fase do certame<sup>57</sup>. (Cf. FRANZINI, 2003: 22)

Em 1934, a situação se assemelha. Os principais jogadores já eram profissionalizados e filiados a FBF - uma entidade que reconhecia o profissionalismo e que contava com o apoio dos principais clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Por outro lado, a CBD lutava pela permanência do regime anterior, o amador, não aceitando e não reconhecendo tal situação. Isolada, contando apenas com o apoio do Botafogo de Futebol e Regatas, a CBD, que era o órgão ligado ao Estado, formou, à duras penas, uma equipe que rumou para a Itália. Assim, sem os principais jogadores, a base botafoguense, com apenas quatro atletas que a CBD conseguiu arregimentar do futebol paulista conheceu uma participação ainda pior que em 1930 e, logo no primeiro jogo, voltou para casa após sofrer uma derrota em 3 gols a 1 frente ao selecionado espanhol. (Cf. FRANZINI, 2003: 67).

---

<sup>56</sup> FRAGA, E. K. C.; ROQUE, Z. S. S.. Futebol nas fábricas de São José dos Campos: memórias de jogadores operários. In: COSTA, S. M. F; MELLO, L. F. (Org.). Crescimento urbano e industrialização em São José dos Campos. São José dos Campos: Intergraf, 2010.

<sup>57</sup> Na primeira partida, a Seleção Brasileira foi vencida pela equipe iugoslava por 2 gols a 1, sendo que, em seguida, de nada adiantou a goleada pelo placar de 4 a 0 no jogo contra os bolivianos.

Tais fatos devem ser somados aos resultados negativos dos desportos brasileiros nos Jogos Olímpicos de 1932, disputados em Los Angeles, e nos de Berlin, no ano de 1936<sup>58</sup>. A falta de visibilidade internacional, devido às distantes possibilidades de vitórias esportivas não agradava aos dirigentes que, ao mesmo tempo, ficavam seduzidos pelas estruturas esportivas apresentadas por países que já podiam ser classificados como potências. Estruturas que, por sua vez, eram relacionadas a uma situação estável politicamente no âmbito interno desses países. Logo, o governo brasileiro enxergava a necessidade de interferir nas questões esportivas nacionais, já que se concebia a ideia - de certa forma imediatista - de que o desenvolvimento do esporte traria uma situação social mais privilegiada ao país. Referente ao impasse entre CBD e FBF, por exemplo, Lourival Fontes é apontado como responsável não apenas pelo fim das acusações mútuas entre os componentes da entidade, mas também pela mudança de posicionamento pela qual passaram as respectivas lideranças que, por sua vez, se viram dispostas “(...) a exaltar a seleção que representaria a pátria no certame internacional [de 1938]”. (COSTA, 2008: 58)<sup>59</sup>

Essa nova tomada de posição estatal relaciona-se não apenas a um ímpeto do próprio governo e seu desejo de fazer uso dos esportes para seu projeto, que ganharia força pouco depois, somando-se ao conjunto de medidas que passou a ser implementado a partir do golpe de 10 de novembro de 1937<sup>60</sup>. Essa preocupação, também veio a atender vários segmentos da própria sociedade que, através de parte da imprensa, reclamava tal envolvimento, visto que a centralização administrativa promoveria a reafirmação de determinadas lideranças estabelecidas principalmente nos clubes<sup>61</sup>, tornando, ainda, possível

<sup>58</sup> Com relação a esses dois Jogos Olímpicos, a análise da participação brasileira deve ser relacionada muito mais aos esportes em geral do que propriamente ao futebol, já que a modalidade enfrentava problemas junto ao COI. Devido às discussões em torno do fim do amadorismo e ao surgimento das Copas do Mundo, os jogos de Los Angeles não contaram com a presença do futebol e os de Berlin foram marcados por partidas conturbadas. Cf. MORAES, Mário de. Depoimentos de: Domingos da Guia, Zizinho e Pelé. Rio de Janeiro: MIS, 2002, p. 134-135.

<sup>59</sup> COSTA, Maurício da Silva Drumond. Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

<sup>60</sup> “Houve uma perceptível mudança na concepção esportiva nacional com a instauração do novo regime. Exemplo disto são as criações das instituições [escolas de formação de professores de Educação Física], e também a construção de várias praças de esportes (principalmente estádios de futebol), cuja finalidade não era somente a de prestigiar o popular futebol, mas também o de favorecer especialmente os desfiles e paradas cívicas em comemorações às datas festivas mais valorizadas (...)” MOSKO, J. K.; CAPRARO, A. M.; MOSKO, J. K. O Estado Novo (1937-1945) e a Educação Física: doutrinando corpos no exercício do poder. Revista Digital - Buenos Aires - Año 15 - Nº 143 - Abril de 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd143/o-estado-novo-1937-1945-e-a-educacao-fisica.htm>> Acesso 31 Ago 2010.

<sup>61</sup> Hilário Franco Jr. divide em duas grandes tendências a proliferação dos clubes de futebol no país, sobretudo no Eixo Rio-São Paulo, desde o início do século XX. Formação no interior dos grupos dominantes,

encontrar, através do Estado, o financiamento necessário para atender as demandas recém-surgidas, dado ao grande alcance popular atingido pelo futebol em diversas regiões do país, especialmente em grandes centros urbanos:

Da mesma maneira que o processo de industrialização do país, o desenvolvimento das atividades esportivas era realizado com investimentos público-estatais (ilustrado pela construção do estádio do Pacaembu) e pela vinculação dos dirigentes às engrenagens do poder, o que deixaria marcas profundas no futebol brasileiro (FRANCO Jr., 2007: 81-82).

Em resumo, a cargo do Estado ficaria o desenvolvimento do esporte, principalmente o fortalecimento do futebol que, em sua estrutura herdada dos tempos do amadorismo, parecia não dar conta, melhor dizendo, parecia não querer dar conta do seu próprio crescimento <sup>62</sup>.

E, assim, em grande parte, devido ao investimento e às pressões políticas do Estado Novo a situação se alterava. Após as experiências negativas, nos primeiros grandes eventos de alcance intercontinental, realizados nas décadas iniciais do século XX, oportunidades surgiam. Dessa forma, de acordo com as pretensões do próprio Estado Novo, dentro de pouco tempo, foram colocados o futebol e a Seleção Brasileira como os principais ícones do tão decantado fator de coesão nacional.

Uma das primeiras oportunidades, nesse sentido, veio com a participação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938 que, entre outros fatores, promovera um engajamento de diversos setores da sociedade, chamados a apoiar a equipe a partir de um sentimento de responsabilidade geral que se procurou criar. Pedia-se a ação de todos para que se conseguisse uma participação de destaque no evento. Tratava-se de um apoio não apenas moral, restrito à torcida e ao *pool* de estações de rádio, que transmitiriam notícias e partidas

---

como os específicos para o futebol (Fluminense Foot-ball Club, América Foot-ball Club), de estudantes que criavam clubes independentes do estabelecimento de ensino (Associação Atlética Ponte Preta, Clube de Regatas Botafogo), de outras modalidades esportivas que se voltam para o futebol (Clube de Regatas Flamengo). A segunda está na formação de clubes por outros grupos, como por exemplo pequenos comerciantes, operários e artesãos (Sport Club Internacional, Sport Club Corinthians Paulista), clubes vinculados à empresas (Bangu Atlético Clube e Clube Atlético Juventus), e os que se originaram através das colônias de imigrantes (Societá Palestra Itália – de São Paulo, de Minas Gerais e do Paraná; Clube de Regatas Vasco da Gama e Associação Portuguesa de Desportos; Grêmio Foot-ball Portoalegrense, Coritiba Foot-ball Club). Cf. FRANCO Jr., Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 62-70.

<sup>62</sup> A respeito desse envolvimento do Estado, o apelo à intervenção por parte da imprensa - mais especificamente, no caso da construção do Pacaembu - e detalhes desse momento que ocasionou choques entre os líderes dos principais clubes da cidade de São Paulo, entre si e para com o governo, foi utilizado o trabalho de doutorado de Negreiros (1998).

da Seleção Brasileira <sup>63</sup>, mas também financeiro. Investimento provindo da própria população, do comércio e da indústria; uma ação conjunta de setores diversos da sociedade promovida pela articulação estatal em parceria com a imprensa <sup>64</sup>.

Para muitos formadores de opinião se perceberia a competência da própria sociedade através da boa participação de suas equipes representantes em eventos esportivos internacionais. Desse modo, tornava-se necessário convencer o maior número de pessoas a auxiliar no que se via como uma missão: “*Era como se a nação Brasil estivesse para ser testada em terras europeias.*” (NEGREIROS 1998: 241). E neste teste, os responsáveis maiores, apesar de todos os envolvidos, eram os atletas. Homens, prontos para se tornarem heróis ou vilões; no caso das Copas do Mundo, os jogadores de futebol.

Especificamente, a Copa de 1938 ofereceu a oportunidade de surgirem os primeiros grandes heróis da história da Seleção Brasileira em gramados internacionais. Assim, após o terceiro lugar alcançado, ao final do certame, os representantes brasileiros haviam passado no teste, porém, com ressalvas. Se, por um lado, ocorreram críticas ao comportamento da equipe fora de campo, ressaltando-se gestos entendidos como de indisciplina, sobretudo, referentes aos conflitos devido aos desacordos com relação às premiações financeiras (Cf. NEGREIROS, 1998: 296); por outro, os excelentes resultados obtidos no campo de jogo, vistos por muitos da época até como surpreendentes, trouxeram reconhecimento ao selecionado que em suas alvas camisas carregava o escudo da CBD. Conseqüentemente, isso implicou a aclamação de alguns atletas não apenas como bons de bola, mas como heróis da nação e/ou importantes personalidades.

Esse movimento acabou por representar uma oportunidade ímpar. Na campanha de apoio ao selecionado brasileiro, para a participação da Copa de 1938, foram lançadas as bases para que, de uma vez por todas, não apenas a popularização do futebol fosse aceita como algo positivo por alguns que ainda titubeavam, mas que também se tornasse entendida por importantes intelectuais e autoridades como um fator decisivo para a construção de um ideal nacionalista e, além disso, para a projeção de um país ainda pouco reconhecido no cenário internacional. Foi, conseqüentemente, também decisivo para o fortalecimento da

---

<sup>63</sup> As *Organizações Byington* conseguiram todos os direitos de transmissão e repassaram para estações de rádio de todo o país. (NEGREIROS, 1998, 271).

<sup>64</sup> A esse respeito ver, especificamente, os capítulos: *1938, o futebol construindo a nação* de Negreiros (1998); e *O Brasil é redondo* de Franzini (2003).

própria estrutura interna do futebol não apenas em seus aspectos políticos, mas também econômicos.

A partir daí, novas oportunidades eram muito bem-vindas pelas autoridades governamentais, para que fosse dada sequência a esse projeto que, em seus primeiros passos, saiu-se, em grande parte, vitorioso, pois, apesar de o selecionado brasileiro não ter conquistado o almejado título de campeão mundial, conseguiu-se o envolvimento de diversos segmentos da sociedade em relação a uma prática que, é bom lembrar, sempre havia sofrido muita discriminação. Portanto, somando esses fatores ao bom desempenho da equipe - reconhecido pela opinião da imprensa internacional, inclusive - como saldo mais positivo se teve o desencadear de uma ainda maior atenção ao esporte. Animaram-se profundamente, nesse sentido, os meios de comunicação, a iniciativa privada e o governo brasileiro, que passaram a investir pesadamente em uma área que, há tempos, caíra no gosto popular.

Nesse processo destacou-se o Estado Novo, que passou a movimentar-se em diversas frentes. Uma delas está relacionada à construção do Estádio Municipal do Pacaembu, em São Paulo, iniciado em 1936 e inaugurado em 1940. Projeto financiado pelo poder público, mediante pressões de parte da imprensa esportiva da cidade e que coincidiu, por sua vez, com a necessidade dos grandes clubes locais, que precisavam de um palco que pudesse absorver o grande público e, assim, obter as lucrativas rendas que os jogos suscitavam. (Cf. NEGREIROS, 1998: 100; FERREIRA, 2008: 55<sup>65</sup>).

Ao mesmo tempo, o Estado passa a intervir na legislação desportiva do país, assim como em vários clubes e entidades. Pelo decreto-lei de 14 de abril de 1941, a CBD tornava-se, definitivamente, a única responsável por todas as modalidades desportivas do país, com empenho especial ao futebol. Por sua vez, cada estado teria uma federação responsável pela administração e pela organização do esporte em todo seu território, a qual os clubes, assim como as ligas amadoras, deveriam se filiar. Em São Paulo, por exemplo, organizou-se a Federação Paulista de Futebol (FPF):

#### AOS CLUBES DE FUTEBOL DO ESTADO DE SÃO PAULO

De acordo com o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de Abril de 1941 e o Decreto-Estadual nº 10.992 de 19 de Fevereiro de 1940, a FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL é do Estado de São Paulo o Órgão de direção de futebol ao qual devem, portanto, vincular-se todas as organizações desse esporte, sem o que não poderão funcionar.

---

<sup>65</sup> FERREIRA, João Fernando. A construção do Pacaembu. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Na Capital, os clubes deverão filiar-se diretamente, enquanto que nos outros municípios, dois ou mais clubes filiar-se-ão a uma Liga de caráter facultativo e de órbita municipal, a qual, por sua vez, se vinculará à Federação.

O CÓDIGO ESPORTIVO do Estado de São Paulo, já devidamente aprovado pelos Órgãos Superiores, prevê a existência do futebol profissional e amador e é através dos respectivos Departamentos, que a Federação regulará todas as atividades dos clubes.

Ainda de acordo com a atual organização esportiva do País, nenhum jogador de futebol poderá exercer essa atividade sem que esteja devidamente registrado na Federação.

Dando cabal cumprimento ao disposto na legislação citada, a FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL vem convocar todos os clubes esportivos do Estado de São Paulo, que praticam o futebol, a promoverem às respectivas filiações e registro dos seus jogadores, *dentro do prazo de 60 dias*, a contar desta data. (...).

Espera, pois, a FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL que todos os clubes do Estado colaborem na organização definitiva do esporte bretão, contribuindo assim para o maior engrandecimento da raça que tem nos esportes a base fundamental do homem de amanhã.

São Paulo, 10 de Abril de 1942. FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL - Dr. Taciano de Oliveira (presidente) e Nelson Fernandes (Tesoureiro) (*A Gazeta Esportiva*, em 13 de abril de 1942, p.12). [caixa alta do próprio texto]

A FPF expedia assim seus primeiros comunicados no sentido de colocar em prática as determinações do governo federal. Evocava o Decreto-Lei nº 3.199 de 1941<sup>66</sup>, que criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), para dizer que, com o aval desse órgão centralizador do Estado Novo na direção dos desportos no país, suas determinações deveriam ser cumpridas por todos que desejassem praticar o futebol no estado de São Paulo - não apenas o profissional, mas o amador também. Percebe-se, portanto, que o universo futebolístico, além da evidente centralização por parte do governo, recebia uma clara hierarquização, administrativa e organizacional, que muito beneficiava os dirigentes das entidades.

Merece destaque o parágrafo final do comunicado que, além de se preocupar em dar ênfase à organização, procura justificar a importância de tal movimento encabeçado pelo Estado. Importância não apenas para um grupo, para uma localidade, mas para a sociedade de modo geral, sugerida pela ênfase na palavra “*raça*”. O poder público, com o apoio de clubes e atletas, ao organizar o futebol e os esportes, estaria contribuindo para o “*engrandecimento da raça*”, um meio para o desenvolvimento da sociedade e do indivíduo, já que seriam os

<sup>66</sup> Lei que além de criar o CND, também é a primeira a se referir à organização dos desportos no Brasil. (Cf. NEGREIROS, 1998: 217)

“*esportes a base fundamental do homem de amanhã*”. Preceitos que, por sua vez, invariavelmente estavam presentes no discurso dos profissionais dedicados à Educação Física do período, que procuravam vincular a prática dos exercícios físicos e dos esportes ao desenvolvimento não apenas do corpo daquele que pratica, mas do próprio corpo da nação como um todo, tanto do ponto de vista físico quanto do moral, de acordo com os padrões da época. (Cf. NEGREIROS, 1998: 116)

Vale notar a insistência em relacionar o futebol à expressão “*esporte bretão*” - ou a qualquer outra característica, sempre vista como positiva, do futebol inglês -, uma tendência que se faz presente neste como em tantos outros documentos daquele e de outros períodos – o que será abordado em outras passagens deste trabalho. Ao utilizá-la, frisa-se que a origem da prática não está relacionada às raízes do que se concebe como cultura brasileira, mas sim ao que se tem por europeu, inglês. Tratava-se de uma busca imprescindível, pois era uma forma de se atribuir ao futebol local uma referência e ligações com a civilização ocidental europeia, considerada modelo exemplar de progresso. O futebol, assim era visto como um elemento que partia de uma cultura tida como superior em relação à brasileira, portanto, ao ser praticado no âmbito interno da nação, tornava-se um meio que serviria de ponte para a busca da almejada equiparação cultural, ou seja, para o progresso.

Assim, pode-se perceber que as preocupações com os esportes não eram pequenas. Costa (2008: 108-109), ao comparar os governos de Getúlio Vargas, no Brasil, e de Juan Perón, na Argentina, e a relação de ambos com o esporte, tece o seguinte comentário:

Assim como Perón, Vargas buscou no esporte um apoio para implementar um novo ideário nacionalista. Apesar de não ter sua imagem tão próxima do esporte como no caso argentino, Getúlio soube utilizá-lo, em especial o futebol, como uma ferramenta política do regime. A utilização pública dos centros de espetáculos esportivos foi uma de suas principais estratégias de aproximação simbólica entre seu governo e a prática esportiva.

Justamente por tal razão, para as mãos de pessoas da confiança do presidente Getúlio Vargas, eram entregues não apenas as chefias das delegações, mas também, o comando das próprias entidades dirigentes do esporte no país:

A aproximação de Vargas com o futebol nos anos 1940 vinha de sua rede de relações familiares e de seus ministros. O melhor exemplo era o Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, irmão de Luiz Aranha, dirigente do Botafogo e presidente de CBD (Confederação Brasileira de Desportos), irmão de Ciro Aranha (presidente do Vasco). Getúlio teria dois membros de

sua família ocupando posto de direção da Federação carioca e paulista. No Rio de Janeiro, seu sobrinho Manoel Vargas Neto e, em São Paulo, seu filho Getúlio Vargas Filho (BRAGA: 2010: 7) <sup>67</sup>.

Fica evidente a demonstração do quanto o governo preocupou-se com os caminhos a serem trilhados pelo esporte e, principalmente pelo futebol. Esse objetivo do Estado acaba por interferir no desenvolvimento dos principais centros futebolísticos do país por toda a década de 1940, inclusive, se fazendo presente na política interna dos clubes. Contudo, embora Helal (1997: 51) <sup>68</sup> considere que:

Se por um lado a criação do CND pode ser vista positivamente ao colocar o futebol como algo relevante aos olhos daqueles que dirigem a nação, por outro lado, o CND era uma entidade governamental não identificada com os clubes, e sua missão era servir os interesses políticos do governo.

Neste trabalho, sem se pretender desqualificar as palavras acima, preferiu-se interpretar a função desse órgão e do próprio governo, afastando-se dessa dualidade. Baseados, no estudo de Negreiros (1998), entende-se aqui que as interferências do órgão surgem diante de um jogo amplo e diverso de diferentes setores, muitos deles clamando pelo envolvimento do próprio Estado; um clamor que, muitas vezes, partia dos próprios grupos ligados aos clubes.

Assim, ao mesmo tempo em que choques entre alguns desses clubes e as ações estatais aconteciam, o futebol se afirmava cada vez mais como um elemento reconhecidamente importante da cultura nacional e que, por consequência, beneficiava também os clubes mais influentes das principais cidades brasileiras, principalmente do eixo Rio-São Paulo, um movimento de ascensão da importância do futebol, que deveria encontrar seu auge em um momento muito aguardado, a IV Copa do Mundo.

Esse certame, imediatamente posterior ao campeonato de 1938, de acordo com a periodicidade acordada pela FIFA e suas filiadas, se realizaria quatro anos depois, ou seja, em 1942. De acordo com o desejo das autoridades brasileiras, que desde a final da Copa realizada na França se mobilizavam nesse sentido, deveria tornar-se sede o Brasil, o que provavelmente

---

<sup>67</sup> O próprio autor complementa: “*Getúlio Vargas Filho ficaria pouco tempo no cargo: morre com 23 anos em 05 de fevereiro de 1943, menos de um mês após ter sido eleito presidente da Federação Paulista de Futebol.*” Ao contrário do sobrinho, Vargas Neto, que ocupará a cúpula dirigente dos esportes no país por toda a década de 1940 e 50. BRAGA, J. L. M. As torcidas uniformizadas (organizadas) de futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940. Revista Esporte e Sociedade. Ano 5, n. 14, mar. Jun/ 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1407.pdf>> Acesso 20 jul. 2010.

<sup>68</sup> HELAL, Ronaldo. Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ocorreria. Empenho não faltou por parte dos dirigentes brasileiros, o que deve somar-se a uma FIFA preocupada com a Europa abalada pelo belicismo cada vez maior daquele momento. (Cf. NEGREIROS 1998: 300)

A eclosão da segunda guerra mundial atrasou os planos do governo brasileiro em quase dez anos e fez com que as Copas do Mundo de 1942 e 1946 fossem canceladas. Sendo assim, os dirigentes do Estado Novo, após se despedirem do poder, em 1945, apenas puderam observar seu sucessor dar continuidade ao antigo projeto.

Os suíços haviam se colocado como possíveis promotores do quarto certame mundial. Porém, no pós-guerra de uma Europa com problemas e, em grande medida, devido à força que o futebol da América do Sul, havia anos, demonstrava, estes tornaram-se fatores decisivos para fazer a FIFA optar por uma mudança no eixo geográfico das Copas - já que as duas últimas haviam sido disputadas na Itália e na França, respectivamente. Por sua vez, os vizinhos sul-americanos não pareciam criar grandes expectativas com essa ideia. Sendo assim, o governo de Eurico Gaspar Dutra, tão seduzido pelo apelo político gerado por grandes eventos quanto foi o de Vargas, manteve as antigas intenções de se submeter ao desafio que, em 1946, ficou finalmente estabelecido: seria de responsabilidade brasileira. (Cf. FRANZINI, 2000: 68)

Se os nazifascistas da década de 1930 lançaram-se como potências do esporte, simultaneamente, o mesmo fizeram os Estados Unidos e depois, principalmente, durante a guerra fria, em que estadunidenses e soviéticos revezavam-se nos pódios olímpicos. Por sua vez, no caso brasileiro, podemos verificar que, se o Estado Novo empenhou-se no sentido de promover o futebol interna e externamente, o mesmo se deu em relação ao governo do período seguinte.

Assim, no período posterior ao Estado Novo, foi levado à frente o já antigo plano de tornar o Brasil sede da quarta Copa do Mundo, que se realizaria finalmente no ano de 1950. Os fatores que moviam as autoridades lideradas agora por Eurico Gaspar Dutra – empossado após eleições diretas no ano de 1946<sup>69</sup> - nessa direção eram semelhantes aos idealizados anteriormente, pois estavam diretamente relacionados às preocupações da própria imagem do governo para com a sua população e, ao mesmo tempo, com os interesses em promover o país na nova conjuntura internacional formada no pós-guerra.

---

<sup>69</sup> Permaneceu no poder até 1951 quando, em outras eleições diretas, volta ao poder Getúlio Vargas.

Sediar a Copa do Mundo era o meio pelo qual se pretendia expor a impressão de um país que, além de organizado, era pujante. Mostrando-se capaz de receber investimentos internacionais, que o fariam industrializar-se e urbanizar-se ainda mais. Ou seja, a intenção era emanar uma ideia de grandeza e força nacional através do espetáculo como um todo, com ênfase na organização do evento, na demonstração de disciplina – por parte dos torcedores e jogadores – durante as partidas que seriam realizadas e na força produtiva do país, materializada no principal de seus monumentos, ainda por ser construído. Circunstâncias que promoveram um esforço que faria surgir, um ano antes do campeonato, o monumental Estádio Municipal do Maracanã.

Explorar o máximo possível de todo o investimento a ser empregado não era apenas ímpeto do governo, mas também era desejo de diversos outros segmentos da sociedade, principalmente dos que, de algum modo, possuíam condições de associarem-se mais diretamente àquele que também era visto como um empreendimento lucrativo. Como se verificou ao longo dos preparativos e durante a própria competição.

Nesse sentido, vale destacar uma notícia veiculada pelo jornal *A Gazeta*, em que com destaque se afirmava, em uma de suas páginas que não tratavam especificamente de esportes (ao lado da coluna *Atividades Científicas*): “*Será conhecido pelos estrangeiros o alto nível industrial atingido pelo Brasil*”. Na ocasião, era informado que “*oitenta e seis ‘borboletas’ de alta precisão, fabricadas inteiramente em São Paulo*” seriam “*instaladas no Estádio Nacional*”. Ao lado da frase, “*orgulha-se a indústria nacional por ter vencido estrangeiros em uma disputa técnica*” e de uma grande foto da indústria mecânica do sr. João Wolfrum, a matéria oferecia maiores detalhes:

Recentemente foi instituída uma concorrência pública para a instalação, no **Estádio Municipal**, no Rio, onde se realizarão os jogos internacionais da Copa do Mundo, de ‘borboletas’ nos portões de entrada, em número de 86. Foram várias as firmas que se apresentaram para a disputa dessa concorrência, algumas delas inglesas e de outras procedências, apresentando modelos dos mais modernos dessas ‘borboletas’, cuja instalação permitirá a observância de rigoroso controle dos ingressos, permitindo um cálculo matemático, de extremo rigor e precisão do número de pessoas que assistirá aos jogos que ali serão realizados. (...)

É diretor do **Estádio Nacional**, onde se realizarão os jogos da Copa do Mundo, o coronel Hildebrando Gomes, figura das mais conhecidas e respeitadas das Forças Armadas, que se incumbiu, igualmente, de examinar as diversas propostas apresentadas para a fabricação e instalação das referidas ‘borboletas’. Após longos estudos e pesquisas, venceu a firma paulista de Taxímetros João Wolfrum, estabelecida à rua Wandenkolk, 236, nesta Capital, fabricante dos já conhecidos taxímetros ‘Capelinha’ e que se

acha aparelhada, nas suas grandes oficinas, a fabricar os mais delicados aparelhos de precisão. (...) (*A Gazeta*, 23 de maio de 1950, p.4). [Grifo nosso]

Vale dizer que o estádio, na apresentação da matéria, leva a alcunha de “*Nacional*”, por vezes, por outras, surge como “*Municipal*”. É a última adjetivação que condiz com a oficialidade, já que ficaram a cargo do governo do Distrito Federal as obrigações da construção. Contudo, percebe-se que não se tratou de um equívoco, pois a idéia que mais estava de acordo com o desejo dos grupos hegemônicos paulistas ao qual o jornal buscava representar, era a de que aquele monumental estádio recém-construído, localizado na cidade do Rio de Janeiro, não poderia deixar de ser também associado a um feito dos brasileiros, logo, também dos paulistas.

Além disso, com matérias como essa, o jornal paulista alardeava, através da Copa do Mundo e do estádio do Maracanã, o quanto não só o Brasil, mas São Paulo gozava de uma situação produtiva que podia rivalizar tecnicamente com empresas de outros países e, claro, com outras dos demais estados vizinhos.

Nitidamente, não apenas o governo federal tinha a intenção de transmitir uma idéia de pujança através da Copa. O poder público do Estado de São Paulo e os grupos que a ele estavam ligados, também desejavam mostrar que sua região estava tornando aquele evento possível, inclusive com relação à própria monumentalidade do Maracanã. As máquinas de “*alta precisão*” que acabavam de ser fabricadas em São Paulo e, através de licitação, ganhavam a concorrência para serem instaladas nos portões do novo estádio, através da reportagem passavam a imagem de que aquele colosso construído no Rio de Janeiro teria o seu bom funcionamento garantido somente através do poder da indústria paulista, já que seus equipamentos ofereciam a precisão e a agilidade necessárias para dar conta da multidão de torcedores que o estádio podia receber. E mais ainda, era a própria demonstração de que, através de São Paulo, existia no país o preparo suficiente para enfrentar as exigências advindas do ideal da modernidade. Não é por acaso que a mesma matéria procura focar o dono da fábrica como um modelo exemplar de cidadão paulista:

Sabedor da finalidade de nossa visita às suas oficinas, o sr. João Wolfrum surpreendeu-se. Limpando a graxa e o óleo das mãos, entregou a tarefa que estava executando a um de seus técnicos ao lado de sua banca de trabalho e declarou, após mostrar sua surpresa pela presença do repórter:

- (...) Sinto-me realmente orgulhoso por ter sido minha firma a escolhida para fabricar e instalar aqueles aparelhos. E não apenas por isso, mas

também porque temos, os brasileiros, oportunidade de mostrar, ao grande número de estrangeiros que acorrerá no Rio para assistir à disputa da Copa do Mundo, nossas imensas possibilidades no campo industrial. (...)

(...) E, fazendo ‘blague’, afirma o sr. Wolfrum: “Vamos para o campeonato mundial com uma vitória já conseguida... a das borboletas.”

A figura mítica do desbravador paulista é evocada através do dono da fábrica de Taxímetros que surge para mostrar o que seria a alta capacidade produtiva do homem de São Paulo. Ele é pego “*de surpresa*”, a impressão que temos é que sua atenção está rigorosamente voltada ao trabalho. Algo que permanece ininterrupto. Mesmo quando por um instante se dirige à reportagem, Wolfrum não se esquece de antes entregar o serviço a um de seus funcionários (técnicos, acima de tudo).

Tal perspectiva mostra que os sentidos atribuídos ao futebol e ao evento da Copa do Mundo eram variados. Para ele e para os interessados no destaque da indústria brasileira, melhor dizendo, de São Paulo, o acontecimento futebolístico já havia contribuído favoravelmente. O jogo em si, a vitória ou não do quadro que representaria os brasileiros na competição, ficava para outro plano. O mais importante era mostrar o que seria uma capacidade produtiva do brasileiro, porém, mais especificamente, era uma forma de afirmar o quanto essa força técnica e financeira eram muito próprias da indústria paulista. Tanto é que se procurou deixar evidente que João Wolfrum poderia se vangloriar de uma importante vitória assegurada antecipadamente, não apenas para ele como empresário, mas para a força produtiva paulista, que assegurava uma vitória de toda nação.

De qualquer forma, cabe-nos destacar que esse universo que há muito mobilizava grande número de adeptos e, tornava-se, cada vez mais uma vitrine para propagandar governos e a situação econômica de uma localidade ou de um país, também abria outros espaços importantes que muito interessavam a pessoas consagradas em outras áreas. Ainda mais às vésperas da Copa do Mundo.

Um bom exemplo, nesse sentido, é o de José Lins do Rego, como mostra Hollanda (2005: 402)<sup>70</sup>:

Foi, entretanto, em 1938, duas décadas antes do êxito nacional na Europa, que o universo futebolístico arrebatou o romancista nordestino. Segundo o

<sup>70</sup> HOLLANDA, B. B. B. Dos Engenhos de açúcar aos campos de futebol: a crônica esportiva de José Lins do Rego. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M. História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. São Paulo: UNICAMP, 2005.

crítico Edilberto Coutinho, durante a III Copa do Mundo de Futebol, na França, transmitida por rádio pela primeira vez e acompanhada com grande alvoroço por milhares de espectadores brasileiros, José Lins do Rego encantou-se por um esporte que até então passava quase despercebido em sua vida. As proezas e os lances de efeito de jogadores como o atacante do Flamengo e grande ídolo nacional, Leônidas da Silva, estreitaram os laços do autor com a comoção popular em torno do futebol e com a magnitude das competições internacionais que se tornavam cada vez mais expressivas. (...)

É nos decênios de 1940 e 1950, quando a publicação das obras ficcionais do escritor nordestino se torna mais intermitente, que reponta a figura de José Lins do Rego como cronista e, em particular, como cronista esportivo.

Como se pode perceber, José Lins do Rego é mais um forte representante de um dos vários setores que vinham, ao longo dos anos que envolveram os preparativos para a Copa de 1950, lutando para tirar o maior proveito possível das oportunidades geradas por aquele momento especial. Tempo de fortes expectativas e de planejamento em relação ao grande evento do futebol.

Ainda em 1946, o reconhecido literato, dirigente flamenguista e, à época, secretário-geral da CBD <sup>71</sup>, em sua coluna diária no *Jornal dos Sports* <sup>72</sup>, escreve uma crônica, cujo título “*Servir ao Flamengo é servir ao Brasil*” já nos dá grande dimensão do que pretendia com aquelas linhas:

(...) Pode o Sr. General Dutra ficar certo que o seu ato, que facilitou ao Flamengo e a outros clubes a construção de praças de esportes, veio ao encontro do povo. E aos devotos e quase místicos do estádio nacional, eu lhes diria que não deixará de haver o estádio nacional, cantado em verso e prosa, mas será o estádio nacional do Flamengo. Porque não há clube que [mais] seja do Brasil, verdadeiramente da nação, do que o Flamengo. Em todos os sentidos, é o Flamengo o clube do povo brasileiro.

E servir ao Flamengo é servir ao Brasil. (*Jornal dos Sports*, 20 de Setembro de 1946)

<sup>71</sup> José Lins do Rego chega ao Rio de Janeiro em 1935. Em 1939, é inscrito como sócio contribuinte do C. R. Flamengo, torna-se secretário-geral do clube em 1942 e, em 1948, sócio proprietário. Entre 1944 e 1946, passa a integrar o CND. Desde 1943, era secretário da CBD, depois, torna-se secretário-geral em 1946, 1949 e 1952. Em 1950, substitui interinamente Mário Pólo e ocupa o cargo de presidente da CBD temporariamente, presidindo também a comissão da FIFA que escolheu os melhores trabalhos de publicidade destinados à Copa do Mundo realizada no Brasil. (Cf. ANTUNES, 2004: 46-51)

<sup>72</sup> A coluna intitulada *Esporte e Vida* foi escrita por José Lins do Rego entre os anos de 1945 e 1957, quando morreu. Foram 12 anos e 1571 crônicas esportivas assinadas por esse autor no *Jornal dos Sports* que, por sua vez, era de propriedade de seu amigo Mário Filho. Uma parte desses escritos foi lançada em livro pela editora José Olympio - que acolheu a José Lins do Rego desde a sua transferência do Nordeste para a capital da República (Cf. HOLLANDA, 2005: 403). As crônicas foram reunidas por Marcos de Castro e publicadas em 2002. Cf. REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

Percebe-se o quanto o governo Dutra era assediado para ir ao encontro dos desejos de alguns dos setores da sociedade, fazendo uso do futebol e de sua grande repercussão. Nesse caso, a medida governamental impulsionava o projeto do C. R. Flamengo e, dessa forma, fazia o cronista expor todo o seu apoio à ação estatal, que contribuía nesse sentido. Situação que, ao mesmo tempo, permitia a José Lins do Rego ironizar as próprias ideias da construção de um estádio público na capital federal. O literato classificava como “*devotos e místicos*” aqueles que viam a necessidade da construção de um estádio para materializar o ideal nacionalista almejado que não fosse condizente com os planos que seu grupo tinha para a mesma ação e que deveria ser encabeçada pelo C. R. Flamengo, seguindo a tese de que aquele era “*o clube do povo brasileiro*”. Segundo Lins do Rego, sua instituição preferida e à qual estava ligado como dirigente, tinha capacidade, por seu apelo popular, de dar conta dos anseios nacionalistas. Contudo, na medida em que o projeto particular rubro-negro não se materializou, no correr dos anos, a posição do cronista e dirigente se modificou, passando, em seguida, a ser mais uma figura de destaque no “*(...) apoio entusiástico da campanha pela construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o futuro Maracanã (...)*”.

(HOLLANDA, 2005: 402)

Esses embates mostram uma trajetória percorrida durante uma década sem Copas que veio a criar um clima de grande expectativa. Evidentemente, não se pode restringir essa ansiedade somente aos que integravam o governo e seu anseio de procurar a aclamação popular através da promoção de grandes eventos. Nem ao envolvimento de dirigentes e cronistas esportivos, ou do senhor João Wolfrum no seu festejo de vitória antecipada através de seus aparelhos para marcar o número de pessoas que iriam prestigiar os jogos no Maracanã. É notório que o futebol foi ganhando mais e mais adeptos, causando cada vez mais entusiasmo em grande parcela da população dos mais diversos setores, durante aqueles anos. Logo, foi gerando forte ansiedade em muitos que viam a possibilidade de fazer parte efetivamente daquele universo que crescia e oferecia poder.

## 1.2. Do campo para a fama: expectativas nos boleiros

A forte expectativa para a realização do evento repercute mesmo anos depois. Aquele clima de antes da Copa de 1950, com o passar do tempo, ainda parece estar presente com força nas memórias de muitos dos que viveram o período, sobretudo no caso dos jogadores.

Nilton Santos, personagem de destaque no futebol profissional, presente nas quatro primeiras Copas do Mundo do pós-guerra - 1950, 54, 58 e 62 - por exemplo, em determinado momento de sua biografia oficial <sup>73</sup> ao se reportar ao ano de 1948, ainda longe de ser conhecido como a *Enciclopédia do futebol* e em seus primeiros treinos no Botafogo F. R., não consegue escapar a uma referência ao futebol que, para aquele momento vivido, parece de total pertinência:

Da arquibancada, o lendário Carlito Rocha que, mais tarde, seria uma figura importantíssima na minha vida no Botafogo, assistia a tudo. Gostou de mim, do meu físico, e, conversando com o Zezé <sup>74</sup>, resolveu que eu ia ficar no clube. Portanto, como presidente, veio conversar comigo:

- E aí rapaz?
- Você é o recomendado do Bento Ribeiro?
- Sou sim senhor.
- Qual a posição que você joga?
- De atacante.
- Você joga com a cabeça?
- O que é jogar com a cabeça, é pensar ou cabecear?
- É cabecear, disse ele.
- Pula aí que eu quero ver.
- Eu pulei.
- Pula de novo.
- Repeti o salto.

- Não, você tem físico de defesa. E é lá que você vai jogar. No dia seguinte, fui colocado por ele na lateral direita. Quando o treino acabou, o 'seu' Carlito me chamou e disse: esqueça o ataque rapaz, na defesa você será campeão carioca, brasileiro, sul-americano e mundial.

Na hora, achei um certo exagero dele ou, quem sabe, estava só querendo me incentivar. Mas, não sei se o homem era profeta ou coisa parecida. Só sei que ele acertou em cheio. (SANTOS, 1999: 12)

<sup>73</sup> Ver: SANTOS, Nilton. Minha bola, minha vida. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

<sup>74</sup> Alfredo Moreira Jr., mais conhecido como Zezé Moreira. Foi ex-jogador de futebol e técnico de vários clubes e da Seleção Brasileira. Esteve presente na Copa do Mundo de 1954.

Carlito Rocha, que já havia participado do segundo campeonato mundial de futebol <sup>75</sup>, e que se dedicava à presidência do Botafogo F. R. naquele momento, sem dúvida, respirava a fundo aquela atmosfera pré-Copa. E Nilton Santos, ainda um garoto em início de carreira, iria descobrir em curto prazo de tempo, o quanto faziam todo o sentido as palavras que ouvira do experiente *procer* <sup>76</sup>. Tanto que, um ano depois, ainda em 1949, foi convocado pela primeira vez para a Seleção Brasileira, disputando o campeonato sul-americano e, já em 1950, fez parte do elenco que participou do certame mundial <sup>77</sup>.

A atenção de Carlito Rocha demonstra a preocupação de um dirigente da época que tanto pensava em fazer seu clube ganhar títulos quanto sabia da importância de ter no elenco um jogador com grande potencial. À medida que atraía atenções, mais era valorizado o atleta e, sobretudo, o clube e a federação a qual estava atrelado. Algo que não foge às regras atuais do futebol. E se assim o era, o que pensar do quanto significava para um atleta ganhar reconhecimento, ainda mais internacional? Qual o reflexo na carreira dos que não puderam vivenciar uma oportunidade como viveu Leônidas da Silva, tido como herói da Copa de 1938, ou como estava por viver Nilton Santos, a partir de 1950?

Os anos 1940, a década sem Copas, adiou a possibilidade de realização desses eventos futebolísticos intercontinentais e causou prejuízos à carreira de jogadores que tiveram sua trajetória profissional percorrida paralelamente a esse período de interstício. Ainda mais, se somar tal situação ao fato de quanto é raro, mesmo nos dias de hoje, um jogador de futebol conseguir estender sua carreira profissional de sucesso por duas décadas.

Logo, é de se supor que a Copa de 1950 deveria ser algo ansiosamente esperada por uma geração de jogadores de futebol no Brasil, principalmente, para aqueles que se destacavam entre seus pares. Profissionais, que, apesar de suas conquistas, viram-se, naquele tempo de conflitos internacionais impossibilitados de alcançar maiores voos dentro da profissão.

---

<sup>75</sup> Carlos Martins da Rocha, o popular Carlito, teve sua trajetória de jogador de futebol e dirigente, integralmente, ligada ao Botafogo F. R.. Em 1934, fez parte do selecionado brasileiro como delegado e árbitro daquela Copa do Mundo (Cf. DUARTE, 1987: 58). Na visão de Thomaz Mazzoni, Carlito Rocha era a “*alma orientadora da delegação*”, pois era “*o mais intransigente defensor da CBD*” (MAZZONI, 1950: 248). Por extensão, um dos mais atuantes na defesa da continuidade do amadorismo no futebol brasileiro - questão já mencionada neste trabalho.

<sup>76</sup> Termo utilizado pelos jogadores profissionais para se referir ao dirigente de futebol, também chamados de *paredro* (CASTRO, 1992: 59).

<sup>77</sup> Ao encerrar sua vitoriosa carreira, Nilton Santos contava com a participação em quatro Copas do Mundo. Além da participação no mundial de 1954, conquistou dois títulos de campeão, 1958 e 1962, e o vice-campeonato de 1950.

Para maior reflexão sobre algumas das expectativas geradas em torno do universo daqueles atletas profissionais, dos círculos de maior destaque do futebol brasileiro, vale dar atenção à memória de um famoso jogador, talvez o caso mais emblemático de toda essa geração:

(...) eu nasci a 14 de setembro de 1921 no município de São Gonçalo, num bairro chamado Paiva. Era a casa onde eu morava, era a casa do meu pai. Meu pai era presidente de um clube, porque ele foi jogador de futebol, ele adorava futebol, inclusive fez um clube com seus amigos lá do Paiva, chamado Carioca, e ele era presidente desse clube. De maneira que já nasci tropeçando em bola, com troféu de futebol <sup>78</sup>.

As lembranças acima citadas nos remetem a um subúrbio do estado do Rio de Janeiro, a uma criança que nasce em meio ao futebol praticado em família e em comunidade. O clube Carioca não estava ligado aos campeonatos mais reconhecidos, aos disputados pelos chamados grandes clubes do município vizinho, o Distrito Federal na época. Portanto, não enfrentava o Fluminense Foot-ball Club, o Clube de Regatas do Flamengo, o Clube de Regatas Vasco da Gama ou o Botafogo de Futebol e Regatas. Mas, era o “*Carioca*”. Mais uma entre tantas outras associações que se dedicavam ao universo futebolístico. Era parte do futebol classificado como varzeano; um futebol que ofereceu, e ainda oferece, a sua decisiva parcela de contribuição para o desenvolvimento da prática e do interesse pelo esporte em diversas regiões do país (Cf. DAMO, 2005: 51) <sup>79</sup>.

As reminiscências aqui trazidas demonstram o quanto esse futebol era entendido como assunto a ser levado a sério por seus envolvidos: “*Meu pai era presidente de um clube, porque ele foi jogador de futebol, ele adorava futebol*”. Referência ao futebol de várzea que traz posições hierárquicas respeitadas, funções definidas entre seus membros, e que, como não podia deixar de ser - já que é próprio de todo esporte - atribui ênfase à competitividade:

De maneira que já nasci tropeçando em bola, com troféu de futebol. Tinha até um troféu que eu tinha vontade de ter carregado comigo. Era do Grêmio General Francês, ficou lá em casa e desapareceu. Nunca mais vi.

<sup>78</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 16 de Agosto de 2001, por Paula Ribeiro e José Santos Matos. Referente ao projeto *Museu do Flamengo*.

<sup>79</sup> DAMO, A. S. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

O cargo da presidência do clube de futebol do bairro ocupado por um ex-jogador, os troféus que eram os símbolos das almeçadas conquistas, são dados presentes nas reminiscências daquele futebol praticado no subúrbio carioca dos anos 1920. Ao mesmo tempo, palavras que podem nos fazer entender que esse futebol ao qual estamos nos referindo, mesmo longe do grande foco das atenções para com o esporte, tratava-se – e talvez continue em grande parte assim - de uma prática que era encarada com rigor por quem organiza, administra, torce e joga. E, no caso aqui trazido, essa responsabilidade ganha dimensões maiores ainda, até como herança familiar, que deveria ser desenvolvido em respeito a um ente querido:

Eu só cheguei a jogar futebol por ele [o pai]. Eu achava que eu tinha uma dívida com ele e em cada progresso que eu tinha, dizia: ‘Eu vou chegar lá. Eu vou ser um bom jogador de futebol’. Mesmo depois da morte dele, acho que ainda eu batia uns papos com ele. Eu pensava nele: ‘Eu vou ser um bom jogador de futebol’.

Palavras fortes, rememoradas por um senhor prestes a completar oitenta anos de vida. Lembranças de uma promessa feita à memória do pai que, pode-se dizer, foi cumprida, já que se recorre aqui às memórias de um renomado jogador de futebol: Tomaz José da Silva. Mais conhecido como Zizinho:

Eu era Tomazinho. Meu nome também era Tomaz, então era Tomás e Tomazinho. Depois veio Zinho, depois Zizinho. Todos meus irmãos tinham a letra “Z”, Zélia, Zilda, Zalmir, eram todos “Z” e eu acabei Zizinho.

Para imprensa, torcedores, e tantos outros envolvidos com o futebol, um apelido carinhoso, familiar, que diante das apresentações em campo merecia um complemento, assim, Zizinho passa também a ser conhecido como Mestre Ziza<sup>80</sup>. Um título conquistado no decorrer da sua carreira profissional e que, em muito, era fruto da frequência constante, ainda em sua juventude, dos espaços para a prática do esporte no bairro e arredores onde nasceu e cresceu:

No Paiva tinha três campos. Tinha o campo do Carioca, o campo do América e um outro campo que a gente jogava lá, que era bom. Mais em frente tinha a Vila Lages, tinha o campo do Coruja, tinha o campo do Flamengo. Do outro

---

<sup>80</sup> Segundo o próprio Zizinho, o codinome foi criado pelo famoso locutor esportivo Oduvaldo Cozzi, que, por sua vez, iniciou a carreira ainda no final da década de 1930, em Porto Alegre, e nas décadas de 1940, 50 e 60 atuou no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.museudatv.com.br/biografias/Oduvaldo%20Cozzi.htm>>. Acesso 01 set. 2010.

lado tinha o campo do Flamenguinho, do outro lado tinha o campo do Neves. Do outro lado tinha o campo do Capela. Um pouco mais distante tinha o campo do Esporte Clube Brasil. Tinha uns 10 campos em volta da minha casa. Podia pegar uma bola e cair em qualquer um deles pra jogar uma pelada. Desde que não fosse no domingo, que estavam todos em atividade. Mas dia de semana não. Estava tudo livre. Eu tinha bola em casa, então eu tinha tudo. Estava tudo dentro de casa. Era muito gostoso.

Entorno abarrotado de campos de futebol. Infância vivida nos decênios de 1920 e 1930, em um bairro suburbano que permitia o “*gostoso*” brincar de uma criança que, com uma bola, tinha a impressão de ter tudo. Essa juventude repleta de espaços para brincar - que, sem dúvida, também devem ser considerados espaços de aprender <sup>81</sup> - foi o que tornou possível a história do profissional Zinho. Esta foi a sua escola:

Eu só não joguei em duas posições. No gol não queria porque tinha medo da bola. Não gostava. E não gostava de jogar na ponta, porque a bola custava muito a chegar na ponta. E eu não tinha muita paciência pra estar esperando a bola naquele canto do campo. Então, dessas posições eu não gostava de jogar. Mas jogava. Quando a gente começa a jogar pelada, joga de beque, joga de lateral, joga de meio-de-campo. A gente aprende a jogar em todas elas. Na hora que sobra um jogador ou falta um jogador a gente pode cair lá e dá conta do recado. Não é assim jogando de meia-direita fixo. Era a minha posição naturalmente. Mas o pessoal está afim de qualquer lugar. Mesmo no Flamengo, eu ganhei uma partida de lateral direito, naquele ano. Já sendo titular, mas fui o lateral em Minas Gerais. Aquele tempo era o Pichincha, que foi expulso de campo e eu entrei, e o Flávio <sup>82</sup> me botou lá de lateral direito. Não tinha diferença não. Eu sabia jogar nas posições.

Experiências “*peladeiro*”, de jovem iniciante no meio do futebol, que não escolhe posição no campo, que aceita tudo por um lugar no time e que, dessa forma, “*aprende a jogar em todas elas*”. Experiências que não apenas podem oferecer a oportunidade de aprender a desempenhar bem diversas funções dentro de um campo de futebol, mas também a possibilidade de criar condições para que se aprenda a lidar com outras questões, como estar disposto a encarar desafios, a aproveitar oportunidades e a lidar com certos empecilhos.

---

<sup>81</sup> Essa divisão no futebol praticado nas comunidades, em campos de terra principalmente, que Zinho traz em suas reminiscências, como o momento das “*peladas*” e o dos jogos mais sérios, é também trazido por alguns estudiosos: “*Entre os profissionais frustrados, incluindo os que apenas sonharam e os que tentaram, com maior ou menor êxito, realizar este sonho, a tendência é a valorização dos times uniformizados, calçados e que participam de competições no circuito local, em detrimento dos peladeiros por excelência; dos que, por uma razão ou por outra, estão à margem do verdadeiro jogo, daquele que não se limita a um fim em si mesmo.*” (DAMO: 1995: 51).

<sup>82</sup> Flávio Costa era o técnico do C.R. Flamengo e o comandante da Seleção Brasileira, inclusive, durante a Copa do Mundo de 1950.

Vale ressaltar que, na várzea, nas palavras de Mestre Ziza, não se realizavam apenas “*peladas*” descompromissadas: “*Tinha uns 10 campos em volta da minha casa. Podia pegar uma bola e cair em qualquer um deles pra jogar uma pelada. Desde que não fosse no domingo, que estavam todos em atividade.*” De acordo com a experiência do ex-jogador é nítido que a seriedade dos campeonatos de sua região também o influenciou. E não apenas no que envolvia sua relação paterna e a sua escolha e empenho na profissão. Ele, não por acaso, lembra que havia um dia na semana que os campos estavam em “*atividade*”, e era nesse dia em que os troféus, como aqueles que ele diz ter tropeçado na infância, eram disputados.

Dessa forma, após a contribuição que o futebol, a família e a comunidade lhe ofereceram, Zizinho, procurou e encontrou muito cedo a oportunidade para seu desenvolvimento profissional dentro do universo da bola:

E foi assim que eu fui chegando, subindo, até chegar ao Flamengo naturalmente em 1939. Entrei no Flamengo, eu tinha 17 anos e jogava na seleção de Niterói. Uma porção de craques já tinham atividades, já vinham de volta do Rio de Janeiro como Curto, Clóvis, pai do Gerson. Que foi um excelente jogador de Futebol. Aprendi muito com eles. Lá foi a minha escola. Quando cheguei no Flamengo, foi só me preparar fisicamente. Eu estava Prontinho.

Ainda muito jovem, em 1939, Zizinho conseguiu espaço como atleta profissional em um dos principais clubes do país. Mais ainda, em pouquíssimo tempo tornou-se titular do time principal. Um grande feito, sem dúvida. Feito que se tornou possível, tudo indica, pela forte influência da várzea, já que ao chegar ao time profissional do C. R. Flamengo, o craque reconheceu que, apesar da pouca idade, estava “*prontinho*”, em outras palavras, preparado para encarar o desafio, em seus recém completados 18 anos de idade.

Justamente por isso, seu caso é bastante significativo levando-se em conta os anos de expectativa gerada em torno da Copa do Mundo de 1950. Expectativa que, evidentemente, trazia ansiedade, pelo simples fato de ser o primeiro campeonato mundial de futebol a ser realizado no Brasil, mas que se potencializava pela falta registrada nos últimos anos de jogos internacionais do porte do que houvera em 1938, na França. A ascensão rápida do garoto Zizinho, que, dos campos suburbanos, imediatamente encontrou espaço entre ídolos do futebol brasileiro, coincide exatamente com os anos sem Copas:

No período da guerra... Eu cheguei no Flamengo em 39. A guerra estourou em 40. Eu, por exemplo. Quando eu cheguei no Flamengo, tinha três jogadores que tinham jogado no último campeonato do mundo e jogavam no

Flamengo. Eram o Walter Goulart, o Domingos da Guia e o Leônidas<sup>83</sup>. Eles falavam da França todo dia. Mais o Leônidas, que era um papagaio. O Da Guia era mais tranquilo. O Leônidas falava na França, na beleza de Paris. E a gente ficava com a boca cheia d'água.

As reminiscências do craque dão mostras do quanto sua carreira foi afetada, em grande parte, por ter se desenvolvido concomitantemente à Segunda Guerra Mundial. Zizinho, assim, oferece uma boa dimensão do quanto deve ter sido angustiante para alguns dos principais jogadores do futebol profissional o instante em que as competições intercontinentais foram interrompidas, devido ao momento beligerante.

Mesmo quando era um jovem jogador, sem dúvida Zizinho já possuía consciência de seu grande potencial. Precocemente torna-se profissional em um dos clubes de maior repercussão no cenário nacional, fato que logo se somou à grande notoriedade que vinha ganhando em suas belas participações nos campeonatos do início da década de 1940<sup>84</sup>. A repercussão de suas jogadas pelo C. R. Flamengo rapidamente o levariam à Seleção Brasileira. Para ele, portanto, era uma perda lamentável a falta de jogos internacionais, principalmente a falta de partidas em gramados europeus.

Além de saber do seu próprio potencial, a dimensão da impossibilidade de estender as fronteiras de seu futebol por ele era percebida pelo fato de conviver com colegas que já tinham sentido na pele o que significava jogar na Europa. Através do futebol, principalmente através da oportunidade de 1938, aqueles companheiros mais experientes podiam falar das *“belezas de Paris”* e, além disso, colhiam na área profissional os frutos advindos dessa oportunidade. Destacavam-se, ainda mais, revestindo seus currículos de boleiros profissionais com dados que os outros, como Zizinho, ainda não podiam ter vivido – em uma atividade que havia sido reconhecida como profissão recentemente, em 1933, e que acabava de ser institucionalizada pelo governo do país, em inícios da década de 1940.

Além disso, esse era um momento em que falar sobre a França representava muito, para quem nasceu e cresceu em um Rio de Janeiro dos anos 1920. *“Eles falavam da França todo dia. (...) O Leônidas falava na França, na beleza de Paris. E a gente ficava com*

---

<sup>83</sup> Walter Goulart, além de goleiro do C. R. Flamengo, esteve presente na Copa do Mundo de 1938 revezando-se na titularidade da posição com Batatais – na época, goleiro do Fluminense F. C.. Leônidas e Domingos da Guia terão suas carreiras melhor abordadas nas próximas páginas.

<sup>84</sup> Participou efetivamente do tricampeonato estadual do C. R. Flamengo nos anos de 1942/43/44. Uma das principais conquistas da história do clube.

*a boca cheia d'água.*” Dessa forma, Zizinho deixa transparecer o desejo de muitos de uma época, não só de jogadores de futebol.

O Distrito Federal, nas primeiras décadas do século XX, havia se tornado o maior centro cosmopolita do país. Vivia uma intensa penetração do capital estrangeiro em sua economia que em muito crescia, ao mesmo tempo em que uma profunda mudança dos modos de consumo transformava os hábitos de sua população. Conseqüentemente, a aura de elegância, de sociedade exemplar que possuía a Europa, principalmente a França, importante fornecedora dos produtos desse novo consumismo carioca, provocava fortíssima influência sobre uma sociedade que, sobretudo em seus grupos mais elitistas, procurava aproximar-se da cultura que aqui havia se idealizado como francesa e, mais especificamente, parisiense (Cf. SEVCENKO, 1989: 25-30) <sup>85</sup>.

Alguns jogadores que já haviam passado pela oportunidade de viajar com suas equipes ou de obter ganhos financeiros significativos com o futebol, procuravam demonstrar de alguma forma o quanto podiam fazer parte desse ideal elitista. Contudo, na grande maioria das vezes, tratava-se de pessoas de uma origem social mais humilde; logo, a efetiva participação entre essa camada privilegiada ficava muito mais no nível do discurso, pois não era fácil tornar-se pertencente a esses restritos grupos da elite carioca e, no caso dos jogadores de futebol, como disse o sociólogo Anatol Rosenfeld (2000: 98) <sup>86</sup>, - em publicação que data de 1956 - o prestígio adquirido através do sucesso nos gramados ficava apenas no plano econômico, não no social.

Diante da influência cultural do Rio de Janeiro sobre o país, as reminiscências de Zizinho também remetem a vontades mais ligadas ao seu próprio universo de boleiro profissional, sonhos que ficavam restritos a uma parcela diminuta da população, que estava longe de ser considerada elite e que não apenas se engajava no futebol, mas adquiria grande notoriedade, a partir do reconhecimento de sua capacidade no desenvolvimento da profissão.

A “*boca cheia d'água*” de Mestre Ziza, parece ser o salivar de uma criança que tinha o doce à sua frente, sentia seu cheiro, via suas cores, imaginava seu gosto, mas não podia saboreá-lo. Não era para menos, ele tinha três participantes da terceira Copa do Mundo como companheiros de equipe, colegas de profissão que já o tratavam como par. Além disso,

---

<sup>85</sup> SEVCENKO, N. Literatura como missão. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>86</sup> ROSENFELD, A. H. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva, 2000.

passou desde os primeiros anos de sua carreira profissional a fazer parte da Seleção Brasileira<sup>87</sup>. Seu destaque como jogador era vertiginoso, porém essas conquistas parecem ter deixado Zizinho ainda mais “aguado”, já que suas participações em jogos internacionais, por seu clube ou pela Seleção, eram modestas se comparadas às dos seus colegas, craques de outros tempos:

(...) E não podia sair da América do Sul. Quando nós fomos pra Argentina, tivemos que apagar as luzes do navio, que era de noite quando o navio voltava. Apagar pra um submarino não botar o navio abaixo. Depois nós passamos só a ir pro Uruguai, depois ir pra Argentina, do Uruguai. Pegava aquele... uma lancha grande que fazia a viagem pra Buenos Aires.

Os riscos advindos da guerra limitavam as experiências internacionais do futebol brasileiro que, naquele momento, resumia-se a confrontos com seus vizinhos, principalmente os mais próximos, ou seja, os da Bacia do Plata. Sonhos restritos de um jovem promissor, de um esporte que já se mostrava como uma modalidade de efetivo sucesso mundial e que, ao que tudo indicava, poderia abrir mais portas dentro da profissão, o caminho para as sonhadas terras europeias.

O craque, em seu depoimento, deixa perceber o quanto foi representante de uma geração de jogadores que ficaram restritos, não apenas às rivalidades locais, mas a um alcance menor em relação ao nível que atingira a carreira de seus companheiros mais velhos, com destaque para os colegas de clube, Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

Jogadores que, não obstante, diferenças surgem em suas memórias, com fortes referências às suas exímias capacidades na profissão, o que pode ser observado nas palavras abaixo, quando Mestre Ziza lembra-se de um belo gol que ele próprio marcou, logo no começo de sua carreira; um gol de bicicleta, jogada que foi consagrada por Leônidas da Silva:

Não pode ser comparado não. O meu é quase um velocípede. (risos) O dele subia quase da altura da trave. Eu nunca vi ninguém dar bicicleta da altura que ele dava. Subia assim... Ia lá em cima. Aí eu dei um velocípede perto dele e o jornalista disse que eu tinha tido muita coragem de dar uma bicicleta na frente do Leônidas. Eu não estava nem vendo ele. Não tomava conhecimento dele. Se eu tomasse conhecimento dele eu não ia conseguir jogar porque ele ofendia todo mundo. (...) Como centroavante, não teve ninguém no mundo igual. Nunca vi ninguém como o Da Guia também. Pra

---

<sup>87</sup> Zizinho estreia na Seleção Brasileira em 18 de janeiro de 1942, durante o XIV Campeonato Sul-Americano.

mim foram os dois maiores jogadores do mundo, os brasileiros que o Flamengo teve. (...)

Jogadores de altíssima qualidade técnica e que viram sua fama passar por um profundo processo de transformação, após o marcante 1938, como já dissemos. Uma situação que contribui, em muito, para que Zizinho, anos depois, continuasse a realizar um exercício de comparação entre ele e tais companheiros de uma geração passada:

O Leônidas falou tanto da Europa, que o sonho da gente era jogar na Europa. Aí estourou a guerra e a Europa ficou toda destruída. A primeira vez que eu fui à Europa foi em 1951 tinha passado 12 anos. Assim, foram dois campeonatos do mundo que eu não joguei. Automaticamente... Teve um campeonato em 38, seria 42 e 46. E eu passei dois campeonatos do mundo em branco. Fui jogar em 50.

Zizinho parece querer mostrar o quanto ele podia também ter vivido, devido a sua capacidade técnica, o que os dois outros craques viajados de uma geração anterior viveram. Esse era um sentimento angustiante, uma década de invisibilidade, no que se refere ao plano intercontinental para um jogador do seu nível. Logo, não é por mero acaso que ele faz questão de ressaltar que, somente em 1951, em uma excursão, quando já era atleta do Bangu Atlético Clube - fazendo parte de um combinado entre seu clube e o do São Paulo F.C. - que pôde sentir essa sensação. Inclusive, ganhando também reconhecimento da imprensa europeia naquele momento, como relata com mais detalhes em sua biografia oficial <sup>88</sup>:

Partimos de Munique para Viena, onde íamos enfrentar o campeão austríaco, um clube que levava o nome do país, o Áustria. Os jornais de Viena criaram um duelo entre mim e o centromédio Orwick com o título: 'O maior centromédio da Europa contra o melhor meia do mundo' (SILVA, 1985: 114) <sup>89</sup>.

Ao jovem jogador, e aos demais daquela geração, que se viram alijados das oportunidades dos companheiros mais velhos ainda em atividade, surgia a Copa do Mundo de 1950. Um torneio que seria realizado no próprio território brasileiro, portanto, de certa forma um fator a ser encarado positivamente por aqueles que seriam selecionados para atuar, pois,

<sup>88</sup> SILVA, Thomas Soares da. Zizinho: o mestre Ziza. Rio de Janeiro: Secretaria do Esporte e Lazer, 1985.

<sup>89</sup> Nessa mesma biografia, Zizinho chama a atenção para os conflitos existentes entre ele, além de outros jogadores e Leônidas da Silva que era o técnico do São Paulo F.C. e, na ocasião da excursão, o comandante principal da equipe que surgiu do combinado (Cf. SILVA, 1985: 110-121).

normalmente, se concebe que essa condição traz certa vantagem para o bom desempenho em campo. Por outro lado, poderia ser esse um motivo de maior pressão, maiores exigências pela vitória ou maiores questionamentos em caso de derrota. Contudo, o que era certo, naquele momento de expectativas, é que a maior delas girava em torno de finalmente os jogadores de destaque no âmbito regional poderem vislumbrar a repercussão internacional tão esperada.

No entanto, como se verifica mais adiante, o final da tão sonhada Copa, produziu efeitos diferentes do esperado. O resultado obtido fez surgirem sérios percalços, que mais contribuíram para criar entraves na carreira dos escolhidos para envergar as camisas cebedinas, do que propriamente para expandi-las. É o que se pode observar nos próximos capítulos deste trabalho. Contudo, vale destacar, por enquanto, a atenção que se deu ao evento por parte dos dirigentes políticos do futebol e do Estado que, como os jogadores profissionais da época, também ansiavam pela realização do grande evento em território brasileiro.

### **1.3. A maior das metas: a organização**

Em 1948, finalmente, a FIFA atendeu às antigas solicitações dos dirigentes brasileiros e, assim, o país foi oficialmente confirmado como sede do campeonato mundial de futebol a se realizar em 1950<sup>90</sup>. Um desejo que vinha de longe, como já foi sublinhado, mas que, ao se concretizar, ainda não tinha um planejamento definido. Apenas se tinha como certo que, de acordo com o que já se tinha observado externamente, através do empenho de governos na promoção dos eventos anteriores, e, no plano interno, da evidente força de repercussão que o futebol possuía, se deveria conceber um grande evento, assim como um grande palco para os principais jogos do certame.

Assim, enquanto os estádios das demais cidades-sede<sup>91</sup>, inclusive o estádio do Pacaembu, em São Paulo, passavam por ajustes para receber jogos de cunho secundário, a autoridade maior da República, na figura do presidente Eurico Gaspar Dutra, em conjunto

---

<sup>90</sup> Inicialmente previsto para 1949, segundo Franzini (2010: 246) e Franco Jr. (2007: 87)

<sup>91</sup> As cidades-sedes da Copa do Mundo de 1950 e seus respectivos estádios: Rio de Janeiro – Maracanã; Belo Horizonte – Independência; São Paulo – Pacaembu; Porto Alegre – Eucaliptos; Curitiba – Durival Brito e Silva; e, Recife – Ilha do Retiro.

com outras bastante interessadas, entre elas, sobretudo a cidade do Rio de Janeiro e seu prefeito, Ângelo Mendes de Moraes,<sup>92</sup> e em conjunto com setores da imprensa carioca – especialmente ligada ao Jornal dos Sports, sob a liderança de Mário Filho - entre outras medidas, ocuparam-se da mobilização no sentido de promover a construção de um grandioso estádio (Cf. FRANZINI, 2010: 249-253). Dessa forma, a organização do evento como um todo, materializado na monumentalidade do Maracanã, a ser erguido na capital federal, seria a maneira de mostrar, não apenas para a população em geral, mas para o mundo do pós-guerra, o quanto a nação brasileira, apesar da diversidade, através do futebol se congregava em um mesmo ideal e, ainda, a partir dessa união, se desenvolvia (Cf. MOURA, 1998: 12).

Trava-se de um projeto nacionalista, herdado do Estado Novo que, devido à Segunda Guerra Mundial, apenas naquele momento era colocado em prática. Buscava-se transmitir uma imagem positiva a respeito do Brasil. Um evento dessa magnitude trazia a possibilidade de divulgar o país internacionalmente. Deveria ser apresentado, o Estado brasileiro, como uma nação que se desenvolvia e que podia ser equiparado aos países tidos como mais civilizados do mundo. Nesse sentido, a construção do Maracanã era o principal meio para a conquista desse desejo, mas não o único.

Outras regiões também se movimentavam, as autoridades locais também pressionavam e eram pressionadas internamente para que estivessem presentes naquele primeiro evento de magnitude internacional, que se realizava no território brasileiro. Era um acontecimento encarado como a primeira grande oportunidade de apresentar às demais nações, não apenas o país, mas determinadas regiões, principalmente aos olhares do ocidente industrializado.

Assim, por volta de um mês antes do início da Copa do Mundo, a preocupação com relação à apresentação da capital paulista aos estrangeiros ganhava maior importância. A *Gazeta*, na última folha de sua edição - espaço reservado justamente para notícias que procuravam chamar mais a atenção dos transeuntes que passavam ao lado das bancas de jornal – tecia fortes críticas à administração pública da cidade, que estava sob o comando de Lineu Prestes, especificamente sobre as “*obras eternas da prefeitura*”.

---

<sup>92</sup> Membro do exército promovido a general-de-divisão em agosto de 1946 e em junho do ano seguinte foi nomeado prefeito do Distrito Federal pelo general Eurico Gaspar Dutra. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/angelo\\_mendes\\_de\\_morais](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/angelo_mendes_de_morais)> Acesso 02 Set. 2010.

Na matéria destacava-se: “*S. Paulo parece uma cidade bombardeada!*”, mas, o que mais chama a atenção, está na preocupação em se direcionar o discurso às impressões de supostos visitantes que, ao percorrerem a cidade, se surpreendiam com aquela situação. O apelo, nesse sentido, recaía sobre um turista estadunidense que estaria visitando a cidade e perplexo perguntava: “*What? Has S. Paulo deem bombed, too?*”. Em seguida, explicava-se o porquê da indignação do visitante: “*Nem mesmo as cidades atingidas pelos aviões de bombardeio durante a guerra sofreram tanto. E quase todas estão reconstruídas*” (*A Gazeta*, 22 de maio de 1950, p. 20).

Matérias publicadas referentes a reclamações sobre os problemas de urbanização de São Paulo, principalmente por parte de *A Gazeta*, não eram novidade. Porém, o modo com que a narrativa foi construída evidenciava que, daquela vez, não apenas o morador da cidade sofria com a situação, o turista estrangeiro também, um elemento alienígena que, por sua vez, levaria as impressões do que via para sua terra de origem. Através da imprensa eram denunciados casos que, como esse, contradizia o que deveria ser o objetivo das autoridades de todas as cidades-sede envolvidas no evento, ou seja, de se transmitir a imagem de uma nação ou, nesse caso, de uma cidade progressista, que estivesse de acordo com os ideais urbanísticos contemporâneos, seja construindo o maior estádio do mundo – como no caso do Rio de Janeiro - ou oferecendo cidades bem estruturadas.

Para cumprir tal meta, a população das cidades envolvidas também deveria contribuir e a imprensa também destinava espaços para matérias desse cunho, como se podia verificar nos jornais da cidade de Curitiba:

Os principais editoriais tendiam a apresentar um discurso cívico simpático à realização do evento. Tais matérias conclamavam os paranaenses a comparecer ao estádio, e mais, orientavam os torcedores a manifestarem comportamentos civilizados – aplausos, cordialidade, respeito aos estrangeiros e incentivos incondicionais – coibindo, portanto, as vaias, a utilização de artefatos explosivos, ou quaisquer manifestações impróprias ao espetáculo. Os referidos procedimentos, de acordo com a imprensa local, elevariam o nome do estado do Paraná a mais alta esfera de respeito e admiração. Assim, o Brasil e o mundo tomariam conhecimento dessa qualidade inerente ao povo paranaense. A realização da Copa era considerada como uma oportunidade única de difundir estes aspectos da cultura local. (LISE, et al., 2010: 6)<sup>93</sup>

<sup>93</sup> LISE; MOSKO; SANTOS; CAPRARO. Copa do Mundo de 1950: a imprensa e os jogos realizados em Curitiba. In: Revista Esporte e Sociedade. Ano 5, nº 14, mar. 2010/jun. 2010.

O objetivo maior de tal campanha era mostrar uma nação com capacidade de organização e possuidora das características necessárias para ser considerada como civilizada, conseqüentemente, de acordo com as abordagens da época, o país sul-americano poderia ficar cada vez mais próximo dos ideais eurocêntricos, que era o fator almejado.

Para isso, era preciso que o próprio campeonato mundial de futebol em que se disputava a Taça Jules Rimet, fosse revestido de grande credibilidade. Uma ação nesse sentido se fazia necessária, pois o evento fora abalado profundamente pelos longos anos da Segunda Guerra e pelas desavenças entre sul-americanos e europeus que, no plano dos confrontos futebolísticos, já rivalizavam em busca da hegemonia da prática desde os primeiros anos do século XX<sup>94</sup>.

Uma meta que evidentemente era a pretendida pela FIFA, que tem em sua - muito própria - razão de existir a busca pela unidade internacional<sup>95</sup>. Motivações em comum que fizeram com que o órgão máximo do futebol se tornasse, desde o início, um grande aliado das autoridades brasileiras envolvidas na organização do campeonato mundial de 1950.

O governo da República, por intermédio de sua diplomacia, em parceria com os dirigentes ligados à CBD, demonstrou grande empenho na realização do evento. Preocuparam-se em convencer algumas nações estrangeiras que relutavam em participar, fosse pela insistência na formulação de convites ou pela elaboração de modelos de disputa mais atraentes, promessas de cômoda estadia para as seleções estrangeiras, de grandes arrecadações e possibilidade de ganho para todos, de árbitros de boa reputação, entre outros fatores.

Para o campeonato realmente ser considerado mundial, era preciso contar não apenas com a simples presença de diferentes seleções nacionais. Havia, também, a necessidade de que rumassem para o Brasil as equipes representantes dos países considerados como os principais praticantes do futebol, principalmente, os do continente europeu. Contudo, muitas dessas federações tenderam a desistência e, entre outros fatores, naquele momento, a distância surgia como o principal argumento para justificarem suas respectivas ausências.

---

<sup>94</sup> Em 1916, foi criada a Confederación Sudamericana de Fútbol, a Conmebol, “aproximadamente quarenta anos antes de uma confederação similar na Europa” (MURRAY, 2000: 60).

<sup>95</sup> “Em 1904, foi criado na Europa um órgão dirigente para o futebol, que, seja por inocência seja por arrogância, denominava-se mundial. Buscou-se a liderança nessa empreitada, mas quando a Grã-Bretanha recusou, os outros países levaram adiante a ideia e fundaram a International Federation of Association Football [Fédération Internationale de Football Association]. Entre os objetivos desse órgão – designado com tanta pompa e sem qualquer qualificativo ‘europeu’ -, incluíam-se a resolução das disputas entre as nações sobre a autoridade das federações ou associações nacionais e a organização de competições internacionais.” (MURRAY, 2000: 60).

Assim, o selecionado húngaro, que caminhava para se tornar um dos maiores destaques do futebol da época, logo se absteve da participação no certame alegando dificuldades de deslocamento. Os franceses idem, justificando que, além de percorrer o oceano, teriam que jogar uma partida em Recife; em seguida, outra em Porto Alegre e, ainda, de acordo com a tabela de sua chave, depois voltariam para o eixo Rio-São Paulo para jogar as finais, caso se classificassem.

Argumentos que descontentavam a muitos dirigentes brasileiros, provocando indignação. Sentimentos expostos pela imprensa, como traz o jornalista Thomaz Mazzoni, especialmente com relação à Fédération Française de Football (FFF). Sob o irônico título “*A gratidão da França...*”, o cronista lembra que justamente no dia do 12º aniversário da estreia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938, realizada no próprio território francês, a federação desse país cancelava sua participação no campeonato de 1950. Em seu texto, não se exime de salientar o que chamou de “*sacrifícios*” realizados pelos brasileiros na ocasião:

Cerca de 6 meses ficou paralisado o futebol brasileiro para mandarmos nosso time à França. Uma vez iniciada a disputa, viajamos – de 5 a 19 de junho – 4.000 quilômetros em estrada de ferro! Às vezes não tínhamos sequer tempo de repousar um só dia no hotel! (...) Fomos os escravos do campeonato, abrilhantamos o certame da melhor maneira possível, a C. B. D. teve prejuízos monetários, e voltamos ao Rio somente a 11 de julho! (...) e os franceses não querem disputar 2 jogos viajando comodamente de avião?! Em suma, caros amigos, esse é mais um golpe que o Brasil recebeu nesta IV Copa do Mundo. Portugal, Argentina, Escócia, Áustria, Turquia... Faltava agora a França... E é por isso mesmo que nós opinamos pela extinção do Campeonato Mundial. (...)

Paciência. Os brasileiros, futuramente, saberão escolher melhor seus amigos no terreno esportivo (*A Gazeta*, 06 de junho de 1950, p. 19).

Outra entidade que desistiu de prestigiar a Copa do Mundo do Brasil, e que causou grande mal-estar, foi a da Argentina. Para os vice-campeões de 1930, o argumento da distância, evidentemente, não existia. Eram outros os fatores que se apresentavam para sua desistência e pairavam sobre questões políticas.

Além das pressões internas advindas, por um lado, do peronismo e, por outro, dos desentendimentos entre os principais jogadores do país e a Asociación del Fútbol Argentina (AFA), situação que acabaria por desfalcocar e enfraquecer a equipe - como alguns argumentam (Cf. AGOSTINHO, 2002: 77)<sup>96</sup> -, a relação político-desportiva entre brasileiros e argentinos

<sup>96</sup> AGOSTINO, Gilberto. Nós e ellos, nosotros y eles – Brasil X Argentina. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos. Memória social dos esportes - Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p.77.

estava conturbada como nunca, fosse nos terrenos da diplomacia esportiva ou, literalmente, no próprio campo de jogo (Cf. COSTA, 2008: 32-33). Vários são os motivos que se pode enumerar a respeito de tal situação.

Detendo-se brevemente a observar à forte rivalidade existente que se observava nos prélios entre países do cone sul-americano, vale ressaltar que o período da Segunda Guerra apresentou-se como extremamente desgastante. Os riscos advindos da guerra limitavam as experiências internacionais do futebol dessa parte do globo. Entre as mais fortes equipes da região, naquele momento, os maiores desafios, além das próprias fronteiras, resumiam-se a confrontos entre si, como nos mostram as memórias de Zizinho:

As nossas excursões eram América do Sul e América Central. Na América Central é simples. Quando o Brasil chamou o Panamá pra jogar, disse: ‘Não é possível.’ (risos) ‘Panamá não. É uma vergonha.’ Pega o Bonssussa, porque é tudo igual. Mas eles chamaram o Panamá. Mas a gente ficava triste porque a gente queria viajar pra outros lugares. (...) O sonho da gente era... O Leônidas falou tanto da Europa, que o sonho da gente era jogar na Europa.<sup>97</sup>

Zizinho, uma figura sempre presente nos selecionados dos anos 1940, demonstrava certa aversão a uma rotina de jogos contra alguns países. Enfrentar o “*Bonssussa*”<sup>98</sup> era semelhante a jogar contra o selecionado panamenho, na visão do craque. De certo modo, foi uma forma jocosa que as reminiscências do ex-jogador encontraram para mostrar sua perplexidade pelas imposições da guerra. É notório que o Bonsucesso F. C. não está relacionado entre os clubes mais importantes da história, assim como uma equipe formada para representar o Panamá pode não ser o maior desafio futebolístico possível – diga-se, nem na época e nem na atualidade. Mas, Zizinho utiliza-os como meio para representar os efeitos, no mínimo, entediantes da Segunda Guerra - o grande entrave de sua carreira, o que lhe impunha aquela rotina de jogos que não extrapolavam os limites continentais.

Assim, enquanto os discursos colocavam a Europa num estágio superior, em diversos aspectos, em relação ao que se concebia como sociedade brasileira, inclusive no que diz respeito ao próprio futebol nacional – apenas discursos, já que jogos eram impossíveis de serem realizados -, por outro lado, se acirravam as rivalidades com relação às seleções dos

<sup>97</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 16 de Agosto de 2001, por Paula Ribeiro e José Santos Matos. Referente ao projeto *Museu do Flamengo*.

<sup>98</sup> O “*Bonssussa*” ao qual Zizinho se refere é o Bonsucesso Futebol Clube, equipe do bairro do subúrbio carioca de mesmo nome. Foi campeão estadual da primeira divisão em 1929, além de ter sido o clube a lançar Leônidas da Silva profissionalmente.

países mais próximos do Brasil, principalmente o do trio de vizinhos: Uruguai, Paraguai e Argentina. Lutando por conquistar a hegemonia do futebol local, com um grande número de partidas disputadas, cujos resultados variavam, os jogadores desses selecionados tendiam a hiperdimensionar qualidades positivas e negativas identificadas reciprocamente, ou seja, sentimentos de respeito e ódio passavam, cada vez mais, a se confundir entre os atletas que, invariavelmente, ao longo dos anos se enfrentavam.

Tais partidas se sucederam justamente em um período problemático nas relações internacionais, em que houve uma exacerbação dos nacionalismos e de um conseqüente clima de temor e de falta de confiança entre as populações divididas pelas fronteiras geográficas que artificialmente foram criadas.

Um dos momentos em que tal situação se mostrou em sua forma mais violenta foi na partida final do Campeonato Sul-americano de 1946, que muito contribuiu para o acirramento das tensões históricas, no campo de jogo entre brasileiros e argentinos. Em sua biografia oficial, Zizinho narra as pressões sofridas, nessa oportunidade, em território argentino: “(...) ao entrarmos em campo, vimos que a pista estava toda tomada, tinham secado o fosso que separa o público dos jogadores”. O fosso seco era a possibilidade de invasão do gramado, por parte da torcida, evidentemente, toda a favor do adversário. Para piorar a situação, logo aos 20 minutos de bola em movimento, o meia brasileiro, Jair, se envolve em uma jogada truculenta com Salomon e o resultado foi ruim para os dois lados: o atleta argentino saiu de campo com a perna fraturada, enquanto os jogadores brasileiros, segundo Zizinho, passaram a ser alvo da fúria de muitos:

O campo, que já estava invadido, virou um pandemônio. Sofremos agressão do público, dos jogadores. Pior foram os policiais, e que ali estavam para nos garantir. Foram os que mais bateram. (...) Fomos retirados de campo e o Chico ficou em estado de coma. Recebemos ordens de não mais voltar a campo (SILVA, 1985: 69).

Uma hora depois, a equipe brasileira retornou ao gramado, o jogo se desenrolou até o fim e o selecionado argentino tornou-se campeão do torneio, fechando o placar em 2 gols a 0. Dessa e de outras formas, por parte dos dois lados, a rivalidade era alimentada a cada jogo, a cada referência aos confrontos entre equipes de futebol brasileiro e argentino, e de outros vizinhos sul-americanos. Outros fatores extracampo abalavam já, havia algum tempo, a diplomacia desportiva Brasil-Argentina e esse jogo foi o argumento que faltava para o

rompimento de relações entre CBD e AFA (Cf. COSTA, 2008: 32-33; FREITAS Jr., 2009: 42<sup>99</sup>).

As desavenças políticas se iniciaram ainda na década anterior, motivadas pela designação da sede da Copa do Mundo de 1938. A Argentina foi preterida pela França, contrariando o sistema de rodízio entre países da América e Europa, que deveriam sediar o evento alternadamente, conforme acordo estabelecido entre as federações nacionais e a FIFA - diferente de hoje, em que todos os continentes estão envolvidos. Em represália, não apenas argentinos, mas colombianos, costarriquenhos, salvadorenhos, mexicanos e mesmo os campeões da primeira Copa do Mundo, os uruguaios, negaram-se em participar da terceira disputa. Por sua vez, os dirigentes brasileiros, que tinham intenções em sediar o evento que estava programado para 1942, não aderiram ao boicote<sup>100</sup>, tensionando, assim, as relações com o vizinho.

Considerava-se o selecionado argentino de extrema importância. No continente, era tido como a melhor equipe que praticava futebol naqueles anos 1940. Uma opinião que partia até dos maiores adversários, como diz, de certa forma, meio contrariado, Zizinho em depoimento cedido ao Museu da Imagem e do Som (MIS) ao ser indagado sobre a melhor equipe daquela década, mais especificamente entre a Seleção Brasileira e a da Argentina: “(...) *Era melhorzinho. Era sim. Nós viemos equilibrando assim em 45. Mas na época eles eram os melhores.*”<sup>101</sup>. Sem dúvida, a seleção da Argentina faria falta ao torneio. Contudo, frente a todas as questões aqui levantadas, tornou-se impossível a participação de um selecionado argentino no IV Campeonato Mundial, ainda mais, sendo este sediado pelo Brasil.

A negativa argentina indignava dirigentes e cronistas diretamente envolvidos com a organização do certame, provocando a ira de muitos, como foi o caso de José Lins do Rego, que há poucos meses da Copa do Mundo, escreveu na sua coluna a crônica “*Eles Não virão*”.

<sup>99</sup> FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950. 2009. Tese (Doutorado em História). Da Universidade Federal do Paraná.

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/5811275/india-escocia-austria-e-os-casos-mais-curiosos-de-desistencias-de-copas.aspx>>. Acesso 8 nov. 2010.

<sup>101</sup> Ao dizer que ele e seus colegas vinham “equilibrando”, Zizinho se refere à Seleção Brasileira de 1945, para muitos o melhor ataque da história: Tesourinha (S. C. Internacional de Porto Alegre), Zizinho (Flamengo F. R.), Heleno de Freitas (Botafogo F. R.), Jair da Rosa Pinto e Ademir (ambos do C. R. Vasco da Gama). O depoimento do craque foi colhido por Ricardo Cravo Albin, Jairo Severiano e João Máximo, para o MIS/RJ, no dia 31 de maio de 1985 e publicado em livro no ano de 2002 (Cf. MORAES, 2002: 230).

Apesar de amenizar seu discurso ao final do texto, dizendo que a Argentina era possuidora “*de tantas riquezas reais*”, o cronista demonstra grande aversão aos vizinhos, com a recusa daqueles que julgava como “*os mais autênticos calhordas do continente*”:

(...) os homens do futebol argentino resolveram repetir a comédia do último Sul-Americano <sup>102</sup>. Não virão à Copa do Mundo. E não virão com desculpas de esfarrapados. Sempre estes tipos a fazer das suas. O curioso é que pretendiam nos fazer de bobos, com uma conversa de vítimas (*Jornal dos Sports*, 18 de janeiro de 1950).

Em São Paulo, Thomaz Mazzoni, numa das poucas oportunidades em que concordava publicamente com o cronista carioca, escreveu, meses depois, ainda sobre o mesmo assunto, em sua coluna diária na seção *Todos os Esportes*, cogitando uma espécie de revide, que já anunciava no título: “*E si nós fizéssemos o mesmo?...*”:

Todos que voltam da Argentina dizem a mesma coisa: ‘a história do desfalque dos jogadores não passa de história’. Si a AFA quisesse, poderia organizar três selecionados poderosos, um melhor que o outro. (...) A má vontade provocou sua desistência da ‘Copa do Mundo’. Ora, má vontade poderiam ter também os brasileiros em participar do Campeonato Mundial de Bola ao Cesto, em Buenos Aires. Nós poderíamos aplicar a mesma... doutrina: ‘Não estamos em forma’; ‘Não vale a pena arriscar a nossa posição de 3ºs colocados olímpicos’. Solidariedade? Amizade? Mas, a tudo isso apelamos para a vinda dos argentinos ao Campeonato do Mundo e eles se fizeram de surdos... (*A Gazeta*, 04 de maio de 1950, p. 19).

Em outra parte do mesmo caderno de esportes, na coluna *Últimas*, seção que não levava a assinatura direta de Olympicus, e sim de Paulo Planet Buarque <sup>103</sup> - mas que continuava a ter o toque de Thomaz Mazzoni - não se deixava de alfinetar um pouco mais: “*A Argentina era uma atração, uma grande atração. Mas não fará falta, disto tenham certeza nossos ‘amigos’ do outro lado do Prata. Um certame mundial não é um sulamericano ...*” (*A Gazeta*, 04 de maio de 1950, p. 19).

<sup>102</sup> Referência ao Campeonato Sul-americano de 1949, realizado no Brasil e vencido pela Seleção Brasileira.

<sup>103</sup> A respeito de sua ligação com a Fundação Casper Líbero, em sua biografia, escreveu o cronista: “*Saudades imensas da Gazeta Esportiva. Foi por meio das matérias e crônicas que escrevia, e que assinava como PPB, que aos poucos, me tornei conhecido, ainda que tenha sido com o rádio e a televisão que meu nome alcançou a dimensão que me permitiu chegar onde cheguei. Mas jamais ignoraria o ponto de partida!*”. Ver: BUARQUE, P. P. Uma vida no plural – jornal, rádio, televisão, justiça e muito futebol. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2003, p. 33.

Assim, os cronistas de *A Gazeta Esportiva*, em conjunto com o editor-chefe do jornal e membro oficial da CBD, também mostravam toda sua indignação e colocavam em risco a manutenção dos laços diplomáticos em qualquer esporte com os argentinos. Propunha-se uma espécie de troco, mesmo que atingisse outra modalidade esportiva, no caso o basquete, demonstrando o alcance do episódio.<sup>104</sup>

O rompimento da diplomacia no campo futebolístico permaneceu por longos dez anos. Da final do Sul-americano de 1946 à partida do mesmo torneio de 1956, um dos maiores clássicos do futebol mundial não aconteceu. Enquanto no mesmo período a CBD, cada vez mais, estreitava laços com a FIFA, por sua vez, a AFA e os dirigentes políticos do Estado argentino insistiam em sediar grandes eventos em seu país e não obtinham a resposta desejada. Por exemplo, além do campeonato mundial de 1938, já citado, segundo *A Gazeta*, no dia 17 de maio de 1950 seria anunciado pelo COI o local da posterior reunião, que decidiria onde seriam disputados os próximos jogos seguintes. Os argentinos não perdiam a oportunidade de assediar a entidade. Na ocasião, um porta-voz “(...) revelou terem sido recebidos convites de outros países, entre os quais um da Argentina, mas apresentou estar seguro de que ou Viena ou Alexandria será o local escolhido.”<sup>105</sup> (*A Gazeta*, 16 de maio de 1950, p.19).

Com relação à Copa do Mundo, a insistência argentina continuou. E durante o certame de 1950 havia um movimento para que a política de isolamento do país chegasse ao fim:

Pretendem o Brasil, o Uruguai, o Paraguai e o Chile, isto é, o bloco sulamericano concorrente ao Campeonato do Mundo, apoiar as pretensões da Argentina, no sentido de ser realizado o Campeonato do Mundo, em 1962, na Argentina<sup>106</sup> (*A Gazeta*, 27 de junho de 1950, p.19).

A AFA apenas voltou a participar de um Campeonato Mundial no ano de 1958. Esses anos, afastada das competições internacionais, parecem ter afetado profundamente seu futebol, pois naquela Copa do Mundo, disputada na Suécia, enquanto a Seleção Brasileira

<sup>104</sup> A CBD acabou enviando uma equipe para representá-la no Campeonato Mundial de Bola ao Cesto.

<sup>105</sup> Jogos Olímpicos que foram disputados em Helsinque, na Finlândia.

<sup>106</sup> Campeonato que foi realizado no Chile: “Uma surpresa que acabou sendo o resultado do trabalho de Carlos Dittiborn, que nasceu no Rio de Janeiro, mas era de família chilena e morou toda a sua vida no Chile. (...) um mês antes da abertura do Mundial, Carlos Dittiborn veio a falecer. Em homenagem (...) a frase de Dittiborn: ‘Porque nada temos, tudo faremos...’ estava em todos os estádios.” (DUARTE, 1987: 134).

finalmente sagrava-se campeã, a participação argentina era pífia, no que se refere a resultados dentro de campo; perdendo na estreia para a campeã mundial de 1954 - a seleção da Alemanha -, vencendo a Irlanda do Norte e, por último, sendo goleada por 6 gols a 1 pela seleção da Tchecoslováquia e se retirando, assim, do campeonato.<sup>107</sup>

Entretanto, nem só de cartas de desistências viveram os organizadores da Copa do Mundo de 1950. Os dirigentes brasileiros e da FIFA também foram brindados com importantes participações. Uma delas foi a confirmação do retorno à competição da seleção campeã da primeira Copa do Mundo. Depois de sentidas ausências nos Mundiais de 1934 e 1938, finalmente a Celeste Olímpica aceitava participar da competição internacional e se encaminhava ao Brasil para tentar repetir a conquista da Taça Jules Rimet.

Esse foi considerado um gol de placa por parte dos dirigentes. Os uruguaios, que trabalharam para o sucesso da primeira Copa do Mundo, em 1930, estavam ainda ressentidos pela falta de apoio e de iniciativa por parte de vários países europeus que desistiram de participar daquele campeonato.<sup>108</sup> Além de terem apoiado a Argentina na tentativa de sediar o torneio de 1938 e, na ocasião, observarem a quebra do acordo do rodízio intercontinental, a Asociacion Uruguya de Fútbol (AUF), para a Copa de 1950, não se mostrava disposta a enfrentar as eliminatórias somente em única partida contra os adversários de seu grupo (Uruguai, Peru e Paraguai). Sem as partidas de volta, ou seja, em casa e fora, os uruguaios classificavam como injusto o critério. O impasse se resolveu com a intervenção da CBD junto à FIFA, que aceitou a proposta uruguaia (Cf. FREITAS Jr., 2009: 44).<sup>109</sup>

Outro fator encarado como positivo, ainda, para regozijo geral, pode-se dizer, foi a confirmação que o badalado *English-Team*, aceitaria, finalmente, participar de uma Copa do Mundo.

Até então, as equipes britânicas viviam uma política de “*isolamento esplêndido*” (MURRAY, 2000: 113), disputando como principal torneio o Home Championship, que

---

<sup>107</sup> Em 1962 os argentinos também não foram bem. Apenas sagraram-se campeões na VII Copa do Mundo, no ano de 1978, quando, finalmente, o próprio país sediou do evento.

<sup>108</sup> “Com a desistência da Alemanha, Áustria, Espanha, Itália, Hungria, Suíça e Inglaterra, que estavam inscritos, não foi fácil, em plena recessão europeia, com o profissionalismo começando, e com os problemas de transporte, organizar o Mundial de 1930.” (DUARTE, 1987, 33)

<sup>109</sup> Segundo alguns estudiosos, naquele momento: “A verdade também é que o Uruguai já não tem a mesma força de 24, 28 e 30 e o seu futebol está em crise.” (DUARTE, 1987:48)

girava somente em torno delas próprias, ou seja, entre as seleções da Inglaterra, da Escócia, do País de Gales e da Irlanda. Uma copa do Reino Unido:

As associações de futebol da Escócia e Inglaterra eram arrogantemente indiferentes aos apelos de se estabelecer associações de futebol em outros países, sobretudo nos que não integravam a comunidade dos países de língua inglesa (MURRAY, 2000: 41).

Um conservadorismo que persistiu nas primeiras décadas do século XX, mas que, nos anos 1940, dava sinais, ainda tímidos, de mudança. Naquele momento, passaram a ocorrer jogos entre os europeus da ilha e os do continente. Contudo, o motivo maior pelo qual se mudaria a política de envolvimento em eventos de que não participassem apenas os países da comunidade britânica estava, em grande parte, relacionado ao próprio contexto do pós-guerra. Era nítido, já naquele momento, o valor do futebol em conjunto com a mídia para expor a imagem que se pretendia de uma nação. Assim, a um país que saía da Segunda Guerra Mundial com sérios abalos em suas estruturas – sociais, econômicas e políticas – tratava-se de uma grata oportunidade poder relacionar-se internacionalmente através de uma competição esportiva do porte da Copa do Mundo que, por sua vez, voltava-se, exclusivamente, para uma modalidade em que, até aquele momento, os próprios ingleses eram considerados os “reis” (Cf. FREITAS Jr., 2009: 47).

Entre muitos dos envolvidos com o futebol no Brasil, a vinda do English-Team era motivo para festejo geral. Enfim, os aclamados “*reis do futebol*”, prestigiadíssimos entre os cronistas que não se cansavam de citá-los como exemplos de capacidade técnica, tática, organizacional, e tantos outros elogios, concederiam o privilégio de vê-los atuar em um campeonato mundial e, principalmente, no que tange ao brasileiro; desfilariam suas qualidades nos gramados tropicais do país. Entusiasmo e euforia notórios, que se anunciava em grande estilo momentos antes da partida de estreia do selecionado inglês no campeonato mundial: “*A GRANDE ATRAÇÃO*” - “*Pela primeira vez aos olhos da torcida brasileira os ‘reis do futebol’*”:

Muito possivelmente teremos domingo, no Rio de Janeiro, uma renda superior a de sábado, quando estreará o Brasil. E por que isto? Pelo simples fato de que pelo relvado verdejante do Maracanã estarão naquela data desfilando pela primeira vez ante a torcida brasileira os ‘**reis do futebol**’, os **futebolistas ingleses, muito justamente considerados como prováveis vencedores do Mundial de 1950** (*A Gazeta*, 24 de Junho de 1950, p.15).  
[grifo nosso]

Eram “*os prováveis vencedores*”, o selecionado inglês recebeu as previsões de vitória, mesmo o articulista lembrando que aquela seria a primeira vez que o English-Team disputaria uma Copa do Mundo.

Além disso, a maior parte dos cronistas que faziam previsões em torno da Copa do Mundo de 1950, também não levou muito em consideração os fracos resultados obtidos pelo Arsenal Football Club que esteve no ano anterior em excursão pelo Brasil, disputando jogos com os grandes clubes do eixo Rio-São Paulo. Na primeira excursão desse clube, que foi também a primeira de uma equipe profissional inglesa para o Brasil - o campeão da liga nacional da Inglaterra na temporada de 1947/48 - em seus nove jogos disputados, venceu apenas dois. Foi um “(...) *sucesso absoluto (...) o público não se cansou de ver o Arsenal, mesmo quando os resultados passaram a ser contra o clube visitante.*” (MAZZONI, 1950: 318). Como podemos perceber, em semelhança à imprensa, a torcida não deixava de se entusiasmar com a possibilidade de observar elementos que devido a sua origem eram considerados os “*reis do futebol*”, logo, previamente vistos também como os melhores jogadores de futebol de todo o mundo.

Pode-se notar, diante dessas investidas dos dirigentes e da imprensa, no intuito de valorizar a Copa, que o objetivo maior estava na organização e na maneira como os olhares internacionais receberiam a imagem da nação brasileira. Evidentemente, uma possível conquista por parte da equipe cebedina brindaria todo esse planejamento, pois evidenciaria mais ainda, através do campo de jogo, uma organização no campo esportivo que, por sua vez, poderia servir para se representar a mesma qualidade no caráter da população entendida como brasileira. Mas, apenas brindaria, pois os ingleses eram entendidos como os mais prováveis campeões, ou senão os italianos ou os espanhóis. Era um desfecho perfeitamente aceitável para o evento a Seleção Brasileira não conseguir chegar ao título.

A obrigatoriedade não estava na conquista da Taça Jules Rimet (o desejado troféu destinado ao vencedor da Copa do Mundo), mas na promoção de um grandioso evento, que, antes de tudo, fosse considerado um primor na organização. Essa era a meta principal. A própria elaboração do regulamento do torneio, fornece o apoio necessário para tal afirmação, pois percebe-se o empenho dos dirigentes brasileiros no sentido de promover ajustes que julgavam necessário para melhoria do evento. De forma inédita, a CBD propôs à FIFA uma série de adequações. Algumas foram negadas:

Se a CBD conseguisse com que vingassem a sua proposta de substituições, seria uma boa vantagem dos brasileiros, pois é certo que a substituição, como temos visto nos torneios do estrangeiro, sempre favorecem os quadros locais. Mas a FIFA não quer saber disso. A substituição do próprio goleiro acidentado, bem aceita em muitos países da Europa, não é bem vista ainda pelos ingleses. (...) O mesmo poderemos dizer dos cotejos noturnos. A CBD implorou para que os outros países concordassem com jogos a noite. A proposta foi repelida. Mas nós já avisamos aos estrangeiros, há muitos meses, contra o... perigo dos prélios terem início às 16:00 horas (...) (*A Gazeta*, 26 de maio de 1950, p. 15).

Evidentemente, as autoridades brasileiras não deixavam de buscar algumas medidas entendidas como favoráveis ao quadro brasileiro, contudo *Olympicus* mostra que a preocupação também estava voltada, em grande medida, para o resguardo dos participantes estrangeiros. O desconforto com relação ao calor, por exemplo, atingia principalmente aqueles que vinham de regiões mais frias, como os europeus e a possibilidade dos jogos não acabarem antes de escurecer, também era lembrada no planejamento, porém, como não houve concordância, as partidas foram marcadas para as 15h. Por outro lado, outras propostas da CBD foram aceitas e uma das principais referia-se à fórmula de disputa do torneio.

O principal fator alterado, após o aval da FIFA, tem relação com as eliminações prematuras na competição. Claramente, era o desejo da CBD que isso fosse evitado, como no dia do sorteio das chaves, o vice-presidente da entidade, Mário Pólo, deixava claro em seu discurso oficial:

A forma de competição em vigor no IV Campeonato do Mundo constitui iniciativa do Brasil. Anteriormente disputavam-se todos os encontros, inclusive os semifinais, pelo processo eliminatório (...).

Ao invés dessa eliminação sumária, os disputantes, agrupados em série, jogassem entre si de maneira que cada um medisse uma vez com os seus adversários, e marcasse ponto para cômputo definitivo. É o que chamamos campeonato em um turno.

Com a modalidade alvitrada pelo Brasil e aceita pela F.I.F.A., evitou-se certas injustiças na definição exata das forças, ocasionadas pelos cortes parciais produzidos pelas eliminatórias (...) <sup>110</sup>.

Essa posição relaciona-se a dois fatores. Por um lado, prevenia-se contra uma possível e catastrófica eliminação prematura da própria Seleção Brasileira, o que seria

---

<sup>110</sup> Disponível em: <[http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1950/2sem\\_aorganizacaojulesrimet.pdf](http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1950/2sem_aorganizacaojulesrimet.pdf)> Acesso 2 set. 2010.

péssimo para o desejado comprometimento público com a competição e o que coincidia com as previsões dos especialistas que tendiam sempre a favorecer as seleções da Europa para a conquista da competição. Por outro, também tratava-se de um cuidado da CBD com os demais participantes.

É preciso lembrar que em 1934, na Copa da Itália, foram grandes as dificuldades, tanto na formação da equipe quanto no deslocamento – na época, mais difícil ainda, pois eram semanas atravessando as águas do Atlântico. Após transpor difíceis obstáculos em um único jogo, com uma única derrota, a delegação brasileira teve que arrumar as malas e retornar. Em 1938, isso poderia ter também ocorrido, mas a equipe, mais forte que a anterior, conseguiu suas grandes vitórias. Essa situação poderia ocorrer com seus adversários ou, talvez, com o próprio selecionado e, diante dessa situação, a CBD propôs um modelo já tradicionalmente adotado nos principais campeonatos regionais, tanto envolvendo os grandes clubes tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro.

Outra novidade que também demonstra rigorosa preocupação com relação à promoção do interesse em relação ao evento se viu na escolha dos chamados cabeças-de-chave. Eram dezesseis as equipes que participariam do evento, estas deveriam, “*para exequibilidade da última e principal fase do torneio*”, repetindo palavras de Mário Pólo durante o já citado discurso, ser divididas em quatro grupos através de sorteio e cada um desses grupos deveria estar encabeçado por uma equipe. Os critérios de escolha para determinar esse privilégio dedicado a quatro seleções foram os seguintes, oficialmente declarados pela CBD no mesmo dia do sorteio: Brasil, “*país promotor e anfitrião do certame*”; Inglaterra, “*pátria capital do Futebol do Mundo*”; Itália, “*Bi-Campeã de Futebol do Mundo*”; e Uruguai, “*que foi Campeão do Mundo e representa força legítima do futebol sul-americano*”. A ordem era exatamente essa e “*baseou-se no alfabeto da língua inglesa para a seqüência.*” <sup>111</sup>.

Tal critério atendia não apenas a preceitos estritamente relacionados ao futebol, evidentemente. O critério político se fez presente, mais ainda pelo fato de se conseguir um par de países representando os dois continentes mais atuantes na luta pela hegemonia do futebol mundial - América do Sul e Europa que até hoje se enfrentam nesse sentido. Olímpicus, mostrando toda sua concordância com os critérios adotados chega à conclusão que a fórmula:

---

<sup>111</sup> Disponível em: <[http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1950/2sem\\_aorganizacaojulesrimet.pdf](http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1950/2sem_aorganizacaojulesrimet.pdf)> Acesso 2 set. 2010.

Não poderia ser outra. Com esses quatro quadros está toda... a história da ‘Copa do Mundo’ e 90% do prestígio atual do futebol universal. Uruguai, campeão olímpico de 1924 e 1928 e campeão mundial de 1930; Itália, campeã olímpica de 1936 e campeã mundial de 1934 e 1938; **Inglatera, campeã da Grã Bretanha, sempre e sempre o país catedrático do ‘association’**; e Brasil, campeão sulamericano (de clubes, de amadores e de profissionais). Tudo que existe de mais representativo teremos na ‘Copa do Mundo’ de 1950 (*A Gazeta*, 23 de maio de 1950, p. 19). [**grifo nosso**]

A “*pátria capital do Futebol e do Mundo*” - “*sempre e sempre*” - que era campeã britânica, único local em que realmente competia, e, na época, considerado não apenas por Mazzoni, mas por muitos, eterno país “*catedrático do ‘association’*”, é fator indelével nos discursos que buscavam reforçar ideais nacionalistas, ideais da modernidade, que vinha, inclusive, a reforçar reflexões políticas sobre ideais regionais dentro do próprio Brasil - nesse caso, evidentemente presente nos grupos hegemônicos do futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo, como percebe-se ao longo deste trabalho.

A Copa do Mundo de 1950 trazia consigo um momento oportuno para os pensadores da nação, as demais autoridades políticas, jornalistas e tantos outros, fazerem uso, como nunca, do futebol, assim como da Seleção Brasileira para alcançar objetivos pessoais, que se confundiam com as idealizações coletivas que eram julgadas como as mais acertadas para a sociedade. Portanto, interesses diferentes voltavam-se para o universo futebolístico e para as questões que envolviam o IV Campeonato Mundial, em um contexto histórico que já era marcado por outros intensos debates. A construção do Maracanã, como já se disse, era um dos melhores exemplos, mas não o único:

As discussões sobre o local, sobre as características do projeto arquitetônico, sobre a jurisdição municipal ou federal e sobre a capacidade de público correspondiam ao clima acalorado da democracia populista, que debatia de forma maniqueísta: Marlene ou Emilinha Borba, Francisco Alves ou Orlando Silva, Última Hora ou Diários Associados, Carlos Lacerda ou Adhemar de Barros, Ademir de Menezes ou Zizinho, Flamengo ou Fluminense, Corinthians ou Palmeiras, UDN ou PSD, nacionalistas ou entreguistas, Estados Unidos ou União Soviética (FRANCO Jr., 2007: 88).

Discussões intensas, acaloradas, bem lembradas no excerto acima. Porém, buscase aqui entendê-las menos como maniqueísta e “*populista*”, mas sim como discussões plurais, que eram próprias de um momento de grandes transformações pelas quais passava a sociedade. Vale lembrar que a história da República no Brasil foi marcada pela constante presença de ditaduras e, nesse período, vivia-se um momento diferente, que veio, por sua vez,

proporcionar espaços para manifestações de interesses divergentes, inclusive por parte de grupos menos favorecidos (Cf. FERREIRA, 2006: 6-7) <sup>112</sup>. Nesse mesmo contexto se dava um processo de industrialização e de urbanização dos grandes centros, ao mesmo tempo em que a imigração – havia algum tempo – diminuía drasticamente, fato que proporcionou mudanças a respeito das visões que se criaram, ao longo do tempo, no que se referia ao elemento nacional e que o colocava em evidência (Cf. PAIVA, 2004) <sup>113</sup>. Aliás, trabalhava-se há anos nesse sentido, já que os intelectuais desde os anos 1920, em seus respectivos circuitos regionais, refletiam a respeito de uma identidade nacional que deveria ser hegemônica para todo o país e que também intencionava, de alguma forma, abarcar elementos historicamente negados ou esquecidos (Cf. VELLOSO, 2000) <sup>114</sup>. Paralelamente, as próprias manifestações culturais que contavam com a presença das camadas mais populares também ganhavam uma maior importância na sociedade.

---

<sup>112</sup> “Os que resistem em admitir que o período em questão representou uma experiência democrática, pensando no governo Dutra, baseiam-se muitas vezes, em uma receita prévia de democracia, esquecendo que esta não nasce pronta, é conquistada, ampliada e ‘inventada’, no dizer do filósofo Claude Lefort. A democracia não é um pacote pronto, ela avança no conflito e na luta social”. Ver: FERREIRA, Jorge. A democracia no Brasil: (1945 – 1964). São Paulo: Atual, 2006.

<sup>113</sup> PAIVA, Odair da Cruz. Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930 – 1950). Bauru: EDUSC, 2004.

<sup>114</sup> VELLOSO, M. P. Que cara tem o Brasil?: culturas e identidade nacional. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

## 2. ENFIM A COPA: EUFORIA, CONFLITOS E DECEPÇÕES

Era o objetivo das autoridades brasileiras, empenhadas em atender ao apelo dos grupos hegemônicos de suas respectivas cidades-sede, realizar com sucesso a IV Copa do Mundo. Com relação principalmente aos governantes da nação, em estreita ligação com os da cidade do Rio de Janeiro - na época, Distrito Federal – tinha-se como meta transmitir a imagem de uma nação, um Estado capaz de organizar um grande evento internacional. Mostrar ao mundo dados de um país que estaria próximo aos ideais civilizatórios eurocêntricos.

Corroborava com outras iniciativas dos dirigentes de futebol da CBD, com relação à atenção para com a organização da Copa do Mundo, a construção do maior de todos os palcos já edificadas para jogos de futebol, o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, logo conhecido como Maracanã. Além disso, outras das principais preocupações giravam em torno da elaboração da fórmula do campeonato, da arbitragem, da estadia das seleções estrangeiras e, finalmente, a outra busca que não era de forma alguma colocada em segundo plano por todos os dirigentes envolvidos e, evidentemente, pela FIFA: a de alcançar grandes arrecadações.

Mesmo não sendo a principal de todas as prioridades, evidentemente, uma possível conquista seria excelente para as pretensões que envolveram todo esse planejamento, pois poderia potencializar a evidência de uma organização no campo esportivo - conveniente para os dirigentes da CBD - que, por sua vez, representaria o caráter positivo da população entendida como brasileira - pretensão das autoridades de Estado. Contudo, por fim veio o resultado adverso na última partida. Com aquela derrota no campo de jogo observou-se o apagamento de todas as vitórias conseguidas pela Seleção Brasileira, que encantava a todos, mesmo os olhares estrangeiros. Foi imediato o obscurecimento da própria conquista de um vice-campeonato – inédito para a Seleção em um torneio daquele nível. Esquecia-se até que, no início, a equipe brasileira não era nem mesmo a principal concorrente ao título, apenas se concebia uma pequena possibilidade para o feito, e isso por se considerar importante o fator de estar jogando em seu próprio território. Ao final do grande evento, apenas a derrota do dia 16 de julho de 1950 passou a ser, para a grande maioria, o fator preponderante a ser lembrado. Por quê?

## 2.1. Chega a Copa do Mundo: adversários em êxtase

Antes de se partir para a análise da repercussão dos principais resultados adversos, que fizeram parte da trajetória da Seleção Brasileira na Copa de 1950, vale lançar olhares sobre a última fase de preparação para o campeonato até a estreia.

*“O Uruguai mostrou, uma vez mais, que atravessa uma fase de transição no seu futebol. Somente agora apresentam-se os novos valores. É a renovação dos elementos que se manifesta, lentamente é verdade, mas de forma precisa e bem dirigida. (...)”*(A Gazeta, Maio de 1950, p.19). Dessa forma, a reportagem fazia previsões em relação às condições da equipe que a federação uruguaia trazia ao Brasil para disputar a Copa Rio Branco. Esse torneio, somente disputado pelas duas seleções, que teve sua primeira edição em 1931, naquela oportunidade, apresentava muito mais um caráter preparatório, pois era encarado como uma prévia para a Copa do Mundo a ser realizada dali a pouco mais de um mês. A posição do articulista, após assistir aos primeiros treinos em São Paulo da equipe que representava a Celeste Olímpica, causava impressões negativas e, por isso, o levava a uma previsão pessimista a respeito da participação dos uruguaios, não apenas naquele torneio, mas no próprio Mundial.

Informava-se que era um tempo de transição de elementos na equipe uruguaia. Contudo, segundo a matéria, foi possível se enxergar alguns pontos favoráveis na observação do treino desenvolvido por aquele grupo, nas dependências da sede do São Paulo F. C. - na época, localizada no Canindé - e que durante aqueles meses seria quase que uma segunda casa para a delegação celeste.

Segundo a mesma reportagem destacavam-se: Julio Perez, Miguez e Schiafino. A atenção era grande para com os primeiros e únicos campeões mundiais de origem sul-americana, mas, mesmo assim, também é possível perceber uma boa dose de precipitação por parte do que se noticiava. Nos jogos decisivos da Copa do Mundo, principalmente na partida final que ocorreu no dia 16 de julho, estes três atletas citados eram os únicos novatos presentes em campo; os demais, que, segundo as impressões dos primeiros treinos uruguaios, seriam os titulares, apenas assistiram do banco de reservas aos veteranos Obdúlio Varela, Gambeta, Máspoli, entre outros, desfilarem seu futebol nos jogos do torneio.

No que se refere à Seleção Brasileira e seus preparativos, em relação aos olhares do jornal *A Gazeta Esportiva* e de seus editores, chefiados por Thomaz Mazzoni, pode-se dizer que o apoio existia, mas era contido. Olympicus, codinome utilizado pelo redator-chefe do departamento de esportes da Fundação Casper Líbero, como já se disse, possuía vínculos estreitos com a CBD. E, nesse sentido, não apenas os dirigentes cebedinos, mas Flávio Costa tinha apoio nesse veículo de imprensa paulista de largo alcance.

O técnico da Seleção Brasileira sofria fortes críticas, muitos de São Paulo o acusavam de bairrista, por dar preferência a jogadores cariocas em detrimento dos locais, tanto em convocações como nas próprias escalações. Já alguns críticos do Rio de Janeiro, também desaprovavam, em certa medida, uma Seleção Brasileira que possuía um elenco prioritariamente de base vascaína. Assim, naquele primeiro momento de preparação para o Mundial, o jornal da Fundação Casper Líbero era um importante interlocutor e aliado do técnico, principalmente em São Paulo. Pode-se notar isso facilmente, tanto na coluna de Olympicus como em outras partes do diário, pois, mesmo as reportagens ou colunas assinadas por outros jornalistas seguiam a mesma linha editorial estabelecida pelo editor-chefe Thomaz Mazzoni.<sup>115</sup>

Este era o caso da coluna *Últimas*, um espaço do caderno *Todos os Esportes* de *A Gazeta* que, por sua vez, trazia um resumo das principais notícias de *A Gazeta Esportiva*. Ainda, dias antes do jogo contra os uruguaios, pela Copa Rio Branco, buscando acalmar os ânimos do coro dos descontentes, principalmente da imprensa de São Paulo, naquele espaço era tecido o seguinte comentário a respeito de uma reunião proposta pelo “‘ministro’ do futebol do Brasil”, como o jornal se referia ao técnico da Seleção Brasileira, e “a crônica esportiva paulista”:

(...) Flávio nada mais fez que solicitar um crédito de confiança à imprensa paulista, como solicitara no Rio de Janeiro, e conseqüentemente do público torcedor para seu trabalho. Uma compreensão maior dos orientadores de opinião pública da responsabilidade do técnico (*A Gazeta*, 6 de maio de 1950, p.15).

Pode-se perceber, assim, que o clima não era dos melhores. Havia a necessidade de solicitar apoio aos “orientadores de opinião pública”, salientar a responsabilidade dos

<sup>115</sup> Segundo Antonio Mazzone, que além de filho de Thomaz Mazzoni foi repórter esportivo da Fundação Casper Líbero desde 1951: “A opinião oficial do jornal era do redator-chefe, que era do Thomaz Mazzoni. Ele ditava a política da *Gazeta Esportiva*.” Em entrevista concedida a este autor, em 24 de maio de 2010.

profissionais da imprensa de São Paulo. *A Gazeta*, assim, cumpria o papel de trazer a voz da CBD para o ambiente paulista, declaradamente discordante desse modelo. Intermediava a fala da direção da Seleção Brasileira, que possuía sólidos alicerces cariocas, em um ambiente contestador.

Com relação às impressões a respeito das possibilidades da Seleção Brasileira na Copa do Mundo que estava prestes à acontecer, após observar-se o teor do pedido de apoio, por parte de Flávio Costa, evidentemente, não se pode classificá-las como das mais otimistas. Entre os cariocas, vale lembrar que a crítica dizia que o técnico era excessivamente vascaíno, pois, no elenco convocado, oito jogadores eram do C. R. Vasco da Gama <sup>116</sup>. Enfim, as pressões eram constantes e intensas de diversas partes (Cf. FREITAS Jr, 2009: 52).

A Copa Rio Branco acabou sendo conquistada pela Seleção Brasileira após uma derrota e duas vitórias contra os Uruguaios. A derrota ocorreu na primeira partida de uma melhor de três. Como se não bastasse o resultado adverso da estreia, o prélio se deu em pleno estádio do Pacaembu, contribuindo não só para o desgosto, mas também para a revolta de muitos, dessa vez, do próprio jornal da Fundação Cásper Líbero.

O jornalista Paulo Planet Buarque, assinando a coluna *Últimas*, parte para o ataque a alguns jogadores da equipe A <sup>117</sup>, composta em sua maioria por atletas que atuavam no Rio de Janeiro e que passaram a ser taxados como “*desanimados*”. Sem citar nomes, o articulista, realizava ponderações em tom de forte cobrança:

Que é que há com a nossa seleção? Será possível que não tenhamos forma, meios de reagir a este estado de cousas? Será possível que diariamente tenhamos de voltar a dizer que faltam apenas 45 dias para nossa estréia? (*A Gazeta*, 13 de maio de 1950, p.15).

Nesse movimento de reivindicação, Paulo Planet, não se furtava a se dirigir diretamente a Flávio Costa, principalmente no sentido de propor mudanças nos componentes da equipe. Sem meias palavras, ameaçava o técnico com uma possível revisão do “*crédito de confiança*” que, até aquele momento, naquele mesmo espaço estava sendo oferecido:

---

<sup>116</sup> Nos anos 1940, a equipe base do C. R. Vasco da Gama ficou conhecido como o *Expresso da Vitória*, por ter sido campeã várias vezes, como as conquistas do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro de 1945, 47 e 49 e do Campeonato Sul-americano de 1948.

<sup>117</sup> Outra equipe brasileira, considerada reserva, por isso B, disputava a Taça Oswaldo Cruz contra os paraguaios e também foi campeã. No dia seguinte à derrota da equipe A, em São Paulo, frente os uruguaios, os reservas venceram os paraguaios no estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, por 2 gols a 0.

Flávio Costa tem seria responsabilidade sobre os ombros. É bom que comece por armar o time sem o concurso dos ‘mascarados’<sup>118</sup>. Que aproveite aqueles que realmente se mostram desejosos de envergar a jaqueta da C.B.D.. Da forma que vamos indo, vamos muito mal. E seu crédito de confiança está se acabando (A Gazeta, 13 de maio de 1950, p.15).

Ainda, nessa mesma edição e página, Olympicus mostrava que também aderira ao tom crítico paulista e pressionava. Inclusive, através de sua coluna pode-se entender melhor quais seriam os jogadores que, se presumia, na visão do jornal, “*realmente se mostram desejosos de envergar a jaqueta da C.B.D.*”. Thomaz Mazzoni pedia a substituição de jogadores do time A por nomes do B que:

(...) conta ainda com diversos valores que são dos que mais estão cultivando seus prestígios entre os maiores craques, do Rio e São Paulo. Baltazar e Maneca, Friaça e Pinga estão em seu momento de irresistibilidade, desses que criam para sempre a fama de um craque (A Gazeta, 13 de maio de 1950, p.15).

Desses “*craques*” que estavam despontando - nas palavras de Mazzoni, os que atravessavam “*um momento de irresistibilidade*” - e que estavam escalados no quadro considerado reserva, apenas um deles atuava no Rio de Janeiro: Maneca, que jogava no C. R. Vasco da Gama. Os outros três tinham sua trajetória estreitamente ligada ao futebol paulista: Baltazar e Pinga que já eram ídolos, respectivamente, no S. C. Corinthians Paulista e na A. Portuguesa de Desportos, além de Friaça, que fora um dos grandes nomes do vitorioso C. R. Vasco da Gama da década dos anos 1940, mas que havia pouco tempo (1949), se transferira para o São Paulo Futebol Clube.

Mesmo a Seleção Brasileira se recuperando e chegando a conquistar a Taça Rio Branco, o feito não acalmou os ânimos, nem mesmo na redação do caderno esportivo da Fundação Cásper Líbero. Após o último jogo em que os uruguaios foram vencidos pela contagem mínima, ficava mais claro que a indignação estava estreitamente ligada à participação ou não de jogadores dos clubes de São Paulo no time que envergava as jaquetas da C.B.D. que, na época, ainda eram brancas.

---

<sup>118</sup> Segundo Capinussu, no meio futebolístico a palavra significa: “*Jogador de alto nível, mas presunçoso, às vezes desinteressado dos lances do jogo.*” Ver: CAPINUSSU, J. M. A linguagem popular do futebol. São Paulo: IBRASA, 1998, p. 96.

A reportagem da vitória na final, diz se surpreender com a “*esquisita*” escalção da equipe: “*Positivamente porém, não as entendemos muito bem. Flávio Costa escalou o quadro carioca que ganhou o último Campeonato Brasileiro* <sup>119</sup>, incluindo apenas Friaça e Baltazar no ataque, mesmo porque não poderia ter agido de outra forma.” (A Gazeta, 18 de maio de 1950, p.15). Ficava muito claro que Baltazar, ídolo corintiano, e Friaça, agora ídolo são paulino, eram indiscutíveis na titularidade. Porém, incompreensível era, para o jornal, escalar como base os mesmos nomes que fizeram parte do vitorioso selecionado carioca.

O fato é que a representação nacional, quando surgia com a feição carioca, vitoriosa ou não, era uma espécie de afronta para os olhares paulistas, mesmo para os articulistas de A Gazeta Esportiva. Os vínculos existentes com a CBD, não se sobrepunham às ligações que esse órgão de imprensa liderado por Thomaz Mazzoni possuía com os principais clubes do futebol de São Paulo.

A questão iria se acirrar ainda mais. Conforme a equipe base ficava mais próxima de ser definida para o grande evento que se iniciaria em junho, as pressões aumentavam. Cada qual dos principais clubes e entidades, sobretudo cariocas e paulistas, desejavam ver determinados jogadores atuando com toda a pompa que a titularidade em uma Seleção Brasileira em Copa do Mundo lhes atribuiria.

Ao mesmo tempo, cortes deveriam ser realizados. Do grupo de 25 jogadores, três deveriam ser cortados. A uma semana da divulgação da lista final, uma matéria não assinada traz suas particulares impressões sobre os prováveis nomes que estariam presentes na Copa do Mundo:

Fala-se que ficarão no plantel final os seguintes elementos: Barbosa [Vasco], Castilho [Fluminense], Santos [Botafogo], Augusto [Vasco], Mauro [São Paulo], Nena [Internacional], Bauer [São Paulo], Rui [São Paulo], Noronha [São Paulo], Eli [Vasco], Danilo [Vasco], Alfredo [Vasco], Bigode [Vasco], Friaça [São Paulo], Maneca [Vasco], Zizinho [Bangu], Baltazar [Corinthians], Jair [Palmeiras], Ademir [Vasco], Chico [Vasco] e Rodrigues [Palmeiras]. Seriam cortados: Juvenal [Flamengo], Brandãozinho [Portuguesa], Tesourinha [Internacional], Pinga I [Portuguesa], Adãozinho [Internacional]. Naturalmente, estas considerações são extra-oficiais. Apenas palpites...” (A Gazeta, 01 de junho de 1950, p.19).

---

<sup>119</sup> O selecionado campeão foi o do Distrito Federal, composto por: Barbosa; Santos e Juvenal; Alfredo, Ely e Bigode; Tezourinha, Zizinho, Ademir, Maneca e Chico. Os paulistas jogaram com Oberdan; Turcão e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Claudio, Baltazar, Nininho, Pinga e Friaça.

“*Palpites*” ou pressão? Aceitava-se que a base seria da equipe vascaína. Contudo, na mesma matéria, ficava claro que um jogador do São Paulo F. C. não deveria estar entre os preteridos. Admitiam-se os cortes dos gaúchos Tesourinha e Adãozinho, e também de Pinga I e Brandãozinho, ambos os jogadores da A. Portuguesa de Desportos. Porém, o zagueiro Mauro <sup>120</sup>, visto como um grata revelação do tricolor paulista, era dado como confirmado. Presume-se isso não apenas por ter sido colocado na lista extraoficial entre os que ficariam, mas também porque, segundo a mesma listagem, cogitava-se que deveria ficar de fora, por sua vez, o homem da defesa flamenguista, Juvenal. Contraditoriamente, esse mesmo jogador havia sido titular em todos os jogos preparatórios; assim, sua inclusão na lista fictícia de *A Gazeta Esportiva*, faz entender que apenas se deu por tratar-se de um concorrente direto do jovem zagueiro são-paulino.

Tal situação fica mais clara quando ocorre a divulgação da lista final. A repercussão foi péssima, demonstrando que as historicamente conturbadas relações entre paulistas e cariocas se complicariam ainda mais. Um dia depois da publicação da convocação final, *A Gazeta* dava destaque para a seguinte notícia em seu caderno Todos os Esportes: “*SURPRESA! MAURO ‘CORTADO’ DA SELEÇÃO BRASILEIRA! - Flávio Costa barrou o zagueiro paulista (...)*”. Em tom sensacionalista, fazendo uso de letras de um tamanho maior que o de costume e de uma foto do jogador Mauro cabeceando uma bola num treino do São Paulo F. C., diz a reportagem:

(...) de forma surpreendente, o técnico afastou da turma nacional o zagueiro Mauro, considerado por muitos como a maior revelação do futebol brasileiro nos últimos anos e um dos jogadores que mais útil poderia ser a equipe nacional. (*A Gazeta*, 06 de junho de 1950, p. 19).

A partir daí, pode-se dizer que, de forma marcante, as críticas à preparação do selecionado se intensificaram por esse jornal que, de início, mostrou-se um possível aliado em São Paulo: “*O descontentamento em torno da seleção intensificou-se no próprio Rio de Janeiro.*” Foi assim que até mesmo Thomaz Mazzoni passou a se referir ao processo de preparação do selecionado. No caso da frase acima transcrita, ela se referia a um jogo-treino

---

<sup>120</sup> Esteve presente, depois, nas Copas do Mundo de 1954 e 58, como reserva dos titulares Pinheiro (C. R. Flamengo) e Bellini (C. R. Vasco da Gama), respectivamente. Em 1962, também foi lembrado e, finalmente, atuou como titular, na condição de capitão da equipe, levantando a Taça Jules Rimet.

que a Seleção Brasileira titular havia realizado contra o selecionado gaúcho <sup>121</sup>. Porém, mais à frente, no mesmo texto, Olímpicus parece deixar mais evidenciado seu verdadeiro descontentamento:

O critério da escolha deixou a desejar, em vista da não pouca coerência de Flávio Costa. Diz-se, por exemplo, que o treino de domingo foi decisivo para Mauro. Mas, por que só para ele? E si não estava correspondendo, por que não substituir Mauro e a linha média completa? Nesse caso, a prova decisiva não foi também para Danilo e outros jogadores? (A *Gazeta*, 07 de junho de 1950, p.19).

O cronista paulista deixa evidenciada a sua desaprovação. Deixa também clara a sua impressão sobre o critério utilizado a respeito da escolha dos jogadores para atuarem na Copa do Mundo: havia-se levado em consideração o reduto futebolístico ao qual o atleta estava vinculado. Mazzoni indaga o porquê de grande rigor ter sido imposto tão somente ao paulista Mauro, e não a outros que teriam, em sua própria visão, atuado tão mal quanto o zagueiro. Ele pergunta por que Flávio Costa não substituíra a linha média completa que havia atuado no último jogo-treino.

Assim, Mazzoni engrossava o coro dos que não aceitavam que a aclamada linha média Bauer, Rui e Noronha - também do São Paulo F. C. - fosse mesclada com outra composta por jogadores do Rio de Janeiro, principalmente, com a inserção do “príncipe” da torcida vascaína, como chamavam os torcedores e a imprensa, o jogador Danilo. (Cf. MUYLAERT, 1994: 35 <sup>122</sup>; MOURA, 1998: 76)

E, dessa forma, a mesma crônica era fechada de modo a demonstrar que o apoio declarado, havia poucos dias, estava retirado de cena: “*Enfim, o pessimismo continua de pé. Sim, porque se julgava que o time melhoraria e a escalação dos jogadores seria a mais acertada possível*”. Porém, não de forma definitiva, pois a afirmação imediatamente se transformava em dúvida: “*Desaparecerá esse pessimismo à ultima hora? Oxalá que sim*”. O habilidoso jornalista deixava em aberto a possibilidade de uma revisão de posições; evidentemente, tudo dependeria de uma possível vitória.

---

<sup>121</sup> Partida realizada no Estádio de São Januário, em 03 de junho. O placar foi favorável à Seleção Brasileira em 6 gols a 4. Disponível em:< <http://www.rsssfbrasil.com/sel/brazil195356.htm>>. Acesso 15 out. 2010.

<sup>122</sup> MUYLAERT, R. 10% da população do Rio no Maracanã. In: NOGUEIRA, A.; SOARES, J.; MUYLAERT, R. São Paulo: Companhia das Letras. A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar. 1994.

Devemos destacar que a situação de conflitos regionais parecia não ser encarada como um problema a ser combatido. Ao contrário, pode-se dizer que esse clima de acirramento das tensões era perseguido, muitas vezes incentivado. Sem medo de errar, muitas das vezes, no mínimo, era encarado de uma maneira despreocupada, como indicam os próprios times escolhidos para servirem de preparativos da Seleção Brasileira para o Mundial.

Logo após uma partida contra um selecionado regional, a forte equipe gaúcha (em que a representação cebedina venceu por 4 a 2) e ainda sob o clima de indignação que pairava sobre as lideranças das localidades e clubes cujos atletas foram preteridos para a disputa internacional, a CBD programou um amistoso no estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, entre a Seleção Brasileira e um selecionado paulista “*de novos*” – classificação usada para se dirigir a jogadores de menor idade, em relação aos profissionais ou que ainda estavam por despontar nos principais cenários. Apenas tomando conhecimento do placar, 4 tentos a 3, pode-se deduzir que a disputa não deve ter sido tão amistosa assim. Reforça, ainda, essa ideia, a reportagem de *A Gazeta* que fazia questão de dar destaque à “*boa disposição*” dos novatos e, além disso, opinava sobre o que teria sido o motivo principal da derrota dos paulistas, ou seja, “*(...) pela má atuação do árbitro português.*” Como se não bastasse o fato de haver a necessidade da escolha de um árbitro que fosse entendido como rigorosamente neutro, já que possuía outra nacionalidade, ainda havia a reclamação de que: “*(...) quando o marcador poderia ser decidido com um empate, [o juiz] consignou uma penalidade máxima contra os paulistas, influndo assim positivamente no resultado final*”. Ironicamente, o articulista tenta se explicar e negar o que se mostrava, por demais, aparente: “*Ao citarmos este aspecto do treino de domingo último, não queremos em absoluto, adotar um regionalismo faccioso. Nada disso, uma vez que a própria torcida guanabarina vaiou os rapazes do selecionado nacional.*” (*A Gazeta*, 13 de junho de 1950, p.19).

E foi nesse clima que a tão esperada IV Copa do Mundo, finalmente, teve seu início. A Seleção Brasileira ao estreiar, venceu por 4 gols a 0 a equipe que representava o México. As análises que se seguiram a essa primeira partida reproduziram o tom das rivalidades entre Rio de Janeiro e São Paulo.

A revista *O Cruzeiro*, que, apesar de buscar um alcance nacional, tinha sua sede localizada no Rio de Janeiro, em reportagem assinada por Mário Provenzano, traz em sua narrativa opiniões que procuravam destacar pontos positivos da atuação do quadro que vestia o alvo uniforme da CBD. Apesar de reconhecer que o primeiro tempo fora difícil, o cronista

afirmava em seguida: “*O segundo tempo, entretanto, veio para tranquilizar esta torcida, para cativar o torcedor. Aí então tudo foi fácil.*” (*O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950, p. 16-18)<sup>123</sup>.

Sem reclamar das ações e da escalação do técnico, a revista traz uma foto de Flávio Costa ocupando toda a página 19 da revista – uma das características de *O Cruzeiro* era trazer diversas ilustrações com excelentes cuidados técnicos – e a seguinte legenda: “*A fisionomia de Flávio Costa demonstra perfeitamente uma certa apreensão. O mesmo acontece com Paes Barreto, torcendo num lance dos nacionais. Essa situação só terminou quando os nacionais começaram a jogar o nosso futebol.*” (*O Cruzeiro*, 8 de julho de 1950, p. 19). A referência ao técnico Flávio Costa é a mesma usada para se referir ao médico ligado aos grandes clubes cariocas, Newton Paes Barreto. Naquele momento, ambos eram representados mais como torcedores que vibram observando lances do jogo. Não se trata de uma crítica a Flávio Costa, ao contrário. Era uma aprovação à postura do técnico, pois, na visão do articulista, havia sido escalada uma equipe capaz de “*jogar o nosso futebol*” e isso bastava: “*O público passou a ver no tapete verde aquilo que nós costumamos chamar de ‘bailado’.*” (*O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950, p. 16-18).

Dessa forma, a reportagem remetia seus leitores ao que, doze anos antes Gilberto Freyre já havia descrito na crônica *Foot-ball Mulato*, já citada anteriormente. E reafirmava a tese de Mário Filho, em seu *O negro no futebol brasileiro*, sistematizada historicamente três anos antes, de que a origem étnica do jogador brasileiro reforçaria sua capacidade para o futebol, tornando possível seu especial desempenho na realização da prática.

Por isso mesmo, a reportagem não deixava de, no mesmo texto, insistir em comparar esse jogo com outras partidas da rodada, como a realizada entre o selecionado inglês e o chileno, vencida pelos primeiros, por 2 gols a 0: “*Fácil a vitória brasileira e mais trabalhoso o triunfo inglês*”. Valorizava-se, assim, mais ainda a goleada da equipe cebedina, pois era realçada, não apenas através do número de gols marcados, a diferença entre os estilos de jogo que seriam próprios dos brasileiros e, em contrapartida, o que seria entendido como pertencente ao caráter de *todos os ingleses*, ou seja: “*A cronometragem inglesa e a improvisação brasileira*”.

---

<sup>123</sup> As revistas, devido às limitações técnicas do momento, traziam notícias de um passado não simultâneo. Nesse dia 08 de julho, a Seleção, que já havia ganho duas outras partidas, já estava há um dia de estreiar na fase final da Copa do Mundo. Ver: Fraga, Gerson W. A ‘derrota da máscara’: a revista ‘O Cruzeiro’ e a Copa do Mundo de 1950. In: Revista Vestígios do passado: a história e suas fontes. IX Encontro estadual de história Seção Rio Grande do Sul – ANPHU – RS.

As “oposições binárias” tornam-se dado indispensável para criar o discurso da identidade homogênea e unitária<sup>124</sup>. Com essa intencionalidade nada era mais apropriado para um articulista que trazer a imagem do selecionado da Inglaterra, melhor dizendo, da “*frieza*” do estilo de jogo inglês:

(...) Não vimos nada – pelo menos nessa primeira apresentação, que pudesse justificar essa fama impressionante. É bem verdade que se mostraram mais técnicos do que os chilenos, mais perigosos, embora num jogo que podemos dizer, que não é bem para o nosso público, que gosta de ver improvisação, malícia e entusiasmo. (...) Uma coisa entretanto mostraram os britânicos: são realmente maravilhosos no defender, embora para eles, a melhor defesa seja atacar mais (*O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950, p. 42).

Entendido, dessa maneira, como a antítese do futebol praticado no Brasil, na mesma reportagem, referir-se ao jogo da equipe inglesa facilitava a transmissão de uma mensagem ainda mais positiva a respeito do que havia sido apresentado pelos brasileiros contra os mexicanos. Contudo, em momento algum, o modo de jogar da Inglaterra foi desvalorizado. Na verdade, foi reforçada a idéia da força do futebol daquele país, tratado com reverência pelo próprio jornalista de *O Cruzeiro* que, ainda na mesma narrativa, não se esquivava de classifica-los como os “*mestres da pelota*”.

Enquanto isso, em São Paulo, o título da matéria de *A Gazeta* sobre a vitória da Seleção Brasileira vinha sem o mesmo brilho que trouxe *O Cruzeiro*. Pior, relacionava o resultado cebedino a algo que, de certa maneira, especialmente para o público paulista, era encarado como uma decepção: “*Do triunfo apagado do Brasil á decepcionante atuação da ‘azzurra’...*” (*A Gazeta*, 27 de junho de 1950, p. 19).

O jornal, através dessa que era a reportagem central do caderno de esportes, expunha a frustração com a derrota do selecionado italiano (3 a 2 para Suécia) no estádio do Pacaembu, diante de sua forte colônia local. E, acompanhava esse sentimento, a análise que se fazia da vitória da Seleção Brasileira sobre os mexicanos: “*Para muitos o Brasil iniciou auspiciosamente o certame. Afinal de contas ganhamos do México, com um sonoro placard – 4 a 0! No entanto a verdade, dura, é bem outra. Ganhamos jogando mal. Mal mesmo.*” E a

<sup>124</sup> Como afirma Homi Bhabha (1998: 22) essas “*designações de identidade*” vêm da “(...) *lógica binária através da qual identidades de diferença são frequentemente construídas – negro/branco, eu/outro.*”; tratam-se de “*metáforas que inventam a nação*”. Ver: BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Especialmente, o capítulo *DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna*, p. 198-238.

maior crítica recaía, justamente, sobre o setor em que o zagueiro são-paulino Mauro, preterido na lista final, atuava: “*A retaguarda apresentou falhas. Foi imprecisa em muitos lances fáceis e mesmo tendo pela frente um quinteto sem qualidades, não mostrou aquela segurança que se fazia necessária.*” Ou seja, a Seleção, na visão da reportagem, apenas não sofrera gols devido à incompetência dos atacantes mexicanos. Nem mesmo a vitória aliviava a pressão e os ressentimentos, potencializados pela dispensa do jovem Mauro:

Flávio Costa deve aproveitar a partida contra a Suíça e experimentar alterações imprescindíveis no nosso ‘onze’. Falta-nos um zagueiro esquerdo mais ‘móvel’ (Flávio poderia experimentar Eli); falta-nos Bauer na intermediária e o grande Zizinho no ataque (*A Gazeta*, 27 de junho de 1950, p. 19).

Novamente repete-se a cobrança, como na fase preparatória Olímpica já havia feito. Como Mauro fora dispensado, a linha média, ou seja, os três homens imediatamente à frente dos dois únicos zagueiros deveriam ser substituídos. Ou seja, o vascaíno Eli deveria substituir o zagueiro Juvenal – o mesmo jogador carioca que, na visão do cronista, deveria ter sido cortado no lugar de Mauro; assim, sobriariam duas vagas na linha média, deveriam preenchê-las os são-paulinos Bauer e Rui. Já quanto ao “*grande Zizinho*”, até mesmo antigos desafetos da crônica paulista, naquele momento, reclamavam a sua presença, porém a situação para o atleta não era das melhores.

Mestre Ziza já estava longe de ser um novato. Sua carreira já contava com 11 anos e, nesse tempo, havia lhe oferecido, além de um histórico de sucessos, duas sérias contusões. Prestes a estreitar seu futebol na Copa do Mundo o jogador havia sofrido um entorse no joelho e, ainda assim, recebia pressões por parte da comissão técnica para não deixar de jogar, como contou em seu depoimento aos entrevistadores do Instituto Museu da Pessoa.net, anos depois: “*Fui entrar no jogo contra a Iugoslávia [terceira e decisiva partida]. As duas primeiras partidas não joguei. Na segunda partida, o Flavio chegou e disse: ‘Zizinho, preciso de você.’ - ‘De mim? Não posso nem andar, o que eu vou jogar?’*”<sup>125</sup>. Nessas condições, o jogador tornou-se uma ausência duramente sentida, não apenas contra a seleção do México, mas também no único jogo que a Seleção Brasileira disputaria fora do Maracanã naquele campeonato.

---

<sup>125</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 16 de Agosto de 2001, por Paula Ribeiro e José Santos Matos. Referente ao projeto *Museu do Flamengo*.

A partida entre a Seleção Brasileira e a da Suíça, pela segunda rodada da Copa do Mundo, disputada em 28 de junho, quatro dias após o encontro com o México, era muito aguardada pelo público e pela imprensa de São Paulo, especialmente porque estava marcada para se desenrolar no estádio do Pacaembu.

As pressões eram grandes para que a equipe brasileira agradasse ao público, ainda mais com o time suíço passando a ser considerado fraco, após o resultado adverso na primeira rodada em que perdeu por 3 tentos a 1 da seleção iugoslava. Como disse o jornalista Álvares da Silva, em *O Cruzeiro*, a respeito dos suíços, eram sim “*um grupo de ‘gentlemens’, mas em matéria de futebol, não passam ainda de nenéns de colo.*” Porém, lançando mão de construções amplamente difundidas a respeito das identidades nacionais, especificamente do caso suíço, o narrador na mesma matéria dá destaque a uma característica que poderia complicar os próximos adversários, o jogo defensivo - amplamente difundido depois do Mundial e classificado como *ferrolho suíço*:

(...) Talvez por serem da terra dos relógios, resistiram uma hora aos grandalhões iugoslavos (o 1º gol foi marcado aos 15 minutos do segundo tempo). E perderam de 3x0, usando um sistema superdefensivo, espécie de ‘proteção protegida’ (*O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950, p. 42).

A um dia do encontro, a reportagem de *A Gazeta* anunciava o que seria “*O primeiro contato da ‘torcida’ bandeirante para com a equipe dirigida pelos técnicos Flávio Costa e Vicente Feola.*”<sup>126</sup>. Naquele momento, se fazia questão de destacar a presença do técnico do São Paulo F. C. como importante membro da comissão técnica da Seleção Brasileira. Feola era o auxiliar de Flávio Costa, mas, no entanto, na matéria publicada, era apresentado como outro técnico, portanto, dava-se a entender que estaria no mesmo patamar hierárquico, o que não coincidia com os fatos. Por outro lado, em outra matéria da mesma página daquela edição era ressaltado que Flávio Costa deveria (aqui, a referencia era apenas ao técnico carioca): “*(...) poupar alguns elementos experimentando outros que se encontram em condições para serem lançados. Este é o caso de Bauer, Rui e Noronha e principalmente Zizinho, ausente da equipe até aqui por contusão.*” (*A Gazeta*, 27 de julho de 1950, p. 19). Em outras palavras, mais uma vez, se pressionava pela modificação da linha média da equipe, o que acabou acontecendo.

<sup>126</sup> Vicente Feola dirigiria a Seleção Brasileira, ainda, em uma Copa como único na função, em 1958, na Suécia, quando do primeiro título mundial conquistado.

Assim, no dia 28 de julho, envergando a tradicional camisa branca cebedina que, no entanto, contrastava com um calção azul – conjunto usado pela primeira e última vez (Cf. PERDIGÃO, 1986: 53)<sup>127</sup> - entram em campo o goleiro Barbosa (C. R. Vasco da Gama), os zagueiros Augusto (C. R. Vasco da Gama) e Juvenal (C. R. Flamengo), e, finalmente os são-paulinos Bauer, Rui e Noronha, conforme as cobranças paulistas. Já o ataque não contou com a presença do meia Zizinho, que se encontrava sem condições físicas, e acabou sendo formado pelo ponta-direita Alfredo, por Maneca – ponta-esquerda improvisado na meia-direita – e por Ademir – meia de origem, que fora deslocado para a esquerda – (todos do C. R. Vasco da Gama). Complementavam o setor ofensivo, o famoso centroavante corintiano Baltazar e o são-paulino Friaça na extrema-esquerda do time.

Um público de 42.032 pessoas (Cf. DUARTE, 1987: 84), observou a Seleção Brasileira com sérias dificuldades em furar o bloqueio suíço e, para piorar, viram por duas vezes, a bola encontrar as redes do goleiro Barbosa. As páginas de *A Gazeta*, que, desde a primeira rodada, amargavam o resultado adverso sofrido pela seleção da Itália - encarado como uma decepção geral da colônia presente em São Paulo -, no dia seguinte ao empate da Seleção Brasileira frente aos suíços, registraram solidárias o que identificavam como outra frustração do público paulista:

Depois da derrota sofrida pela seleção italiana contra a Suécia, o resultado de quarta-feira constituiu-se a segunda grande surpresa deste campeonato do mundo; autêntica desilusão para os brasileiros, para os fans do nosso futebol. A equipe do Brasil, na sua segunda partida do certame fracassa espetacularmente e não consegue mais do que um empate contra a fraca equipe da Suíça (...) (*A Gazeta*, 30 de junho de 1950, p. 19).

A partir daí, a reportagem começou a procurar os culpados pelo mal resultado e a justificar determinadas atuações. Primeiramente, se observou a questão das dificuldades táticas no transcorrer da partida: “(...) *é sabido que contra os quadros sulamericanos, onde o futebol existente é tipicamente individualista, este sistema de defesa é de grande êxito; quase nunca falha*”. Por consequência, o analista encontra o que em seu entendimento seria o verdadeiro e único responsável pelo mal resultado: “*O culpado? Flávio Costa, preparador da equipe brasileira...*”. Nesse momento, ao contrário do que foi dito em reportagens anteriores, o comando da equipe não estava mais nas mãos de dois homens, Flávio Costa e Vicente

---

<sup>127</sup> PERDIGÃO, Paulo. Anatomia de uma derrota. São Paulo, L&PM, 1986.

Feola. Agora, deixava-se claro que o controle pertencia apenas ao primeiro; assim, as dificuldades não resolvidas no jogo contra os suíços eram culpa exclusiva de Flávio Costa.

Porém, apesar da ausência inevitável de Mauro, que já estava cortado, Flávio Costa havia escalado os tão exigidos membros da linha média são-paulina. Bauer, Rui e Noronha jogaram e não livraram a Seleção Brasileira do empate. A esse respeito, o comentarista se adiantou a qualquer questionamento e, procurando eximir esse setor de qualquer responsabilidade, passou a identificar quem, em sua visão, seriam os responsáveis pela derrota, entre os jogadores.

*“Cabe à nossa defesa a responsabilidade pelo empate? Nunca! Dizer isto é ser mesquinho é ser parcial. O grande culpado foi o ataque (...)”*. O ataque formado por uma base de jogadores cariocas – sem Zizinho - era o setor sobre o qual, de acordo com o articulista, deveria recair a culpa pelo mal resultado, pois tinha sido incapaz de passar pelo bloqueio defensivo adversário. Porém, não foram apenas essa parte da equipe e a má formação tática empreendida por Flávio os fatores negativos levantados. Outro elemento a prejudicar a equipe, a partir daquela mesma matéria, passava a ser identificado:

(...) Faltou mais ‘sangue’, mais agressividade ao conjunto. Cada jogador preocupava-se em jogar bem para garantir sua escalação contra a Iugoslávia; esqueciam-se que em futebol ganha o ‘time’ que tiver coesão. É este outro erro crasso do treinador Flávio Costa. É preciso que se diga, que se revele: o ambiente atual da seleção brasileira é péssimo. Os jogadores comem-se uns aos outros pela parcialidade do treinador no escalar os jogadores. Assim é que nos encontramos. Bem disse Leônidas da Silva, dias atrás: a qualidade indispensável para ganharmos o campeonato do mundo é haver coesão (...) (*A Gazeta*, 30 de junho de 1950, p. 19).

Críticas ainda mais sérias eram alardeadas. O resultado inesperado no Pacaembu fazia com que parte da imprensa passasse a questionar a própria postura ética do grupo, logo, ficava sob suspeita até mesmo a liderança de Flávio Costa e dos dirigentes cebedinos. Não é por acaso que o articulista recorre à figura de Leônidas da Silva, ex-jogador que, em 1938, alcançara o auge na Seleção Brasileira e que, depois de conturbadas passagens, em 1942 deixara o futebol do Rio de Janeiro para no São Paulo F. C. tornar-se ídolo. Esta era uma voz experiente, agora como comentarista esportivo, para oferecer maior credibilidade às denúncias de falta de comprometimento da equipe.

Em resumo, por vozes paulistas, passava a ser identificada a ausência de disposição e de voz de comando que se julgavam necessários para a conquista de uma taça tão

importante, como era reconhecida a Jules Rimet - “o precioso troféu que garante a hegemonia mundial do futebol.” (*O Cruzeiro*, 18 de julho de 1950, p. 31).

Preparavam-se, assim, os ânimos não apenas para a próxima e decisiva partida da Seleção Brasileira, mas também para possíveis mudanças, pretendidas por grupos paulistas ligados a uma imprensa influente sobre a CBD. Transformações passariam a ser reivindicadas, com relação aos jogadores que formariam os selecionados e à própria administração do futebol e da Seleção do Brasil.

Aquele empate em pleno Estádio do Pacaembu tornou-se o emblemático limite do que se poderia aceitar da Seleção Brasileira, por parte do reduto paulista ligado ao futebol profissional. Essa é a impressão que se tem, ao se deparar com a coluna de Olympicus, publicada dois dias após o jogo e intitulada “*Impossível maior desgosto...*”:

Maior desgosto que o de anteontem cremos que será difícil ao público brasileiro conhecer outro. Ficamos 90 minutos trocando bolas, vagarosamente, entre nossa linha média e atacantes até a área contrária, onde se chegava com lentidão e se parava para retroceder e recomeçar a mesma toada. Os suíços nem sequer tomavam contato com a bola, ficavam alinhados em cerrada barreira e... (...) **Fintas e passes tivemos continuamente, sem pressa, mas sem qualquer progresso no terreno, ou por entre a defesa adversária.** (...). Poucas vezes vimos um ataque tão congestionado (*A Gazeta*, 30 de junho de 1950, p. 19). [grifo nosso]

Apesar de relatar o que identificava como algo ainda incomum para a concepção de futebol da época, com uma disposição tática suíça totalmente diferente do que todos estavam habituados no Brasil, Thomaz Mazzoni coloca toda a ênfase de seu discurso no que, em outras palavras, definiu como uma incapacidade do ataque da Seleção Brasileira em realizar jogadas rápidas e em profundidade, buscando o gol.

Vale notar que algumas características tão decantadas pelos articulistas, principalmente cariocas, seguidores das construções freyreanas reafirmadas por Mário Filho (Cf. CAPRARO, 2007: 206), surgiam em mais uma crônica. Contudo, nesse momento, através da pena de Olympicus se transmite uma imagem negativa de um futebol repleto de “*fintas e passes*”, que estaria relacionado não à dança, à ginga, à agilidade. Dessa vez, o modo de jogar driblador e de fácil controle de bola, se ligava à “*lentidão*”, a um jogo “*vagaroso*” demais para se chegar ao objetivo maior, à meta adversária. Segundo o crítico, um estilo que não permitia o “*progresso no terreno*”. Logo, pode-se entender que Mazzoni traçou as características de um modelo que não corresponderia aos ideais de velocidade

exigidos pelo futebol com que todos se deparavam na Copa do Mundo de 1950 e que, por isso, seria incapaz de trazer a vitória.

No limite, aquele futebol apresentado pela Seleção Brasileira também não teria possibilidade de bem representar a imagem de dinamismo pretendida para a nação, principalmente, construída pelos grupos paulistas que, cada vez mais, procuravam difundir-la. Pois, como disse Marilena Chauí (2000: 39)<sup>128</sup>, terminada a guerra:

(...) os anos 50 do século xx viram surgir como imagem emblemática do país a cidade de São Paulo, em cujo IV Centenário (em janeiro de 1954, comemorava-se ‘a cidade que mais cresce no mundo’), pois ‘São Paulo não pode parar’, de tal maneira que a força do capital industrial deveria levar a uma transformação ideológica na qual o desenvolvimento econômico aparecia como obra dos homens e deixaria para trás o país como dádiva de Deus e da Natureza.

Os grupos hegemônicos cariocas também tomaram posições, após a fatídica partida em São Paulo. A imprensa do Rio de Janeiro, de modo geral, passou a lembrar da sequência de reveses sofridos nos últimos anos em jogos importantes da Seleção Brasileira, ocorridos no estádio do Pacaembu. Resultados adversos como a derrota em 4 a 3 para o selecionado da Argentina, na Copa Roca de 1945, a recente partida na Taça Rio Branco frente aos uruguaios, que também terminou em 4 a 3 para os adversários, e o empate em 3 gols da equipe B com os paraguaios. Partidas que eram enumeradas pelos jornais do Distrito Federal como fortes exemplos do quanto, no mínimo, não era um bom presságio *mandar* - conforme jargão futebolístico - jogos da Seleção Brasileira em terras paulistas.

Críticas ao selecionado brasileiro e aos seus comandantes, não eram a prioridade da imprensa carioca naquele momento. A não ser em relação a Flávio Costa, cuja principal acusação girava em torno da escalção da linha média do São Paulo F. C.. Pois, o técnico ao levar a campo Bauer, Rui e Noronha, “(...) *teria cedido às pressões regionalistas, abrindo mão do entrosamento e do conjunto da seleção (...).*” (MOURA, 1998: 76). Como se pode notar, por intermédio de seus próprios articulistas e veículos de comunicação, os grupos cariocas se fizeram ouvir em reação às críticas que vinham de São Paulo. Expressaram suas opiniões em relação ao modo como a torcida, a imprensa e as lideranças paulistas trataram o selecionado cebedino após o empate com a seleção da Suíça.

---

<sup>128</sup> CHAUI, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Uma das mais emblemáticas críticas nesse sentido encontra-se no texto escrito por José Lins do Rego, publicado no *Jornal dos Sports* na mesma sexta-feira em que Olimpicus houvera transmitido suas impressões. Na crônica “*A cólera de Martins Editor*”, ficava ainda mais nítido o clima de cisão.

José Lins do Rego utilizou para construir sua narrativa, a figura de José de Barros Martins, fundador da Livraria Martins Editora. Tratava-se de um editor de grande importância, desde os anos 1940, que publicava com exclusividade nomes do naipe de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Mário de Andrade, entre outros (Cf. CASTRO, 2002: 192-193). Em sua crônica, Lins do Rego dizia ter visto o seu “*amigo*” depois do segundo gol da equipe suíça: “(...) *dar um salto e gritar de júbilo.*”. Ação que o fazia indagar: “*Haveria sangue suíço naquela magnífica cruz de baiano e paulista? Seria aquele neto de barão do Vale do Paraíba um helvético?*”. Ao que, em negativa respondia, em seguida: “*Apenas, o meu amigo José de Barros Martins torcia contra Flávio Costa.*”. Uma aversão ao técnico da Seleção Brasileira, que se somava a da torcida:

(...) torcia com uma veemência que todo o estádio do Pacaembu acompanhou na vaia gigantesca que deu na seleção brasileira. (...) O povo de São Paulo acompanhou a cólera de Martins. Flávio Costa teria sido lapidado, naquela tarde de céu tão azul, e de São Paulo em dia tão glorioso (*Jornal do Sports*, 30 de junho de 1950).

A torcida, Martins Editor e “(...) *um seu amigo, um rapaz fino, bem dos quatrocentos paulistas, [que] desabafava com virulência.*”, como também dizia José Lins do Rego, podem ser entendidos como as vozes de representantes de diversos grupos paulistas. Eles, por sua vez, pareciam aderir às reclamações de um reduto que se via alijado de uma maior participação naquela Seleção, na própria direção do futebol do país. Inclusive, que também procuravam ascender a outras posições no cenário político nacional que, naquele momento, estava nas mãos mais próximas ao Distrito Federal.

José Lins do Rego fez menção, assim, a um representante da elite insatisfeito com as ações dos representantes da pátria, no campo de jogo, e que, por sua vez, contagiava a própria população paulista. Assim, o literato, potencializava, através de seus personagens, os paulistas como um grupo que torcia contra a própria pátria, que poderia ser entendido até mesmo como um não-brasileiro.

A imprensa carioca desaprovava um comportamento que seria próprio do paulista e que se fez presente no estádio do Pacaembu, identificado como um comportamento “antipatriótico”. Logo, um “(...) *estádio onde os nacionais seriam levados a se intimidar, a se acovardar, a se deixar dominar por um complexo de inferioridade.*” (MOURA, 1998: 75). Conseqüentemente, após esses discursos, o que se viu foi o acirramento de ânimos, e até o final da Copa do Mundo, a Seleção Brasileira não jogou mais em outra localidade que não fosse o Rio de Janeiro, que não fosse o Estádio do Maracanã.

Na terceira rodada do certame, seria jogada a última partida, para decidir a classificação para a fase final. A Seleção Brasileira dependia de uma vitória que, por sinal, muitos já questionavam. *A Gazeta* trazia em destaque: “*A primeira grande cartada do Brasil no Campeonato do Mundo*” e complementava, a seguir: “*Mas, que também poderá ser a última.*” (*A Gazeta*, 01 de julho de 1950, p. 15). Ainda na mesma página, Paulo Planet Buarque, ao realizar seus comentários na coluna *Últimas*, dava a impressão de que, com a perspectiva da derrota que possivelmente viria, sentia-se à vontade para coagir a CBD a rever sua posição em relação à permanência de Flávio Costa no comando técnico da Seleção Brasileira, que já durava seis anos (1944-50):

si tiver juízo [CBD] para as próximas vezes tratará de mudar um pouco do que diz respeito à direção técnica da seleção brasileira. Flávio Costa é competente, ninguém o discute; Flávio entende de futebol, ninguém o discute. Mas, nós precisamos de novos valores, outros treinadores. Chega um pouco de Flávio Costa... (*A Gazeta*, 01 de julho de 1950, p. 15).

Naquele mesmo dia, numa tarde de sábado, as arquibancadas do gigantesco Estádio do Maracanã estavam abarrotadas, estavam presentes 155.000 pessoas. O primeiro recorde mundial de público daquela Copa do Mundo era quebrado (DUARTE, 1987: 85). Uma multidão, jamais vista em um jogo de futebol observava a vitória da Seleção Brasileira por 2 tentos a 0 diante dos iugoslavos. Milhares de olhares puderam contemplar o bom futebol apresentado pelos jogadores, principalmente por Zizinho, que superou as dores no joelho – durante a própria partida – e foi considerado um dos destaques, oferecendo o passe para o gol de Ademir e, ainda, encontrando o caminho do gol por duas vezes, sendo que apenas o último foi considerado válido pelo árbitro gaulês Merwin Griffiths. Vale lembrar, ainda, que o gol anulado, de acordo com as mais variadas fontes, inclusive a partir do próprio depoimento de Zizinho, tratou-se de uma jogada idêntica ao do tento validado, como ele traz em suas memórias:

Eu tinha feito um gol ali quase na minha área, no alinhamento. Lá na entrada da área, 10 metros da área, bati e fiz um gol. Aí o juiz anulou. Se você pegasse os dois gols e botasse num filme, os dois lances, você não sabia qual era o primeiro e qual o segundo. Exatamente iguais e o juiz esse deu e o outro anulou. Porque ele deu o primeiro? (risos) Igualzinho...<sup>129</sup>

A memória a respeito desse jogo permitiu a Zinho narrar, apesar da contrariedade causada por um gol anulado, de forma bem humorada esse que foi o início do melhor momento da Seleção Brasileira de 1950. Daquela vez, a vitória e a atuação da equipe foram vistas de forma convincente pela opinião pública em geral.

Os iugoslavos já haviam chamado a atenção positivamente de cronistas, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, ao vencerem na primeira rodada a seleção suíça (3 a 0) e, em seguida, a mexicana (4 a 1). As vaias do Pacaembu eram silenciadas. Nesse último jogo da primeira fase, os aplausos no estádio do Maracanã se faziam mais fortes. Logo, era a vez dos grupos cariocas virarem a mesa de vez:

A rivalidade Rio-São Paulo é explorada pelos jornais da capital, que incentivavam a torcida carioca a se unir aos jogadores em prol da vitória. Os torcedores paulistas não haviam sabido agir pelo bem da seleção, vaiando os jogadores ao invés de ampará-los; os cariocas compareciam ao Maracanã para levar o time à vitória, exercendo seu papel de 12º jogador. Assistir ao jogo não seria apenas um prazer ou uma diversão, mas um dever patriótico (MOURA, 1998: 80).

A partir desse momento, o modelo ideal não só de jogador brasileiro, mas de torcedor, que também seria o brasileiro modelar, era o do público que, em massa, compareceu ao monumental Maracanã, logo, era o do torcedor carioca. A imprensa do Distrito Federal reforçaria essa ideia, a cada partida da Copa:

São três adversários já bem conhecidos por todos nós. Conhecemos portanto a responsabilidade que ainda pesa sobre os ombros. Não seria nada de mais solicitar do maior público reunido numa praça de esportes – o público carioca, voltar ao gigante do Maracanã, e como das vezes anteriores, incentivar, sofrer, para depois repetir aquele espetáculo dos lenços brancos, já tão característico entre nós (*O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p. 26).

Nos dias que antecediam o início da fase final do certame, *A Gazeta* se pronunciava, em tom de resposta ao discurso geral que surgia dos veículos de imprensa

<sup>129</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 16 de Agosto de 2001, por Paula Ribeiro e José Santos Matos. Referente ao projeto *Museu do Flamengo*.

carioca: “*Ganhamos porque jogamos exatamente diferente do que fizemos no Pacaembú*” e, em seguida, explicava:

Em São Paulo a seleção foi de uma lentidão, de um desânimo único. No Rio, o conjunto brasileiro, foi todo alma, todo coração, todo desejo de triunfo. (...) Veio a partida demonstrar que não foi o Pacaembú quem ‘travou’ os movimentos do quadro; não foi a torcida paulista que não apoiou o quadro. Nada disto. Foi a própria falta de vontade dos jogadores, foi o excesso de confiança que quase levou o Brasil ao abismo inevitável de uma derrota (*A Gazeta*, 4 de julho de 1950, p. 19).

Claramente, a intenção era combater um movimento que se mostrava pulsante no Rio de Janeiro, o empenho estava em responder às acusações de que o torcedor paulista seria contrário à Seleção Brasileira, tal como José Lins do Rego exemplificara citando seu “*amigo*” José de Barros Martins. E, por consequência, também rebater a ideia de que o torcedor carioca seria o brasileiro exemplar. Porém, nesse momento de vitórias, os argumentos nesse sentido deviam recair sobre as qualidades apresentadas por aqueles anteriormente tão criticados, qualidades que não afloraram no Pacaembu por simples “*falta de vontade dos jogadores*” e “*excesso de confiança*”. Em outras palavras, era a pecha da “*máscara*”, acusação feita ao jogador, que ao ser chamado de “ *mascarado*”, era entendido, automaticamente, como um atleta possuidor de suas qualidades técnicas, mas que, por outro lado, não se esforçava no desempenho de suas funções em partidas tidas como fáceis, ou que preferia correr, se sacrificar, para o público do Distrito Federal, desdenhando o paulista.

Olimpicus confirmava a linha editorial assinando críticas de forma bastante direta, em sua própria coluna, nos dias que se seguiam. Antes da estreia da Seleção na fase final do torneio, por exemplo, o cronista evocava a situação vivida em 1938 para compará-la àquele momento: “*Si quasi vencemos o título em 1938, no estrangeiro, com tudo contra, por que não poderemos vencê-lo neste 1950, em condições tão favoráveis?*”. A pergunta surgia da indignação, por parte do narrador, provocada pela preferência dos jogadores em realizarem os jogos no Maracanã: “*Agora, jogarão as três partidas finais no Rio, onde – segundo eles mesmos – estarão mais à vontade...*” E, citando nomes, fazia questão de reavivar sentimentos regionalistas, principalmente nos paulistas, que sofreram com a derrota para a seleção do Distrito Federal, no último campeonato brasileiro de seleções:

Interessante: os Zizinho, Ademir, Danilo, Barbosa, etc., souberam conquistar, com fibra e jogo, o título de campeão brasileiro, no Pacaembú, apesar da ‘torcida’ contra, e agora, no Campeonato Mundial, tratando-se de defender o Brasil, no próprio Pacaembú, não sabem vencer a um time como

a Suíça, com o seu futebol tipo 1910!...<sup>130</sup> Interessante isso, não acham? (*A Gazeta*, 06 de julho de 1950, p. 18).

Ao que tudo indica, com relação à preferência dos jogadores pelo cenário carioca, Thomaz Mazzoni não estava errado. Ele dá pistas para se acreditar que era uma consequência normal dos constantes episódios de ataques, que partiam de ambos os lados, e do fato de a base do selecionado brasileiro ser carioca. Os nomes que o cronista cita, em especial, eram os de atletas que, além de serem os titulares da Seleção Brasileira da Copa de 1950, também eram os mesmos acostumados a encarar o palco futebolístico do Pacaembu normalmente como um campo adversário, mais precisamente um campo inimigo.

Zizinho, o primeiro nome da lista citada por Olympicus, em suas memórias traz passagens interessantes nesse sentido. No depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, em 1985, o craque lembrava: “(...) *quando jogavam cariocas e paulistas, tanto cá como lá, era uma verdadeira guerra.*” (MORAES, 2002: 234). Essa imagem bélica referente àqueles jogos, partia do clima de extrema rivalidade existente entre o Rio de Janeiro e São Paulo, uma situação que foi tomando impulso desde o surgimento da CBD (1915) e ampliou-se significativamente a partir da criação do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais (1922) que, por sua vez, havia sido uma “(...) *tentativa da CBD de fazer da competição um meio para promover a integração do futebol [que] teve efeito contrário, aprofundando a regionalização preexistente e acirrando os ânimos bairristas.*” (FRANZINI: 2003: 21).

O ex-jogador Zizinho dá a dimensão de uma conflituosa relação que envolvia mais que o campo de jogo e as arquibancadas dos estádios no Rio de Janeiro e em São Paulo. Os conflitos chegavam a envolver também a imprensa. Dessa vez, aliás, era ele, Zizinho, quem citava Olympicus. Durante seu depoimento à equipe do MIS, ao se referir à primeira vez que fora chamado para a Seleção Brasileira, o jogador fez questão de citar uma passagem a respeito de quando, durante aquele Campeonato Sul-americano de Montevideú, em 1942, o técnico da equipe, Adhemar Pimenta, veio lhe falar. Segundo as memórias do craque, Pimenta desejava que ele fosse o titular, porém o escalava alternadamente na equipe reserva e na principal, por pressões exercidas pelo próprio Thomaz Mazzoni:

---

<sup>130</sup> O depoimento de Zizinho, ao Museu da Imagem e do Som, foi dado no dia 31 de maio de 1985. Foram os entrevistadores: Ricardo Cravo Albin, Jairo Severiano e João Máximo (Cf. MORAES, 2002:219).

‘O meu titular é você, mas o Tomás Mazzoni, um cronista de São Paulo, está impondo que jogue o Servílio <sup>131</sup>, e eu vou escalar o Servílio’, disse o Ademar Pimenta. Eu joguei metade das partidas, e o Servílio jogou a outra metade... (MORAES, 2002: 230).

O certo é que muitos foram os episódios de desentendimentos registrados entre paulistas e cariocas, dentro e fora das quatro linhas, envolvendo cronistas, dirigentes, jogadores e torcidas. Fatos como esses ocorreram durante toda a primeira metade do século XX e contribuíram para alargar fissuras no campo da diplomacia entre os envolvidos com o futebol de São Paulo e do Rio de Janeiro e que, por sua vez, se fizeram ressoar com força e, como se pode perceber, provocaram sérios conflitos em plena Copa do Mundo naquele ano de 1950.

Por outro lado, também estava em jogo, no Mundial, toda a organização cuidadosamente elaborada para se transmitir uma imagem positiva a respeito do Brasil e de sua capacidade de sediar um grandioso evento esportivo que, cada vez mais, atraía para si as atenções do mundo - principalmente das mais apreciadas partes do globo para os dirigentes e intelectuais brasileiros, ou seja, os países da Europa Ocidental e os Estados Unidos. E nesse ponto, os interesses dos diversos grupos envolvidos tendiam a convergir. Ainda mais quando tudo parecia correr conforme o esperado, no que se referia à organização.

Thomaz Mazzoni, em sua coluna, fez um breve balanço do campeonato no término da primeira fase, respondendo, segundo ele próprio, aos “*mal intencionados*” e “*alarmistas*” europeus que se levantavam contrários à vinda dos seus para o Brasil:

Até o presente, finda a competição dos grupos, não houve o mínimo deslize, a mínima queixa, o mínimo episódio feio. É, pode-se dizer, o Campeonato Mundial mais ordeiro, disciplinado e limpo, disputado até hoje. Não tivemos um único incidente digno de nota, público correto, arbitragens sem os vários escândalos das disputas passadas, enfim, tudo bem. No entanto, dizia-se que, aqui, haveria mortos e feridos... (*A Gazeta*, 05 de Julho, de 1950, p.18).

Ainda que houvessem ocorrido alguns episódios noticiados por outros veículos, como a dificuldade para se locomover no entorno do Estádio do Maracanã, que ainda estava inacabado no conjunto de sua obra, ou a falta de informações aos estrangeiros que desejavam

---

<sup>131</sup> Servílio de Jesus iniciou a carreira em 1938 no Galícia Esporte Clube (da Bahia) e, no início da década de 1940, tornou-se ídolo da torcida do S. C. Corinthians Paulista. Disponível em: <<http://www.servilio.com/servilio.htm>>. Acesso 29 nov. 2010.

ver os jogos, como foi relatado pela reportagem de Davi Nasser a respeito da primeira rodada do torneio (*O Cruzeiro*, 8 de julho de 1950, p.18), graves incidentes não fizeram parte dos noticiários. Nesse quesito, o certame se desenvolvia atendendo aos interesses esperados. Era apenas com relação aos resultados das partidas que as coisas não se encontravam tão ajustadas quanto era o esperado pelos que se diziam entendidos do assunto.

Os dois selecionados europeus mais festejados, quando chegaram ao Brasil, declarados antecipadamente por muitos como os prováveis vencedores, escolhidos como cabeças-de-chave, ainda na primeira fase haviam sido desclassificados. Ambos possuíam uma espécie de aura, um status indiscutível. Uma delas era a equipe italiana que após realizar seu primeiro treino, apesar de não ter sido praticado nada além de alguns toques na bola, chutes ao gol e exercícios físicos, viu publicada uma descrição que colocava seu futebol em um nível muito superior a todos os demais: “(...) tiveram oportunidade de demonstrar suas esplêndidas qualidades, como bons cabeceadores e magníficos chutadores. (...) São homens fortíssimos. De uma forma geral a impressão deixada foi esplêndida.” (*A Gazeta*, 21 de junho de 1950, p.19).

Um discurso que acabava por trazer, como consequência inevitável, o favoritismo da equipe para ganhar o título e, principalmente, para vencer o seu primeiro adversário, como finalizava a matéria: “*Provavelmente os bi-campeões do mundo ganharão fácil da equipe sueca*”. Contudo, não apenas foi difícil a partida, como os italianos perderam pelo placar de 3 a 2, e, além disso, como já foi dito, não conseguiram nem mesmo chegar à fase final da Copa do Mundo.

Tem-se a impressão que o discurso homogeneizador do que se concebia como características próprias, não de uma equipe, mas de todo o futebol italiano - campeão consecutivo das duas últimas Copas (1934-38) - contagiou o articulista que cobria o primeiro treino da Azurra no Brasil. Ao procurar incentivar a torcida a comparecer aos jogos dos italianos, parecia esquecer que os jogadores que ele vira naquela tarde de terça-feira, trocando bolas no estádio do Parque Antártica, eram jovens membros de uma equipe formada recentemente, cuja reformulação forçada, se deu em consequência da tragédia que havia abalado as estruturas daquela seleção, pois toda a espinha dorsal da equipe, que anteriormente representava a Itália, pertencia ao Torino que, por sua vez, veio a perder toda a sua equipe em um acidente aéreo que não deixou sobreviventes, acontecido em 4 de maio de 1949, ou seja, pouco mais de um ano antes daquela Copa do Mundo.

A outra decantada equipe era a seleção inglesa. Como já se disse anteriormente, fazia-se questão de se referir aos ingleses como “*reis do futebol*”, “*mestres da pelota*”, e tantas outras classificações que procuravam mostrar a superioridade do futebol praticado por elementos de origem britânica. Além disso, ao mesmo tempo, procurava-se também, com isso, ressaltar uma condição entendida como superior por parte daqueles que tivessem buscado inspirações nos próprios ingleses e aprendido diretamente com eles, como os brasileiros, especialmente através da ação de Charles Miller – exaltada na narrativa elaborada, principalmente, por Thomaz Mazzoni.

Contudo, o exemplo inglês, naquela primeira Copa do Mundo do pós-guerra e, também, naquela primeira participação, fora o mais decepcionante possível, principalmente para aqueles que desejavam ter provadas as suas construções narrativas generalizadoras de um modelo único de futebol praticado pelas nações tidas como superiores. Os ingleses não só foram desclassificados na primeira fase, mas também se viram derrotados em sua segunda partida em Copas pela seleção dos Estados Unidos da América.

Esses acontecimentos causaram furor e dúvidas exacerbadas sobre os que se julgavam detentores da ciência do esporte, especialmente conhecedores dos segredos técnicos e táticos do futebol, como se pode perceber na reportagem não assinada de *A Gazeta* que levou o significativo título “*Incrível! Os Estados Unidos vencem a Inglaterra, vencem os ‘reis do futebol’ – 1x0!*”:

Meus amigos, o pasmo é geral. É verdadeiramente incrível o que vem de suceder. A Inglaterra, a grande favorita ao título mundial do futebol, perde para os Estados Unidos da América do Norte depois de uma dramática luta (...). Os ‘reis do futebol’, perdem sua invencibilidade perante uma equipe apenas agora se iniciando nas competições internacionais do esporte que consagrou Amílcar. (...) É verdadeiramente impressionante o sucedido e nos leva mesmo, este resultado, a pensar que de futebol ainda não entendemos nada, absolutamente nada (*A Gazeta*, 30 de junho de 1950, p. 19).

O abalo era tal que se tornou motivo para Paulo Planet Buarque, na mesma edição, chegar a abrir mão da arte de fazer previsões a respeito das partidas e campeonatos - elementos essencialmente presentes no discurso do jornalismo esportivo:

(...) venceu a equipe norte-americana, esta mesma equipe que hoje baqueou espetacularmente, por uma a zero. Onde a lógica? (...) Que dizer destes jogos? (...) Prognósticos? Não amigo leitor. Abdicamos momentaneamente de nossa condição de cronista esportivo e antecipador, por assim dizer, de resultados e de produção de equipes, para sermos, pelo menos neste

campeonato do mundo, apenas torcedores... (A *Gazeta*, 30 de junho de 1950, p. 19).

Pela primeira vez, a seleção da Inglaterra participava de uma Copa do Mundo e era uma das principais responsáveis por colocar sob dúvidas o próprio trabalho do cronista esportivo e, nesse caso, fazendo um deles chegar a até reconsiderar sua própria credibilidade, optando por ser visto no desenrolar do mundial “*apenas*” como torcedor, ante os resultados totalmente distintos do que ele e tantos outros haviam previsto anteriormente.

Não se deve esquecer que aqueles anos do pós-guerra abriam novas possibilidades. Um clima diferente do de anos de bloqueios e conflitos que, até então, haviam sido vividos. Naquele momento, ao contrário, se incentivava o intercâmbio cultural entre as nações, principalmente das que estavam alinhadas segundo as diretrizes de um ou de outro bloco político-econômico, que buscavam a hegemonia no globo - o capitalista e o socialista. Assim, tanto clubes como seleções começavam a participar de jogos intercontinentais, dos quais, por mais de uma década, haviam ficado privados. Partidas que, aos poucos, surgiam, mas que, mesmo assim, especialmente com relação às equipes brasileiras, somente depois da Copa do Mundo de 1950 se tornariam mais corriqueiras.

Nesse sentido, pode-se dizer que aquela Copa do Mundo do Brasil, mesmo com os percalços de algumas desistências, mostrava para os profissionais do meio o jogo de equipes de variadas regiões, como nunca havia sido visto. Nos três campeonatos anteriores a situação era muito diferente, foram torneios que contavam maciçamente com a presença dos países do próprio continente que sediava o evento, acrescida de um ou outro visitante <sup>132</sup>. O grande evento futebolístico daquele ano de 1950 trazia seleções como o aclamado English-Team e a bicampeã Squadra Azzurra, além de equipes do leste europeu - já frequentadoras tradicionais dos mundiais -, seleções das três Américas e uma equipe nórdica. Enfim, a ocasião era realmente nova.

Os profissionais do futebol brasileiro, mesmo os mais tarimbados, tinham suas experiências internacionais limitadas. As novidades proporcionadas pelo certame do Brasil faziam surgir, ainda timidamente, alguns questionamentos em relação ao que se concebia por

---

<sup>132</sup> No primeiro campeonato mundial, realizado no Uruguai, os europeus não foram com sua maior força, sendo que a seleção da França foi a única nação da Europa ocidental a participar. No segundo, na Itália, e no terceiro, na França, das equipes da América do Sul, apenas a Seleção Brasileira participou em ambas as competições e do restante da América, em 1934, os Estados Unidos jogaram sua segunda Copa do Mundo e, em 1938, a seleção cubana participa tão somente.

estilo de jogo próprio de um ou de outro país. Porém, a aceitação dessa diversidade, tanto do modo de jogar quanto da capacidade técnica de cada um dos componentes das seleções de seus respectivos países não era nada fácil. O contexto, apesar do fim da guerra, ainda estava imerso em discursos nacionalistas, homogeneizadores, repletos de narrativas que, por sua vez, havia tempos, encontravam no futebol um campo bastante propício para se difundirem, mesmo com os resultados diferentes do imaginado. Assim, apenas causavam perplexidade, fazendo alguns até desistirem, nem que fosse momentaneamente, de defender suas opiniões e colocar em risco sua credibilidade como analista de futebol, como foi o caso de Paulo Planet Buarque.

Insistindo um pouco mais nessa questão, é necessário lembrar que não era possível cogitar, naquele momento, em uma comparação entre Estados Unidos e Inglaterra, que o primeiro levaria certa vantagem, no que se referia à experiência. Na época, foram deixados de lado alguns dados importantes nesse sentido, como o fato de os estadunidenses, no certame de 1950, já possuírem no currículo duas participações em campeonatos mundiais, sendo ainda no primeiro deles, em 1930, escolhidos como cabeça-de-chave, pois: “(...) *se sabia que eles estariam com uma forte equipe, composta principalmente por ex-jogadores escoceses naturalizados, tais como Alex Wood, Gallacher, James Brown, Mac Ghee.*” (DUARTE, 1987: 34); e, além disso, também não se tinha em conta que, em 1933, a seleção dos Estados Unidos classificou-se para a Copa do Mundo do ano seguinte em primeiro lugar de sua chave<sup>133</sup>. Enfim, trata-se de apenas alguns dados que até poderiam ser questionados, mas que não se verificou, em momento algum, serem considerados ante os discursos que procuravam citar a força tradicional do futebol inglês, que, de acordo com a visão mais conservadora, era, como consequência, o franco favorito para vencer não só a partida contra os estadunidenses como o próprio certame mundial.

Surpreendentemente, portanto, e com pesar para muitos, chegava-se à fase final da Copa do Mundo de 1950 sem a presença das favoritas europeias. Por sua vez, a Seleção Brasileira, somente agora, tornava-se um nome visto como possível e lógico para a conquista. Como já foi dito, não é que antes se preterisse a possibilidade da vitória, mas a maioria dos cronistas considerava que, exceto pelo fator de os brasileiros jogarem no próprio território,

---

<sup>133</sup> É bem verdade que na Copa do Mundo de 1934, a seleção dos Estados Unidos sofreu uma goleada para a forte seleção italiana – dona da casa e campeã do certame – e, assim, foi eliminada. Porém, fato semelhante ocorreu também com a Seleção Brasileira, que após derrota ante a seleção espanhola teve que retornar para casa (3 a 1).

outras equipes tinham muito maiores chances de ganhar. Equipes mais tradicionais que, naquele momento, se encontravam eliminadas e de malas prontas para atravessarem o atlântico no retorno para casa.

O regulamento da competição determinava confrontos diretos entre todas as quatro equipes envolvidas. Dentre elas, a que alcançasse o maior número de pontos ficaria com a posse da Taça Jules Rimet.

Assim, para os brasileiros vencerem, teriam de enfrentar, pela ordem, as equipes da Suécia, da Espanha e do Uruguai. De acordo com as opiniões observadas, o selecionado sueco não havia empolgado, a não ser pela primeira vitória contra a seleção da Itália e até mesmo seu técnico, o inglês George Raynor, parecia não acreditar que conseguissem passar pela Seleção Brasileira, que seria o jogo da estreia da fase final: *“Pessoalmente não acredito num sucesso nosso.”* (A Gazeta, 6 de julho de 1950, p. 18).

Os uruguaios, últimos adversários dos brasileiros, por sua vez, apenas haviam jogado uma única partida - vencida com oito gols sobre uma inoperante equipe boliviana - e não haviam tido tempo ainda para apagar a ideia de uma seleção em fase de transição de jogadores, logo, inexperiente. Dessa forma, tinha-se a impressão de que o pior de todos os obstáculos seriam mesmo os espanhóis.

O selecionado espanhol era respeitado desde o início da competição, porém, no decorrer dela, mais especificamente na fase final, viu os seus créditos aumentados. *“La Furia”*, como já era conhecida, deveria ser encarada com preocupação: *“(…) Devemos respeitar o futebol espanhol, porque ele tem o espírito de coletividade do europeu e a capacidade individual dos nacionais. É um futebol quasi sulamericano.”* (A Gazeta, 13 de junho de 1950, p. 19).

A seleção da Espanha, na maioria das análises, seria a síntese do que havia de melhor no futebol no mundo, exemplificado na matéria acima. Por um lado, eram europeus e, por isso, possuidores do estilo de jogo revestido por uma aura vista como sublime, *“o espírito da coletividade”*, uma característica que tanto se considerava própria daquele que se tinha como o maior exemplo desse modelo eurocêntrico, o inglês - diga-se, país que continuou a ser exaltado, mesmo após as duas derrotas de sua representação e a conseqüente eliminação<sup>134</sup>:

---

<sup>134</sup> Primeiramente, pela seleção dos Estados Unidos e, depois, pelos próprios espanhóis, ambos os jogos com o placar de 1 gol a 0.

“*Nas duas ocasiões os ingleses, foram mais técnicos, donos de um melhor futebol. Os conjuntos adversários, porém marcaram os gols que os ingleses não conseguiram fazer...*” (A *Gazeta*, 4 de julho de 1950, p. 19). Por outro lado, seguindo essa construção muito própria do discurso da tradição nacionalista, os espanhóis teriam o sangue latino, portanto, também viriam a apresentar semelhanças com os sul-americanos - herdeiros da latinidade. Logo, os componentes daquela seleção tinham também “*a capacidade individual dos nacionais*”, ou seja, a capacidade para promover jogadas intuitivas, que seriam muito próprias do estilo de jogo que se entendia como brasileiro.

Diante disso, após a Seleção Brasileira derrotar os suecos, sem maiores problemas, pelo elástico placar de 7 gols a 1, venceu também os espanhóis e de maneira igualmente arrasadora. Nesse momento, até mesmo a imprensa paulista parecia se render. A manchete do caderno *Todos os Esportes*, de *A Gazeta*, não deixa dúvidas nesse sentido: “*Espetacular vitória do onze brasileiro contra a Espanha – 6 x 1!*”. Dizendo, em seguida: “*Venceu o Brasil! Outra vitória do ‘onze’ brasileiro! Caiu a Espanha! Marchamos vitoriosamente para a reta final, para o título de campeões do mundo! Estas as exclamações iniciais possíveis ante a jornada extraordinária de ontem do quadro do Brasil. (...)*” (A *Gazeta*, 14 de julho de 1950, p. 15).

Após a Seleção Brasileira vencer o modelo síntese, a soma do que melhor se tinha no futebol mundial, o regozijo era geral. Subitamente o status do futebol praticado pelos brasileiros é elevado a níveis jamais vistos. Até mesmo a imprensa paulista, os grandes críticos do modelo implantado pela CBD e pelos intelectuais ligados aos círculos de poder do Distrito Federal, aderiam ao discurso da superioridade alcançada por aquele time de 1950. Não eram mais apontados os defeitos de determinados jogadores e de uma maioria carioca, presente no elenco formado por Flávio Costa.

Agora, entendia-se que, da melhor forma possível, estava o país todo representado, pois: “*O Brasil jogou ontem uma partida perfeita.*” Enfim, outro patamar parecia ter sido alcançado pela nação através daqueles “*rapazes*” – termo utilizado cotidianamente pela imprensa em geral, ao se referir aos jogadores de um elenco de futebol – que agora se tornavam “*homens*” e “*mestres*”, como diz o articulista:

Foi uma vitória de escol do onze brasileiro. Uma autêntica aula de futebol, com a duração de 90 minutos. Vencemos em toda a linha, ganhando de um adversário que prometia muito e que demonstrou durante a partida, capacidade para jogar de igual para igual, com outro adversário. Mas, eram

os brasileiros os homens do outro lado do campo e daí o ‘chuá’...” (*A Gazeta*, 14 de julho de 1950, p. 15).

O banho de bola da Seleção Brasileira sobre a espanhola provocou êxtase e euforia, situação que fez o articulista imprimir uma ideia diferente a respeito do que seria o modelo de futebol no Brasil. O que se concebia por *futebol brasileiro*, até aquele momento, em qualquer tipo de exposição do futebol do país em relação ao exterior e, principalmente ao europeu, não costumava ganhar adjetivos que remetessem à superioridade no campo da tática, ou seja, no que envolve o posicionamento, o modo como agem os diferentes setores da equipe, as tais “*linhas*” citadas na crônica. Não era hábito dizer que o futebol apresentado pelo brasileiro, mesmo após vencer bem uma partida internacional, era uma “*aula*”, ainda mais quando comparado a um modelo da região ocidental da Europa com histórico de vitórias, como era a Espanha.

A crônica carioca também tecia elogios eufóricos. Realizava exercícios de comparação que a historiadora Gisela Moura (1998: 105) sintetizou na seguinte frase: “As performances do escrete brasileiro nas partidas contra a Suécia e a Espanha foram comparadas a danças e músicas.”. Os discursos, em geral, optavam por valorizar esses aspectos. Invariavelmente, seguiam a linha inaugurada por Gilberto Freyre, em 1938, e se detinham na ênfase à individualidade, na habilidade e destreza com a bola, por parte dos atletas nacionais e na agilidade que possuíam para se esquivarem dos adversários; elementos que se acreditava ligados ao instinto, à intuição, não à razão. Para esse grupo de cronistas, tecer elogios ao jogador de futebol brasileiro estava relacionado a elogiar um artista, não um professor.

A goleada de 6 a 1 sobre os espanhóis, aplaudida por um Maracanã mais uma vez recordista de público, com 152.772 presentes (Cf. DUARTE, 1987: 88), direcionava o coro dos antes descontentes da Fundação Casper Líbero, como reforçava Paulo Planet Buarque:

Outra memorável vitória conquistou o ‘onze’ brasileiro no Campeonato do Mundo, este certame que serviu de uma vez para sempre para demonstrar a notável classe do futebol indígena. (...) Absolutamente perfeita a nossa conduta, quer na defesa, quer no ataque, quer no sentido coletivo propriamente dito (*A Gazeta*, 14 de julho de 1950, p. 15).

Dá-se a impressão que, após a oportunidade de se mostrar ao mundo “a notável classe do futebol indígena”, chegava a hora do ápice. A linha evolutiva traçada por Thomaz

Mazzoni em *A história do futebol no Brasil* parecia dar sinais de sua presença, conforme o próprio editor-chefe de *A Gazeta Esportiva* havia previsto ainda no *Introito* de seu livro: “*Deus queira que a história do ‘association’ pátrio se enriqueça, daí, do seu mais rico e importante capítulo – o apogeu, a vitória do Brasil no magno certame da FIFA, campeão do mundo de 1950!*” (MAZZONI, 1950).

E não parava por aí, Paulo Planet, no mesmo texto escrito para o jornal, passou a louvar todos os jogadores. Até os nomes da defesa, sem excluir nenhum deles, nem mesmo os da linha média carioca, passaram a ser fortemente elogiados. Mas, um, merecia destaque especial: “*Que atuação tiveram Zizinho e seus companheiros! (...) Mas, Zizinho destacou-se. Imagine o leitor amigo, a melhor atuação possível de Zizinho. O nosso meia direita jogou três vezes mais. Não é preciso dizer mais nada.*” (*A Gazeta*, 14 de julho de 1950, p. 15). Elogiar o Mestre Ziza, na plenitude de uma de suas melhores atuações, era uma tarefa possível somente ao cronista que o comparasse com o próprio Zizinho.

José Lins do Rego, por outro lado, não destacava em sua crônica o esquema tático do jogo, nem citava um ou outro jogador especificamente. Elogiava a todos os “*rapazes*”, fazendo questão de mencionar nas entrelinhas a origem étnica e também de classe dos jogadores que haviam se dedicado e oferecido alegria para toda a nação:

Mais uma vez o Brasil ficou a dever uma imensa alegria dada pelos rapazes do futebol. Mais uma vez os rapazes brasileiros, saídos das modestas camadas do povo, encheram o peito de júbilo de milhões de brasileiros. Aí está o futebol dando à Nação um contento soberbo. O Brasil inteiro vibrou com a vitória sobre a *Fúria* da Espanha (*Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1950).

Pode-se perceber que a intencionalidade do literato abarcava não apenas o elogio aos craques e a demonstração de que os brasileiros estavam todos unidos em torno de um ideal de vitória. Também era sugerida a lembrança do que, havia alguns anos, o livro de seu colega e patrão, Mário Filho, procurava trazer como ideia central, ou seja, a ascensão do elemento negro na sociedade brasileira por meio do futebol. Rego, ao indicar que aquele havia sido um grande feito para a “*Nação*”, retomava a ideia de Gilberto Freyre quando prefaciou *O negro no futebol brasileiro* e procurou equiparar o futebol às instituições do porte das forças armadas, o futebol, através da crônica, tornava-se um elemento capaz de trazer ao “*homem brasileiro*” e às “*suas velhas energias psíquicas e impulsos irracionais*” a “*sublimação*”.

Enfim, era uma espécie de confirmação para aquela versão que se pretendia da história do futebol brasileiro, lançado três anos antes.

Para que todo esse contexto se confirmasse, faltava apenas um jogo, somente uma partida, para ratificar esses olhares e discursos a respeito do futebol brasileiro. Dirigentes, jornalistas, intelectuais, políticos, torcedores dos mais variados espaços da sociedade teriam o dia 16 de julho de 1950 como data marcada para continuarem a se expressar pelos diversos canais e a proclamar o que se entendia como uma superioridade nacional que, a partir do futebol, tenderia a contagiar outras áreas de atividade. Um discurso que seria possível por intermédio daquela geração de jogadores já consagrada no âmbito regional, nacional e até entre os vizinhos da fronteira, que acumulava vitórias em seus clubes e na própria Seleção Brasileira, por toda a década de 1940 e que esperava já por doze anos, o momento de consagrar-se internacionalmente, em especial, além do outro lado do oceano Atlântico.

## **2.2. A trajetória dos campeões**

A partida final, que seria realizada contra a equipe uruguaia, no Maracanã, trazia muito mais otimismo e euforia que preocupações, sem dúvida:

Desde a vitória sobre a Espanha, o Rio de Janeiro começara a se preparar para a festa final. O carnaval que se iniciara com os 6x1 prossegue até o jogo contra o Uruguai. Do dia 13 ao dia 16 de julho, o único assunto dominante em qualquer roda de pessoas, em cada esquina da cidade, é a partida final. Embora todos insistiam em mencionar a fibra uruguaia, nem o mais cético torcedor podia imaginar que o Brasil não ganharia o jogo (MOURA, 1998: 110).

E não apenas nas ruas cariocas. Porém, os mais variados articulistas procuravam expressar algumas palavras de atenção, como é próprio das análises a respeito de futebol, em meio ao clima de intensa euforia. O próprio José Lins do Rego mencionava, no título de sua crônica elogiosa à vitória contra os espanhóis, acima lembrada, que a partida não seria tão fácil, pois, viria “*Agora, os mais duros*”, e pedia força aos jogadores brasileiros.

Até mesmo outros espaços da imprensa se manifestavam, entre eles, os destinados à publicidade que, na medida em que a Seleção Brasileira conquistava vitórias, mais procuravam se aproximar. Nesse sentido, uma fábrica de refrigerantes que realizava uma campanha para escolher o principal jogador do selecionado na Copa do Mundo: “(...) *publica anúncio pedindo ao público para não se deixar dominar por uma exagerada certeza da vitória, que poderia levar a um erro psicológico capaz de destruir a técnica dos brasileiros.*” (MOURA, 1998: 111). Chegara um momento em que uma derrota significava prejuízos para outros investidores.

Thomaz Mazzoni, no mesmo dia do jogo contra a seleção espanhola, portanto ainda sem conhecer o resultado da peleja, trazia em sua coluna considerações que antecipavam a situação que seria vivida: “(...) *si chegarmos à final com um ponto de vantagem, o empate nos será favorável, mas não podemos limitar nosso objetivo a empates e a um só ponto de vantagem. É arriscado.*” (*A Gazeta*, 13 de julho de 1950, p. 19). No dia seguinte Paulo Planet Buarque, na coluna *Últimas*, também avisava:

Temos ainda de nos defrontarmos com o Uruguai, nosso mais difícil adversário. (...) Pensemos em Obdúlio Varela e seus companheiros. Deixemos a sensação de vitória que no momento nos contagia para domingo às cinco e pouco... (*A Gazeta*, 14 de julho de 1950, p. 15).

Evidentemente, essas falas são linhas isoladas, esporádicas em relação às páginas e páginas de cada cronista, que esbanjavam otimismo em seus respectivos veículos, a respeito do que deveria ser a vitória e a consagração da equipe brasileira. Porém, foram estas as previsões que vingaram. A Seleção Brasileira que jogava em seu próprio estádio, em um Maracanã novamente recordista de público – 173.850 pessoas pagantes (Cf. DUARTE, 1987: 89) - e que ainda possuía a vantagem do empate, saíra na frente na contagem do placar, após o gol de Friaça, aos 13 minutos do segundo tempo. Entretanto, viu durante os poucos mais de 22 minutos seguintes a conquista esvaír-se. O Uruguai sagrou-se campeão da Copa do Mundo de 1950!

Enquanto diversos estudos já mostraram, com tantas riquezas de detalhes, os acontecimentos da partida em si (Cf. PERDIGÃO, 1985; MOURA, 1998; FRANZINI, 2010 et al.), este trabalho pretende redirecionar o foco da análise, desviando o nosso olhar a respeito da derrota na final do 16 de julho de 1950, da Seleção Brasileira para a trajetória da equipe vitoriosa na decisão daquele dia.

A Seleção Brasileira tinha um longo histórico de confrontos com o selecionado uruguaio naquele período. Antes da Copa do Mundo, as duas seleções se encontraram, para disputar a Taça Rio Branco e, em três partidas bastante equilibradas, decidiram o título. Assim, o fator casa e a própria equipe brasileira, especificamente para os uruguaios, não se tratava de nenhuma novidade, ao contrário do que sentiram todas as demais equipes envolvidas na Copa do Mundo, principalmente a espanhola, que teve que enfrentar um time brasileiro que vinha embalado pela vitória, através de uma estrondosa goleada sobre os suecos no lotado Maracanã.

Impressão semelhante Zizinho também disse ter tido à época, como relatou em entrevista concedida ao jornalista Geneton Moraes Neto, no ano de 1986:

Falei com o Danilo: ‘Eu preferia pegar uma Seleção do resto do mundo dentro do Maracanã, mas não os uruguaios.’ (...) Dias antes do jogo, eu disse, sentado na arquibancada do Vasco, em companhia de Rui, Noronha e, acho, Danilo: ‘Eu preferia jogar essa partida contra qualquer outro adversário. Porque os uruguaios conhecem demais a gente!’ (MORAES NETO, 2000: 111)<sup>135</sup>.

Com relação à elaboração da tabela final, atividade conjuntamente realizada entre FIFA e CBD, o jornal *A Gazeta* em uma matéria sem assinatura, fornece algumas considerações importantes, formuladas antes da final do 16 de julho e que depois não foram mais lembradas:

(...) O Uruguai teve mais sorte que a Suécia, na organização da tabela, pois ao invés de enfrentar o Brasil coube-lhe jogar contra o quadro espanhol, mais ou menos da mesma categoria. Daí o empate que permitiu aos orientais olhar para as restantes partidas com possibilidades de vitória. Os suecos jogaram com o Brasil e, como não podia deixar de ser, perderam. Perderam por goleada, dando-lhe uma condição moral pouco favorável para os prélios contra a Espanha e o Uruguai (*A Gazeta*, 13 de julho de 1950, p. 19).

Caminhando nessa mesma linha de considerações, pode-se dizer que os uruguaios tiveram uma trajetória, de certa forma, mais fácil, em relação aos demais em todo o torneio. Na primeira fase, após as desistências das seleções da França e de Portugal, o grupo que deveria ser considerado difícil passou a contar apenas com duas equipes, ao time uruguaio

---

<sup>135</sup> Entrevista cedida em 25 de junho de 1986, no Rio de Janeiro e publicada em livro no ano de 2000. Cf. MORAES NETO, Geneton. Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

restava enfrentar apenas os bolivianos. Resultado: 8 gols a 0, em uma única partida disputada, com um grau de dificuldade mínimo, como é possível se deduzir.

Os uruguaios apenas jogaram em 2 de julho, no torneio que se desenrolava desde o dia 24 do mês anterior. Foram nove dias de disputa a menos em relação a todas as demais equipes que, além disso, jogavam em cidades diferentes, como ocorreu com os outros três classificados para as finais: a Seleção Brasileira em São Paulo e no Rio de Janeiro; a equipe sueca em São Paulo, Curitiba e no Rio de Janeiro; e, os espanhóis nas cidades de Curitiba, no Rio de Janeiro e em São Paulo. A equipe do Uruguai apenas teve o trabalho de se deslocar duas vezes de sua sede, em São Paulo: contra bolivianos a partida aconteceu no estádio Independência, em Belo Horizonte; e, depois de ter enfrentado espanhóis e suecos, já em plena fase final, no Estádio do Pacaembu rumou para o último jogo contra os brasileiros no Rio de Janeiro.

A própria questão que envolve a sede em que os uruguaios permaneceram, trata-se de um fator relevante a ser considerado. Ainda, na fase preparatória para a Copa, durante a Taça Rio Branco, os uruguaios usufruíram de uma das principais praças de esportes da cidade de São Paulo, o que se repetiu durante todo o desenrolar do Mundial. Tratava-se de um “*Gentil oferecimento do São Paulo F.C.*”:

Desde ontem encontram-se concentrados na praça de esportes do São Paulo, no Canindé, os componentes da delegação do Uruguai, que disputarão com o Brasil a Copa Rio Branco. Os profissionais orientais encontravam-se concentrados no Pacaembu. Todavia, tendo em vista o oferecimento gentil do São Paulo, oferecendo suas dependências para uso e gozo dos craques orientais, incontinenti a delegação mudou-se para o Canindé, local mais adequado a uma concentração, com melhores comodidades que a praça de esportes da Municipalidade (*A Gazeta*, 03 de maio de 1950, p.15).

Havia, inclusive, o interesse de outras delegações estrangeiras em fazer uso daquelas instalações: “*Os suecos tentaram junto ao São Paulo conseguir o Canindé para a concentração de sua equipe. No entanto, tal não foi possível por ter anteriormente o tricolor cedido sua praça de esporte aos uruguaios.*” (*A Gazeta*, 8 de julho, p.18). A sede do São Paulo F. C.<sup>136</sup>, tinha uma infraestrutura muito mais apropriada que a do estádio do Pacaembu<sup>137</sup>. Enquanto, a praça de esportes do Estádio Municipal oferecia aos quadros que lá

<sup>136</sup> O Canindé atualmente é de propriedade da A. Portuguesa de Desportos.

<sup>137</sup> Uma descrição que remete a 1957, narrada por João Saldanha, de um dormitório no segundo andar, impregnado de mosquitos que atrapalhavam o sono dos jogadores do Botafogo F. R., dá ideia do quão incômodo

se instalavam os seus dormitórios não muito confortáveis; no Canindé, por sua vez, encontrava-se o alojamento da concentração anexada que era contíguo ao campo de treino, com serviços e funcionários à disposição da delegação visitante. As memórias da senhora Catarina Pugliese Cerroni, cozinheira da equipe de futebol são-paulina na época, pode nos oferecer uma maior dimensão dessa situação privilegiada vivida pelos uruguaiois.

A funcionária, juntamente com seu marido – o senhor Matheus Serroni que, entre outras funções, exercia oficialmente a função de roupeiro da equipe – dedicou-se ao São Paulo F. C. desde a sua fundação (1935) até se aposentar no final dos anos 1970. Em seu depoimento ao Instituto Museu da Pessoa.net <sup>138</sup> relatou, no ano de 1993, entre outras experiências de vida, a convivência em torno dos momentos da Copa do Mundo com a seleção campeã de 1950: “(...) quando o São Paulo tava no Canindé, a seleção do Uruguai concentrou lá. Concentrou lá no, no... Canindé, e... e comeu lá em casa.” Dona Catarina nos mostra o quanto houve dedicação de sua parte à delegação uruguaia: “Eles eram muito educado. Às vezes, eles vinham do Canindé até a minha casa que era perto, a pé. E vinha tudo junto, numa, numa fileira tudo junto, vinha”. Deslocavam-se aqueles atletas para satisfazerem sua fome com artigos que não fugiam aos seus hábitos alimentares. Ao se indagar a ex-cozinheira são-paulina sobre o cardápio, responde de forma direta: “Ah... só carne! Carne, carne, carne, carne, arroz, macarronada, sopa.”.

O fato dos jogadores se dirigirem a sua residência não deve causar estranhamento, pois, acompanhando suas reminiscências, fica claro que a relação que dona Catarina tinha com o próprio São Paulo F. C. extrapolava os limites meramente profissionais. A instituição e seu próprio lar, sua vida privada e familiar e o São Paulo F. C. tratavam-se de espaços que se confundiam. Como faz questão de afirmar ao longo de seu depoimento, Dona Catarina e seu marido dedicaram suas vidas ao clube, nos préstimos de seus serviços e também como fanáticos torcedores que, ao longo dos anos, colecionaram objetos com referência à agremiação e que não se negavam em cedê-los, tempos depois, para a própria instituição utilizá-los em seu departamento de memória:

---

era o alojamento do estádio do Pacaembu. Cf. SALDANHA. Os Subterrâneos do futebol. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 17.

<sup>138</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 11 de Dezembro de 1993, por Cláudia e Itamar, para o projeto: *História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube*.

Essas fotografia tudo do São Paulo. Se o São Paulo quer, né? Pode leva tudo aquelas fotografia antiga. O senhor viu, né? Tudo fotografia. Essas que deviam estar lá... pro pessoal... vê, né? Tudo! Tudo, tudo, tudo... Tem mais ainda, tem mais, né Francisquinho? Tem um montão ainda... Sabe que a minha casa lá no Canindé, quando eu morava lá, meu marido tava vivo, do teto até embaixo, que era tudo quadro na parede...! Tudo em volta, era tudo quadro do São Paulo. Ele era são-paulino, são-paulino que só vendo!

Um sentimento de apego ao clube que foi transmitido para a família que o senhor e a senhora Serroni formaram: “*A minha vida, minha paixão, minha, minha vida paixão minha vida, o São Paulo*”. Como Dona Catarina parecia não cansar de dizer.

Logo, dedicar-se ao clube durante tantos anos, mesmo depois da aposentadoria, pode dar dimensão do quanto significou, naqueles 1950, também trabalhar para os visitantes, servir aos interesses dos dirigentes que buscavam uma política de bom relacionamento com um país que era uma potência futebolística. A dedicação foi tamanha que até houve um reconhecimento por parte da equipe que veio em terras brasileiras sagrar-se campeã, como também lembrava Dona Catarina:

E... e nisso aí, eles foram campeão. Quando foram campeão, depois de uns quinze dia, mandaram o... como que chama? (...) mandaram uma... passagem pra mim e pro meu marido, pra ir passar quinze dia no Uruguai, que eu que cozinhei pra eles tudo. Aí, depois disso nós fomos pro Morumbi.

Essa passagem da vida de Dona Catarina foi rememorada quando desejava relatar a transferência de sede do São Paulo F. C. que se desenrolou na década de 1950, do Canindé para o Morumbi, onde se encontra atualmente. Faz-se interessante notar a influência positiva em uma delegação visitante diante dos benefícios encontrados - quisto por outros, como foi dito - para se dedicar à competição internacional. Um apoio tamanho que trouxe o reconhecimento do grupo vitorioso e agradecido à Dona Catharina, especialmente.

### 2.3. O vice-campeonato: culpa para uns, oportunidades para outros

O peso da responsabilidade, no instante decisivo, recaía sobre os ombros dos que, juntamente com o técnico eram os únicos a se exporem completamente ante os riscos não apenas físicos de uma partida de futebol. Profissionais que adentraram o gramado de um Maracanã que quebrava mais um estratosférico recorde de público, e que escutaram os aplausos de 173.850 pagantes e de tantos outros milhares de presentes que não precisaram desembolsar de 15 a 600 cruzeiros para conseguirem um humilde ou sofisticado espaço nas dependências do faustoso Estádio Municipal.

Duzentas mil pessoas que cantaram a uma só voz o hino nacional brasileiro antes do início da partida, permaneciam sem conseguir resistir à euforia da chance da conquista do sonhado título mundial, já que a vitória da Seleção Brasileira estava ao alcance de apenas um empate (Cf. MUYLAERT, 1994: 23). Jogadores e torcida, para a CBD, haviam prestado grande serviço: era a primeira vez que a equipe nacional chegava a final de um campeonato daquele porte.

Pessoas entusiasmadas puderam observar, na tarde de um domingo ensolarado, de 16 de julho de 1950, um primeiro tempo em 0x0 e uma segunda etapa marcada pela virada no placar da Celeste Olímpica que, após tomar o gol de Friaça, aos 13 minutos do período final, empatou, aos 22, com Schiaffino e, por fim, selou a vitória com o tento do rápido ponteiro-direito Gigghia, isso a 10 minutos do fim da partida.

Mesmo antes da derrota na final da Copa do Mundo, ainda na fase preparatória do certame, diante da possibilidade de um resultado adverso frente à seleção do Uruguai na disputa da Taça Rio Branco, Olympicus dava demonstração do grau de cobrança que se poria em prática em caso de resultados negativos. Na crônica “*Nem é bom lembrar de 1930-40*”, o jornalista mandava seu recado em tom de aviso:

(...) si perdermos ou empatarmos, muita gente boa perderá a cabeça... Como é sabido, quando entramos em período de confusão, de críticas atropeladas, passamos para a anarquia espiritual... Lembram dos anos de 1939-40? Foi um desastre de ponta a ponta... Não salvamos nada, e o prestígio internacional do futebol brasileiro, cultivado tão bem no Campeonato Sul-americano de 1937 e na ‘Copa do Mundo’ de 1938, foi por água abaixo... Mas, nem é bom lembrar disso... É melhor esperarmos esta noite por um auspicioso resultado (*A Gazeta*, 17 de maio de 1950, p.15).

Ainda que significasse, entre outros fatores, a conquista de um título frente ao selecionado que, na época, era o mais vitorioso da América do Sul, aquela partida, na Taça Rio Branco, tratava-se de um jogo não tão importante, pois possuía um caráter preparatório para o campeonato mundial. Porém, mesmo assim, Thomaz Mazzoni já avisava que cabeças rolariam, que profissionais poderiam ser alijados de suas funções, ou que os jogadores convocados poderiam voltar para seus respectivos clubes com suas carreiras arranhadas, em caso de uma derrota.

Para reforçar essa ideia, o cronista não deixa de lembrar, em tom de ameaça, os acontecimentos registrados ainda nos finais dos anos 1930, em um momento em que a Seleção Brasileira havia acabado de acumular resultados considerados muito bons, como o vice-campeonato do torneio Sul-Americano de Buenos Aires, em 1937<sup>139</sup> e o festejado terceiro lugar no campeonato mundial de 1938, feitos que nem por isso trouxeram imunidade frente às fortes críticas que se seguiram à sequência de resultados adversos que vieram, em seguida, contra o selecionado argentino, em 1939 e 1940 - na disputa das Copas Roca daqueles anos<sup>140</sup> -, e o Uruguai, em 1940 - durante a disputa da Taça Rio Branco<sup>141</sup>.

Dessa forma, o cronista antecipava, em grande medida, o que aconteceria após a partida final da Copa de 1950: mesmo após os excelentes resultados obtidos, que culminaram com a conquista de um inédito vice-campeonato mundial, haveria uma enorme repercussão

---

<sup>139</sup> Na oportunidade, a Seleção Brasileira voltava a competir em um torneio em que se ausentara desde 1925. Tratava-se de um período que ainda estava marcado por conflitos internos entre entidades que não se acertavam em relação à questão do profissionalismo. Porém, por interesses que envolviam inclusive o Estado, a CBD, na figura de seu presidente – Oswaldo Aranha – decide enviar uma equipe para a Argentina. Sem a participação da Liga Carioca de Futebol (LCF), os nomes dos jogadores mais badalados daquele momento estiveram ausentes. O técnico Ademar Pimenta, que havia sido campeão do Distrito Federal, em 1936, pelo Madureira - clube suburbano que contrariou a tradicional série de vitórias dos “grandes” cariocas -, formou uma equipe com base de jogadores dos principais clubes de São Paulo, mesclando com alguns de Belo Horizonte e Porto Alegre e com outros do São Cristóvão – outro clube do subúrbio do Rio de Janeiro. A equipe apenas perdeu a final para os donos da casa, pelo placar mínimo (Cf. MAZZONI, 1950: 268-269).

<sup>140</sup> Em 1939, foram dois jogos disputados no Estádio de São Januário. No primeiro, a Seleção Brasileira perdeu para os argentinos por 5 gols a 1. No segundo, chegou a vencer por 3 a 2, porém o terceiro tento surgiu de um pênalti que gerou confusão e o cancelamento da terceira e decisiva partida. Em 1940, a Copa Roca ficou nas mãos dos vizinhos argentinos, por duas vezes: a terceira partida de 1939 foi jogada no estádio do Parque Antártica, em São Paulo, terminando com empate em 2 a 2, uma semana depois, nova partida e o resultado de 3 a 0 para os argentinos. Na semana seguinte, referente ao torneio de 1940, a Seleção Brasileira segue para a Argentina e lá perde o primeiro jogo por 6 a 1, vence o segundo por 3 a 2 e no desempate perde por 5 a 1 (Cf. MAZZONI, 1950: 279; 287).

<sup>141</sup> Em São Januário os uruguaios venceram a primeira por 4 tentos a 3 e empataram a segunda por 1 gol, sagrando-se campeões (MAZZONI, 1950: 287).

negativa, acusações das mais variadas, motivadas pela derrota, frente aos dois gols que deram o bicampeonato mundial à seleção uruguaia.

A partir do segundo gol de Gigghia e, principalmente, após o apito final do árbitro inglês George Reader, confirmando a vitória uruguaia, um sentimento apareceu com força, tomou conta do Estádio do Maracanã e, depois, afluiu para as ruas da cidade do Rio de Janeiro: a tristeza. “*Parte da plateia toma o caminho de casa, silenciosa e desolada. Muitos permanecem em seus lugares, paralisados pela derrota (...).*” (MOURA, 1998: 118). Muitas das pessoas que permaneciam no estádio eram mulheres: “*(...) choram apoiadas às grades ou sentadas nas arquibancadas. A presença feminina é intensa e são fragrantas de mulheres desconsoladas, com lágrimas nos olhos, que irão ocupar as páginas dos jornais e revistas.*” (MOURA, 1998: 119). Os 10% da população total estimada para o Distrito Federal, naqueles 1950, encontravam-se estarecidos por uma derrota em que custavam a acreditar que realmente tivessem visto. Um sentimento que não primava pela exclusividade.

Os jogadores também foram pegos de surpresa. Em suas memórias, mostravam-se unânimes em dizer que não cogitavam perder o título que parecia ganho. Ao contrário, o entusiasmo com os últimos resultados e com o clima eufórico amplamente noticiado pela imprensa do Distrito Federal, foram elementos decisivos para fazê-los crer em uma nova goleada e, assim, fechar o campeonato da melhor forma possível. Contudo, após perderem de virada, uma partida que apenas exigia o empate para o título, até mesmo aqueles craques acostumados com decisões viram-se desolados. Alguns sem rumo, literalmente, como foi o caso do atacante Friaça - o primeiro jogador a chegar às redes numa final de campeonato no estádio do Maracanã:

O trauma foi enorme. Vim para o Vasco. Fiquei, em companhia de outros jogadores [Bauer, Rui e Noronha, companheiros de São Paulo F. C.] andando de noite em volta do campo, ali na pista. O assunto era um só: como é que a gente foi perder com um gol daqueles? (...) Só me lembro de que a gente subiu para o dormitório. Eram umas 11 da noite. Troquei de roupa e me deitei. Não me lembro de nada o que aconteceu depois. Quando dei por mim, por incrível que pareça eu estava em Teresópolis, no meu carro. Passei pela barreira, fui para um hotel. Quando me perguntaram: ‘Friaça, o que é que você quer?’, eu simplesmente não sabia onde estava. Só sabia que estava debaixo de uma jaqueira, no terreno do hotel. Não sei como é que saí com meu carro da concentração. Não sei como é que fui bater em Teresópolis. Um médico que era prefeito de Teresópolis é que me deu uma injeção. Comecei a saber onde é que estava uns dois dias depois. A minha família,

em Porciúncula, estava atrás de mim, sem saber onde é que eu estava. O pior é que eu também não sabia. (...) (MORAES NETO, 2000: 102)<sup>142</sup>.

Uma lembrança que a memória faz questão de apagar em Friaça, preservando-o. Experiência traumatizante que fez cada um reagir de maneiras diferentes, mas que sempre deixou marcas. Não foram apenas torcedores e jogadores a ficarem abalados, nas arquibancadas e no gramado do gigantesco estádio. Dirigentes que ocuparam seus lugares nas cadeiras e tribunas, naquele mesmo dia, também mostraram seus nervos profundamente abalados com o resultado final. Como transparece no caso de uma notícia da agência Asapress, veiculada por *A Gazeta*:

Rio, 17 (Asapress) – O sr. Mario Polo, abordado ontem pela reportagem, mostrou-se profundamente abatido, declarando que era aquele momento, o último, dentro do futebol. ‘Encerrei hoje a minha carreira esportiva’ – Disse ontem, o sr. Mário Polo à reportagem. ‘Amanhã mesmo – acrescentou – pedirei demissão do meu cargo na C.B.D. e não quero mais saber de futebol’ (*A Gazeta*, 17 de julho, p.11).

São declarações realizadas no calor do jogo e que, mesmo que não tenham sido levadas a cabo, são importantes para se constatar o quanto o abalo sofrido com a derrota e sua repercussão estão diretamente relacionados ao grau de envolvimento dos diversos grupos. Portanto, atitudes como essas, também eram uma forma de se auto preservar.

Os altos dirigentes do futebol brasileiro - caso de Mário Pólo, presidente da CBD em exercício - eram os responsáveis pelas escolhas, inclusive de Flávio Costa, que determinaram a formação do selecionado que representou o Brasil na competição. Evidentemente, a partir daquele momento, sofreriam críticas contundentes por parte de opositores ou mesmo de aliados antigos que vislumbravam uma oportunidade para impor suas respectivas vontades de mudança.

Nesse sentido, cabe destacar as palavras de José Lins do Rego, um dos porta-vozes dos grupos hegemônicos do futebol nacional daquele momento, como já foi dito. O cronista, um dos dirigentes da própria CBD, escreveu, no calor daqueles acontecimentos, “*A derrota*”, uma das mais célebres crônicas a respeito do episódio. Uma narrativa que demonstra o quanto o esquecimento de Friaça era importante para sua própria saúde, o quanto

---

<sup>142</sup> Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto em 13 de setembro de 1987, no Rio de Janeiro.

a declaração precipitada de desistência era uma forma de extravasar sentimentos sufocantes em Mário Polo e o quanto escrever as linhas abaixo eram decisivas para Lins do Rego e muitos de seus colegas:

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu no coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzidos a uma pobre cinza de fogo apagado. E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações.

Não dormi, senti-me alta noite, como que mergulhado num pesadelo. E não era pesadelo, era a terrível realidade da derrota (*Jornal dos Sports*, 18/07/1950).

Pode-se observar o forte envolvimento de um homem que, além de torcedor, estava ligado aos negócios do futebol, como jornalista e dirigente. Em seu caso, o episódio o remetia à metáfora da morte. Não era possível para ele, um colunista, esquecer como fizera Friaça, tinha que suportar o que lhe *“doeu no coração”*. Porém, um sentimento pesado para sozinho aguentar, precisava ser dividido. *“A derrota”*, construída pela pena de habilidoso literato horas depois da partida final da Copa do Mundo de 1950, não era apenas o contar do resultado adverso de um selecionado que representava o país em um torneio de grande importância. Era a maneira que o dirigente encontrava para dividir a dor de um insucesso, seu e de seus colegas de delegação. Aquele resultado adverso passava, assim, a não ser só dele, mas também de todos os brasileiros, caracterizados pelo próprio autor como *“um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança”*, do qual ele próprio fazia parte. Dessa forma, o cronista procurava encarar *“a terrível realidade da derrota”*, que, de tão assustadora, lhe sugeria adivinhar que ainda ressoaria em seu futuro como dirigente da Seleção Brasileira, tornando desastrosa sua relação com jogadores e imprensa.

Por outro lado, pode-se observar, apesar dos pouquíssimos relatos registrados nesse sentido, que uma comoção que muitos classificaram - e outros ainda classificam - como nacional, não foi um sentimento comum a todos, como era de se esperar, nem mesmo no próprio Rio de Janeiro. Enquanto cronistas, dirigentes, jogadores, grande parte do público presente, de parcela considerável da população carioca e de outras partes do país sofreram as angústias geradas pela derrota, outros experienciaram aquele momento de outra forma.

Recorrendo, sobretudo, à memória de alguns que participaram desse episódio, outras histórias surgem. Por exemplo, uma passagem narrada pelo zagueiro titular e capitão da Seleção de 1950.

Augusto, como outros jogadores da época, tinha envolvimento com a Polícia Especial; em seu caso, era seu segundo emprego que conciliava junto com a carreira de jogador de futebol profissional. Em depoimento, ele diz como foi recebido no trabalho, na segunda-feira, dia seguinte ao 16 de julho:

Eu me lembro de que fui do Maracanã para casa, na Ilha do Governador. Já nem sabia o que falava, não me lembro o que se conversou. Nessa hora, não existe palavra capaz de evitar aquela coisa que nos esmaga por dentro. Um dia depois, voltei a trabalhar normalmente, porque, desde 1941, eu era também funcionário público. Sempre joguei futebol e trabalhei. Fui, então, à minha repartição, no Largo da Carioca. Eu era da polícia especial. Tive de aturar os meus colegas de polícia me gozando (MORAES NETO, 2000: 59)<sup>143</sup>.

As palavras do ex-jogador do C. R. Vasco da Gama fornecem outra dimensão do episódio. Não era para todos, evidentemente, que a derrota frente aos uruguaios significava uma tristeza mortificante, como concebeu José Lins do Rego, nem mesmo silenciosa, como foi para a maioria da plateia no estádio e nas ruas, ou para que se conversasse em vão, como fez Augusto em sua casa naquele fim de domingo. Para tantas outras pessoas, aquela situação despertava outros sentimentos, como para os companheiros cariocas e brasileiros da repartição do Largo da Carioca, que tratavam o episódio como algo digno de piadas, apesar – ou talvez ainda mais por isso – de possuírem um colega que atuou na decisão.

No entanto, lágrimas e silêncio, sem dúvida, foram os mais relevantes elementos presentes naquele contexto, ingredientes que materializavam um sentimento de tristeza vivido pela maioria presente no estádio e por uma grande parcela da população contagiada pelo clima que se formou ao longo das vitórias da Seleção Brasileira até aquele momento. Um clima de derrotismo e indagação sentidos também por aqueles futebolistas que, dentro de campo reconheciam seu próprio potencial como suficiente para chegar à almejada conquista e colher os frutos da aura de que se revestem os campeões. Frustração para dirigentes do meio esportivo e autoridades de Estado que viram, ao longo do campeonato mundial, seu desejo de se firmar no poder e estabelecer um determinado ideal de identidade nacional ficar próximo

---

<sup>143</sup> Entrevista cedida ao jornalista Geneton Moraes Neto, em 23 de junho de 1986, no Rio de Janeiro.

do ápice e, a poucos minutos do fim, tudo se reverter, transformando-os em alvo de críticas de seus adversários políticos.

Assim, ao longo das horas, discursos se formaram, quebrando o silêncio, enquanto o mar de lágrimas da torcida começava a secar. Ainda no calor dos acontecimentos, por parte da imprensa do Distrito Federal, explicações eram oferecidas preocupando-se em arrolar os possíveis fatores que contribuíram para aquela derrota.

Evidentemente a imprensa local, principalmente a esportiva, liderada pelo Jornal dos Sports de Mário Filho, também estava abalada. Desde o início, ela havia se movimentado para a construção do Estádio Municipal e, em seguida, para estabelecer o cidadão do Rio de Janeiro e frequentador dos jogos da Seleção Brasileira durante a Copa como o modelo ideal de torcedor da Seleção Brasileira.

Discursos que se edificaram, antes de tudo, com o claro objetivo de fortalecer a ideia de um sentimento coletivo que abarcava a nação como um todo e que tanto emanaram dos veículos de informação do Rio de Janeiro, precisavam ser mantidos. Diante disso, em um primeiro momento, procurou-se oferecer um tom de tragédia nacional, vista como um todo uniforme no território brasileiro:

O abatimento popular comove os observadores mais atentos. Só os insensíveis podem deixar de participar do luto que toma conta da cidade. Vive-se uma grande tragédia nacional. A multidão, sempre presente nos momentos de festa, irmana-se também na derrota (MOURA, 1998, 119).

Por parte da imprensa de São Paulo, o assunto teve, sem dúvida, relevante repercussão, deixando claro que o interesse pelo episódio, logo, pela Seleção Brasileira, era enorme. Porém, o tom trágico e nacional, apesar de também existir, sofreu alterações:

Jamais tantos sofreram por tão poucos (...). E, quando nos lembramos de tudo que foi feito, desde a concentração de Araxá, até a vitória dos orientais, somos obrigados a dizer: nunca tantos brasileiros, de norte a sul, leste a oeste de nossa terra, sofreram tanto por tão poucos homens que não souberam se capacitar de suas responsabilidades (*A Gazeta*, 18 de julho de 1950, p. 18).

Culpam-se alguns “*poucos*” brasileiros. Esses que “*não souberam se capacitar*”, podiam ser entendidos como jogadores, dirigentes, até mesmo torcedores, o cronista não deixa isso claro. Porém, pode-se deduzir que esses poucos culpados, antes de tudo, tratava-se de

cariocas. Os “*poucos*” que, ao longo dos últimos jogos da Seleção Brasileira, haviam tomado para si a relação mais profunda com o campeonato mundial e com o próprio selecionado, conseqüentemente, naquele momento tornavam-se os únicos responsáveis pelo sofrimento de “*tantos*” na derrota. Estes últimos, entendidos como todos os demais brasileiros que, distantes do Rio de Janeiro, apenas fizeram criar esperanças pelo triunfo que, por fim, não veio.

O momento da derrota tornava-se o mais oportuno, não apenas para se reclamar daquela Seleção Brasileira de forte influência carioca, formada para o campeonato mundial. Mais ainda, era o momento propício para se reivindicar as tão esperadas e solicitadas mudanças nas diretrizes do futebol brasileiro, por parte dos dirigentes e da imprensa de São Paulo. Assim, culpavam-se, sobretudo, os dirigentes que haviam formado aquela Seleção Brasileira:

Encerrou-se de forma decepcionante para os brasileiros. Perdemos a maior oportunidade de nos tornarmos campeões do mundo, justamente quando ninguém poderia supor que tal cetro fugisse de nossas mãos, ou melhor, dos pés de nossos jogadores, já que não houve ‘cabeça’ a orientá-los rumo ao triunfo (*A Gazeta*, 18 de julho de 1950, p. 18).

Evidentemente, não escapavam ilesos os jogadores. Repentinamente, voltavam a ficar destituídos de racionalidade, voltava-se a afirmar que lhes faltava “*cabeça*”, ou seja, comando, fator do qual eram dependentes, na visão da reportagem. Dessa forma, era esquecido o que esse mesmo veículo havia dito há pouco - em 14 de julho -, após a arrasadora sequência de vitórias, principalmente, sobre a seleção da Espanha. Não se lembrava mais que os “*rapazes*” brasileiros haviam se transformados em “*homens*” e “*mestres*” do futebol. Não se repetiam mais os elogios referentes à postura em campo. Não se dizia mais nada sobre os, poucos antes, classificados como professores que davam suas aulas de futebol.

Nem mesmo se dava atenção à disciplina, ao jogo destituído de lances mais ríspidos, que os jogadores brasileiros praticaram. Elementos que, até então, haviam sido muito cobrados dos atletas, com o claro objetivo de produzir, no exterior, a mais positiva das imagens a respeito da postura do país e da sua população. Cobranças feitas antes mesmo do início do campeonato, como a que fez o ministro das relações exteriores, Raul Fernandes, na solenidade de sorteio das chaves:

Antes de dar por encerrada a sessão, o Sr. Ministro das Relações Exteriores concitou a todos para que envidassem esforços no sentido da melhor acolhida dispensada aos nossos visitantes, antevendo a repercussão que poderá advir caso não fosse revestida de grande cordialidade esportiva e hospitaleira o desenrolar dessa festa magna do Futebol Mundial, transformando a alegria da disputa em animosidade entre os povos pelas paixões desenfreadas ante o *placard* desfavorável.<sup>144</sup>

E, também, como os profissionais da imprensa continuaram a cobrar, inclusive, antes da última e decisiva partida final, contra os uruguaios, como fez Olímpicus: “*A própria disciplina, que tanto está se notando nos jogos do Brasil, precisa estar presente mais do que nunca, amanhã, em nosso quadro. Fator importante, quanto mais se obedecer ao juiz tanto melhor.*” (*A Gazeta*, 15 de julho de 1950, p. 15).

Naqueles momentos, posteriores à derrota na última partida do Mundial, não eram destacadas a disciplina e o vice-campeonato, pelo menos por parte dos principais cronistas esportivos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ao contrário, acusava-se os atletas da ausência de “*Fibra, coração e patriotismo*”, o que, ao longo dos anos, foi ganhando ares cada vez mais pesados, pois, na medida em que se dava o jogo de acusações entre os dirigentes, veiculados pelos órgãos da imprensa, por fim, recaíam as culpas pelo placar adverso sobre a figura dos que participaram mais diretamente dos 90 minutos de jogo. Flávio Costa foi um dos primeiros a ser acusado, nesse sentido.

Ainda sob o impacto da partida, o técnico - que, geralmente, é um dos profissionais mais cobrados nas derrotas no futebol - procurava explicar a derrota:

(...) Faltou, em princípio, espírito de luta entre os nossos. (...) nossos rapazes deixaram-se dominar por um nervosismo muito grande e, como todos viram, até o nosso goleiro, que era a garantia de segurança e técnica, foi dominado, falhando no momento culminante. Não se deve a derrota a este ou aquele. Todos temos responsabilidade e não fujo a compartilhar das culpas por ventura existentes nesse resultado quase inesperado por nossa gente (*A Gazeta*, 17 de julho de 1950, p. 11).

---

<sup>144</sup> Revista Brasileira de Educação Física. 2º Semestre de 1950. “*A organização da taça ‘Jules Rimet’, 1950*”. Disponível em: <[http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1950/2sem\\_aorganizacaojulesrimet.pdf](http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1950/2sem_aorganizacaojulesrimet.pdf)>. Acesso 10 mai. 2010.

Caso essas palavras realmente tenham sido ditas por Flávio Costa, na íntegra, como foram publicadas, pode-se considerá-lo como o primeiro a acusar diretamente o goleiro Barbosa. Mesmo afirmando que todos tinham sua parcela de culpa, o técnico dizia que até Barbosa havia se deixado dominar pelo nervosismo. Em um jogo em que o empate bastava, tal afirmação condena automaticamente o suposto maior responsável por evitar gols em uma equipe.

Essa foi apenas a primeira de uma série de acusações que se acumularam ao longo dos anos, como o próprio goleiro fazia questão de lembrar, como afirmou em um depoimento que ofereceu a Geneton Moraes Neto, no ano de 1986:

Disseram que Obdúlio Varela tinha dado um tapa em Bigode. É conversa, é mentira, é invenção. Uma vez me disseram que quem inventou foi Mário Filho. Aliás, contestei o que Mário Filho escreveu: que trememos porque éramos pretos. (...).

Mário Filho também andou dizendo que, no dia de minha estreia na Seleção Brasileira, contra a Argentina, em São Paulo, Flávio Costa teria me tirado de campo no intervalo porque eu estaria com o calção todo sujo. Todo sujo de merda – é essa a expressão. Mas eu nem quis contestar, porque essa é uma baixeza tão grande que nem vou descer a esse nível.

Talvez tenha existido racismo no fato de culparem a mim e a Bigode. Mas não acredito que tenha existido: se existisse racismo, eu não teria voltado à Seleção Brasileira, como titular, como voltei no Sul-americano de 53. Só não fui à Copa do Mundo de 1954 porque estava com a perna quebrada.

A única coisa que me magoou foi o sujeito não respeitar o meu título de vice-campeão do mundo. É o que me magoa. (...)

Aliás, eu gostaria de saber a razão porque jogam a culpa na gente – em mim e Bigode (MORAES NETO, 2000: 49-50)<sup>145</sup>.

O ex-jogador se mostrava muito magoado, anos depois, não apenas neste, mas em todos os outros depoimentos que concedia ao longo de sua velhice. Sentimento gerado pelas acusações a respeito de sua ineficiência e pela possível falta de preparo psicológico, que não seriam condizentes com as exigências a um goleiro de Seleção Brasileira. Tais ideias foram se consolidando ao longo do tempo, depois do término de sua carreira - que ainda se estendeu por quase toda a década de 1950 - e que não correspondem ao profissional tido como o melhor de sua posição no país até os 22 minutos do segundo tempo daquele último jogo da IV Copa do Mundo. Em outras palavras, gerou-se uma construção negativa a respeito do goleiro Barbosa, que não encontra apoio suficiente nos registros a respeito de seu desenvolvimento profissional.

---

<sup>145</sup>

Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto em 19 de julho de 1986, no Rio de Janeiro.

Entre os jornalistas paulistas, o goleiro formado pelo Clube Atlético Ypiranga de São Paulo, que logo alcançou grande sucesso no Rio de Janeiro, como titular do C. R. Vasco da Gama, era também tido como uma unanimidade para o posto defensor do gol da Seleção Brasileira, mesmo nos momentos de adversidade, o que pode ser notado após a derrota sofrida frente ao selecionado uruguaio no primeiro jogo da final da Taça Rio Branco, durante os preparativos da para a Copa do Mundo do Brasil, em que Paulo Planet Buarque afirmava: “(...) em que pesem seus quatro ‘frangos’ de sábado último Barbosa merece nossa confiança e breve estará outra vez na sua melhor forma.” (*A Gazeta*, 10 de maio de 1950, p. 15).

De forma semelhante, pensava a maioria da imprensa do Rio de Janeiro. Barbosa era encarado como um profissional da maior capacidade em sua posição, como indica a revista *O Cruzeiro*, em reportagem referente à Seleção Brasileira na Copa do Mundo em que se afirmava categoricamente que o guardião do arco cebedino e vascaíno era “o goleiro perfeito” (*O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950, p. 14).

Mesmo após a derrota de 16 de julho, na final da Copa do Mundo realizada no Brasil, a situação não havia se alterado. Como Barbosa lembrou em seu depoimento, ele era um nome praticamente certo na convocação definitiva para o certame de 1954, na Suíça. Tal afirmação pode se entender como perfeitamente possível, dada a ênfase que ainda era oferecida ao seu nome nos principais meios de veiculação dos assuntos a respeito do futebol e, como exemplo, se pode citar a matéria da revista *O Cruzeiro*, publicada poucos meses antes do quinto campeonato mundial. Na sessão *Ídolos do nosso futebol*, em que um espaço de página inteira era reservado, em cada edição, para os nomes mais considerados do meio futebolístico brasileiro, em uma delas, o arqueiro era destaque. Como era de praxe, havia uma grande foto que privilegiava o rosto do atleta (Imagem 2) e logo abaixo, surgia um texto autobiográfico, de um sorridente Moacir Barbosa, que relatava uma carreira marcada por conquistas:

(...) Nasci em 27 de março de 1921, Campinas, Estado de São Paulo. (...) Tenho acumulado alguns títulos durante esse tempo. Sem que nisso vá um pouco de vaidade, vejamos se me lembro de todos: tricampeão amador da Liga Paulista de Futebol; bicampeão brasileiro por São Paulo; tetracampeão pelo Rio; tetracampeão do Torneio Municipal; uma Copa Roca; uma Copa Rio Branco; um Torneio dos Campeões; um campeonato Sul-Americano; um vice-campeonato do Mundo e 4 campeonatos cariocas (*O Cruzeiro*, 06 de março de 1954, p. 55).



Imagem 2: Moacir Barbosa retratado na seção *Ídolos do nosso futebol* (*O Cruzeiro*, 6 de março de 1954, p.55)  
 Fonte: <<http://osgigantesdacolina.blogspot.com/2010/08/barbosa.html>>.  
 Acesso 02 ago. 2010.

Em seguida, surgia no texto uma pergunta desafiadora: “*Posso orgulhar-me não é verdade?*”. Questão que se segue ao destaque das alegrias e das maiores tristezas já sentidas pelo famoso jogador: “*Maior alegria? Vencer o Torneio dos Campeões. Tristeza? Tenho tido algumas. Perder a Copa do Mundo e, no Vasco, perder o tricampeonato.*”. Vale destacar que somente essa foi a referência à derrota para o Uruguai na final de 1950, realizada quatro anos antes. Uma nota triste, frase curta e nem mesmo era a única. A derrota na Seleção Brasileira foi uma passagem tão triste, quanto o tricampeonato perdido pelo Vasco da Gama, em 1951 - seja nos sentimentos mais íntimos do goleiro ou no modo com o que a produção da revista decidiu expô-los.

Palavras que em nada lembram o sentimento de frustração que o arqueiro sentia, ao atingir a terceira idade ou o quanto o gol sofrido em 1950 repercutiu mal para sua figura até

os dias de hoje. Após o final da Copa do Mundo, surgiram comentários a respeito de uma possível falha de Barbosa, como os de Flávio Costa aqui já citados. Porém, eram análises expostas num tom que não extrapolavam os limites de um jogo de futebol como qualquer outro.

Para uns, os lances dos gols de Schiaffino e Ghiggia foram encarados como falha pontual de toda a defesa, ou um possível deslize de Barbosa - principalmente, no segundo. Por outros, nem ao menos isso. Como é o caso do meio-campista Jair <sup>146</sup> que, por muito pouco, não fizera um gol de cabeça no último lance daquele jogo, em escanteio que acabou defendido pelo excelente goleiro Máspoli. A respeito do lance do segundo tento marcado por Ghiggia, Jair, em entrevista concedida a Geneton Moraes Neto (2000: 132) <sup>147</sup>, no ano de 1986, comentou:

Barbosa – que não teve culpa nenhuma – teve azar no gol de Gigghia. Se tivesse uma agulha junto com a bola, não passaria. Só passou a bola. Além de Barbosa, nós, os outros dez, somos azarados, porque perdemos uma Copa do Mundo na inauguração do Maracanã – uma derrota inédita.

Jair não apenas isenta o goleiro de uma possível falha pontual naquele lance, como procura dividir a responsabilidade da derrota. Mais que isso, procura ainda pulverizar entre todos que jogaram a partida uma das pechas lançadas, ao longo dos anos, exclusivamente sobre Barbosa. Azar, covardia e temor, essas três palavras resumem bem como o arqueiro de seleções e outras grandes equipes do futebol profissional ficou, cada vez mais, marcado por algo que o acompanhou até sua morte, em abril do último ano do século XX.

No depoimento a Geneton Moraes Neto, acima citado, Moacir Barbosa fornece pistas de como surgira a má fama de sua carreira que, contraditoriamente, foi vitoriosa, do ponto de vista das conquistas no campo de jogo. O ex-goleiro referiu-se às palavras de Mário Filho, que foram decisivas nesse sentido. Sua lembrança relaciona-se, ao que tudo indica, em grande parte, à página 312 da segunda edição de *O negro no futebol brasileiro*, publicada pela editora Civilização Brasileira, no ano de 1964. Uma narrativa que procurou “*complementar*”,

---

<sup>146</sup> Tido como o Príncipe Jajá, ídolo da torcida palmeirense nos anos 1950: “(...) *um dos maiores armadores do Brasil. Um dos tantos craques canhotos. (...) Jogou o fino da bola com as mais finas canelas conhecidas.*”. BETING, Mauro. Os dez mais do Palmeiras. 2.ed. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009, p. 49.

<sup>147</sup> Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto em 11 de junho de 1986, no Rio de Janeiro.

de forma “*definitiva*”, a obra de 1947, como disse o próprio Mário Filho, e que, naquele excerto procurava narrar como foi a partida de estreia do goleiro Barbosa na Seleção Brasileira, no dia 16 de dezembro de 1945:

Flávio Costa escalou Moacir Barbosa, quase um desconhecido. Em São Paulo falava-se nele. No Rio nunca se ouvira falar. Era a primeira melhor de três contra a Argentina na Copa Roca de 45 (...).

Era Moacir Barbosa debaixo dos três paus do Brasil no Pacaembu e leva um gol, se apavora, engole outro. Teve que mudar de calção. Enquanto mudava de calção o velho Oberdan entrava no lugar dele.

Para muita gente Moacir Barbosa estava condenado irremediavelmente. Como é que se botava no gol do Brasil um quíper que não agüentava o rojão? Que era capaz de ter de mudar de calção depois de um gol? (RODRIGUES FILHO, 1964: 312).

Foram essas as acusações que Barbosa classificou como “*baixas*” e às quais se referia com mágoa. Mário Filho teria, com essas palavras, interferido decisivamente nas impressões a respeito do passado do ex-goleiro, com um discurso que o mesmo negava. Além disso, o cronista e escritor pode ter influenciado também, com afirmações como essas, as opiniões que se formaram em torno da própria posição de goleiro no futebol brasileiro. Por consequência, pode-se pensar que as próprias escolhas dos nomes que viriam a ocupar essa posição nas equipes de futebol do país e na Seleção Brasileira contaram com as interferências do autor de *O negro no futebol brasileiro*. Vale dizer que, logo em seguida ao excerto aqui citado, Mário Filho ainda afirmava:

Houve quem, editando erudição em futebol, lembrasse que a posição de goleiro, até prova em contrário, era mais para branco, para um Marcos de Mendonça, um Ferreira, um Kuntz, um Nestor, um Haroldo, um Tuffy, um Amado, um Joel de Oliveira Monteiro, é claro, um Batates, um Tadeu, um Válder Goulart, um Oberdan, tudo branco. Os goleiros mulatos e pretos geralmente eram moleques. O caso de Dionísio, que defendia com a cabeça (...). Quando jogavam sério, com um Néelson da Conceição, estavam sujeitos ao deboche. (...) E os emotivos, como Luís Borracha que chegava às lágrimas. Ou como Moacir Barbosa, que tinha de mudar o calção (RODRIGUES FILHO, 1964: 312).

Vale notarmos que Mário Filho faz referência à “*erudição em futebol*”, àqueles que conheciam as ações dos goleiros do passado mais remoto e, conseqüentemente, tendiam a diferenciar o comportamento de brancos e negros, o que ele mesmo fizera anos antes ao escrever a primeira edição do livro que tornou-se um clássico da literatura da área, quando no segundo capítulo – *O campo e a pelada* – traz a narrativa de como o goleiro branco e

aristocrático, Marcos de Mendonça, apreendeu com eficiência as dificuldades e os conhecimentos necessários para desenvolver as técnicas ideais e tornar-se goleiro do Fluminense Foot-ball Club. Passagem em que, por sua vez, ele também procurava explicar como os negros imitavam o reconhecido grande goleiro para conquistarem essa posição nos clubes menos aristocráticos. Coincidentemente ou não, depois de Barbosa e dessa narrativa, somente na Copa do Mundo de 2006, Dida tornou-se o primeiro e único goleiro negro a vestir a camisa da Seleção Brasileira em Copas do Mundo até hoje.<sup>148</sup>

Anos depois da Copa de 1950, o técnico Flávio Costa foi chamado para comentar a partida daquele dia 16 de julho. Evidentemente, incomodado – como se nota nos demais que atuaram naquela partida quando chamados a discutir o assunto – o ex-técnico prefaciou a obra de Paulo Perdigão (1985) que, procurava esmiuçar as causas da derrota. No prefácio, Flávio Costa ofereceu a sua versão ao pesquisador a respeito dos principais motivos daquele resultado adverso e, desta vez, não citou Barbosa, mas uma “(...) *falha no sistema defensivo da Seleção Brasileira. O excelente extrema Ghiggia, aproveitou-se dela (...).*” (COSTA apud PERDIGÃO, 1986: 12). Sem citar nomes, apenas nos faz presumir que Bigode e, possivelmente, Juvenal, tenham falhado, pois era aquele setor do campo de jogo de responsabilidade de ambos, no qual deveriam atuar para frear os avanços do ponteiro-direito adversário, Ghiggia.

Bigode e Juvenal também sofreram amargamente as consequências da derrota naquela final, justamente, por terem acontecido os dois gols uruguaios na faixa do campo em que eles eram os responsáveis diretos. Em jogadas semelhantes, em duas arrancadas do veloz e driblador ponteiro-direito da Celeste, os tentos uruguaios foram convertidos. Bigode era o responsável pela marcação de quem investisse sobre a lateral esquerda da defesa brasileira. Juvenal era o zagueiro, o homem que deveria estar presente para cobrir os espaços não ocupados por Bigode. Logo, acusações até hoje se dirigem aos dois, inclusive acusações mútuas que, segundo o depoimento de Bigode, colhido por Geneton Moraes Neto<sup>149</sup>, já começaram no campo, após o gol de Ghiggia (Cf. MORAES NETO, 2000: 95).

---

<sup>148</sup> Os titulares em Copas depois de Barbosa: Castilho, 1954; Gilmar, 1958, 62 e 66 ; Félix, 1970; Leão, 1974 e 78; Valdir Perez, 1982; Carlos, 1986; Taffarel, 1990, 94 e 98; Marcos, 2002; Dida, 2006; Júlio César, 2010.

<sup>149</sup> Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto em 14 de junho de 1986, no Rio de Janeiro.

Entre os jogadores e entre várias outras pessoas que presenciaram a partida ou pesquisaram sobre ela, uns responsabilizam Bigode. Já entre os onze da Seleção Brasileira em campo, na final, apenas Juvenal e Chico (Cf. MORAES NETO, 2000). Outros, num tom de defesa a este, direcionam a reclamação a Juvenal, pelo não cumprimento de sua função, que era, como já se disse, a de realizar a cobertura. Especificamente, Juvenal teria falhado no primeiro tento, na marcação à Schiaffino – atacante uruguaio que, livre na área, bem na frente de Barbosa, recebeu passe cruzado do ponteiro-direito Gigghia – e no segundo, pois não teria combatido a investida, novamente, de Ghigghia.

O zagueiro-esquerdo - que atualmente pode-se entender como uma espécie de lateral-esquerdo - Bigode, também viu seu grau de responsabilidade aumentado, com o passar do tempo, acusado não apenas por uma deficiência na marcação do adversário, mas também por uma ação entendida como um ato de covardia. Um abalo psicológico que teria sido fruto, sobretudo, de um fato ocorrido no campo de jogo, que somente veio a ganhar visibilidade, anos depois, contrariando os destaques dados pela imprensa da época. Ao que tudo indica, como comentou Barbosa, em depoimento aqui já trazido, também foi a partir da narrativa elaborada por Mário Filho, na segunda edição de *O negro no futebol brasileiro*, que um ato de discussão no campo de jogo entre brasileiros e uruguaios - a que pode ser entendido como corriqueiro numa partida de futebol - ganhou conotações maiores.

A ocorrência, na descrição de Mário Filho, teria causado uma desestabilização emocional no defensor brasileiro e, conseqüentemente, veio a ser um fator decisivo para os dois gols que derrotaram a Seleção Brasileira: “(...) *E foi em meio ao silêncio mortal de duzentos e vinte mil brasileiros que Gigghia fez o segundo gol. Avançou como da primeira vez, Bigode recuando, recuando. (...)*” (RODRIGUES FILHO, 1964: 333). Bigode recuara, na visão do escritor, por ter sido antes coagido, à base de agressão física e assédio moral, pelo capitão uruguaio: “*Tudo começara quando aquele uruguaio dera uns safanões em Gigghia e em Bigode. Gigghia crescera com o carão em público de Obdúlio Varela. Bigode se acabara.*” (RODRIGUES FILHO, 1964: 334).

Mário Filho, em sua narrativa publicada 14 anos depois dos fatos ocorridos, ao longo do trecho inicial do último capítulo, especialmente escrito para aquela segunda edição, procurou trazer também os demais fatores que realmente foram destacados pela imprensa da época como causas do resultado negativo: a imposição aos jogadores para que evitassem confusões e jogadas mais ríspidas, o otimismo exagerado da véspera, da torcida e dos

dirigentes, o silêncio após o primeiro gol do adversário, quando o empate já dava o título. Contudo, as argumentações em *O negro no futebol brasileiro* foram mais além.

Em síntese, o complemento da obra buscava demonstrar o quanto ainda havia racismo no futebol brasileiro durante aqueles inícios de 1950, o que apenas seria superado “*definitivamente*” - expressão usada pelo próprio Mário Filho para definir aquela segunda edição complementar, vale lembrar - anos mais tarde, após o bicampeonato mundial de 1958 e 1962. Assim, procurando sustentar esta tese, o autor, em sua argumentação inicial, procura narrar a derrota para os uruguaios na Copa de 1950, dando destaque aos lances que envolviam jogadores negros, especialmente os do setor defensivo, que justamente eram os que atuavam no espaço do campo por onde saíram os dois gols adversários, ou seja, lances em que estavam diretamente envolvidos Barbosa e Bigode: “*(...) Uns acusavam Flávio Costa. Mas, quase todos se viravam contra os pretos do escrête. - O culpado foi Bigode! - O culpado foi Barbosa! Na verdade sentíamos-nos todos culpados.*” (RODRIGUES FILHO, 1964: 335).

Em seguida, Mário Filho completou a ideia, dando a entender que este foi o discurso geral dos observadores da época que, a partir de lances isolados advindos da fragilidade muito mais emocional do que técnica de dois elementos negros, colocavam sob suspeita a própria presença do jogador negro na Seleção Brasileira e, por consequência, no futebol e, no limite, na sociedade brasileira:

- A verdade é que somos uma sub-raça.

Uma raça de mestiços. Uma raça inferior. Na hora de aguentar o pior a gente se borrava todo. Como Barbosa quando estreara no escrête brasileiro.

- Enquanto dependermos do negro vai ser assim. (RODRIGUES FILHO, 1964, 335)

Na construção desse discurso, Mário Filho acabou por detalhar as ocorrências com dados que os demais pesquisadores, muitos deles aqui já citados, não identificaram ao se debruçarem sobre o mesmo fato em suas fontes; assim, ocasionou sérios problemas aos envolvidos, como no caso de Bigode que, por sua vez, trazia em suas reminiscências, anos depois, a seguinte versão dos fatos:

Não houve agressão nenhuma de Obdúlio Varela. A injustiça maior foi essa, contra mim. Eu sinto até hoje. É uma covardia o que fizeram. Uns dizem que Obdúlio Varela cuspiu. Outros que foi um tapa e eu não reagi. É uma calúnia. Não houve reação porque não houve agressão. Obdúlio Varela deu um tapinha em mim pelas costas, para pedir calma. Eu tinha dado uma pancada em Julio Perez, um jogador que tinha uma habilidade desgraçada.

Para dizer a verdade, a máquina do Uruguai era Julio Perez, não era Obdúlio Varela. Dei uma entrada violenta. Se minha entrada pegasse no tornozelo, se Julio Perez saísse de campo, a gente ganharia o jogo fácil. Porque o Uruguai se desarticulava totalmente. Nesse momento, quando dei a entrada, Obdúlio Varela veio me dizer: ‘Muchacho calma!’ Fiquei olhando para o juiz, com medo de expulsão. Se o Brasil perder com minha expulsão... (MORAES NETO, 2000: 91-92)<sup>150</sup>.

O ex-jogador do C. R. Vasco da Gama, em suas memórias, deixa sobressair o que se pode deduzir ter sido sua maior preocupação naquele momento, ou seja, não levar uma punição mais dura em resposta a lances mais ríspidos, pois o árbitro, na época, apesar de ainda não contar com o instrumento punitivo dos cartões - instituídos na Copa do Mundo de 1970 -, apenas com um sinal gestual poderia lhe impor a exclusão da partida, o que lhe acarretaria, certamente, uma dupla acusação: a de prejudicar a equipe que ficaria com um a menos em campo e, possivelmente, a que seria vista como mais grave, a responsabilidade de ter seu nome relacionado à indisciplina que os dirigentes pediram veementemente para ser evitada. Ironicamente, com o passar dos anos, a versão que lhe impôs a culpabilidade por um ato de covardia, acabou prevalecendo.

Dentre os onze jogadores presentes em campo defendendo as cores da CBD contra o selecionado uruguaio, que décadas depois deram sua versão do ocorrido em depoimento prestado à Geneton Moraes Neto, um único afirmou que houve sim a agressão. Trata-se do ex-jogador do Fluminense F. C., Chico:

Não posso deixar de dizer, porque vi: um jogador do Brasil levou um tapa de Obdúlio Varela. Porque ele diz que não levou, eu não sei.

Mas levou, eu vi.

Aliás, Obdúlio deu um cascudo. Os uruguaios tinham essa maldade. Davam um tapa, davam cascudo e cuspiam. Depois, diziam que estavam acariciando. Mas nunca admiti essa carícia comigo. Eu estava próximo do lance quando tudo aconteceu. Cheguei a pedir a Obdúlio Varela que fizesse comigo (MORAES NETO, 2000: 145)<sup>151</sup>.

Esta é a única versão neste sentido, todos os outros dez jogadores negam veementemente. Aliás, de modo geral, em relação aos motivos da derrota em campo, os jogadores procuram fazer maior referência à responsabilidade do conjunto de toda a equipe e

<sup>150</sup> Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto em 14 de junho de 1986, no Rio de Janeiro.

<sup>151</sup> Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto em 31 de maio de 1986, no Rio de Janeiro.

não a um ou outro companheiro isoladamente. Porém, o tom das críticas, nesse sentido, pode recair sobre o comandante técnico, como se nota no depoimento de Zizinho ao Instituto Museu da Pessoa.net <sup>152</sup>:

A Espanha jogava igual à gente, o WM e o WM é o melhor. É um time mais técnico. E o nosso time. Nós éramos mais habilidosos que os ingleses pra ganhar no jogo fácil deles. (...). Nosso time era melhor do que o da Espanha. Se a Espanha também jogasse em outro sistema, endurecia como endureceu o Uruguai. Que não era tão bom assim como eles falam que era, até hoje. Nós tínhamos falhas à beça, principalmente as falhas do sistema. Quem levou essa gente à derrota foi o sistema, não o time. Embora o time não fosse bom. O time do Uruguai era inferior ao nosso, tinha bons jogadores, era um time valente à beça... Nosso time tinha pontos fracos, não vou citar, por favor. Fraquíssimo nosso time. Com o WM ele tornou-se mais fraco. E quando erramos contra a equipe que jogava WM, nós ganhamos todos eles e eu ganhava todos eles. Se o Uruguai entrasse, ele perdia também. Mas como o Uruguai fechou o time dele, o resto tudo morreu. Nós não conseguimos ganhar da Suíça e tomamos dois gols da Suíça. Era quase impossível tomar dois gols da Suíça que tinha dois caras lá na frente, só. E fizeram dois gols na gente. Mas eu acho que a falha de 50 foi o sistema. Por isso que eu digo que os treinadores brasileiros tem tanto medo hoje de armar uma equipe. Não aprenderam até hoje. Depois do time pra cá, acabou o futebol tático brasileiro.

Na visão do craque da época que, após encerrar a carreira, atuou como técnico, a maior das falhas da Seleção de 1950, foi ter utilizado o sistema WM. Enquanto aquele time, que contava com jogadores muito habilidosos no setor do ataque, enfrentava equipes que usavam o mesmo sistema tático tornava-se mais fácil chegar à vitória, fato que Zizinho aponta como positivo na goleada sobre a Espanha (6x1). Porém, quando o adversário trazia outra disposição no gramado, as coisas mudavam de figura. Foi o que ocorreu frente ao “ferrolho”: *“A retranca suíça, quatro linhas e a novidade de um jogador sem obrigação de marcar um adversário específico e encarregado de ser a última cobertura.”* (FRANCO Jr., 2007: 240)<sup>153</sup>.

O sistema adotado pelo vitorioso time uruguaio na final, era semelhante a este esquema. Segundo Zizinho, este foi o fator que acabou por dificultar e muito o trabalho do ataque brasileiro. Ademir, jogador que atuava pelo C. R. Vasco da Gama e seu colega de Seleção, artilheiro da Copa do Mundo de 1950 com nove gols, explicou anos depois:

<sup>152</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 16 de Agosto de 2001, por Paula Ribeiro e José Santos Matos.

<sup>153</sup> Criado em 1938, pelo técnico austríaco Karl Rappan (Cf. FRANCO JR, 2007: 240).

(...) Eu de center-forward, os dois pontas. Zizinho e Jair recuavam para o meio do campo para fazer quatro homens com Danilo e Bauer. Eram quatro jogadores extraordinários: Bauer, Danilo, Zizinho e Jair no meio campo. Eu, pelo meio, jogava adiantado. A armação das jogadas era feita por eles que, no meio de campo, exploravam os lançamentos para mim. A velocidade que eu tinha era explorada. Eu ganhava sempre uma bola naquele espaço. Por ali saíam os gols. As equipes europeias chegaram a botar um líbero, mas ele não resolvia, porque ficava parado. Quando eu chegava com a bola dominada, na frente do líbero, já levava vantagem, porque estava de frente para o gol. Então, eu dava um drible ou soltava a bola do lado.

Já os uruguaios me davam o primeiro combate, mas deixavam outro jogador na sobra – Matias Gonzales. Eu, então, passava por todos mas, quando chegava ali, tinha sempre um último que me desarmava. O segredo dos uruguaios para fazer parar o nosso time – ou pelo menos diminuir as jogadas – foi esse.

Usaram um líbero não para disputar, mas para esperar, dentro da área. Houve jogadas violentas que poderiam até dar origem a pênaltis. O pau comia, mas o juiz, um inglês, deixava o barco correr. O Uruguai, com esse segredo, soube nos desarmar e nos vencer (MORAES NETO, 2000: 125).<sup>154</sup>

De acordo com o que disseram os dois craques que marcaram época, Zizinho e Ademir, as duas equipes europeias adversárias da final, a da Suécia e a da Espanha, se valeram de um líbero fixo, pouco eficiente no combate não apenas a Ademir que marcou três gols, no primeiro, e dois, no segundo adversário, mas a todo o ataque, como demonstram os próprios resultados finais, com goleadas de 7x1 e 6x1, respectivamente.

Esse modo de jogar, detalhadamente explicado por Ademir, se diferenciava muito do sistema utilizado por outro europeu que, ao contrário dos vizinhos continentais, deram trabalho aos brasileiros. A equipe suíça jogava diferente, como Zizinho fez questão de lembrar, com uma disposição tática defensiva, que foi muito mais eficiente e que sofreu apenas dois gols de toda a Seleção Brasileira, revestida ainda pelo mérito de ter sido, junto com os uruguaios, a única defesa a não levar gols do artilheiro daquele campeonato.

Diante das adversidades enfrentadas durante a campanha e, principalmente, na partida final, restou para os onze que correram atrás do resultado positivo para a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950 e, em larga medida, para a maioria dos colegas de sua geração, a marca da derrota.

---

<sup>154</sup>

Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto, em 13 de junho de 1986, no Rio de Janeiro.

Vale, nesse sentido, lembrar o quanto Domingos da Guia, em entrevista cedida ao MIS do Rio de Janeiro <sup>155</sup>, parecia lutar por preservar a memória de uma geração que, já em 1967, estava de certa forma obscurecida, pois, as atenções haviam se voltado para outros jogadores que, finalmente, tinham conquistado a Copa do Mundo <sup>156</sup>. Ao ser indagado sobre a possibilidade de um jogo entre a geração da qual havia feito parte em sua longa carreira - que se estendeu pelas décadas de 1930 e 1940 - e os jogadores que os entrevistadores do MIS classificavam como “*turma nova*”, em determinado momento diz:

(...) Você já imaginou se nós tivéssemos tudo que os novos jogadores têm hoje em dia? Aí vocês iam ver... (risos). Não seria mole, um Zizinho, um Romeu, um Tim, um Hércules, um Friendenreich, um Batatais, um Barbosa, um Fausto, um Biondes, não seria mole não meu filho...

[E completa, um pouco mais a frente]

Eu tenho a impressão que havia mais valores, hoje nós só nos baseamos em dois, três bons jogadores. Não sei se os senhores estão de acordo comigo, mas na minha época podia-se escalar trios de atacantes excepcionais, como o do Botafogo, com Otávio, Heleno e Geninho. Tinha, também, aquele do América, com Maneco, Sérgio e Lima. E o do Flamengo, com Zizinho, Leônidas e Gonzales. Valores e mais valores... (MORAES, 2002: 197).

O “*tudo que os novos jogadores*” passaram a ter faz referência às transformações que, em certa medida, surgiram paulatinamente na organização da CBD, por consequência, do futebol no Brasil e da Seleção Brasileira. Mudanças que já se apresentavam na Copa do Mundo de 1954, disputada na Suíça, e que continuaram a se mostrar na de 1958, em território sueco. Mundial em que, finalmente, a Seleção foi campeã, para emergência de uns e esquecimento de outros.

As lembranças a respeito do primeiro vice-campeonato mundial e a dos jogadores da geração de 1950 ficaram obscurecidas pela ênfase no que se interpretou como trágico. Aquela derrota na final do torneio se sobrepõe até mesmo à rememoração das grandes vitórias que aconteceram no decorrer daquele mesmo certame. Portanto, as antigas expectativas dos profissionais da bola daquela geração, principalmente para os que desfilaram seu futebol no gramado do Maracanã naquele 16 de julho de 1950, se não se frustraram totalmente, em certa medida, foram decepcionantes.

<sup>155</sup> Os entrevistadores foram: Avelar França, Nilton Ribeiro, Brás Pelozzi, Geraldo Pedrosa, Edmundo Fonseca, Carlos Felipe e Luiz Mendonça. A entrevista de Domingos da Guia, juntamente com as de Zizinho e Pelé, veio a ser publicada no ano de 2002 (ver referências).

<sup>156</sup> A Seleção Brasileira em 1958 e 1962 sagrou-se bicampeã mundial. Em 1966, um ano antes da entrevista, a participação foi diferente já que a equipe deixou a competição ainda nas oitavas-de-final.

### 3. DO PASSADO EM BRANCO PARA O VERDE-AMARELO

No êxtase decorrente dos acontecimentos que envolveram a Copa do Mundo de 1950, em meio às vitórias arrasadoras, sob o clamor de uma verdadeira multidão que superlotava, a cada partida, o gigantesco estádio municipal, os meios de comunicação do Distrito Federal primeiro pediam, depois, elogiavam a participação da torcida carioca, entendida como força decisiva nas boas atuações da Seleção Brasileira. Além disso, aproveitavam para glorificar a capacidade produtiva dos seus - representantes do ideal de brasilidade - diante daquele gigantesco palco construído para abrigar espetáculos de tamanha envergadura. Uma festa nacional, mas que a todo tempo era lembrada como um acontecimento que se tornou possível na cidade do Rio de Janeiro (Cf. MOURA, 1998: 36; FREITAS Jr.: 60-61).

A imprensa de São Paulo trazia denúncias de que dirigentes e jogadores da Seleção Brasileira sentiam-se, no mínimo, desconfortáveis em gramados paulistas, o que a muitos indignava. Por outro lado, tal fato, a grupos da própria região, fazia com que fosse vislumbrado um meio para se tirar proveito da situação.

Em *A Gazeta*, justificativas para a escolha cebedina de não mais marcar jogos da Seleção Brasileira no estádio do Pacaembu, eram elaboradas de modo a eximir a entidade da questão da rivalidade política entre Rio de Janeiro e São Paulo. Outros argumentos eram aceitos, confirmados e, ainda, apoiados:

Não faltaram aqueles que condenaram a atitude da C. B. D., programando os restantes dos jogos da equipe brasileira para o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, em prejuízo da 'torcida' paulista (...). No entanto, justiça se faça à entidade mater, neste caso. Somos da opinião que Mário Polo e seus companheiros de diretoria agiram acertadamente. (...) possuímos aqui um estádio que hoje é a quarta parte do Estádio do Rio. O Pacaembú hoje nos causa vergonha ante a imensidão do 'monumental' carioca. Perdemos aquele direito inegável que tínhamos de enveredar pelo lado financeiro nas discussões das razões entre paulistas e cariocas. (...) Deixemos que o Brasil jogue por lá mesmo. É a triste situação de quem, no momento, está por baixo. O melhor será que hoje mesmo comecemos uma intensa campanha no sentido de que nossos poderes constituídos dotem São Paulo de uma praça de esportes da categoria que o general-prefeito ergueu no Rio de Janeiro. São Paulo tem público, para um estádio de duzentas mil pessoas e, como Estado líder da Federação, não pode absolutamente viver à sombra daquela insignificância que se chama: Estádio Municipal do Pacaembú (*A Gazeta*, 5 de julho de 1950, p. 18).

Assim, na coluna *Últimas*, assinada por Paulo Planet Buarque – lembrando, mais uma vez, em acordo com as orientações do editor-chefe Thomaz Mazzoni –, os argumentos para a decisão de apartar a Seleção Brasileira do, agora, “*insignificante*” estádio do Pacaembu, vinham duplamente intencionados. Por um lado, soavam como excelente justificativa por parte da CBD, apelando para a compreensão da “*torcida paulista*” para que, assim, não deixassem de apoiar a equipe brasileira. Era uma forma de diminuir a distância entre a cidade de São Paulo e a festa impregnada de um caráter nacional que se formava no Rio de Janeiro.

Em um segundo momento, o colunista não se furtava a comparar a dimensão e o valor político que vinham do estádio municipal do Rio de Janeiro. Fazia questão em dizer que São Paulo ficava impossibilitado de seu maior poder de argumentação nas constantes pendengas contra o seu vizinho, ou seja, ficava destituído daquele “*direito inegável que tínhamos de enveredar pelo lado financeiro nas discussões das razões entre paulistas e cariocas*”. Dessa forma, Paulo Planet Buarque, acabava por pressionar as autoridades públicas da cidade e do estado a começarem se movimentar nos meandros da política local e nacional no sentido de facilitar a construção de um estádio maior, em substituição ao já existente.

Era o início das discussões, que culminariam, anos depois, com a construção do Estádio do Morumbi, aquele que seria o maior estádio particular do mundo. Momentos iniciais de uma campanha, levada à frente pelo próprio jornalista Paulo Planet Buarque que, como repórter de *A Gazeta Esportiva*, cobria o dia-dia do São Paulo F. C. - instituição proprietária desse estádio, que, ao inaugurá-lo, em 1960, batizou-o com o nome do presidente em exercício entre os anos de 1947 e 1957, Cícero Pompeu de Toledo <sup>157</sup>.

---

<sup>157</sup> Projeto tão ambicioso quanto polêmico. Entre outras consequências, no início dos anos 1950, causou o afastamento de Paulo Machado de Carvalho da direção do departamento de futebol do São Paulo F. C., pois era contrário à construção do estádio, logo, à ideia encabeçada por Cícero Pompeu de Toledo. Em contrapartida, veio a provocar também a demissão de Paulo Planet Buarque da Rádio Panamericana, pois o jornalista esportivo continuou apoiando abertamente a construção do Morumbi, apesar de estar nos microfones de uma das rádios das Emissoras Unidas, cujo proprietário era Paulo Machado de Carvalho. Cf. CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. O marechal da vitória: uma história de Rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa Editora, 2005: 108-109.

### 3.1. Da Copa do Mundo para o IV Centenário

A construção do estádio do Morumbi demoraria alguns anos. Porém, através de outros meios, as diversas lideranças paulistas se mobilizavam para responder às iniciativas cariocas, que atingiam enorme sucesso com a Copa do Mundo. Mesmo durante o evento futebolístico, os jornais traziam reportagens que procuravam demonstrar o quanto São Paulo era desenvolvida, destacando diversos elementos que transmitiam a imagem de uma capital pujante, detentora de números únicos, que mostravam força econômica e política.

A urbanização, tudo indica, em resposta ao significativo símbolo que o Maracanã já havia se tornado, ganhou atenção das autoridades. Sistemáticamente, a Fundação Cásper Líbero, através do jornal *A Gazeta* que, tanto na sua versão esportiva - *A Gazeta Esportiva* - como na convencional dava ampla cobertura ao Campeonato Mundial, divulgou, naqueles mesmos dias de Copa, notícias que se dirigiam a projetos de urbanização da cidade.

Surgiam campanhas como a encabeçada pelo engenheiro, empresário e vereador, Henrique Dumont Villares, para realizações no plano urbano da cidade, que o jornal fazia questão de apoiar, destacando positivamente o envolvimento do prefeito Lineu Prestes. (“*O plano de desenvolvimento de São Paulo*”, *A Gazeta*, 7 de Julho de 1950, p. 10). Já, no intervalo entre as goleadas impostas pela Seleção Brasileira sobre os suecos e os espanhóis, ambas as partidas acompanhadas por uma multidão que chegaria próximo de 300 mil presentes no Maracanã, era estampado estrategicamente na capa de *A Gazeta* o plano urbanístico que se preparava para a cidade:

Tanto a Câmara Municipal, pelos seus vereadores, como o prefeito municipal, se acham empenhados na elaboração e adoção de um plano para o desenvolvimento da cidade. Nesse fito a prefeitura acaba de contratar os serviços de especialistas norte-americanos. Foram indicados pelo sr. Nelson Rockefeller, comprovado amigo do Brasil, e são verdadeiras sumidades no assunto de urbanismo (...) (*A Gazeta*, 11 de Julho de 1950).

A ênfase, naquela terça-feira, era muito maior que a notícia de dias atrás e já se fazia questão de mencionar que a obra coincidia com a grandiosidade da cidade: “*Reconhecemos que a Capital paulista constitui algo de estupendamente excepcional quanto ao seu desenvolvimento. (...) aumentou em quasi um milhão de habitantes nestes dez anos*”. E, além disso, era destacado que as reformas se encaixavam perfeitamente no cronograma

referente aos festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo que já eram seriamente cogitados:

Como quer que seja, reconhecendo os predicados do atual prefeito, vamos abrir um crédito de louvor a presente decisão (...). aproxima-se rapidamente o centenário da fundação da cidade, que se deve preparar o mais condignamente possível, para tão faustosa comemoração. Importa oferecer condigna moldura urbana para o espetáculo pelo qual naquele glorioso dia haveremos de sagrar, aos olhos do mundo, o mérito com que estamos honrando a dádiva de Anchieta e Nóbrega, de Ramalho e Caiuby e de todas as gerações que os seguiram (*A Gazeta*, 11 de Julho de 1950).

As notícias davam demonstração de que se desejava alcançar uma repercussão internacional do evento que, dali a quatro anos, deveria se realizar em comemoração aos quatrocentos anos da cidade de São Paulo. Trava-se de um discurso muito semelhante ao direcionado à Copa do Mundo de 1950 e à construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro que, simultaneamente, se materializava, naquele período de vitórias da Seleção Brasileira e de Maracanã lotado. Tal ideia lembrava também uma opinião que, em dias anteriores, o jornal havia veiculado a respeito dos festejos que envolviam o feriado de 9 de julho. Segundo o diário, a data deveria ser encarada muito mais como um evento de cunho nacional:

Amanhã, São Paulo inteiro reviverá, entre comemorações profundamente significativas, o movimento Constitucionalista de 1932. Será a recordação do acontecimento que repercutiu extraordinariamente no Brasil de após revolução outubrista. Há dezoito anos, era Piratininga a caserna de uma força de heroicidade e de heroísmo, lutando pelo retorno ao regime da lei, isto é, pela **recondução do país à estrada da democracia, da liberdade e do direito, da qual estrada o haviam desviado os defensores e os sustentadores do arbítrio governamental. Foi preciso que São Paulo se insurgisse**, dentro das humilhações sofridas, para restituir-se, à nacionalidade, todas as prerrogativas e franquias de que havia sido esbulhada pela política de erros e de incompreensões. **Não estão certos, portanto, aqueles que, ainda sob os influxos de equivocadas informações, consideram o 9 de julho como pronunciamento de caráter regionalista. Nada disso.** (...) (*A Gazeta*, 8 de julho de 1950, p. 8). [grifo nosso]

O texto era acompanhado pela seguinte imagem:

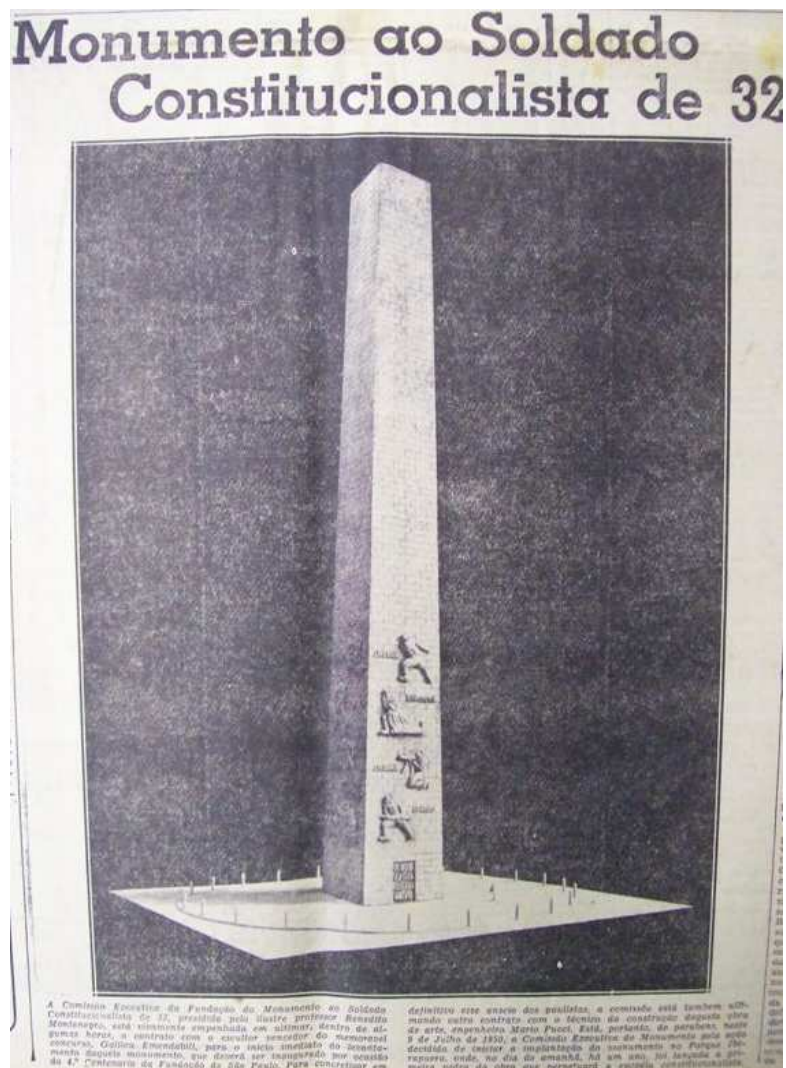


Imagem 3: Escultura vencedora do concurso *Galileu Emendabili*, que visava a criação do Monumento ao Soldado Constitucionalista de 32. (A *Gazeta*, 08 de julho de 1950, p. 8). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Era a reprodução da escultura vencedora do concurso *Galileu Emendabili*, cujo autor seria contratado para iniciar o “*levantamento daquele monumento*” que se tornaria o Monumento do Soldado, e, ainda segundo o jornal, que: “*deverá ser inaugurado por ocasião do 4º Centenário da Fundação de São Paulo*”. Se no Rio de Janeiro existia o Estádio Municipal, em São Paulo, uma obra de caráter monumental surgiria e se faria inaugurar também através do *espetáculo* – não do futebol, mas, sim, da comemoração do aniversário da cidade. Um espetáculo local que deveria se irradiar para toda a nação e para o mundo.

O plano das comemorações para o IV Centenário era traçado para dar demonstrações do quão desenvolvida e importante para a própria formação do Brasil eram a cidade e o estado de São Paulo. Ideia extremamente próxima das motivações que fizeram as autoridades cariocas se movimentarem, no sentido de construir o Estádio do Maracanã, para a realização da IV Copa do Mundo. Nesse sentido, o próprio jornal A Gazeta, naqueles mesmos dias de euforia futebolística, em outra de suas matérias de capa, não deixa dúvidas:

Aproxima-se rapidamente a data do 4º centenário da fundação da cidade. A gloriosa efeméride tem que receber portentosa comemoração, à altura de sua expressão e da própria realidade paulista. Há Comissão constituída e instalada para planejar, programar e realizar os festejos do faustoso jubileu. (...) **O tempo voa, quatro anos apenas nos separam de 25 de janeiro de 1954. E muita coisa há que não se pode fazer com a rapidez que o prefeito Mendes de Moraes imprimiu à factura do maior estádio do mundo para o presente certame futebolístico. Além de que os festejos comemorativos de São Paulo hão de ter muito maior amplitude e cenário que a disputa de um torneio esportivo** (A Gazeta, 14 de julho de 1950). [grifo nosso]

No dia seguinte ao empolgante jogo que ficou nos registros como o “*das toradas de Madri*”, em que os milhares de presentes no Maracanã se divertiam maravilhosamente com o punhado de 6 gols impostos sobre os espanhóis, parecia necessário, mais do que nunca, destacar que São Paulo seria capaz de construir edificações com menos pressa e, por isso, com maior eficácia que o Rio de Janeiro. Era também necessário dar a entender que o que estava ocorrendo no Distrito Federal tratava-se de um encontro meramente esportivo. Segundo o texto, algo aquém dos festejos do IV Centenário, estes sim, entendidos como uma verdadeira festa cívica. Inclusive, outra obra também concorria nesse sentido, a construção de uma catedral que seria também erguida no ano de 1954<sup>158</sup>, no centro de São Paulo:

Uma obra, todavia parece caminhar com segurança nesse objetivo. É a nova catedral. (...) a santuária construção vai esboçando promissoramente as características monumentais com que imprimirá o sêlo espiritual à comemoração natalícia da obra social, étnica e religiosa que Nobrega e Anchieta inauguraram no planalto de Piratininga. (...) Bem andam os poderes públicos, do Estado e do Município, que levam o contingente de sua ajuda eficaz à obra que tão cabalmente exprima, aos olhos do mundo, em 1954, a pujança material, a sublimação estética e espiritual da civilização

<sup>158</sup> “Em janeiro de 1954 sem estar concluída a catedral tem portas abertas para a população. (...)”. Inauguração, “com a ausência de alguns elementos que integravam o projeto original do início do século, principalmente 14 torres e vários detalhes de sua decoração interna.”. Ver: DEDELIS, Rosana; LESCHER, Artur; CANNABRAVA, Iatã. Catedral da Sé: arte e engenharia do patrimônio. São Paulo: FormArte, 2002, p. 45 e 55.

criada nesta parte do mundo por uma raça de gigantes ao serviço infatigável de uma portentosa grandeza nacional (*A Gazeta*, 14 de julho de 1950).

Sem dúvida, a relação Rio-Copa do Mundo, para os grupos hegemônicos paulistas, incomodava. O Maracanã era o monumento da força política do Distrito Federal e São Paulo tinha, sob esse ponto de vista, a obrigação de superá-lo. Nem que fosse pela catedral religiosa. Aliás, para o discurso paulista a exaltação de um tradicionalismo católico, era bastante apropriada. Para o Rio ficava algo supostamente menor: o monumento esportivo.

Após o dia 16 de julho, com a derrota da Seleção a situação para esses grupos paulistas, principalmente para os que estavam ligados diretamente ao futebol, se alterou para uma posição muito mais cômoda. As críticas à Seleção, mais que isso, aos dirigentes cariocas da CBD, proliferaram nos meios de comunicação paulistas. Faziam questão, inclusive, de noticiar incidentes envolvendo uma população carioca revoltada com o ocorrido. Como o fizeram os jornais *A Gazeta* e *Folha da Tarde*:

ENTERRO SIMBOLICO – O povo carioca continua indignado com a derrota sofrida (...). Ainda ontem, sérios incidentes se verificaram na Capital da República, quando o povo realizou o enterro simbólico do nosso ‘onze’. Tudo passa... (*A Gazeta*, 19 de Julho de 1950, p. 15).

Rio, 19 - A cidade ainda continua vivendo momentos de vibração em conseqüência do inesperado revés da seleção brasileira. Em todos os cantos veem-se grupos e, nas paredes de muitos prédios do centro da cidade, aparecem fixados cartazes, dísticos, artigos de populares e recortes de jornais comentando amargamente o fracasso da equipe nacional. Mas, a revolta aparece melhor exteriorizada na tentativa de agressão, por parte de populares, de que foram alvos os vascaínos Chico e Barbosa, o primeiro, na Praça Tiradentes, e o segundo, na Galeria Cruzeiro. Todavia, conseguiram eles refugiar-se em estabelecimentos comerciais, evitando o desforro pessoal dos exaltados (*Folha da Tarde*, de 20 de julho de 1950)<sup>159</sup>.

Mesmo fora dos cadernos de esportes dos jornais de São Paulo, sobretudo, naquele momento após a derrota vivida no gramado do Maracanã, era oferecido espaço para as opiniões em torno da Copa do Mundo de 1950, a maioria revestida de um tom de crítica e carregada de propostas de mudanças. Críticas não apenas aos mandos e desmandos, na Seleção Brasileira e no futebol do país, mas também com relação ao caráter nacional dado ao

---

<sup>159</sup> Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte\\_19580629\\_retro50.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte_19580629_retro50.htm)> Acesso 11 ago 2010.

evento. Alguns passaram até a questionar se esse atributo abrangente, oferecido a ponto de abarcar toda a nação, realmente existiu. Nesse sentido, escrevia o departamento carioca de *A Gazeta* em sua coluna *Bilhetes do Rio*:

Não podemos afirmar – como o fizeram vários cronistas e repórteres – que o Campeonato Mundial haja interessado o Brasil inteiro. (...) foi um exagero. Houve, sim, interesse grande, exaltação e paixão, nas Capitais e nas cidades maiores. (...).

Agora, aquilo com que não é possível a gente concordar é com a demasia de importância que se deu ao torneio futebolístico em relação ao civismo e ao nacionalismo. O prélio tomou ares de beligerância. Os mais entusiastas lhe conferiram uma gravidade, da qual pendia a salvação ou a perdição do Brasil. Não houve o mesmo entusiasmo quando a FEB partiu, para vindicar, com sangue, o atrevimento nazi-fascista, que desrespeitaria a soberania nacional. (...) São bastante conhecidas as tropelias havidas na aquisição de entradas e localização da assistência no bojo do monstro de Maracanã. (...).

Tudo isso indica uma, não sabemos si assim poderíamos chamar, doença coletiva ou gregária, que se origina da transplantação de interesses, dos problemas fundamentais para os acessórios, com uma correlativa derivação de energias psíquicas (*A Gazeta*, 25 de julho de 1950, p.4).

Para o cronista, a situação passara ao grau de um problema de ordem da saúde pública, de uma sociedade que se encontrava contaminada. Mais especificamente, tratava-se de uma doença da sociedade carioca, pois, no restante do Brasil, o cronista não identificava o mesmo interesse. As “*tropelias*” teriam sido exclusividade do Rio de Janeiro em torno de um estádio que passava, naquele momento, a ser adjetivado como “*monstruoso*”. Uma espécie de aberração.

O mesmo texto, em seguida, ainda tecia críticas a respeito do uso dos símbolos pátrios no campo de futebol, o que passava a ser encarado como mais um sintoma doentio. Era visto como um exagero causado por homens influentes – representados por um anônimo escritor – causadores de “*distúrbios*” psíquicos no restante da população – evidentemente, carioca – ao depositarem tanta importância em um jogo de futebol:

Um cronista estrangeiro observou essa paixão nossa pelo futebol, estranhando-a. Cronistas brasileiros, mesmo, assinalaram o extemporâneo e descabido uso do hino nacional no campo de futebol. E têm razão. Pensamos que qualquer símbolo nacional deve permanecer estranho a tudo que não condisser diretamente com o civismo e patriotismo. (...).

E houve um escritor, doente por futebol, que, ao sair do Estádio, no dia da derrota, balbuciou, triste e cabisbaixo: ‘Desgraça maior não nos poderia ter acontecido!’. Feliz pátria a que tem tido, ou sempre terá, como a maior de

suas desgraças, uma infeliz partida de futebol... Nem as secas do nordeste valem o infortúnio da Taça do Mundo!

Não somos contra o futebol. Achamo-lo um esporte interessante. (...) Que o futebol fique, porém, no seu lugar, e não venha subverter a escala de valores e causar distúrbios à psicologia de boa parte dos homens (*A Gazeta*, 25 de julho de 1950, p.4).

Personagens influentes de diversos setores, não apenas do universo futebolístico, se manifestaram, questionando a postura de dirigentes da CBD, em relação à administração da Seleção Brasileira e também com relação à ênfase vista como exagerada ao apelo proposto através dos jogos envolvendo os representantes brasileiros; um apelo advindo, sobretudo, de parte de líderes políticos e intelectuais, que tanto clamaram pela participação dos torcedores nos momentos de vitórias e alegria, e que não puderam deixar de fazer o mesmo na hora da derrota e da tristeza.

Não há dúvida que o formador de opinião exemplar, que tornou-se um dos alvos preferidos nessas críticas ao que se via como exageros da Copa do Mundo, era José Lins do Rego. O documento acima, ao se referir ao “*escritor doente por futebol*” que “*balbuciou triste e cabisbaixo*”, já fornece todas as condições para se deduzir isso. Porém, o excerto de uma crônica que segue adiante é ainda mais direto, citando o próprio nome do literato:

(...) Por que considerar o resultado do jogo com os uruguaiois um desastre calamitoso?

Dizem-me que houve gente que chorasse violentamente como si uma desgraça pessoal a tivesse ferido. Um jornal atribue ao fino literato que é Lins do Rego uma atitude dramática e uma frase trágica: ‘Meu Deus! Não poderia acontecer maior desgraça!...’. Não garanto pela autenticidade da frase. Mas no estado de espírito que se formou em torno dessa derrota, tudo seria possível.

E é precisamente esse estado de espírito que me inquieta, porque ele revela uma total imaturidade afetiva para os embates frequentes da vida (*A Gazeta*, 21 de julho de 1950, p.3).

Ainda descrente da expressão de angústia de José Lins do Rego, se mostrava Maurício de Medeiros<sup>160</sup> que, entre outras atividades, desde 1946, era Diretor do Instituto de

---

<sup>160</sup> Maurício Campos de Medeiros nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1885. Médico, professor, escritor e político, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com curso de especialização médica realizado na França. Foi colaborador de alguns periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Foi eleito deputado estadual no Estado do Rio de Janeiro em 1916 e deputado federal, em 1921. Voltou a ser eleito para a Câmara dos Deputados em 1927 e 1930. Em 1950 foi nomeado chefe da delegação brasileira ao I Congresso Mundial de

Psiquiatria da Universidade do Brasil (atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro) e que, exatamente naquele mesmo ano, fora nomeado chefe da delegação brasileira do I Congresso Mundial de Psiquiatria. Tudo indica que, por ser colega do “*fino literato*”, a crítica necessitava do tom dúbio empregado. Porém, na visão de Medeiros, o cronista e dirigente esportivo, em um momento de fraqueza, poderia perfeitamente ter aderido ao “*estado de espírito*” que se originou da derrota final e, como os demais, apresentar deficiências para enfrentar adversidades. Como escreve por fim:

(...) é preciso saber perder, sem considerar-se que tudo acabou porque não se atingiu o objetivo visado. Os que se desesperam com qualquer insucesso, reagem com a mentalidade infantil. Não amadurecem sinão de corpo. E é nessa classe dos facilmente desesperados que se formam os neuróticos...

Assim, era feita uma acusação de cunho médico a todos, inclusive aos dirigentes, na figura de José Lins do Rego. Um diagnóstico realizado, de maneira geral, aos que se envolveram com a amargura da derrota, não a este ou aquele jogador. Pelo contrário, o exemplo citado nesse caso, era de um nome respeitável da intelectualidade nacional e, primordialmente para os interesses dos grupos paulistas, tratava-se de um dirigente da CBD e do porte de José Lins do Rego.

Vale dizer que, nos anos 1950, era uma constante associar os mais variados problemas como causas de distúrbios psicológicos, também no senso comum. É o que revela um trabalho da seção *O Pif-paf*, marcada por trazer sátiras do cotidiano para seus leitores e uma das principais atrações da revista *O Cruzeiro*. Na edição do início de agosto de 1950, justamente após aquela fatídica derrota e as acusações de fraqueza psíquica tomarem conta dos jornais, Vão Gôgo (Millôr Fernandes) procurava irônica e sarcasticamente abordar o momento vivido. Na oportunidade, o chargista que se autoproclamava “*ansioso, mórbido, depressivo*”, classificava aqueles tempos como “*A era psicanalítica*”, pois, segundo ele:

Antigamente um homem tinha lá suas coisas, complicadas às vezes, mas simples de expressar. Hoje, porém, as coisas supérfluas passaram a ser profundas e as profundas, abismais. De modo que um autor não narra mais, extroverte-se. (...). Ficamos tristes? Não: depressivos. (...) E, claro, não somos bêbados à toa, mas dipsomaníacos. Solitários? – Neca, depressivos

---

Psiquiatria. Participou, também, dos congressos de Neuropatologia realizados em Roma e Londres, nos anos de 1952 e 1955, respectivamente. Exerceu o cargo de Ministro da Saúde nos governos de Nereu Ramos e de Juscelino K. de Oliveira. Membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1955. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso 16 nov. 2010.

em fuga. E se respeitamos e amamos biblicamente nossos maiores, cuidado, Édipo anda por perto (*O Cruzeiro*, 8 de agosto de 1950, p. 22-23).

Naquele momento, era muito apropriado associar, portanto, uma derrota em uma partida que tanto mexera com os ânimos e que aparentemente era entendida como tão ganha, a problemas de questões psicológicas. Mais apropriado ainda, direcionando-se a questão para certa incompetência dos que deveriam sanar problemas, mas que, contraditoriamente os apresentavam.

Menotti del Picchia manifestava-se também em uma direção não muito diferente da que até aqui se identifica. Em *Saber Perder*, em uma de suas colunas regularmente escritas para *A Gazeta*, o intelectual e líder político paulista propunha após o vice-campeonato:

(...) Que a fatal razão que os fez entregar aos uruguaiois os louros da pugna seja objeto de calmo exame para uma racional educação dos nervos dos nossos desportistas, evitando-se que, em luta idêntica, interfira ela novamente como elemento da derrota. (...).

Devemos sair da peleja com orgulho (...). Adversários temíveis, de fama universal como os italianos e os ingleses foram abatidos logo de início. O Brasil ficou glorioso e forte, disputando até o final seu ponto de honra. A fatalidade lhe foi madrasta. Que fazer? Sorrir e Esperar. Esperar, jogar de novo e vencer.

Preparamos em silencio as novas vitórias (*A Gazeta*, 19 de Julho de 1950, p. 15).

“Preparar a vitória” significava elaborar “uma racional educação dos nervos dos nossos desportistas”. Para isso, era necessário não apenas esperar, era preciso agir. O que, enquanto uns grupos o faziam em silêncio, outros, como eram de suas funções, procuravam causar alarde. Principalmente, quando se tratava de propor mudanças. E, imediatamente, uma mobilização surgia nesse sentido. Thomaz Mazzoni fazia cobranças, já visando a Copa de 1954:

Foi-se a ocasião de ouro, salvo si a sorte, depois de nos ter voltado as costas duas vezes tão ingratamente, quiser nos pagar tudo com justiça e retidão, fazendo a equipe brasileira culminar, em 1954, na casa alheia. Essa seria a única e grande recompensa para a ‘torcida’ brasileira. Não nos resta outra alternativa, sinão esperarmos, cheios de esperanças, até lá, mas que os erros e as lacunas não voltem a se repetir. (...) não basta somente a técnica para tão alto feito. Outros fatores positivos devem contribuir! (*A Gazeta*, 19 de Julho de 1950, p. 15).

A própria imprensa carioca dava demonstrações de que algo deveria mudar. Indicações a esse respeito também oferecia o jornalista da revista *O Cruzeiro*, David Nasser:

É muito cômodo, nestes instantes amargos de perda definitiva, afastarmos toda a culpa do fracasso para um grupo de apenas 11 jogadores e um técnico. Quem lhes afivelou a máscara? Vocês, torcedores. Nós, jornalistas. Eles, do rádio. Todos, sem exceção, das gerais às arquibancadas, das cadeiras às tribunas. Criamos a lenda de sua invencibilidade e fizemos com que eles se esquecessem do ilógico no futebol. Foram os jogadores que mandaram bordar as faixas de campeões do mundo antes do jogo? Foi o técnico que publicou fotografias do quadro brasileiro com a legenda de campeões do mundo? Foram eles, os atletas e o dirigente, que gritaram por todos os microfones que não havia castigo, que não sairia do Brasil a Taça Jules Rimet, que os uruguaios eram homens velhos e cansados? Fomos nós, os assistentes e observadores, os profetas da vitória que não veio.

(...)

Do Maracanã, da mágoa que nos deixou essa partida, da poeira e do amargor de um grande ‘team’ vencido por um quadro tecnicamente inferior, mas superior no entusiasmo, no sangue e na fibra, há de sair o futebol brasileiro que poderá fazer o mesmo que os uruguaios aqui fizeram, contra os prognósticos, contra a torcida, contra tudo.

Da estúpida tarde no Maracanã, nascerá o futebol brasileiro sem máscaras (*O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p. 14-20).

O jornalista de *O Cruzeiro*, não deixou de frisar que a responsabilidade era de todos. Não citava os dirigentes especificamente, mas generalizava o suficiente para abarcá-los nas entrelinhas. Também não mencionava a questão do distúrbio psicológico em si, porém, dizia que o problema estava na “*máscara*”. Segundo Nasser, o clima de extremo otimismo, de vitória antecipada, cultuada por todos os que cercavam a Seleção Brasileira antes do jogo contra os uruguaios, havia repercutido mal entre os jogadores, tornando-os mascarados, ou seja, transformando aqueles exímios praticantes de futebol em atletas revestidos pela presunção, destituídos da gana necessária para disputar lance a lance a partida, pois acreditavam que a vitória viria a qualquer momento. Contudo, a mensagem final também dá mostras de que algo precisava mudar e que, em um futuro não muito distante a Seleção Brasileira, entendida como representante do futebol brasileiro como um todo, renascida, finalmente conquistaria as vitórias almejadas.

Por parte da Federação Paulista de Futebol, com apoio da Fundação Casper Líbero, uma das medidas para fortalecer o futebol profissional estava em continuar importando árbitros da Associação de Futebol Inglesa, o que já havia sido feito no ano anterior, por se desejar um campeonato paulista “*tranquilo no que concerne às arbitragens*”. Para tal propósito, segundo as lideranças paulistas e *A Gazeta*, viriam “*homens de integridade*

*moral ilibada*”, ou seja, árbitros da Inglaterra. O país era entendido como ímpar, no que se refere aos ideais da civilidade e, conseqüentemente, concluía-se que seria composto em sua totalidade por homens capazes de desempenhar a função da melhor forma, o que, por outro lado, seria encarado como impossível, com relação aos próprios brasileiros: “*Infelizmente somos obrigados a reconhecer e confessar que não possuímos ainda homens com tais qualidades, para conduzir partidas de futebol. Não sabemos o que realmente falta a nossos apitadores.*” (A Gazeta, 27 de julho de 1950, p. 15).

Ao mesmo tempo em que se construía tal análise a respeito do caráter inapropriado do elemento nacional, a mesma nota, fazia questão de dizer que, naquela temporada de 1950, a seleção dos árbitros seria diferente da que fora feita no anterior, pois seria “*o próprio secretário da austera Associação Inglesa*” a escolher os homens do apito, “*(...) ao contrário do sucedido em 1949 quando, aqui vieram ter, (...) junto a um ou dois bons árbitros outros que tecnicamente temos muito por aqui...*”. Em síntese, era mais uma demonstração que, apesar de algumas experiências, os mandatários do futebol, os analistas e demais entendidos do assunto, naquele momento, ainda custavam a admitir: deficiências técnicas em jogadores, árbitros, dirigentes ou qualquer outro futebolista britânico também era possível existir.

No mesmo período, um grupo composto pelo empresário das comunicações e dirigente esportivo Paulo Machado de Carvalho, por Flávio Iazetti<sup>161</sup> e Ary Silva<sup>162</sup>, ambos membros da crônica esportiva de São Paulo, se movimentavam para fundar a Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol. Nomes que, por sua vez, somados ao do jornalista Paulo Planet Buarque e do técnico Vicente Feola seriam os responsáveis pela idealização do *Plano Paulo Machado de Carvalho*, como ficou conhecido o planejamento que formou a Seleção Brasileira de 1958, campeã da Copa do Mundo da Suécia.

---

<sup>161</sup> Flávio Iazetti, nascido em 18 de agosto de 1916, começou sua carreira de jornalista em 1938, já no ano seguinte criou o jornal O Esporte onde ficou até 1960. Em 1961 chegou à Gazeta Esportiva onde permaneceu até o seu falecimento. Atuou na rádio Panamericana e nas tevês Record e Gazeta. Foi um dos fundadores da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP). Disponível em: <[http://www.aceesp.org.br/presidentes\\_imortais.asp](http://www.aceesp.org.br/presidentes_imortais.asp)> Acesso 20 Ago. 2010.

<sup>162</sup> Nascido em São Paulo em 21 de junho de 1917, Ary Silva foi o idealizador da ACEESP. Formado em direito, trabalhou nas Emissoras Associadas, na Rádio Bandeirantes, onde cobriu a Copa de 1938 e nas organizações Globo. Atuou também como diretor do departamento de árbitros da federação paulista de futebol. Como político elegeu-se vereador e deputado estadual. Disponível em: <[http://www.aceesp.org.br/presidentes\\_imortais.asp](http://www.aceesp.org.br/presidentes_imortais.asp)> Acesso 20 Ago. 2010.

Além da questão da arbitragem e de outras promoções envolvendo o retorno das atenções para o campeonato paulista, outras notícias prometiam movimentar o cenário futebolístico.

Ainda sob o impacto extremamente positivo dos lucros financeiros alcançados pela CBD e do quão positivo, até antes do momento da derrota, havia se mostrado aos anseios políticos, o evento promovido, já havia uma movimentação em torno da promoção de uma nova disputa internacional. Desta vez, de início, cogitou-se uma disputa que envolvesse muito mais os interesses paulistas:

**PARA O IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO** – Agora que foi encerrada a Taça do Mundo, a Comissão organizadora dos Festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo vai também se movimentar no setor esportivo. Segundo uma nossa sugestão, que foi bem recebida, São Paulo deverá realizar em janeiro de 1954 um grandioso torneio inter-seleções de várias partes do globo. Considerando-se que o Pacaembú já é desde há muito pequeno para o público bandeirante, seria iniciada, brevemente, a construção de um novo estádio. Sua capacidade suplantara o próprio estádio do Maracanã, uma vez que seria construído para receber uma concorrência efetiva para daqui a mais de vinte anos. Por certo, os organizadores dos festejos do IV Centenário de Piratininga, não deixará à margem este importante detalhe que não poderá ficar para última hora (*A Gazeta*, 18 de julho de 1950, p. 15).

A imprensa, no caso a Fundação Cásper Líbero, liderada por Thomaz Mazzoni, interessada no incremento dos festejos do IV Centenário da cidade, contando com o empenho de Paulo Planet – principalmente, na campanha da construção do novo estádio – defendia a ideia de que o setor esportivo não poderia ficar para segundo plano (apesar de matéria, de poucos dias anteriores, na capa do jornal, que desejava diminuir o valor da festividade esportiva que ocorria no Rio de Janeiro), assim, procurava pressionar as autoridades locais para a organização de um torneio de porte internacional.

Essa ideia acabou não tendo continuidade, no mesmo formato que começou a ser ventilada. Porém, ao longo dos dias que se seguiam, algo mais concreto surgia. E o melhor para os interesses financeiros, era que poderia acontecer muito mais brevemente.

Segundo *A Gazeta*, partindo da ideia do cronista inglês, entusiasmado com o que vira na Copa do Mundo, Jhon Thompson, foi proposto à CBD “*um campeonato com os clubes campeões mundiais*”. E, assim, se noticiava: “*Estuda a C.B.D. a possibilidade de realizar esse certame. No próximo ano, com jogos no Maracanã e no Pacaembú*”. Procurava-

se, não apenas informar o leitor, mas pressionar as autoridades para a realização do evento. O jornal, dessa forma, se valia de argumentos que remetiam à necessidade de recompensar o torcedor, que muito sofria ainda com a derrota na final da Copa do Mundo:

Perdemos a partida, quando ninguém mais acreditava que o Brasil fosse deixar escapulir o título de campeão. Tudo passou. Agora devemos continuar a trabalhar, a lutar, lutar ainda mais e com mais forças para que possamos chegar aos pináculos da glória. Não há outra alternativa (*A Gazeta*, 20 de julho de 1950, p. 19).

A vitória da Seleção Brasileira, melhor dizendo de todos os brasileiros, na visão da reportagem, dependeria do esforço contínuo de todos, inclusive do torcedor elevado à categoria de participante direto do meio. E para que houvesse a luta, era preciso haver o torneio.

As regras para o evento também já eram motivo de especulação: “*O representante do Brasil seria escolhido num torneio extra, a ter lugar entre todos os campeões regionais.*” (*A Gazeta*, 22 de julho de 1950, p. 15). Dias depois, *Olimpicus* já tecia comentários sobre o campeonato, quase dado como certo:

Ottorino Barassi, nome já muito familiar aos esportistas do Brasil, quer realizar, em 1951, um torneio mundial de clubes campeões nacionais. Trata-se de um homem que, entre projetar e realizar, encontra pouca diferença... (...) um torneio, sem dúvida, inédito, pois nunca se realizou um campeonato de clubes com caráter mundial.

Mas, o presidente da F. I. G. C. [Federazione Italiana Giuoco Calcio] (dizem que também é ele o futuro presidente da F. I. F. A., coisa que seria aproveitada) precisa ser ajudado para que a realização tenha pleno êxito. A ajuda, já se sabe, deve partir da própria C. B. D. O tempo para o projetado campeonato é pequeno (...) um emissário deveria embarcar já para a Europa e lá se entender com os paredros dos clubes principais (...) o compromisso, logicamente, seria completado com o título do seu país, digamos Arsenal, Juventus, Real Madrid, etc. Boas vantagens não seriam poupadas, de modo a tornar um ótimo negócio para os clubes visitantes.

O certame, por certo, dará muitos milhões e, desta vez, a sociedade poderá ser mais completa e perfeita, já que a F. I. F. A. e a própria C. B. D. não levarão a parte de leão... Um torneio, em suma, cujos principais beneficiados nos lucros seriam os clubes participantes. (...) (*A Gazeta*, 27 de julho de 1950, p. 15).

Assim, Thomaz Mazzoni tornava pública a ideia do evento e, ao mesmo tempo, pressionava para que houvesse uma movimentação das autoridades nacionais nesse sentido.

Não cabe aqui, discutir-se quem foi o primeiro a propor e a conceber o torneio internacional de clubes campeões de 1951. Muitos estudos apontam para Mário Filho - dono do jornal em que o próprio *Olimpicus* mantinha coluna - como o idealizador do torneio que ficou conhecido como Copa Rio (ANTUNES, 2004: 129; FRANCO JR., 2007: 92). Necessário se faz destacar o quanto a imprensa, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, em conjunto com outros setores, principalmente com o poder público - no caso da Copa Rio da prefeitura do Distrito Federal - procuraram se movimentar rapidamente em torno de promover eventos no agitado meio futebolístico do período. Nesse instante, deixavam-se de lado rivalidades, para se empreender uma busca que visava muito mais aos lucros advindos desses grandes projetos - como a Copa do Mundo oferecera - que o resgate de algum sentimento mais patriótico, que poderia classificar aqui como um orgulho nacional, como revela o final da crônica de *Olimpicus*: “(...) *trata-se de um prato apetitoso... Si perdermos tempo, si deixarmos para amanhã, outros se adiantarão... Os planos precisam ser traçados sem perda de tempo e completá-los com presteza. Esperamos que assim suceda.*” (*A Gazeta*, 27 de julho de 1950, p. 15).

Enquanto isso, questões de âmbito interno, como sempre, as que envolviam maiores interesses e paixões, sofriam investidas para que se amenizassem os conflitos e se criasse um clima mais favorável entre os clubes. Assim, era projetado um encontro entre as principais agremiações do Rio de Janeiro e São Paulo, além de alguns clubes de outros estados. No encontro, seriam discutidos assuntos como transações, preços dos passes, luvas e ordenados dos jogadores, principalmente. Era previsto que tal reunião não surtiria pleno efeito, já que estavam em jogo os interesses financeiros de cada entidade e clube. Porém, pretendia-se, ao menos suavizar rivalidades de adversários históricos, marcados pelos regionalismos exacerbados entre paulistas e cariocas:

(...) O Campeonato Mundial nos colocou num novo caminho de progresso, que devemos defender com unhas e dentes, mas com muito juízo. Estamos no marco zero de uma nova era, e é preciso que a velha mentalidade fique para trás.

O convênio chega oportunamente e é bom indício si a iniciativa parte dos clubes do Rio. Todos unidos é melhor. Os interesses gerais acima de tudo. Façamos votos para que o êxito do novo convênio seja completo e não imperfeito e decorativo, como foram os do passado... (*A Gazeta*, 27 de julho de 1950, p. 15).

A proposta, agora, muito mais que antes, parecia estar se encaminhando, no sentido de somar forças, visando aos jogos internacionais que, por sua vez, se tornariam cada vez mais comuns. Se a Copa do Mundo fora um estrondoso sucesso, no plano diplomático e, principalmente, financeiro, do qual tanto CBD quanto FIFA tornaram-se os grandes beneficiados, o campeonato mundial de clubes sairia do papel já no ano seguinte. E, nesse mesmo sentido, a Copa Rio, em 1951 também conseguiu atingir os mesmos objetivos.

Além dos lucros da FIFA e da CBD, esses acordos e projetos trouxeram ganhos aos clubes brasileiros também. Excursões para vários lugares, inclusive para a Europa, eram realizadas, cada vez mais, na medida em que o futebol do país apresentava-se tanto como força política na realização de grandes eventos, como força técnica.

Nesse último quesito, o momento se fazia bastante interessante para o futebol nacional: além do vice-campeonato e das grandes vitórias da Seleção Brasileira na Copa de 1950, a S. E. Palmeiras tornou-se campeã do primeiro mundial de clubes, na bem-sucedida Copa Rio de 1951. O Fluminense F.C., em 1952, e o C. R. Vasco da Gama, em 1953, também venceram as versões seguintes, em 1952 <sup>163</sup>. Deve-se lembrar que do primeiro campeonato Sul-americano de clubes, conquistado pelo C. R. Vasco da Gama, ainda no ano de 1948.

### **3.2. Derrotas em campo: fissuras expostas.**

As atividades envolvendo a Seleção Brasileira retornam apenas em 1952, para a disputa do Pan-Americano do Chile. Para montar a equipe foi escolhido um novo técnico, cuja filosofia de trabalho era diferente do que tradicionalmente se estabelecera durante os longos anos de hegemonia de Flávio Costa à frente das decisões.

O novo técnico era Alfredo Moreira Júnior, mais conhecido como Zezé Moreira. Homem de longa trajetória no futebol, contrariando a vontade do pai, começara a carreira de

---

<sup>163</sup> As duas últimas edições já se encontravam esvaziadas da importância que revestiu a primeira. Em 1952, o torneio passou a levar o nome do presidente da C.B.D, Rivádavia Correa Meyer. Em 1953, a prefeitura do Rio de Janeiro deixou de patrocinar o evento e, devido às questões financeiras, o campeonato foi extinto. (Cf. BETING, 2009: 49).

jogador aos 19 anos de idade, no ano de 1928, no extinto Sport Club Brasil do Rio de Janeiro. Tornou-se um dos primeiros a se profissionalizar, por influência do Fluminense F. C.. Após passagem pelo América F. C., transferiu-se para a S. Palestra Itália, tornando-se tricampeão paulista (1932/33/34). Voltou para o Rio de Janeiro e, no retorno, foi novamente campeão regional, dessa vez pelo C. R. Flamengo e, em seguida, transferiu-se para o Botafogo de F. R.. No clube alvinegro encerrou a carreira de jogador e tornou-se técnico, após frequentar a Escola de Educação Física. Como técnico, sagrou-se campeão, logo em seu primeiro ano, 1948, conduzindo para o título um Botafogo F. R. que amargava longos quatorze anos sem conquistas.

Em entrevista concedida ao Instituto Museu da Pessoa.net, aos 76 anos de idade, Zezé Moreira rememorava sua carreira e se definia da seguinte forma:

Eu sempre joguei no meio do campo, joguei de lateral direito, joguei de center-half, estou falando do tempo antigo, né, half-back direito, center-half e half-back esquerdo, sempre joguei nessas três posições no Sport Clube Brasil, joguei nas três posições.

Eu nunca fui bom jogador, nunca fui, nunca tive nome, nunca joguei na Seleção Brasileira. Eu, eu fui sele... eu fui reser... eu fui... como é? Treinei na Seleção Brasileira em 1938, mas o treinador não ia muito comigo não, porque eu era meio... eu combatia muito. Eu perdia numa partida de futebol, eu pesava 67 quilos, eu perdia numa partida de futebol 4 quilos, eu corria o campo todo, eu brigava, porque eu brigava até com a bola, mas eu não era burro não, era inteligente. Eu pegava... eu sabia que não era um bom jogador, que não era um bom passador, mas passava a bola pra quem sabia jogar. Eu tomava a bola dos outros, eu marcava, eu brigava, mas passava a bola sempre pra outro.<sup>164</sup>

Limitações técnicas compensadas por disposição física e preocupação tática. Estas eram características passíveis de serem encontradas em diversos futebolistas brasileiros, porém, até então incomuns com o que, em geral, era desejado para a Seleção Brasileira - as memórias do ex-jogador se referem a esse motivo como causa de sua dispensa pelo técnico Adhemar Pimenta, em 1938 - e inconcebível à visão hegemônica que, ao longo dos anos, se construiu a respeito do que seria a essência de um futebol brasileiro. Elementos que, por consequência, eram também prioridade de Zezé Moreira, pois, na formação das equipes que

<sup>164</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 12 de dezembro de 1993, referente ao projeto *História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube*, realizada por Mauro Malin e Rodrigo, em São Paulo. Alguns dos dados a respeito da trajetória de Zezé Moreira descritos neste trabalho se basearam, em boa parte, nessa entrevista.

comandava, a exigência tática era grande <sup>165</sup>, adicionada sempre à rigidez a ser cobrada da postura dos atletas, especialmente nas concentrações <sup>166</sup>.

Essa fama de técnico linha-dura fez com que os dirigentes cebedinos lhe oferecessem o comando da Seleção Brasileira, no momento em que ela se encontrava abalada pela derrota contra os uruguaios e desacreditada diante das fortes e constantes críticas recebidas, momento que Zezé, quarenta anos mais tarde - na mesma entrevista acima citada - rememorava da seguinte maneira:

Aí começou um fato interessantíssimo porque eu fui treinador da Seleção Brasileira, eu entrei em 52, porque 50 nós tínhamos perdido aqui a Copa do Mundo pros uruguaios. Sabe, o brasileiro (risos), o brasileiro é um apaixonado, o brasileiro é até, eu às vezes fico pensando, fica até ridículo, porque nós somos mascarados que somos os maiores do mundo, não é? E futebol não tem esse negócio de maior do mundo, porque maior do mundo é aquele que não perde, né. Então nós não temos o direito de achar que nós somos os maiores do mundo, nós podemos ser igual aos maiores do mundo, mas melhor do que os outros ninguém pode dizer, que em futebol não há isso, não há times invencíveis.

Tudo indica que, em suas memórias, Zezé Moreira transferiu para o que viu acontecer em 1950, diante da derrota da Seleção Brasileira e a pressão sobre os profissionais envolvidos, muito do que ele próprio sentiu em sua pele, quatro anos mais tarde, quando a equipe brasileira, por ele comandada, fora precocemente eliminada da Copa do Mundo. Sua entrada no comando da Seleção Brasileira está diretamente ligada à derrota de 1950. Suas medidas disciplinares também. Vale perceber, atentando-se para outro momento de suas reminiscências, que ele próprio indica que houve certa movimentação no eixo do futebol brasileiro, até então cristalizado no Rio de Janeiro:

E eu fiquei aí... teve... o Flávio ... a Copa do Mundo de 50, o Flávio era treinador e perdeu aqui no Brasil, eles fizeram, me chamaram e me colocaram na ... foi até o Dr. Paulo Machado de Carvalho, que era aqui de São Paulo, me convidou eu fui, e eu dei uma sorte muito grande porque eu mudei todo o time de 50 eu tirei, eu só levei do time de 50 o Bauer que jogava na Seleção de 50, e o mais acho que... E o Bigode também, e o Bigode. E aconteceu aquilo, né. A gente tinha uma mágoa, o brasileiro tinha, tem esse detalhe, tinha uma mágoa terrível do Uruguai, porque nos ganhou aqui dentro do Brasil, e começaram a dizer, inventaram aí que ele... que o...

<sup>165</sup> Inseriu na Seleção Brasileira a “marcação por zona”, ou seja, cada jogador ficaria responsável por um setor do campo.

<sup>166</sup> Para uma descrição detalhada envolvendo procedimentos do técnico Zezé Moreira, procurando controlar os jogadores do Botafogo F. R., especialmente Garrincha, ver em Saldanha (1980: 3-15).

aquele center-half uruguaio, que eu não me lembro o nome, que humilhou... Obdúlio Varela humilhou o Bigode, deu tapa na cara do Bigode, criaram uma série de coisas que não era verdade, não foi verdade não. Então havia uma mágoa muito grande e quando nós estreamos no Pan-americano, no Chile, nós jogamos contra o Peru, e o Peru tinha um time bom, um time seguro, bom, e nós empatamos de 0 a 0 (risos). Foi uma desgraça, me queimaram aqui no Brasil, lá no Rio de Janeiro, me queimaram como Judas. E eu não levei, eu fiz uma reforma geral na Seleção Brasileira, não levei o Danilo, não levei o Augusto, não levei o Barbosa, eu não levei o Zizinho, não levei o Jair, enfim, uma série de jogadores que eu não levei e substituí: Djalma Santos, ele veio aqui, era da Portuguesa, o Brandãozinho, era o Julinho, era... quem mais tinha? (...)

Não, o Nilton Santos era lá do Rio, tô dizendo aqui de São Paulo. De São Paulo... eu levei o Castilho, levei o Pinheiro do Rio, levei o Nilton Santos, levei o Didi, o meia-direita eu não me lembro quem era, era o Didi, o Pinga, o Pinga também jogou, o Paraná, acho que era o Paraná, não, não era o Paraná não. Rodrigues, e de centro-avante foi o, se não me engano, foi o não me lembro bem, ah, Ademir, e nós ganhamos, demos sorte que depois não perdemos ponto nenhum, ganhamos de todos.

As memórias de Zezé Moreira confundem fatos, mas dão a dimensão necessária para se entender que houve certo deslocamento do eixo, antes hegemônico, das decisões políticas da CBD. Paulo Machado de Carvalho tornou-se membro da diretoria de futebol da CBD somente em 1953<sup>167</sup>, e exerceu influência para que ele comandasse a Seleção Brasileira que disputaria a Copa da Suíça, em 1954, não, em 1952, como sugeriu Zezé. Contudo, é certo que havia uma preferência pela reformulação da organização da equipe, e isto não apenas entre dirigentes paulistas.

Líderes políticos do futebol de São Paulo, aos poucos, passariam a dar mais palpites no comando da Seleção Brasileira. Não que estivessem totalmente ausentes antes - basta lembrar que o auxiliar técnico de Flávio Costa era Vicente Feola do São Paulo F. C., mas, naquele momento, é certo que houve outra diretriz para mudanças que iria ampliar a influência paulista.

Entretanto, nesse momento intermediário entre a Copa do Mundo do Brasil e a da Suíça, eram os jogadores que deveriam ser substituídos. Nesse fator encontrava-se a maior possibilidade de mudanças. Um processo que realmente ocorreu e que, das críticas iniciais, instigadas por um empate sem gols com a seleção peruana, transformou-se em muitos elogios,

---

<sup>167</sup> Paulo Machado de Carvalho tornou-se membro da diretoria de futebol da CBD em 1953, após indicação do presidente da FPF, seu amigo, Roberto Gomes Pedrosa (Cf. CARDOSO & ROCKMANN, 2005: 142).

emanados de dirigentes e cronistas, tanto paulistas como cariocas a partir do momento em que Zezé Moreira, com sua filosofia de trabalho, tida como mais rígida, tornou-se campeão do Pan-americano com a Seleção Brasileira, vencendo os uruguaios e os chilenos – donos da casa – na final <sup>168</sup>. Em seu depoimento ao Museu da Pessoa.net, Zezé lembrou a esse respeito:

Ah, e a história foi essa: é que quando jogamos com os uruguaios, havia uma expectativa fantástica aqui no Brasil desse jogo, que era o jogo da forra, nós não queríamos saber se podíamos ganhar ou não, nós queríamos, tínhamos que ganhar, e ganhamos de 4 a 2. Aí foi uma festa nesse Brasil que não parecia mais. E como nós ganhamos o Panamericano, na chegada aí foi um ... o presidente Getúlio Vargas me deu um medalha de ouro, eu tinha sido queimado como Judas, heim. A Associação de Cronistas Desportivos me deu uma medalha de ouro, e a Assembléia Legislativa do Rio me deu o título de cidadão carioca.

Enquanto entidades do Rio de Janeiro mostravam-se satisfeitas com a campanha vitoriosa, apesar das intensas críticas, no desenrolar da disputa, do lado paulista a ligação com a Seleção Brasileira se renovava. Jogadores como Djalma Santos, Brandãozinho, Pinga I e Julinho, da ótima e vencedora equipe da A. Portuguesa de Desportos daqueles tempos, além do ídolo corintiano Baltazar e do ponta-esquerda Rodrigues, da S. E. Palmeiras, formavam a base da Seleção e faziam com que os olhares paulistas, principalmente da imprensa, se debruçassem, desta vez com mais otimismo e muito menos críticas à equipe da CBD <sup>169</sup>.

Por outro lado, posteriormente a essa vitória, no ano seguinte, se iniciava um momento que se firmou na história do futebol brasileiro como o mais conturbado. A partir de 1953, com a participação da Seleção Brasileira no campeonato sul-americano de Lima e sua derrota, as relações envolvendo jogadores, dirigentes e imprensa foram marcadas por sérios conflitos.

Um dos jogadores mais criticados na cobertura da Seleção Brasileira daqueles últimos anos, nas reportagens de *A Gazeta Esportiva*, não esteve presente na equipe campeã

<sup>168</sup> A campanha do Pan-americano: 2 a 0 sobre os mexicanos; empate sem gols com os peruanos; 5 a 0 sobre o Panamá; 4 a 2 sobre os uruguaios; e, 3 a 0 na seleção do Chile. Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/sel/brazil194752.htm>>. Acesso 20 nov. 2010.

<sup>169</sup> A seleção iniciou o torneio com a seguinte formação: Castilho (Fluminense A. C.); Araty (Botafogo F. R.) e Pinheiro (Fluminense F. C.); Nilton Santos (Botafogo F. R.), Bauer (São Paulo) e Brandãozinho (A. Portuguesa D.); Julinho (A. Portuguesa D.), Didi (Fluminense F. C.), Ademir (Vasco da Gama F. R.), Baltazar (S. C. Corinthians P.) e Rodrigues (S. E. Palmeiras). Do segundo jogo, em diante, Araty foi substituído por Djalma Santos (A. Portuguesa D.) e Bauer, a partir do terceiro, por Ely (Vasco da Gama F. R.). Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/sel/brazil194752.htm>>. Acesso 22 nov. 2010.

do Pan-Americano de 1952 e seria ele, em seguida, o ícone maior a representar os jogadores descontentes com a CBD, principalmente os de sua geração.

Zizinho era figura sempre presente na Seleção Brasileira, desde sua primeira convocação, em 1942 até a Copa de 1950. Contudo, nas primeiras disputas realizadas pela equipe da CBD, após o jogo final do campeonato mundial, seu nome esteve ausente e, ao que tudo indica não fora uma decisão do técnico Zezé Moreira cortá-lo.

Apesar de fazer entender - através do depoimento acima destacado - que dera preferência a convocar jogadores que não participaram do mundial de 1950, o técnico Zezé provavelmente indicaria Zizinho para fazer parte do selecionado, como fez com Bauer. Eram jogadores que gozavam de unanimidade entre torcedores e analistas. No caso de Zizinho, especificamente, nem mesmo seus mais ferozes críticos se referiam a suas qualidades técnicas. Atacavam-no, em geral, pelo seu temperamento, principalmente, em São Paulo.

Zizinho vivia uma excelente fase profissional, após a Copa do Mundo de 1950. O C. R. Flamengo ficara no passado, assim como as desavenças com alguns proceres rubro-negros. O craque que tanto chamou a atenção, por sua competência nos gramados, durante a década de 1940, começava a atuar por seu novo clube, desde a semana que se seguiu ao mundial. Via-se Zizinho com camisas listradas, mas, agora, não mais com as listras horizontais flamenguistas, pois, nos tempos de preparo para a Copa, de supetão, fora negociado e, segundo ele próprio, sem saber disso.

O craque do meio-campo corria pelos gramados envergando as cores alvirrubras do uniforme verticalmente listrado do A. C. Bangu. A cada partida, o jogador demonstrava aos dirigentes e à torcida da equipe do subúrbio carioca e da fábrica de mesmo nome, o quanto foram positivos os esforços para sua - na época - milionária contratação. No ano de 1951, dado as necessidades do próprio time, Zizinho passou a jogar como centroavante - segundo o próprio craque, uma posição em que sempre sonhara atuar (Cf. MORAES, 2002: 129) - e se destacava marcando gols e chegando com sua equipe ao vice-campeonato carioca<sup>170</sup>. Nesse mesmo ano, o craque finalmente realizou outro desejo: fazendo parte de um

---

<sup>170</sup> A equipe de Zizinho fora derrotada, em uma melhor de três, pelo Fluminense F. C. que era comandado por Zezé Moreira - o resultado da última partida fora 2 a 0, os dois gols de Telê Santana. O Bangu, no ano de 1951, também foi campeão do Torneio-início do Rio-São Paulo, vice-campeão do mesmo torneio na versão da Federação Metropolitana de Futebol e vice-campeão do Torneio Municipal. Disponível em: <<http://www.museudosesportes.com.br/noticia.php?id=4905>>. Acesso 10 out. 2010.

combinado Bangu A. C./São Paulo F.C., excursionou por gramados europeus e chamou a atenção da imprensa de diversos países do continente com ótimas atuações <sup>171</sup>.

No ano de 1952, juntamente, com o médico do Bangu A. C., dr. Hilton Goslin – o mesmo que dirigia o departamento médico da Seleção campeã de 1958 - Zizinho pediu dispensa da Seleção Brasileira, alegando problemas físicos. Segundo a própria biografia do jogador, nesse momento, o médico responsável pela equipe da CBD, Newton Paes Barreto, fez uma bateria de exames e confirmou a situação. Assim, Zezé Moreira ficou impedido de contar com o craque para a disputa do Pan-Americano do Chile.

Em 1953, seria disputado o campeonato sul-americano, no Peru. Dessa vez, a equipe brasileira estava sob o comando do técnico Aimoré Moreira, irmão de Zezé Moreira. Dentre os motivos da troca, pode existir um que salta aos olhos, ao nos depararmos com as memórias do ex-técnico, trata-se de uma forma de pensar que regia a filosofia profissional daquele homem experiente do universo do futebol: *“E eu não sou de esquentar lugar não, porque eu sei que futebol a gente ganha uma vez, ganhar três é muito difícil, duas e três é muito difícil, então quando a gente perde, tem que sair, treinador é assim.”* <sup>172</sup>.

Dessa forma, Zezé demonstra anos depois, a consciência o quanto era incerta, mesmo em sua época, a permanência de um técnico diante das exigências extremas do meio profissional de um esporte de alta competitividade e grandes cobranças pela vitória.

Já, Zizinho, em seu ótimo momento, era figura inquestionável a fazer parte do elenco de convocados e, com aval de Aimoré Moreira, rumo para Lima com a delegação brasileira.

O início da campanha dos brasileiros naquele certame fora excelente. Com uma goleada de 8 a 1 sobre o selecionado boliviano, na estreia, e os 2 a 0 nos equatorianos, o entusiasmo gerado foi grande. Como sempre, o craque Zizinho era um dos que mais se destacavam e chamava a atenção da imprensa pelo seu jogo altamente técnico, como destacava o Jornal Folha da Noite, no dia seguinte ao jogo contra a equipe do Equador:

---

<sup>171</sup> Por outro lado, a excursão também foi marcada por fortes desentendimentos entre Zizinho e Leônidas da Silva, na época, técnico do São Paulo F. C. e comandante do elenco principal formado daquele combinado (Cf. SILVA, 1985).

<sup>172</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 12 de dezembro de 1993, referente ao projeto *História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube*, realizada por Mauro Malin e Rodrigo, em São Paulo.

Zizinho era grande no Flamengo, mas, quando foi chamado pelo Bangu, seu jogo apareceu muito mais. (...). Ziza, com a bola nos pés, dedica-se a fazer-lhe a maquilagem: penteia-a carinhosamente, espalha pó de arroz por toda sua superfície, borrifa-a com perfume e só depois é que a solta para um companheiro desfrutá-la. Não perde muito tempo com as carícias, não. (...).

Se Zizinho, no Bangu, aparece com tanto relevo, na seleção do Brasil, logicamente, formada que é por craques de envergadura, não consegue o mesmo destaque pessoal, mas em compensação seu trabalho rende muito mais, pois encontra sequencia nos companheiros. Tem mais destaque pelas consequências de seu trabalho do que propriamente pela beleza impar que norteia suas exibições no Bangu. Deixa de ser o homem-espetáculo para se transformar no dínamo gerador incansável de energias ofensivas. Todas as platéias que o viram jogar ficaram maravilhadas (*Folha da Noite*, 13 de março de 1953)<sup>173</sup>.

Contudo, esse clima de otimismo e harmonia inicialmente vivido em Lima, foi quebrado. Após o terceiro jogo contra a equipe do Uruguai, em que a Seleção Brasileira ganhou através do placar mínimo, houve a derrota para o selecionado peruano, também por 1 a 0, e, a partir daí, outras derrotas ocorreriam, conflitos entre jogadores e dirigentes ficariam nítidos e tomariam conta da imprensa. Aliás, antes mesmo do resultado, supõe-se já terem existido problemas. Mais precisamente no vestiário, momentos antes do jogo contra os peruanos.

Nessa partida, os jogadores da Seleção Brasileira entraram em campo vestindo camisas brancas estampadas com grandes letras que, ao momento em que estivessem perfiladas no gramado formariam a frase: “VIVA EL PERU!”. Uma atitude de agrado dos dirigentes brasileiros ao governo militar de Manuel Arturo Odria Amoretti - no poder desde o Golpe de Estado de 1948. Eram os ecos do nacionalismo político que se faziam presentes na Seleção Brasileira através dos mandos dos dirigentes cebedinos, a maioria, ainda, dos tempos do Estado Novo, portanto, alinhados a uma posição conservadora; motivo pelo qual, por exemplo, na Copa do Mundo de 1954, João Lyra Filho, chefe da delegação, afirmasse “(...) *que o importante era fazer os jogadores beijarem a bandeira nacional no vestiário.*” (FRANCO Jr., 2007: 93).

Zizinho, conta sua versão a respeito dessa passagem em sua biografia oficial e diz que foi uma imposição dos comandantes da delegação aos atletas, que lhe provocou profunda

---

<sup>173</sup>

Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/esporte\\_13mar1953.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/esporte_13mar1953.htm)> 11 Ago 2010.

aversão, principalmente, por descaracterizar o clima de rivalidade que julgava necessário existir nesses jogos internacionais decisivos:

Foi um reboiço quando eu escondi uma letra. Achei que, com o desaparecimento dela já no vestiário, eles revogariam a ordem. Mas não adiantou. Fizeram outra e tive que entrar na cena vestido de palhaço e não com uma armadura, que seria o mais adequado. (SILVA, 1985: 137)

Desse jogo em diante, os resultados levaram a Seleção Brasileira a ficar longe do título e, ao mesmo tempo, a reacender o estopim das acusações em torno dos que deveriam minimamente ser responsabilizados pelas derrotas. Críticas que recaíam, quase sempre, sobre os jogadores acusados pela imprensa e pelos dirigentes de muito exigirem com relação às premiações – conhecidas como “bichos”<sup>174</sup> – e de muito reclamarem do rigor das concentrações. Entre eles, especialmente um sofria maiores ataques: Zizinho, que se tratava de um jogador que muito se expunha.

Fosse por sua personalidade forte ou por sua própria função como capitão da equipe, Mestre Ziza ocupava a atenção do público por seus lances no campo e nos bastidores. Porém, dessa vez, as acusações que por sobre ele caíram, culminaram com seu afastamento por completo da Seleção Brasileira. Foi dispensado antes mesmo do fim do campeonato sul-americano, vendo-se, no ano seguinte, alijado da delegação da Copa do Mundo de 1954, na Suíça. Era o fim da possibilidade de realização do seu antigo desejo de disputar um grande torneio internacional em terras européias, algo que tanto o angustiou, por um longo tempo de sua carreira. Uma decisão que partiu dos dirigentes da CBD, mais especificamente, por empenho, tudo indica, do chefe da delegação brasileira daquele sul-americano, José Lins do Rego.

Atitude do dirigente cebedino e flamenguista, que foi apoiada por uma parcela da imprensa, principalmente pelos profissionais com maiores ligações com a entidade maior do futebol brasileiro na época. Como pode ser observado em texto escrito por Thomaz Mazzoni, a poucos meses da Copa do Mundo da Suíça, ao comparar a vitória do Sport Club Internacional de Porto Alegre em terras uruguaias ao que se passou com a Seleção Brasileira em Lima:

---

<sup>174</sup> “Gratificação paga aos profissionais de uma equipe por um resultado favorável durante uma partida ou durante a competição.” (CAPINUSSU, 1988: 39)

Foi das mais bonitas e categorizadas a vitória, ontem à noite, do Internacional gaúcho, em Montevideu. Tombou o Peñarol, que depois de 1950 se tornou o adversário mais procurado pelos brasileiros, por possuir em suas linhas os craques da ‘Taça do Mundo’. E, francamente, nunca os quadros brasileiros cultivaram tão bem a vitória, contra os estrangeiros, como nas partidas que têm disputado com o Peñarol. Questão de amor próprio, já se sabe, este amor próprio que, desgraçadamente, para vergonha de nós todos, falta quando os nossos craques jogam no selecionado brasileiro. (...).

(...) si são chamados a defender a seleção, pensam em primeiro lugar nos ‘bichos’... Simples interesse monetário, nada mais. Si são contrariados em seus caprichos e interesses, fazem tudo para perder... Quando se bate, se teima e se insiste na tecla do voluntariado, é porque existem razões imperiosas. Não que os craques devem ir defender o selecionado sem nada ganhar, mas precisam se dar pôr satisfeitos pelo que a entidade máxima lhes dará. Aos que não querem ir, por desinteresse, por preguiça, por medo, ou por qualquer outro motivo, devemos lhe dar plena liberdade para recusar. Não levar tais elementos será um bem, um favor.

(...) Eis tudo. Depois do que aconteceu em Lima, não podem ser incluídos mais os mercenários, os poltrões e os medrosos. (...) (*A Gazeta*, 11 de setembro de 1953, p. 21).

Desta vez, Thomaz Mazzoni, que, no passado, tanto criticou José Lins do Rego, de certa forma, o apoiava, indicando que a culpa do que ocorrera no campeonato sul-americano de Lima tinha sido de alguns jogadores, que, por dinheiro, medo e preguiça não haviam se dedicado o suficiente. Estes não deveriam mais ser incluídos na Seleção, pois tal atitude era uma constante. *Olympicus* não cita nomes, porém, por mais de uma razão torna-se fácil identificar que, dentre os jogadores caracterizados negativamente, certamente Zizinho encontrava-se presente.

Era mais uma oportunidade que Mazzoni, representando, sobretudo, interesses do futebol de São Paulo, tinha para colocar sob questionamento a antiga base da Seleção Brasileira, a dos “*craques desinteressados*”, grupo formado por jogadores cariocas e liderado por Zizinho. Tudo isso, sem se chocar com a direção da CBD. Além disso, desde antes da Copa do Mundo de 1950 o craque já era questionado através do que a redação de *A Gazeta Esportiva* considerava como uma “*má vontade*” em determinadas oportunidades por parte do atleta. Em alguns momentos, como fez Paulo Planet Buarque, ainda na fase preparatória, o cronista propunha a substituição do jogador por Maneca: “*Zizinho encontrará em Maneca, sempre, uma sombra terrível. O ‘menino’ está jogando uma ‘barbaridade’.* Não tenham dúvidas porém sobre a permanência de Zizinho, Flávio não o tiraria da equipe, nunca.” (*A*

*Gazeta*, 10 de maio de 1950, p.15). Dias depois, o editor chefe Thomas Mazzoni pressionava mais ainda o técnico vice-campeão de 1950:

(...) vários super-campeões do ‘A’ estão... cansados de permanecer com a... ‘mascara’ não será de admirar que venham a perder seu lugar no ‘A’... Seria bem feito, já que não interessa nomes e ‘mascaras’ e sim quem jogue bem e possa nos levar a culminância na ‘Copa do Mundo’. Neste particular, existe já uma pequena ameaça contra tais craques convencidos. Maneca, Baltazar, Friaça, Pinga, Bigode, Bauer etc. estão fazendo sombra... (...) Por enquanto, por exemplo, do ataque ‘A’ apenas Ademir está cotadíssimo. (...). (*A Gazeta*, 13 de maio de 1950, p. 15)

Mestre Ziza jamais era questionado por sua competência técnica, mesmo pelos descontentes com sua presença constante na Seleção. Ao contrário, tal era a admiração por seu talento, que se concebia que o craque, individualmente, conquistaria as vitórias desejadas. Diante de derrotas, muitas vezes, cogitava-se que sua alta competência era abalada por seus desejos materiais que, quando não atendidos, faziam com que não rendesse o quanto poderia, e deveria, em uma partida. Daí, Zizinho, ser colocado como um exemplo de jogador mercenário e/ou “mascarado”<sup>175</sup>.

A dramática situação vivida em Lima potencializou, a partir daquele momento, o que já se discutia constantemente, com relação aos jogadores considerados “mascarados”. As discussões entre o grupo de atletas convocados, exigindo melhores premiações de um lado, e, de outro, as atitudes dúbias do técnico Aimoré Moreira e do médico Newton Paes Barreto – acusado por Zizinho e por outros nomes do futebol por fazer uso de métodos nada éticos e extremamente nocivos à saúde na recuperação de atletas contundidos<sup>176</sup> – causaram alvoroço. Uma situação que fugiu ao controle do chefe da delegação, José Lins do Rego, e fez com que

<sup>175</sup> “Jogador de alto nível, mas presunçoso, às vezes desinteressado dos lances do jogo.” (CAPINUSSU, 1988: 96).

<sup>176</sup> Em sua entrevista ao Instituto Museu da Pessoa, em 2001, Zizinho se lembra, ao se referir sobre contusões na carreira: “*Aí joguei outros anos no Flamengo bem, e uma contusão na época da Copa do Mundo [1950]. A bola que o Newton carregava, fui treinando e torci o meu joelho. (...) Aí amarraram meu joelho, me enfaixaram com atadura elástica por baixo. Passei dois dias botando remédio e a minha sorte é que o médico me botava um saião com sal em cima. Me aliviaram um pouco as dores que eu sentia. O negócio é que ele não fazia treinamento porque ele tinha um cavalo lá que era o massagista Mário Américo. Pegava a toalha fervendo e botava em cima da perna. (...) Aí empataram com a Suíça. ‘Zizinho, eu preciso de você.’ ‘De mim? Não posso nem andar Flávio. ‘Não, não’ Então botaram um remédio, e fiquei n’água também. O Augusto dizia que aquilo dava um trabalho. Era o remédio que botavam nos cavalos do jóquei e botaram no Augusto. E eu não ia agüentar. Ah. Mas não botaram mesmo. E assim fui jogando, no jogo contra a Iugoslávia. Com o joelho todo amarrado. Eu sofri à beça nas mãos desse caras”.* Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 16 de Agosto de 2001.

a cúpula cebedina no Brasil enviasse para a concentração, localizada no Estádio Nacional de Lima, Zezé Moreira e Flávio Costa para tentarem amenizar os problemas.

A respeito dos desentendimentos ocorridos em Lima, tanto José Lins do Rego quanto Zizinho se manifestaram. Enquanto o dirigente voltava-se para suas crônicas, no *Jornal dos Sports*, criticando o papel da imprensa <sup>177</sup>, o jogador, agora veterano e capitão de equipe, procurava se defender de um relatório entregue pelo próprio José Lins do Rego aos dirigentes da CBD, em que sofria a denúncia de ter sido líder de um grupo de jogadores que dividiu a equipe, provocando os consequentes distúrbios. (Cf. HOLLANDA, 2003: 137)

Zizinho tinha espaço em um veículo da imprensa carioca para ele próprio se pronunciar e, assim, escreveu duas crônicas a respeito do episódio, que, posteriormente publicou em seu próprio livro de memórias. Era a seção *Escreve o Craque*, do jornal *Diário da Noite* <sup>178</sup>. Em um dos textos faz uma espécie de previsão esboçada no próprio título “*Nunca mais ‘seu’ Lins!*”. Com surpresa e indignação, apresentava as acusações a ele destinadas por parte de alguém que, segundo suas próprias palavras, lhe causava “*uma grande admiração*”:

(...) talvez porque eu o tivesse na conta de um homem, cem por cento, ou então porque o ‘analfabeto pusilânime Zizinho’ gostou dos seus livros que este nortista lhe deu com dedicatórias de amigo e fã.

Sinceramente intrigado eu fico, quando procuro explicação para a sua feia e deselegante expressão de ‘escória de analfabetos e pusilânimes’. O nobre escritor, cujo berço é da cansada e seca terra nordestina, parece desconhecer que ninguém é analfabeto por prazer, nem tão pouco essa condição diminua a conduta moral e esportiva de ninguém. O senhor sabe perfeitamente, que a população do Brasil tem sua grande parte de analfabetos. O próprio público esportivo do Brasil, em sua maioria, suporta esta distinção que o identifica dos cartolas (Silva, 1985: 152).

A seguir, Zizinho procurou deixar claro o que, para ele, foram os verdadeiros motivos para a ação repressiva do dirigente:

Pois bem, seu Lins; o que acontece comigo é a sua mágoa de eu ser, quer queira ou não, tricampeão pelo seu clube. Antigamente eu até era merecedor

<sup>177</sup> Segundo Hollanda, nas crônicas do *Jornal dos Sports*, a polêmica em si não vinha à tona, mas José Lins do Rego criticava a imprensa que vinha a fomentar “*animosidades entre os jogadores e coloca os torcedores contra a seleção.*” Ver: HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Dissertação. PUC, Rio de Janeiro, 2003. p. 137.

<sup>178</sup> Além de Zizinho, escreviam nesse espaço: Nilton Santos, Maneca, Orlando (Pingo de Ouro) e Esquerdinha (Cf. SILVA, 1985: 150).

de sua estima e consideração como amigo e leitor; hoje eu estou no Bangu e sou ‘pusilânime e analfabeto’. (Silva, 1985: 152)

O jogador encerra sua crônica, retrucando as críticas, ao ressaltar a “*incompetência*” que ele próprio observara, por parte do literato, no comando da delegação brasileira e, mostra-se satisfeito com o que profetizara, pois, se ele não fizesse parte da Copa do Mundo de 1954, José Lins do Rego jamais voltaria a fazer parte de uma Seleção Brasileira:

Eu sei que jamais voltarei a integrar uma seleção brasileira, mas tenho absoluta certeza que o senhor nunca mais chefiará também, nem delegação de analfabetos, nem cultural, pois a capacidade do senhor como chefe foi bisonha e ineficaz. Isso para mim já é o bastante. Deram-lhe uma chance e o senhor jogou fora. Quantas saudades do Dr. João Lyra Filho e do dr. Ciro Aranha e outros verdadeiros esportistas que nunca recorreram à sua larga cultura para classificar ninguém como ‘escória de analfabetos’ e outras doidices (SILVA, 1985: 155).

Zizinho antecipou-se ao que realmente aconteceria. José Lins do Rego teve seu prestígio abalado profundamente como dirigente. O literato, que se destacava, havia anos, no meio futebolístico, não apenas como crítico, mas como dirigente, que tinha alcançado êxito em sua primeira chefia em uma excursão internacional – pelo C. R. Flamengo, em 1951 - não seria mais chefe de delegação da CBD. Aliás, não resistiria a manter-se no futebol, afastando-se por anos e só retornando à escrita de suas crônicas em 1957, ano de sua morte. (Cf. HOLANDA, 2003: 137).

Por outro lado, Zizinho, um dos maiores ídolos do futebol daqueles tempos, viu-se também distante da Seleção Brasileira e da Copa do Mundo da Suíça, que aconteceria dali a poucos meses. Situação que acirrava ânimos em outra parte da imprensa. Na edição de 19 de junho de 1954, da revista *O Cruzeiro*, enquanto se trazida uma ampla cobertura dos primeiros movimentos da Seleção Brasileira na Suíça, em reportagem emblematicamente intitulada “*A honra ou a copa*” (p. 4 a 7), o periódico também oferecia um espaço semelhante a Zizinho e sua viagem ao mesmo continente, chamando atenção do leitor para “*Três grandes atrações do Louvre numa tarde de junho: a Vênus de Milo, a Mona Lisa e Zizinho*” (p. 12 e 13).

David Nasser, o mesmo jornalista que, em 1950, destacara o quanto a culpa da derrota não havia sido somente dos jogadores, fazia a cobertura das ações de Zezé Moreira e de seus comandados, na gelada Macolin – sede da concentração brasileira na Suíça – e, também na França, entrevistava “*a maravilha de 1950, colocado à margem em 1954*” que,

com dinheiro do próprio bolso - algum dele conquistado durante o passeio, em jogos amistosos pelo Bangu e apresentações individuais - fazia uma visita à terra que tanto sonhara em conhecer, lembrando-se sempre de seus primeiros tempos de Flamengo e sua convivência com os viajados Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

Fica clara a intenção da extensa reportagem logo de início: mostrar o quanto faria falta o jogador na Seleção Brasileira e o quanto fora Zizinho injustiçado. O jornalista, logo de início, diz que visitaria Macolin, “*onde estão os nossos craques, toda a fina-flor do futebol brasileiro*”. Ou deveriam estar, pois se depararia com uma situação surpreendente para ele próprio e para os amantes do futebol em todo o mundo:

A fina-flor? E Zizinho? (...) Por que Monsieur Zizinho não está em Macolin, perguntam os aficionados franceses que o viram comer a bola durante os 45 minutos que a sua contusão permitiu atuar contra o Sherfield, ‘Razões extra-esportivas afastaram o maior jogador brasileiro da seleção de seu país’, escreveram os jornais franceses. E a assistência que o viu triturar a pelota no ‘Parc de Prince’ não havia ido lá para ver o Bangu, mas para ver Zizinho. E viram.

Assim David Nasser procurou mostrar os motivos pelos quais estaria Zizinho longe da Seleção. Em clara posição favorável ao atleta, o jornalista que desejava enfatizar uma inabalável imparcialidade não colocava a culpa em Zezé Moreira:

Zezé Moreira é, segundo a nossa opinião de jornalista não subvencionado nem hospedado nem controlado pela CBD (como todos de nossa equipe independente) **[uma referência direta à personagens como Thomaz Mazzoni?]** um homem decente, de autoridade moral para sobrelevar-se a todas as razões pessoais e não convocar Zizinho simplesmente por motivos técnicos ou de adaptação a sistemas. Ele brigou com Rubens, do Flamengo, no Chile, mas não hesitou em chamá-lo agora.

A culpa recaía sobre José Lins do Rego única e exclusivamente. Após, praticamente, um ano do Sul-Americano, o caso era revivido, naquela mesma reportagem. Nasser, valendo-se de informações que teriam sido transmitidas por seu companheiro de reportagem, Luiz Carlos Barreto, afirmou que o literato teria declarado ainda em terras peruanas: “- *Quando eu chegar ao Brasil vou acabar com o cartaz desse moleque, vou fazer a caveira desse negro sem-vergonha na CBD. Nunca mais Zizinho fará parte de um ‘scratch’ brasileiro.*” (*O Cruzeiro*, 19 de junho de 1954, p. 12 e 13)

Declarações que o próprio José Lins do Rego negava, em edição seguinte da mesma revista. Naquele momento, se dedicando muito mais às suas obras literárias que ao futebol, como David Nasser fazia questão em destacar, o escritor era convidado a responder por escrito às afirmações que não só se referiam ao afastamento de Zizinho, mais a uma atitude racista:

Zizinho deve a si próprio sua não convocação. Seu temperamento é difícil de ser dirigido, às vezes o leva a atitudes de silenciosa rebeldia. (...) As razões que levaram o Conselho Técnico da C.B.D. em relação ao grande meia devem ser outras que as tais secretas informações que não houve.'

(...) Não seria eu, homem de convicções anti-racistas, capaz de palavras deprimentes sobre as condições sociais de um rapaz que sempre admirei, desde que o vi menino no primeiro treino do meu clube. (...) (*O Cruzeiro*, 3 de julho de 1954, p. 16).

Palavras que pareciam não convencer David Nasser que, ironicamente, na mesma reportagem, se referia à carta de resposta de José Lins do Rego: *“Por que ele não escreve outro romance: ‘Moleque Zizinho?’ E poderia colocar como subtítulo: ‘A história de um jogador imortal’.”*

Por parte da imprensa de São Paulo, o posicionamento frente ao caso era outro. O apoio à CBD e às suas decisões, principalmente via Thomaz Mazzoni, passou a ser um elemento constante quando se referia ao assunto Seleção Brasileira. Sem dúvida, a situação em quatro anos mudara bastante e, assim, com relação à caminhada rumo a V Copa do Mundo, a posição, naquele momento, era muito diferente daquela das constantes críticas sofridas por Flávio Costa e por seus comandados em 1950. Mazzoni e seus funcionários da Fundação Cásper Líbero, dessa vez, procuravam não emitir críticas ao desempenho dos convocados e às decisões do técnico Zezé Moreira e dos dirigentes da CBD.

### **3.3. Em busca da imagem e da Taça**

Tanto no conteúdo quanto na forma, a Seleção Brasileira apresentava modificações. Desde o momento em que Zezé Moreira assumiu o cargo de técnico, e principalmente após as derrotas sofridas em 1953, os nomes relacionados foram alterados,

assim como também a maneira de jogar do time. Além disso, transformações ocorreram na própria caracterização da Seleção perante os torcedores e os meios de comunicação. Desde setembro daquele mesmo ano, ficara decidido que já não seria mais envergado o uniforme branco da CBD. Uma nova coloração seria oferecida às vestes das equipes que representavam o país em competições internacionais, uma modificação que, por sua vez, dimensionava de forma diferente os próprios sentidos do selecionado de futebol.

No período de tempo em que se discutia a mudança, era veiculado pela agência Globo Press, algumas conclusões de cientistas “*da ‘General Eletric’ e de organizações produtoras de tintas (...) com referência as cores em relação á luz (artificial ou não) e as sensações causadas nas pessoas*”<sup>179</sup>. Pode-se dizer que esta valorização à luminosidade foi uma tendência própria daquele momento em que muitos procuravam difundir sensações otimistas para apagar o sombrio período das duas guerras e da Guerra Fria. Em adesão ao contexto vigente, as grandes corporações, também procuravam atingir em cheio o mercado consumidor.

Buscava-se, assim, a iluminação, o brilho, o colorido que, no limite, deveriam traduzir idealizações a respeito do comportamento humano. Uma procura que teve como seu melhor exemplo o cinema hollywoodiano da década de 1940 e 50, que se tornou um dos instrumentos mais eficazes na transmissão desses ideais, que tiveram sua origem no chamado *American way of life* – o estilo americano de vida:

(...) O processo de americanização pelo cinema efetivava-se no mercado. Nos objetos anunciados na imprensa, seria possível identificar uma relação perfeita entre a noção concreta do próprio objeto e sua representação. O americanismo no significado e no significante. Anúncios ou reportagens pareciam muitas vezes reproduzir, tanto na propaganda ilustrada como no próprio texto, cenas de filmes (TOTA, 2000: 132)<sup>180</sup>.

O mesmo autor ainda nos lembra que “*O Nome Disney já havia se tornado tão importante que esteve na criação do próprio símbolo da Força Expedicionária Brasileira, a famosa ‘cobra fumando’*” (TOTA, 2000: 138). Da mesma forma, a indústria do

<sup>179</sup> A matéria tinha como título a frase que sintetizava o estudo: “*A cor afeta todos os momentos da vigília*”. Dessa forma, o dr. L. H. Godlove, do Laboratório de Pesquisas da General Anilines & Film Corporation, afirmava que as pessoas reagem “*naturalmente, às modificações fisiológicas e psicológicas que ocorrem quando se dão modificações no ambiente*” (*A Gazeta*, 5 de Setembro de 1953, p. 7).

<sup>180</sup> TOTA, Antonio Pedro. O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra: São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

entretenimento também influenciava o próprio meio futebolístico, como é fácil observar diante das criações que, na mesma época, tomaram conta das páginas dos veículos de imprensa, como as do *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro que, através da arte do cartunista Lorenzo Molas <sup>181</sup>, havia passado a representar o Botafogo F. R. através de um briguento “Pato Donald”, além de outros personagens que foram trazidos pelo mesmo artista, como o “Popeye” para C. R. Flamengo, o “Pó de Arroz” para o Fluminense F. C., o “Almirante” para o C. R. Vasco da Gama, o “Diabo” para o América F. C. (Cf. CASTRO: 1992, 222). <sup>182</sup> (Anexo A – Criações do cartunista Lorenzo Molas).

Iniciativas como essas agitavam o meio, vendiam jornais e criavam cada vez mais adeptos do universo dos clubes de futebol, como de maneira muito semelhante, também acontecia em São Paulo, como contou o senhor Antônio Mazzone <sup>183</sup>: “*Ele criou o ‘Moleque Travesso’ pro Juventus. O ‘Mosqueteiro’ pro Corinthians. O ‘Santo’ que era o São Paulo, né... E o ‘Periquito’ pro Palmeiras.*” Ações de seu pai, Thomaz Mazzoni, que tomavam forma através do pincel de Nino Borges: “*A imagem... O Nino Borges, que era caricaturista da Gazeta Esportiva... ele transmitia a ideia e o Nino desenhava. Inclusive o Nino Borges fez uma caricatura dele também.*”. (Anexo B – Nino Borges: Charges em *A Gazeta Esportiva*).

Nesse sentido, o cinema estadunidense influenciou decisivamente os meios de comunicação que, no caso brasileiro, já tinham plena consciência do forte apelo que emanava do futebol. Logo, as transformações vividas por um, automaticamente, atingiriam o outro.

As mudanças envolvendo cor e imagem, na imprensa daquele período, alcançavam forte repercussão, evidentemente, trazidas pelos principais veículos, como ressalta a historiadora Márcia Valdívia (2008: 16):

Nas revistas, em especial na O Cruzeiro, as propagandas publicitárias dos produtos que também circulavam pela cidade através dos bondes e outdoors, irradiavam a atmosfera de dias felizes depois do término da Segunda Guerra Mundial (...).

<sup>181</sup> Argentino com larga experiência na imprensa de sua terra natal que, a convite de Mário Filho, veio trabalhar no Brasil, atuando no *Jornal dos Sports* e *O Globo-Esportivo* entre 1943 e 55. *Jornal da ABI*, n. 297, out./dez. 2004 <[http://www.abi.org.br/jornaldaabi/Novembro\\_dezembro-2004.pdf](http://www.abi.org.br/jornaldaabi/Novembro_dezembro-2004.pdf)>. Acesso 12 nov. 2010.

<sup>182</sup> CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>183</sup> Entrevista cedida ao autor (anexo C). A questão da grafia diferente da família Mazzoni atende uma peculiaridade que o próprio senhor Antônio nos explicou: em 1942, Thomaz Mazzoni - nascido na Itália no ano de 1900 - em carta assinada pelo presidente Getúlio Vargas, naturaliza-se e opta pelo que via como um brasileiro do nome: Tomás Mazzone. Passou a ser esse o sobrenome de seus descendentes.

Mais especificamente, no caso dos paulistanos, “*a década que tem como significado a cor dourada foi bem representada pela São Paulo iluminada e elegante*”. (VALDÍVIA, 2008: 15). Iluminação de uma cidade que era apresentada como economicamente forte e, por isso, progressista que, ainda, de acordo com o discurso hegemônico, irradiava seu brilho através do esforço de uma população que encontrava sua felicidade através do trabalho e que, por isso, se aproximava dos ideais eurocêtricos<sup>184</sup>. Por outro lado, seguindo esse mesmo discurso homogeneizador, uma situação que a colocava em oposição ao que se concebia ser o Rio de Janeiro, pois, para a idealização paulista, o estilo de vida próprio do carioca estava associado à boemia, logo, estaria em oposição às exigências do mercado. Uma tendência que a Fundação Cásper Líbero, por exemplo, fazia questão também de adotar. Em sintonia com a busca dos grupos hegemônicos paulistas, que procuravam posicionar São Paulo como estado líder da nação, edições especiais de *A Gazeta* traziam o forte colorido, que passou a ser utilizado, no período, para destacar algumas datas comemorativas e para reforçar as homogeneizações.

Na edição que foi lançada no feriado nacional da Independência do Brasil, em 1953, via-se um verde-amarelo emblemático aos olhares até dos menos atentos que passavam pelas bancas de jornal das calçadas da cidade. Uma capa bastante chamativa, que destoava do tom acinzentado que ainda era uma constante para os jornais da época, com uma grande imagem de D. Pedro I sobreposta à bandeira nacional, complementada por um texto que procurava associar São Paulo à ideia de nação brasileira (Imagem 4). Além disso, geografia e história uniam-se para compor o tema e, assim, poder se afirmar o quanto a cidade seria a responsável pela própria concepção da pátria e o quanto, por isso, seria ela a melhor tradutora dos ideais de brasilidade:

A Pátria é tudo isto que enxergamos e sentimos, razão de ser de nossa vida. (...) O Ipiranga é o símbolo da Pátria em sua eterna configuração (...). Os construtores da epopéia estão vivos e presentes como nunca: Pedro I e José Bonifácio são os nomes tutelares da nação dominadora de seus próprios destinos, vanguardeira da civilização no Novo Mundo. (...) Por isso, através dos tempos, o Brasil tem os olhos voltados para o Altar da Pátria, no Ipiranga (...) (*A Gazeta*, 7 de Setembro de 1953).

<sup>184</sup> As comemorações do IV Centenário são um bom exemplo dessa perspectiva: “*Do conjunto de elementos que impulsionavam a comemoração, parecia sobressair-se, na organização do evento, o aspecto econômico, constituindo-se em uma bandeira capaz de sustentar a imagem de São Paulo, enquanto modelo da nacionalidade. De tal forma, a força econômica consistia numa referência constante à prosperidade de seu povo. (...)*”. Ver: LOFEGO, Silvio Luiz. IV Centenário da Cidade de São Paulo. A construção do passado e do futuro nas comemorações de 1954. (Tese – História). PUC-SP, 2002, p. 33.



Imagem 4: Capa de *A Gazeta*, edição especial em homenagem ao Dia da Independência. (*A Gazeta*, 7 de setembro de 1953). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Vislumbrava-se, já naqueles dias, uma sociedade que, cada vez mais voltaria seus olhos para as telas eletrônicas, o que acabou por também influenciar o meio futebolístico. Dessa forma, no dia 10 de setembro de 1953, a partir de uma campanha iniciada pelo jornal carioca *Correio da Manhã*, a CBD se reunia para decidir sobre alterações que seriam realizadas no uniforme da Seleção Brasileira.

Exceto um ou outro dirigente contrário à extinção do branco do uniforme, como José Maria Castelo Branco (*O Correio da Manhã*, 16/12/1953, capa), cariocas e paulistas, de modo geral, se entenderam bem diante da proposta. Tudo indica que essa decisão não estava exclusivamente relacionada à derrota sofrida na final da Copa de 1950, também não vinha apenas dos recém-ocorridos distúrbios de Lima. Essa atitude também estava relacionada, em grande parte, aos impactos sentidos através das transformações dos meios de comunicação no Brasil e no mundo. Mudanças que, por sua vez, traziam para os grupos dirigentes do futebol uma sensação de que era necessário deixar para trás um passado não suficientemente vitorioso e que ainda estava profundamente ligado a uma imagem desgastada da Seleção Brasileira concebida durante toda a primeira parte do século XX. Um momento já do passado, em que o rádio, a imprensa escrita e a literatura haviam sido os grandes instrumentos de difusão do futebol nacional, e que, naquele momento, estavam sendo relegados a outro plano, frente ao avanço da fotografia, do cinema e da televisão – esta última dando seus primeiros passos rumo à popularização.

Não é por acaso que o presidente do Conselho Nacional dos Desportos (CND) e sobrinho do presidente da república da época, Vargas Netto <sup>185</sup>, escreveu um texto em sua coluna na revista *O Cruzeiro* abordando exatamente a relação entre esporte e cinema na busca pelo público, nesse caso, entendido muito mais como consumidor que torcedor:

O povo tem um limite de receptividade para todas as coisas. A aceitação de qualquer divertimento depende de várias condições necessárias.

---

<sup>185</sup> Vargas Netto era um elemento oriundo das antigas relações que o esporte mantinha com o governo de Getúlio Vargas: “(...) Muitos paredros – como eram chamados os cartolas da época – mantinham ligações com o governo, principalmente no Distrito Federal. O sobrinho de Getúlio Vargas, Manoel Vargas Netto, fazia parte da direção da Liga de Football do Rio de Janeiro. Vargas Netto fora eleito para a vice-presidência da entidade com a desistência de seu oponente Ennio Lepage, vice-presidente do Bonsucesso. Mais tarde, fora designado para a presidência do CND”. Ver: COSTA, Maurício da Silva Drumond. Os gramados do catete: Futebol e política na era Vargas (1930 – 1945). In: SILVA, Francisco C. T.; SANTOS, Rinaldo P. (Orgs.). Memória social dos esportes: futebol e política; a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Maud Editora: FAPERJ, 2006, p. 107-132.

Eu penso que a sensação desportiva vem da habilidade com que os atletas praticam o seu desporto. A falta de virtuosismo entedia e bane a incerteza das previsões técnicas, que já era uma face do sensacional. (...).

(...) No próprio cinema que já é costume popular e o mais espetacular dos divertimentos, pelas suas possibilidades de ilusão, de grandiosidade e de fantasia, movendo multidões, cada exibição tem a assistência que merece. Um filme atrai apreciadores aos milhares (...). No entanto, outros ficam poucos dias em exibição e os retiram por falta de público (*O Cruzeiro*, 23 de janeiro de 1954, p. 44).

Pode-se dizer que o futebol já está estabelecido como negócio, não apenas entre os dirigentes e os outros profissionais que dedicavam seus esforços a essa atividade. Nesse momento, essa questão já era abertamente debatida, ao contrário de um passado próximo que se contorcia em aceitar o fim do amadorismo e da frágil aura aristocrática de que os mandatários maiores procuravam revestir os esportes, em geral, inclusive o meio futebolístico. Enquanto Thomaz Mazzoni possuía sua agência publicitária – TM Sports – e como outros vislumbrava o futebol como um vasto campo de trabalho, Vargas Netto abordava essas questões para os leitores de *O Cruzeiro*.

Em um desses textos, o presidente do CND procurava explicar para os torcedores o porquê de deverem seus clubes de coração seguir para terras estrangeiras e enfrentar adversidades das mais variadas, como o Fluminense F. C. que teria sido profundamente prejudicado em um confronto com o Club Nacional de Football, em Montevideú:

Muitos perguntam: por quê vamos lá? Eu respondo: por vários motivos. (...) incentivo ao progresso e à evolução. (...) porque eles atendem também os nossos convites. (...) porque as equipes profissionais não podem parar. É preciso produzir dinheiro.

É afinal, apenas um chamariz para um torneio de intenções meramente financeiras... Por isso eles precisam agradar o seu público, e isso só poderão conseguir se vencerem.

O futebol profissional é um negócio como outro qualquer. Diverte o público e deixa lucros. Difere o do circo, do teatro e do cinema, e porque esta toma partido nas disputas, que é a maneira mais eficiente e profunda de apaixonar... (*O Cruzeiro*, 06 de março de 1954, p. 42).

Dessa forma, aquele era o melhor momento que os dirigentes identificavam para promover modificações na imagem da Seleção e do próprio futebol do país. Mudanças, inclusive, visuais por parte da equipe que representava a CBD e a nação, apontando, dessa forma, para um modelo renovado que, além de apagar o amargor de derrotas dolorosas do passado, poderia ser muito mais adaptável às exigências da época: por um lado, na busca por

ampliar o número de interessados pela equipe e, por outro, que apresentasse características muito mais atraentes à linguagem cinematográfica, tão em voga na época e que, além disso, abria espaços para a televisão que já chegava <sup>186</sup>.

Na reunião que marcaria a decisão oficial da mudança, estava presente o abatido José Lins do Rego, ao lado de Mário Polo, que passara longe de sua decisão de se retirar do futebol, expressa no calor do 16 de julho de 1950. Além deles, ainda participavam os dirigentes Furtado de Oliveira, Pizarro Filho e Irineu Chaves, sob a presidência de Rivadávia Corrêa Meyer, que ainda era o mandatário maior da CBD.

Além desses personagens da entidade, não foi esquecido pelo poder público do Distrito Federal a necessidade de se manter a imagem de estreita ligação do Rio de Janeiro e um dos seus principais setores de sua economia à Seleção Brasileira:

Prestigiando a sessão compareceu o sr. Alfredo Pessoa, diretor do Departamento de Turismo da Prefeitura, que tomou assento à mesa. Coube a este mandatário municipal dar ciência de sua missão, declarando que ali fora em nome do prefeito Delcídio Cardoso, oferecer à CBD os primeiros jogos dos uniformes, si estes forem mudados. Usando a palavra o presidente da CBD agradeceu a gentileza, salientando que somente depois de ouvidos os dirigentes é que deliberaria sobre a mudança ou não de tais uniformes (*A Gazeta*, 11 de setembro de 1953, p. 21).

A argumentação decisiva, apoiada por todos, fora oferecida por Mário Polo que, segundo a mesma reportagem citada acima, dissera não acreditar que todos os problemas seriam resolvidos com a mudança, porém “(...) apoiava o ponto de vista de **troca por algo mais expressivo, que lembrasse a origem daquela equipe, já que os atuais não refletem por serem inexpressivos.**” [grifo nosso]. Ou seja, pode-se entender que esse “*algo mais expressivo*”, vai além da origem, deveria ser anterior à própria Seleção Brasileira e à prática do futebol no país, deveria remeter a idealizações correspondentes ao “mito fundador” <sup>187</sup>.

---

<sup>186</sup> Franco Jr. (2007: 55) destaca que “*graças ao fascínio da imagem*” os estádios construídos a partir do segundo quartel do século XX, tenderam a uma menor capacidade, pois foi: “(...) a televisão que alargou continuamente o público das partidas desde que em 16 de setembro de 1937 houve a transmissão televisiva do filme de Arsenal contra Everton.”. E, com relação ao Brasil, diz o historiador Carlos G. W. Agostinho: “Desde 1954, a televisão passou a ser um ator fundamental do futebol. Foi nessa época que o rádio perdeu a capacidade de monopolizar multidões com a possibilidade de se ‘ver’ uma partida. A televisão, por sua vez, ganhou relevância e, daí por diante, não parou de crescer.” AGOSTINHO, Carlos G. W.. Futebol e identidade nacional. In: MELO, Andrade de. O esporte vai ao cinema. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2005, p. 32.

<sup>187</sup> Tentativa constante em naturalizar o discurso a respeito da nação, artificialmente construído “*Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.*” (CHAUÍ, 2000: 9).

Assim, naquela ocasião ficou decidido que nos uniformes da CBD - não só do futebol, mas de todas as modalidades - prevaleceriam as cores da bandeira nacional sem que, contudo, fosse alterado o escudo cebedino.

Um concurso de dimensões nacionais foi, então, levado à frente pela CBD, em conjunto com o jornal *Correio da Manhã*, na busca de se concretizar a mudança. O vencedor foi um jornalista e estudante de direito de 18 anos, Aldyr Garcia Schlee.

Aldyr, nascido em Jaguarão, cidade da fronteira do Estado do Rio Grande do Sul com o Uruguai - um dos motivos que o fizeram declarado torcedor da Celeste Olímpica -, baseou-se para compor sua criação no que, na época, era encarado como certa extravagância no futebol, por parte de uma equipe modesta do Rio de Janeiro. A Associação Atlética Portuguesa utilizava, em suas partidas, um calção vermelho e o jovem artista resolveu substituir o rubro da peça da A. A. Portuguesa, pelo azul, dar o alvo da bandeira aos meiões e, finalmente, a novidade maior: deixar a camisa toda em amarelo com detalhes em verde <sup>188</sup>. Assim, estava criada uma das peças que iria se tornar uma das mais significativas do cenário futebolístico mundial.

Mesmo renovando o uniforme, a CBD não extraía seu símbolo; ao contrário, o escudo azulado que a representava ganhava destaque no amarelo da camisa. Um fator decisivo para realçar a força da entidade, pois o brasão “(...) *é praticamente a síntese material do clube* [nesse caso, da entidade], *sua corporificação, daí a atenção e tensão de que é cercado.*” (FRANCO Jr., 2007, 216). Sem dúvida, é o maior símbolo do futebol e a CBD, apesar das mudanças, estava assim preservada.

Passados 57 anos da criação, Aldyr dava uma entrevista dizendo que, de certa forma, ficou incomodado com o que fizera. Alterara as cores do que já havia se firmado como uma tradição no Brasil e no mundo. Segundo ele próprio, esse foi o principal motivo para suscitá-lo “*a despejar o azul e branco nas meias e calções*” com “*tinta guache holandesa, que foi paga em prestações por quase um ano*”. Uma ideia somada ao verde-amarelo da camisa que lhe valeu a vitória naquele concurso, enquanto, para outros, era a representação de outras derrotas. Como parece ter sido, segundo as próprias palavras de Aldyr, também para Zizinho:

---

<sup>188</sup> Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/copadomundo/brasil-e-as-copas/camisas-da-selecao-brasileira/camisas-da-selecao-brasileira/print>> Acesso 17 Nov. 2010.

Eu tinha sido convidado para entregar o uniforme completo pra cada um dos jogadores. Eu cada vez ficando mais nervoso. Até que quando eu cheguei a entregar para o Zizinho, que foi o último pra quem eu entreguei, o Zizinho me disse: ‘Não esquentá, isso tudo é uma merda’<sup>189</sup>.

Poucos dias depois, *A Gazeta Esportiva*, em sua última página publicava para todos seus leitores - inclusive, para os que apenas podiam observá-la exposta nas bancas de jornais da cidade - em detalhes, como havia ficado o novo uniforme<sup>190</sup>. O desenho de um



Imagem 5: Divulgação do novo uniforme da Seleção Brasileira (*A Gazeta*, 5 de janeiro de 1954, p. 29).  
Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

jogador a envergar a novidade era seguido de um texto que pode definir bem o que se desejava dessa que deveria ser, literalmente, encarada como uma nova fase: “(...) que suas vitórias criem a força da tradição.” Uma nova história deveria ser escrita, segundo o jornal, e através do novo uniforme se esperava que o passado em branco da Seleção Brasileira, da primeira metade do século, fosse transformado, principalmente através de vitórias que viriam de uma nova postura dos atletas: “É de se esperar que com isso cresçam o espírito e a responsabilidade dos jogadores que recebem a incumbência de atuar no ‘onze’ representativo (...)” (*A Gazeta Esportiva*, 5 de janeiro de 1954).

<sup>189</sup> Ver: “Torcedor do Uruguai, criador do uniforme verde-amarelo compara Neymar a Garrincha”, de Thais Bilenky, Anna Virginia Balloussier, *Folha treinamento*, de Capão do Leão (RS), 21/06/2010-17h17. Disponível em: <<http://treinamento.folha.com.br/12emcampo/enquantoissonobrasil/754637-torcedor-do-uruguai-criador-do-uniforme-verde-amarelo-compara-neymar-a-garrincha.shtml>> Acesso 17 Nov. 2010.

<sup>190</sup> O novo uniforme foi reproduzido pela primeira vez no dia 15 de dezembro de 1953, pelo jornal *Correio da Manhã*.

Após a modificação do uniforme e todos os cerimoniais para divulgá-lo, finalmente, o conturbado ano de 1953 chegava ao fim. A Seleção Brasileira, de verde-amarelo, sem Zizinho e sem José Lins do Rego, preparava-se para a disputa da desejada Taça Jules Rimet. Sob a rigidez de Zezé Moreira, após as eliminatórias - em que enfrentou chilenos e paraguaios - seguiria a delegação para a Suíça, local da disputa da V Copa do Mundo.

Ainda no início do ano de 1954, os grupos ligados ao futebol carioca promoveram uma festa para entrega das faixas de campeão estadual de 1953 para o C. R. Flamengo, no Maracanã. Significativo, porém, é observar que o evento ultrapassava os limites rubro-negros e regionais, tratava-se de uma cerimônia que, claramente, procurava realçar os laços entre o passado e o presente no futebol carioca e brasileiro. Em meio aos festejos do título, teria lugar a despedida do ídolo flamenguista Biguá <sup>191</sup> e, além disso, seriam prestadas várias homenagens a nomes de relevo nas seleções cebedinas. Perante um grande público presente no Colosso do Derby, os festejos contaram com a presença dos campeões sul-americano de 1919 que, segundo reportagem de *O Cruzeiro*, tratavam-se de “os heróis que realmente são os responsáveis pela imensa popularidade do futebol no Brasil, pois conquistaram o primeiro título e infundiram confiança no futuro em novo setor esportivo.” Além desses craques, ainda estavam presentes Leônidas da Silva “herói da campanha de 38”, juntamente com os jogadores da nova geração que fora campeã sul-americana de 1952 e Zezé Moreira, que jurava honrar, na V Copa do Mundo, a bandeira do Brasil, que lhe fora entregue por uma delegação da Escola Militar das Agulhas Negras. Uma festa que a matéria jornalística resumia da seguinte forma:

Emoção cívica na solenidade de hasteamento da bandeira ao som do hino nacional. Expansão carnavalesca no regozijo da imensa torcida rubro-negra, que fez o carnaval antecipar-se e em seguida transbordar do Maracanã para as ruas da cidade (*O Cruzeiro*, 06 de fevereiro de 1954, p. 16 e 17).

Aquele era um momento em que se procurou reforçar a imagem da Seleção em relação aos símbolos da nação e, ao mesmo tempo, destacar o quanto o selecionado atraía a atenção de todos. Como Vargas Netto escreve em *Coessão Nacional*, texto publicado em sua coluna, na revista *O Cruzeiro*:

---

<sup>191</sup> Moacir Cordeiro, o Biguá, jogou no C. R. Flamengo entre os anos de 1941 e 53, foi tri-campeão carioca nos anos de 1942/43/44 e também estava no elenco do título estadual de 1953. Disponível em: <<http://www.museudosesportes.com.br/noticia.php?id=1848>>. Acesso 22 jan. 2011.

Eu estava no interior do Brasil, numa estância de repouso de Minas Gerais, quando foram realizados no Rio os ‘matches’ com os chilenos e paraguaios. (...) No dia de cada encontro, realizado no exterior ou no Maracanã, os rádios ficavam ligados e uma multidão na escuta. Os pequenos bares e restaurantes ligavam os seu aparelhos radiofônicos para atrair a freguesia. No hotel onde eu estava, organizaram um auditório para ouvir a irradiação (*O Cruzeiro*, 17 de abril de 1954, p. 56).

O dirigente que, provavelmente, estava em Araxá - que seria o local da concentração da Seleção Brasileira, logo em seguida àquelas eliminatórias - procurava dar explicações para os brasileiros, de modo geral, se valendo dos funcionários do hotel e moradores do interior mineiro. Ao mesmo tempo, através dessa narrativa, Vargas Netto, procurava transmitir a idéia de um público, presente nos mais diversões rincões do país, muito preocupado com o caminho a ser trilhado pela Seleção para a Copa:

- O senhor acha mesmo que podemos vencer?...

- Mas é claro! – sempre lhes respondia assim. – Os paraguaios não têm capacidade técnica e tática para nos derrotar. O caso de Lima foi apenas incidente infeliz, por culpa dos que deviam controlar a concentração. Nada mais. Foi fruto do nosso excesso de confiança e subestimação dos antagonistas. A isso se aliou um pouco de irresponsabilidade de alguns atletas e fiscalizadores. Uma equipe jovem, bem controlada, com muita vontade de lutar pode fazer surpresas tremendas. Afinal a técnica e as táticas do ‘soccer’ não são coisas tão transcendentais. Não existem segredos de alquimia! Começando um jogo, qualquer entendido percebe a formação ofensiva e a tática defensiva. A execução delas é que vai depender da habilidade pessoal e das condições físicas dos atletas, porque aquelas dependem destas!

Com estas explicações, eu via as caras felizes dos interlocutores. Ficavam aliviados... Entretanto, na hora do Hino Nacional, havia gente arrepiada. Já os mais afoitos tinham descido para o Rio nas mais variadas conduções. O que mais me impressionou, no meio daquela expectativa, foi o ar de vingança pessoal satisfeita, que se retratava nas fisionomias, a cada ponto marcado pelos brasileiros...

Vargas Netto, através de sua coluna em uma revista de ampla circulação, oferecia a informação das diretrizes centrais dessa nova Seleção Brasileira. Primeiro, ressaltando que a Seleção Brasileira surtia efeito em todos, mesmo entre os que estivessem distantes do Rio de Janeiro; depois, demonstrando a seriedade e o grau de preocupação de todos os envolvidos. Era ressaltado o rigor com relação à preparação física, às normas disciplinares de comportamento, sobretudo, nas concentrações e a demonstração de sentimentos nacionalistas, que deveriam ser presença constante entre as maiores preocupações dos atletas que rumariam para a Suíça.

Tais medidas, associadas às próprias mudanças dos nomes que fizeram parte do selecionado, assim como o surgimento do uniforme auriverde, tornaram-se promessa de um clima mais amistoso, pelo menos por parte dos grupos paulistas, em especial do redator-chefe da *Gazeta Esportiva*. Thomaz Mazzoni e sua equipe jornalística, ao se dirigem à Seleção Brasileira, raramente teciam críticas durante a caminhada para a Copa do Mundo de 1954, como podemos observar no primeiro jogo preparatório em São Paulo <sup>192</sup>, há um mês da viagem para a Suíça, em que se noticiava que: “*Mesmo jogando mal*” o desempenho tinha sido “*excelente para um teste*” e, ainda, tinha saído de acordo com o que havia planejado o técnico, que gozava de total apoio:

Muito antes da partida, Zezé Moreira dizia a quem desejasse ouvir que, muito provavelmente, a seleção brasileira não apresentaria atuação das melhores. Faltaria, ainda, elan, ‘garra’, melhor disposição, pois o quadro vinha de um longo período de treinamento, sem o número de jogos, indispensáveis, para que o quadro atingisse o chamado estado de jogo. (...).

Foi, insistimos, excelente a partida para o teste que se desejava. O quadro colombiano exigiu de nossa representação uma atuação à altura de suas possibilidades, no que concerne à retaguarda. Os problemas do ataque, que não são poucos, serão resolvidos até 16 de julho... (*A Gazeta*, 3 de Maio de 1954, p. 28).

Entre os motivos dessa posição favorável, que se repetiria durante todos os jogos da equipe formada por Zezé Moreira, antes da promessa de forte aplicação tática, estava o fato de ter-se optado por uma base de jogadores com um profundo histórico no futebol de São Paulo. A espinha dorsal tinha nomes da A. Portuguesa de Desportos, alguns que até já haviam deixado o clube, mas que mantinham excelentes relações com o meio paulista – como destacava a reportagem: “*jogadores paulistas que militavam no futebol carioca*”, como era o caso de Pinga (C. R. Vasco da Gama) e Rubens (C. R. Flamengo). Além disso, o *Trio de Ferro* <sup>193</sup>, também se fazia representar <sup>194</sup>. Além disso, o próprio Zezé Moreira, em 1952,

<sup>192</sup> A Seleção Brasileira venceu por 4 gol a 1 um combinado colombiano, com base na equipe do Clube Deportivo Os Milionários – que contava com jogadores de diversas nacionalidades, principalmente argentina, uruguaia e peruana.

<sup>193</sup> Expressão criada por Thomaz Mazzoni para classificar os três grandes clubes de futebol de São Paulo: S. C. Corinthians P., S. E. Palmeiras e São Paulo F. C..

<sup>194</sup> Na ocasião atuaram os jogadores do futebol carioca: o goleiro Castilho e o meia Didi (Fluminense F. C.), o zagueiro Nilton Santos (Botafogo F. R.), Ely e Pinga (C. R. Vasco da Gama), além de Rubens e o reserva Índio (C. R. Flamengo). Todos os demais eram de São Paulo: Djalma Santos, o ponta-direita Julinho e o substituto de Ely, Brandãozinho (A. Portuguesa D.); Mauro, Bauer e o reserva Maurinho (São Paulo F. C.); o centroavante Humberto e o ponta-esquerda Rodrigues (S. E. Palmeiras); e, Baltazar, o “Cabecinha de Ouro” (S. C. Corinthians P.).

tinha conseguido a façanha de conquistar o primeiro título internacional da Seleção Brasileira fora do país, possuía um currículo que abrangia tanto passagens no Rio de Janeiro como São Paulo.

Uma posição que não era partilhada com outros companheiros de imprensa, principalmente do Rio de Janeiro. David Nasser questionava, no mesmo período, a ausência de Zizinho “*craque dos craques, professor de futebol, o grande ausente*”, Destacando, ainda, o grande interesse dos brasileiros a respeito dos preparativos que envolviam a Seleção, com que, nem todos concordavam, prevendo o que ocorreria, se a vitória em gramados suíços não fosse alcançada:

Convenhamos para finalizar, que cada brasileiro é um técnico de futebol. Os 45 milhões de Zezés Moreira que andam por aí traçam suas táticas, escalam seus quadros, fazem suas previsões. Mas na hora da derrota, esses 45 milhões fariam do pobre Zezé um Judas com a cara de Flávio Costa (*O Cruzeiro* 27 de março de 1954, p. 6 a 13).

Processo semelhante a este realmente aconteceria com relação à Seleção Brasileira enviada para a Copa da Suíça, em 1954. Porém, naquele momento, ainda de preparação e mesmo durante o início do certame, as impressões e críticas sobre os preparativos da equipe, eram muito diferentes do que foi vivenciado na Copa de 1950.

O apoio por parte de Thomaz Mazzoni e, conseqüentemente, de parte considerável da imprensa de São Paulo, coincidia com uma aproximação projetada no futebol por outras autoridades paulistas. O período de preparação da Seleção Brasileira para a Copa de 1954 se dava justamente em meio às comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, evento que, através de uma comissão, buscava relacionar a efeméride a todas as atividades de relevo da sociedade, como explica Lofego (2002:33):

Desde os primeiros momentos, os planos da comissão para comemorar o aniversário da cidade eram ambiciosos e estenderam-se a diversos setores da vida cultural da cidade e do Estado, como a dança, a música, o teatro, o cinema, as artes plásticas e conjuntamente, eventos esportivos, educativos e de negócios em geral, entre outros. Enfim, havia a preocupação em integrar, de forma geral, as principais atividades que movimentavam a cidade e representavam, ao mesmo tempo, sua vitalidade.

Nesse caso, a preocupação com relação aos esportes também era um dado importante para as autoridades de São Paulo. A importância política que cercam eventos esportivos, há tempos já era de conhecimento dos governantes, assim como, vários segmentos da sociedade, tanto do poder público como privado, já conheciam e confirmavam os esportes como fonte privilegiada de recursos financeiros. O dirigente Vargas Netto, por exemplo, evidencia o quanto os esportes eram encarados como um empreendimento lucrativo, ao escrever sobre o “*balanço*” do “*ano esportivo de 1953*”:

Vai terminar o ano esportivo de 1953. Depois da Segunda Grande Guerra Mundial os desportos têm andado em grande atividade. Duas olimpíadas foram realizadas com grande êxito - a de Londres e a de Helsink. Vários campeonatos mundiais dos mais diversos esportes foram levados a efeito com resultados satisfatórios. Aqui no Brasil houve o mundial de futebol em 1950, com excelentes resultados financeiros, apresentando também grandes espetáculos. Campeonato masculino e feminino de Vôlei e Basquetebol já foram organizados em diferentes países.

Neste ano de 1954, teremos o mundial de Basquetebol aqui no Brasil, comemorando o IV Centenário de São Paulo. (...). (*O Cruzeiro*, 09 de janeiro de 1954, p. 58).

Nesse sentido, não apenas o basquetebol levou a atenção da Comissão organizadora do IV Centenário. O futebol, de “*excelentes resultados financeiros*” e políticos, que há menos de quarenta se comprovara nas próprias terras brasileiras, sobretudo cariocas, também passou a fazer parte do que se planejava naquele momento para comemorar os quatrocentos anos paulista. Dessa forma, reforçar a estremecida relação entre paulistas e a seleção cebedina era muito interessante para os esforços da Comissão do IV Centenário, que, também através do futebol, podia atingir seu objetivo maior, ou seja, transformar São Paulo em “*uma espécie de resumo do Brasil ou seu ponto de convergência*”. (LOFEGO, 2002: 35).

Altos dirigentes do futebol paulista tomaram iniciativas no meio futebolístico seguindo o modelo proposto pela própria Comissão do IV Centenário <sup>195</sup>, assim, a FPF passou

<sup>195</sup> A Comissão propunha dois núcleos que constituiriam as preocupações temáticas centrais: “(...) O primeiro seria a construção da história de São Paulo, tanto nas reedições quanto em novas produções que atendessem às expectativas da Comissão. O Segundo seria a propaganda ancorada nessa produção histórica, que por sua vez legitimaria todo o empenho dispensado para a realização dos festejos.” (LOFEGO, 2002: 41). O futebol aproximava-se da mesma tendência proposta pela Comissão para outras áreas: “As cerimônias comemorativas aparecem, naquele momento, com o poder de catalisar uma imagem homogênea da memória; seus rituais articulariam partes de um imaginário comum: a cidade aniversariante. Conforme pudemos acompanhar, a Comissão do IV Centenário pretendia, de acordo com suas próprias diretrizes dos trabalhos

a promover festividades, conceder premiações, realizar concursos. Realizou-se, por exemplo, um concurso em que pesquisas monográficas deveriam versar a respeito de dois temas, conforme o regulamento: “*Evolução do futebol em São Paulo*” e “*Evolução Social do Futebol*”<sup>196</sup>. Tudo em torno de uma efeméride que coincidia com o ano de 1954 e que, através do futebol, trazia a ideia central do próprio IV Centenário: o 60º aniversário de surgimento do futebol em São Paulo, que, segundo o pensamento hegemônico, marcaria o próprio surgimento do futebol no Brasil, pois se concedia que, a partir das terras paulistas o esporte teria se difundido para todo o país. Nesse caso, a efeméride apenas reafirmava o que quatro anos antes, Thomaz Mazzoni, em sua obra *História do futebol no Brasil*, já havia destacado.

Uma partida amistosa internacional da Seleção Brasileira, realizada há pouco mais de um mês da estreia na Copa do Mundo da Suíça, no estádio do Pacaembu, tornou-se uma excelente oportunidade para reaproximar o público paulista do selecionado cebedino e, ao mesmo tempo, para promover os festejos do 60º Aniversário do Futebol de São Paulo:

Antes de ser iniciada a luta compareceram ao gramado do Pacaembu, todos os capitães das diversas seleções do Brasil, desde 1916, sendo homenageados pela F.P.F. com o recebimento de riquíssimas medalhas que foram entregues pelo sr. Mário Fruguiele, presidente da entidade bandeirante. Os homenageados foram: 1916-1917 – Sílvio Lagreca; 1919 – Arnaldo; 1922 – Amilcar; 1937 – Jau; 1940 – Zazur; 1942 – Brandão; 1945-1946 – Domingos da Guia (*A Gazeta*, 3 de Maio de 1954, p. 29).

Os nomes reverenciados, coincidentemente ou não, eram todos de jogadores que, na época que participaram da Seleção Brasileira, atuavam em equipes do futebol paulista: Sílvio Lagreca tinha sido jogador da Associação Atlética São Bento<sup>197</sup>; Arnaldo pertencia ao Santos Futebol Clube; Amilcar fora ídolo do S. C. Corinthians P. e tinha atuado na S. E. Palmeiras; Jáú tinha sido jogador do S. C. Corinthians P.; Zazur, exatamente no ano de 1940, se transferia do C. R. Vasco da Gama para o São Paulo F. C.; Brandão, jogava na S. E.

---

comemorativos, incentivar a produção de pesquisas que apresentassem a evolução histórica de São Paulo dos séculos XVI e XX.” (LOFEGO, 2002: 51).

<sup>196</sup> Como parte da premiação, os trabalhos melhores classificados foram, em seguida, publicados em livro: FPF. Concurso comemorativo do 60º aniversário da introdução do futebol em São Paulo (1894-1954). As pesquisas partiam do pressuposto que fora “(...) em São Paulo, onde teve berço a civilização brasileira, que o futebol surgiu em nosso país.” (FPF, 1954: 11).

<sup>197</sup> Clube da cidade de São Paulo, extinto em 1933, após o advento do profissionalismo.

Palmeiras; e, finalmente, 1945 e 1946 foram anos em que Domingos da Guia, craque carioca, passou pelo S. C. Corinthians P.

Em notícias publicadas pela equipe de *A Gazeta Esportiva*, a respeito dessa mesma partida, se fazia notar que, por parte de grupos paulistas, havia uma aproximação muito maior. Dessa vez, ao contrário do que se vira na Copa do Mundo de 1950, procurava-se mostrar que, na Seleção Brasileira, havia forte organização e planejamento:

Depois do prélio contra os colombianos (sic!) <sup>198</sup>, partida essa programada para domingo, no Rio de Janeiro, os jogadores terão licença até terça-feira, dia 11, quando deverão se apresentar ao técnico. Nesse mesmo dia, em caminhonetes especiais seguirão para a cidade fluminense de Friburgo, onde cumprirão a última etapa de concentração e treinamento. Naquela cidade serão realizados vários treinos de conjunto, mas, principalmente, treinamento individual.

No dia 24 do corrente dar-se-á o retorno dos craques nacionais daquela cidade, diretamente para o Rio de Janeiro. O embarque para o Velho Mundo está previsto para a zero hora do dia 26, em avião especial da Panair Brasil. Nesse avião seguirão os vinte e dois jogadores selecionados por Zezé Moreira, bem como os dirigentes e jornalistas já designados (*A Gazeta*, 5 de maio de 1954, p. 21).

Como se observa nessa notícia, faz-se questão de mencionar, de forma antecipada, os detalhes que envolviam a Seleção Brasileira e sua ida para a Copa do Mundo. Tinha-se por importante mencionar o transporte que envolvia o deslocamento dos atletas, aproveitando-se para citar a empresa de aviação que patrocinava a viagem.

Voltava-se, na mesma matéria, também a atenção aos jogos amistosos que seriam disputados já em território europeu para arrecadar recursos e também preparar a equipe:

(...) Optou Zezé Moreira por duas partidas em Lisboa, argumentando com acerto. Em primeiro lugar, porque as partidas seriam realizadas na Europa, havendo, por isso mesmo, melhor aclimatação dos profissionais patrícios. Em segundo lugar, porque o quadro nacional estaria jogando contra uma equipe praticante de um estilo de jogo semelhante a quase todos os demais conjuntos participantes do certame mundial.

---

<sup>198</sup> Dessa forma a reportagem fazia referência a uma equipe que além de não ser reconhecida pela FIFA como a Seleção da Colômbia, ainda era composta por jogadores de outras nacionalidades, como já dissemos acima.

Outra preocupação desse órgão de imprensa - o mais importante da época em São Paulo e um dos mais importantes no Brasil - se encontrava em destacar o quanto os jogadores estavam dispostos a se dedicar à árdua preparação que a Comissão técnica exigia durante os treinamentos:

E mal chegaram, os craques brasileiros movimentaram os músculos, num puxado exercício, que compreendeu várias etapas e que teve como palco, na manhã de ontem, o Estádio do Fluminense, Zezé tratou imediatamente de colocar seus pupilos em ação, obrigando-os a um trabalho dos mais proveitosos.

A prática constou de um rigoroso individual (...) <sup>199</sup>. Depois de muita ginástica mesmo, os defensores da nossa seleção foram submetidos a um bate-bola, enquanto que os arqueiros sofreram verdadeiro ‘bombardeio’, como treinamento especial (*A Gazeta*, 5 de maio de 1954, p. 15).

Transmitia-se a sensação de extremo rigor. Treinos físicos, ginástica, eram relatados, recorrendo-se constantemente a termos bélicos que procuravam, no seu conjunto, fazer o leitor associar a concentração da equipe brasileira à imagem de um quartel, ao mesmo tempo em que, mesmo nos treinamentos, jogadas soavam como lances de uma batalha. Algo que não era novidade nas metáforas do futebol <sup>200</sup>, mesmo com relação às equipes brasileiras, mas que era incomum quando se fazia referência especificamente à Seleção.

Força técnica e principalmente física eram as metas, o preparo individual era priorizado. Dessa forma, mais ginástica e menos treinos com bola marcaram os dias daquele selecionado, sob o comando de Zezé Moreira; preparação que, possivelmente, induzia os jogadores a apresentarem lances diferentes dos que a Seleção de outros tempos costumava demonstrar para o público.

Ao mesmo tempo, os dirigentes da delegação já formada <sup>201</sup>, enfrentavam dificuldades para estabelecer os desejados jogos amistosos na Europa antes da Copa. As

<sup>199</sup> Esses “individuais”, comandados pelo próprio Zezé Moreira, eram realizados com exercícios baseados na ginástica sueca: “(...) *O sistema sueco baseia-se num trabalho analítico, bastante rígido, com um desenvolvimento harmônico de todo o corpo, exercícios simétricos moderados e de fácil compreensão, realizados com uma dificuldade progressiva e, de preferência, sem aparelhos, em pé e obedecendo a uma voz, embora também existam alguns exercícios com aparelhos simples: cambalhotas, suspensões, equilíbrios, etc.*”. Disponível em: <<http://educacaohoje.no.sapo.pt/ef/Historia.htm>> Acesso 19 Nov. 2010.

<sup>200</sup> Ver a esse respeito o subcapítulo *A guerra simbólica* de Hilário Franco Jr (2007: 235-245).

<sup>201</sup> Compuseram a delegação brasileira na Copa da Suíça de 1954: presidente João Lyra Filho, ao lado, de José Maria Castelo Branco, Henrique Barbosa e Sotero Cosme; na tesouraria Irineu Chaves era subordinado de Gastão Labhaerte da Silva; conselheiro técnico Alfredo Curvello; médico Dr. Newton Paes Barreto; massagista Mário Américo; roupeiro Aloísio Oliveira; e, o cozinheiro Laudelino Oliveira (Cf. DUARTE, 1987: 107).

negociações com a federação portuguesa não avançavam, fazendo com que João Lyra Filho<sup>202</sup>, chefe da delegação e um dos tesoureiros, Irineu Rodrigues Chaves, fossem para Lisboa a fim de concretizar os acordos, o que, por fim, não conseguiram.

Uma diferença nesse período de preparação, que se verifica facilmente ao se compararem as fontes estudadas com a fase preparatória da Copa do Mundo anterior, a de 1950, merece destaque. Dessa vez, não se especula a respeito de transferências dos jogadores que participavam da Seleção. Eram comuns as notícias, antes e durante a Copa realizada no Brasil de que clubes cariocas interessavam-se por nomes de seus rivais em São Paulo e vice-versa. Possivelmente, ao menos nesse momento, os frutos das tentativas de aproximações e apaziguamentos, realizados desde o período imediatamente posterior ao vice-campeonato mundial e que se mantiveram até 1953<sup>203</sup>, nesse momento, eram colhidos. Uma notícia chama a atenção nesse sentido:

PAULINHO PARA O VASCO – Em se tratando do quadro comprador, o leitor pensará, naturalmente, que se trata do médio que presta serviços ao selecionado nacional. Mas, não é, trata-se do avante homônimo, pertencente à Ponte Preta de Campinas, que deverá ser contratado pelo Vasco da Gama, do Rio de Janeiro (*A Gazeta*, 15 de maio de 1954, p. 21).

Situação diferente da vivida anteriormente, os clubes, já habituados às excursões internacionais e aos lucros daí gerados, pareciam valorizar mais o momento de busca da Taça Jules Rimet. Um momento importante, que era fruto principalmente da Copa do Mundo organizada no país e do vice-campeonato conquistado, mostrava para outras regiões a força do futebol praticado no Brasil, fato que a FPF, através de Mazzoni, frisava em uma publicação, comemorando os 60 anos de futebol no país que, evidentemente, teria surgido em terras paulistas via Charles Miller:

Antigamente a primazia dos jogos internacionais no estrangeiro cabia aos ingleses, húngaros e austríacos. Os clubes da Europa Central e da Grã-Bretanha eram os mais desejados. Nos últimos anos, porém, ou seja desde 1949, tanto na Europa como das Américas, os clubes mais solicitados têm sido os brasileiros e os da Argentina. Os tempos são outros... Os brasileiros (somente os clubes) disputaram, de 1949 até 31 de dezembro de 1953, a

<sup>202</sup> “(...) um *sportman* de grande influência e com uma longa trajetória nos meios desportivos. Dirigente do Botafogo F.C., participou da elaboração dos estatutos da Liga de Football do Rio de Janeiro representando a Federação Metropolitana de Desportos. (...)” (COSTA, 2006: 126).

<sup>203</sup> “*Taça do Mundo à vista: Reunião no Rio, dos dirigentes de entidades*”: Em 9 de outubro a CBD realizaria a reunião e pedia que se desse “*preferência para a vinda dos próprios presidentes de federações.*” (*A Gazeta*, 24 de setembro de 1954, p.27).

bagatela de 546 partidas, contra quadros estrangeiros, sendo que 370 forma disputadas além-fronteiras, das quais 125 na Europa. (MAZZONI, 1945: 297)<sup>204</sup>

Dias depois, após grande expectativa, o Conselho Técnico da CBD - composto por José Alves de Moraes, Ivan de Freitas, Andrade de Leão e Canor Simões Coelho, mais o presidente em exercício Mario Polo, evidentemente, com o aval do técnico Zezé Moreira, realizavam o corte de três jogadores, para estabelecer os 22 que rumariam à Suíça. Na ocasião, ao mesmo tempo, em que se anunciava a exclusão de dois jogadores cariocas (o zagueiro Gerson e o goleiro Oswaldo do Botafogo F. R.) e um gaúcho (Salvador do S. C. Internacional de Porto Alegre), a Fundação Cásper Líbero reafirmava que um dos seus principais expoentes estaria confirmado como membro convidado da Seleção Brasileira: *“Integrando a embaixada brasileira, está Thomaz Mazzoni, redator-chefe de A GAZETA ESPORTIVA, e convidado especial da C. B. D. junto à delegação.”* (A Gazeta, 12 de maio de 1954, p. 25).

### 3.4. “Maior do mundo é aquele que não perde”

Chegava o momento de se intensificarem as especulações sobre os possíveis favoritos ao título da Copa do Mundo da Suíça e, na medida em que as partidas e torneios internacionais aconteciam com maior frequência, os meios de comunicação se desenvolviam e as informações se intensificavam, as opiniões tendiam a ser mais criteriosas. Assim, em 1954, o tom nacionalista que se imprimia aos discursos, especialmente quando se tratava de países considerados mais adiantados ou superiores, começou a ser mais cuidadoso. Por vezes, até com críticas, como se pode notar no excerto abaixo:

Cumpre salientar, ainda, que a Suíça, recentemente, superou a Inglaterra. Neste campeonato, jogará nos seus domínios, incentivada pela sua ‘torcida’ inflamada. Já no cotejo Preston x grasshoppers<sup>205</sup> houve tentativa de invasão

<sup>204</sup> MAZZONI, Thomaz. Alguns pontos básicos da evolução do ‘association’ de São Paulo. In: FPF. Concurso comemorativo do 60º aniversário da introdução do futebol em São Paulo (1894-1954).

<sup>205</sup> Partida realizada entre o clube inglês Preston North End e o Grasshoppers Clup de Zurich, da Suíça.

de campo. Domingo último, por ocasião do prélio Uruguai, o mesmo se verificando, o que demonstra que **os suíços não são tão fleugmáticos quanto se pensa** (*A Gazeta*, 25 de maio de 1954, p. 27). [grifos nossos]

Questionava-se a frieza emocional que, na visão generalista, era característica tão presente nos discursos até ali construídos a respeito da população suíça, ideia que entrava em total colisão com todas as referências que se fizeram na imprensa, quatro anos antes a respeito do selecionado suíço em plena Copa do Mundo de 1950, facilmente observável na reportagem de *O Cruzeiro*, que destacava a manchete do jornal Diário de Minas, alvoroçado no momento da chegada dos jogadores da Suíça para disputarem sua primeira partida no torneio, no Estádio Independência. Onde se lia: “*Chegaram os jogadores mais civilizados do mundo*” (*O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950).

Mas não era só isso. Mudanças já se observavam nas próprias análises realizadas a respeito do favoritismo das seleções de futebol de diversos países, principalmente a da Inglaterra. Como a matéria de *A Gazeta*, acima destacada, trazia:

Quanto aos ingleses, estão de uma vez por todas desprestigiados. A seleção britânica, desde 1950, vem ‘esticando’ sua fragorosa queda. Surge agora grave problema, com a falta de valores, e não há tempo para recompor uma equipe de categoria (*A Gazeta*, 25 de maio de 1954, p. 27).

As sucessivas derrotas do English-Team não permitiam a manutenção dos discursos que os classificavam como os “reis do futebol”. Contudo, esse desgaste do futebol inglês colocava sob riscos as próprias construções que se fizeram a respeito do futebol brasileiro; conseqüentemente, de alguma forma, a memória deveria ser preservada.

Finalmente, chegava o momento do embarque para a Suíça. No dia 25 de maio, pouco antes da partida, vários dirigentes, Zezé Moreira e uma comissão – composta por Veludo, Dequinha, Paulinho e Didi - representando os jogadores, compareceram ao Palácio do Catete, para se encontrar com o presidente Getúlio Vargas. Dias depois, Didi confirmava ao repórter David Nasser que, na ocasião, pedira dinheiro ao presidente: “*Pedi ‘no duro’ e consegui. Veio um telegrama para o Dr. João Lira, avisando que cada um de nós receberá 200 dólares do Governo.*”<sup>206</sup> (*O Cruzeiro*, 19 de junho de 1954, p. 4 a 9).

<sup>206</sup> Esse não foi o único pedido ao presidente. Na mesma matéria Mário Vianna, forte personalidade do meio futebolístico da época e que compôs a delegação e quadro de árbitros daquela Copa, também revelou que solicitou benefícios pessoais na máquina pública. Ao ser indagado se isso era verdade, respondeu de pronto:

Esta pode ser encarada apenas como uma primeira amostra de atitudes dos atletas que, no mínimo, fugiam aos ideais decantados, pela imprensa da época, de um grupo de jogadores submissos ao discurso disciplinador imposto pela comissão técnica. Didi, “o Príncipe Etíope”<sup>207</sup>, agindo dessa forma e, além de tudo, declarando-se publicamente, mostrava que seria um personagem de personalidade tão marcante – fora e dentro dos gramados – quanto o fora aquele ídolo da Seleção Brasileira que ele próprio substituíra: Zizinho, cuja ausência Didi fazia questão de lembrar para a imprensa e cuja admiração declarava abertamente ao dizer-se seu “*maior fã*” (*O Cruzeiro*, 19 de junho de 1954, p. 4 a 9).

A situação tendia a se tornar mais conturbada. Ao chegarem à Suíça, mais especificamente à sede da concentração, os jogadores se depararam com o que podemos classificar como, no mínimo, diferente do que atletas de um país tropical de grandes centros urbanos estavam acostumados.

Enquanto Thomaz Mazzoni e os outros três enviados especiais de *A Gazeta Esportiva*<sup>208</sup> traziam as primeiras informações, enfatizando que estava “*Tudo em paz na concentração brasileira de Macolin*”, procurava-se também caracterizar aquele local como um “*(...) aprazível recanto do aprazível país helvético, com todo o conforto imaginável, em instalações estupendas.*” Nessas primeiras impressões do alto das montanhas suíças, publicavam-se palavras que pareciam querer satisfazer o antigo desejo das idealizações paulistas que, em vários discursos, criavam imagens de uma terra, São Paulo, que seria uma suíça dos trópicos e, assim, os jornalistas completavam sua matéria:

Apesar do mau tempo de ontem observado no local, a temperatura vem sendo geralmente apontada como sendo boa para nossos profissionais. É um clima ameno, cujas médias de temperaturas se assemelham às verificadas em São Paulo. Segundo nossos enviados especiais temos a tendência, daqui por diante, para um acréscimo (...) (*A Gazeta*, 28 de maio de 1954, p. 21).

---

“*Verdade verdadeira. (...) Tenho 33 anos de serviço (o Presidente julgou que fosse de idade) e como existe uma vaga por merecimento à última promoção resolvi aproveitar a oportunidade. Sou o 4º da lista de promoção, mas S. Ex.ª há de levar em conta o serviço que, no meu posto de árbitro internacional, presto ao meu país... (...) ao renome esportivo e à honestidade da arbitragem brasileira.*” (*O Cruzeiro*, 19 de junho de 1954, p. 4 à 9).

<sup>207</sup> Conforme Nelson Rodrigues iria, anos depois, classificá-lo.

<sup>208</sup> Paulo Planet Buarque, Augusto de Godoy e Aurelio Belliotti.

No entanto, o “*clima ameno*” comentado por Mazzoni, parecia incomodar, pois ao mencionar um possível aumento da temperatura, ele poderia estar demonstrando um desejo para que isso acontecesse. O que jamais se confirmou.

Macolin era uma região que ficava a 1.000 metros acima do nível do mar, nos montes Jura, em que recentemente havia sido construído o Instituto Federal de Esporte Suíço. Obra realizada por motivações da própria Copa do Mundo para, a partir dali, servir como local de preparo para esportistas das mais variadas modalidades, principalmente, as que envolviam práticas sobre gelo e neve. Instalações, realmente, “*estupendas*”, como disseram os jornalistas da *Gazeta Esportiva*. Prova disso era a presença da própria seleção do país-sede que ali dividiria espaço com a brasileira. Porém, as condições climáticas causavam evidentes prejuízos ao preparo dos atletas brasileiros.

David Nasser, em outro tom, definia o local: “(...) *Macolin não é uma cidade. Macolin é menos que uma fazenda. Macolin é um sítio nas montanhas, à margem de uma estrada que lembra Teresópolis, sítio adaptado em escola de cultura física.*” E, caso alguém desejasse conhecer o tal lugar, o cronista carioca dava todos os passos, apesar de, nas entrelinhas, desaconselhar tal façanha:

O viajante que chega de avião à Suíça deve rumar para Bienne, Município de 30.000 habitantes, com ruas amplas, grandes hotéis, fábricas de relógios, e dali, se quiser conhecer o lugar onde os brasileiros se encontram, arranjar um táxi (15 francos suíços, pouco mais de 220 cruzeiros) e descer de suéter, casaco e luvas (...) (*O Cruzeiro*, 19 de junho de 1954, p. 4 a 9).

A “*estupenda*” estrutura montada pelos suíços existia, porém ficava em um lugar marcado pelo isolamento e pelo frio, muito frio. Nilton Santos, que já estava em seu segundo Mundial, descreveu tempos depois a diferença existente entre Bienne e Macolin, entre o local em que ficavam os dirigentes da delegação e os jogadores e a comissão técnica. Dirigir-se à Bienne - conforme Nasser indicou para os leitores de *O Cruzeiro* - significava estar próximo a um centro movimentado, daí ter sido aquela Copa “(...) *o paraíso das compras para os dirigentes brasileiros.* [logo] *Ninguém se preocupava com os jogos ou os jogadores, com o agravante de a chefia da delegação não conhecer sequer o regulamento da Copa.*”. Contudo, para o zagueiro e seus companheiros permanecer em Macolin significava ficarem “(...) *totalmente isolados. Era um local ermo, frio e afastado da cidade. O restaurante também ficava distante, íamos caminhando para fazer as refeições.*” (SANTOS, 1999: 69).

As motivações dessa escolha devem ser observadas em fatos anteriores. Desde os distúrbios de 1953, em Lima, que foram os últimos de uma série longa de relatos envolvendo problemas de jogadores em concentrações, principalmente fora do país, era uma preocupação constante dos dirigentes agirem no sentido de diminuir tais conflitos. Ainda em setembro do mesmo ano, a CBD publicava um roteiro para toda a eliminatória, com intuito de dirimir problemas, pois os jogadores, segundo escreveu Mazzoni, “(...) *não aceitam com boa vontade as concentrações. Ficam preguiçosos, irritados ou fartos de solidão, e se dizem prejudicados. No estrangeiro, si chegam 10 ou 15 dias antes da estréia ficam indignados (...).*” (A *Gazeta* 17 de setembro de 1953, p.18).

O planejamento para as eliminatórias, que englobou viagem pela América do Sul começou no dia 20 de janeiro e terminou em 21 de março de 1954 e procurou estabelecer, ao mesmo tempo, grande rigor nas concentrações e o menor prazo possível de duração entre elas.

Na mesma linha de raciocínio, na Copa do Mundo, caso tudo desse certo e a Seleção chegasse à final, seriam longos 40 dias na Suíça. Optou-se, então, pelo isolamento. Newton Paes Barreto, um dos nomes mais fortes da CBD e daquela delegação, muito antes visitara o país europeu e as instalações disponíveis e acabou por escolher o que lhe parecia tratar-se do lugar ideal. Contudo, precocemente, desde os primeiros momentos da chegada, os problemas começaram a surgir.

Logo nos primeiros treinos, Newton Paes Barreto, que ironicamente era o médico da delegação, podia por à prova a sua própria escolha:

Os craques brasileiros de futebol cumpriram ontem o primeiro ponto do longo programa preparatório (...). Houve pesagem de todos os elementos, seguida de individual no ginásio da concentração. Houve ainda exercícios respiratórios, tudo precedido por uma preleção de Zezé aos profissionais, deles exigindo o máximo empenho.

(...) Julinho, gripado não treinou. Alfredo está recuperando da distensão que sentiu sexta-feira. (...) (A *Gazeta* 31 de maio de 1954, p. 28).

O ponta-direita Julinho, um dos principais nomes daquele elenco, foi apenas o primeiro de uma longa lista de jogadores que se apresentavam, a cada dia, debilitados, seja pelo resfriado ou pelas distensões. Atletas que não tinham condições para realizarem os treinos e as ginásticas, sempre desgastantes, de Zezé Moreira, e, muitas vezes, sem possibilidade de atuar nas próprias partidas.

Zezé Moreira compactuava com as preocupações dos dirigentes e tinha sua própria teoria para explicar a ocorrência dos problemas e, conseqüentemente, justificar o isolamento:

‘O brasileiro é assim, diferente dos europeus e dos hispano-americanos. Nossa gente lembra o português, que carrega a saudade para onde vai. Com uma diferença: o brasileiro não emigra. Não gosta de partir. Este é, conforme eu havia previsto, o nosso maior adversário.’ (*O Cruzeiro*, 19 de Junho de 1954, p 4 a 7).

Talvez, pretendendo mostrar certa erudição, Zezé Moreira buscava nas construções sociológicas homogeneizadoras tentar explicar as constantes crises entre os jogadores e os dirigentes da CBD, como também justificar sua presença como homem forte da Seleção Brasileira. Suas considerações o levaram a traçar um plano que procurava suprir o que ele próprio entendia como necessidade básica de todo brasileiro, principalmente dos grupos populares, aos quais os jogadores pertenciam.

Pensando nisso, foi decidido que junto à delegação rumaria para a Suíça, o cozinheiro Laudelino Oliveira que, em terras suíças, daria conta de, ao menos no paladar, fazer com que os jogadores pudessem se sentir como se estivessem em casa, fazendo uso de mantimentos levados do Brasil. Porém, o feijão, o arroz, a carne seca e os outros ingredientes não chegaram facilmente à Macolin, assim como os remédios:

A questão da comida (...) está preocupando, pois os alimentos enviados do Brasil ainda não chegaram. A alfândega suíça ainda não liberou os medicamentos dos brasileiros, o que está preocupando o dr. Paes Barreto. Espera-se que hoje ou, mais tardar, amanhã a situação esteja resolvida a contento (*A Gazeta* 31 de maio de 1954, p. 28).

Questão não resolvida pelos chefes de delegação. Aliás, João Lira Filho, Irineu Correia e Castelo Branco, nem mesmo se encontravam na concentração, pois, como era de praxe entre os dirigentes brasileiros, não ficavam nos mesmos alojamentos que os atletas. Assim, é bem possível que no Hotel Elite, “*a alguns metros da estação e bem no coração de Macolin*”, onde eles e mais sessenta jornalistas brasileiros estavam instalados, segundo a matéria citada de David Nasser, essa questão passasse bem longe de seu conhecimento e, claro, dos respectivos estômagos dos proceres (*O Cruzeiro*, 19 de Junho de 1954, p 4 a 7).

A solução, por sua vez, veio através de outro dirigente que nada tinha de relação com a CBD, exceto o fato de sua empresa, da qual era diretor de propaganda, a Panair do Brasil, ter patrocinado a viagem:

(...) os jogadores procuram conservar inata a escola recém-inaugurada que a Suíça ofereceu para a concentração dos brasileiros. Afora o clima, que ainda é frio, tudo mais é ‘tupiniquim’ aqui dentro. Come-se feijão, carne-seca, tutu, goiabada – graças à eficiências do amigo Mozart Varela, que transportou a comida no porão de um ‘Constellation’ da Panair e foi esperá-la no aeroporto, onde teve o trabalho de removê-la para uma caminhoneta, trazendo o feijão e outro material até Macolin (*O Cruzeiro*, 19 de Junho de 1954, p 4 a 7).

Vale destacar que apesar da ausência dos chefes da delegação, o jornalista não deixou de frisar que há um bom comportamento por parte dos atletas, diga-se, tratados de uma maneira paternalista, para, somente a partir daí, descrever como foi possível fazê-los consumir o cardápio planejado por Zezé Moreira, Laudelino Oliveira e Newton Paes Barreto.

Em meio aos contratempos, mais um se somava. O programado amistoso com um selecionado europeu jamais se realizaria, apesar de constantemente os jornalistas destacarem que os dirigentes estavam empenhados. Por exemplo, no caso de um possível jogo contra a equipe holandesa: “*Foi finalmente acertado um compromisso internacional para o quadro brasileiro, na Europa. (...) atuará em Amsterdam, no Estádio Olímpico dessa cidade, contra a equipe derrotada há dois dias em Berna, pelos suíços.*”. Notícia que vinha somada a mais informações de jogadores fragilizados pela saúde e não apenas por motivo de resfriado, mas também por problemas relacionados possivelmente à alimentação, se dizia que naquele dia Julinho:

(...) aos poucos se recupera; Maurinho, gripado a partir de ontem; Alfredo, ressentindo-se ainda de uma distensão antiga e Dequinha, com algumas perturbações gástricas. Ouvido pela nossa reportagem, o dr. Paes Barreto mostrou-se confiante quanto ao aproveitamento possível de todos esses valores para o compromisso contra os holandeses (*A Gazeta*, 1º de junho de 1954, p. 25).

No dia seguinte, também Alfredo não participou do treino, pois estava “*sob cuidados médicos*”, junto com Veludo, Brandãozinho, Índio e Maurinho (*A Gazeta*, 2 de junho de 1954, p. 25). O amistoso com a seleção holandesa era desmarcado. A situação ia de mal a pior.

Foi nesse momento que *A Gazeta Esportiva* incentivada pelas opiniões a respeito da personalidade “*melancólica*” dos filhos da terra, que Zezé Moreira identificava através do futebol, lançou uma campanha para que os torcedores, do Brasil, escrevessem cartas para os atletas. Mais uma vez, o futebol aproximava-se das experiências da guerra, diante das baixas constantes em território distante o departamento de esportes da Fundação Cásper Líbero incentivava a todos participarem da luta:

Para quem longe se encontra – principalmente no caso dos nossos jogadores em difícil missão – uma palavra equivale a uma centena de abraços. Quer dizer apoio, atenção, confiança. Representa, ainda, participação quase direta na missão a cumprir. Enfim, quer dizer uma convivência de bons momentos, junto àqueles que lá fora nos representam e sob nossa bandeira lutam em busca de um título de glória.

Façam isso, caros leitores. Sem distinção a jogadores deste ou daquele clube. Escrevam e telegrafem para eles. Saberão depois, do valor de suas palavras. Assim nós também participaremos da luta (*A Gazeta*, 3 de junho de 1954, p. 25).

Esta mistura entre futebol e guerra, muito apropriada para aqueles homens que respiraram intensamente a atmosfera da “*era da catástrofe*”<sup>209</sup>, contava ainda com a grande influência da derrota no Maracanã sofrida quatro anos antes. Segundo o próprio Zezé Moreira, os jogadores uruguaiois teriam recebido mensagens revestidas de forte emotividade, o que os teriam lançado ao gramado com o ímpeto necessário para alcançar a vitória:

Soube que antes da peleja final contra o Brasil, em 1950, um pacote chegou à concentração dos orientais. Eram discos. Colocados na vitrola, começaram a falar a esposa de um, a mãe do outro, a filhinha de outro, o filho de outro, suplicando com as vozes cheias de lágrimas, a vitória a qualquer preço. Quem estava lá descreve a cena como espetáculo pungente. Jogadores arranhavam o rosto, rasgavam as camisas, davam urros, choravam e juravam, num desespero bárbaro, ansiando pela hora do jogo. Quando entraram em campo, não eram 11 homens, eram 11 leões. Essa fibra que caracteriza o ‘sretch’ uruguaio em todas as competições precisa ser levada em conta como, atualmente, a sua maior arma’ (*O Cruzeiro*, 19 de Junho de 1954, p 4 a 7).

Dramática descrição de Zezé Moreira. Atitudes tomadas por parte de grupos dirigentes e por parte da imprensa ansiosa pela conquista da cobiçada Taça Jules Rimet. Ações que ligaram a imagem desse selecionado, já de verde e amarelo, à simbologia militar e que, por sua vez, com o passar dos anos, principalmente, a partir das vitórias sucessivas que

<sup>209</sup> Ver Primeira parte da obra de Hobsbawm (1995), *Era do Extremos*.

vieram logo em seguida, reforçaram a Seleção Brasileira como uma das mais importantes instituições da nação:

Jogadores foram orientados a serem verdadeiros ‘Obdúlios Varela’, cuja fibra em 1950 fora um exemplo a ser imitado. Não mais ‘jogadores desfibrados’, mas sim ‘guerreiros’ dispostos a tudo. Era a ‘pátria em chuteiras’, chegando-se até a invocar o exemplo dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), inclusive recordando os que morreram na Segunda Guerra Mundial e foram enterrados em Pistóia, cemitério na Itália (AQUINO, 2002: 74).<sup>210</sup>

Um envolvimento tal era proposto que não coincidia com o que se observava por parte dos dirigentes. Não foram poucas as notícias que mostravam, no mínimo, uma falta de habilidade na condução das ações da delegação, o que, por vezes, o próprio grupo de jornalistas liderado por Thomaz Mazzoni também denunciava, como no caso de uma visita prévia para reconhecimento do estádio que seria o palco da primeira partida da Seleção - como em 1950, contra os mexicanos: “(...) o sr. José Maria Castelo Branco foi até essa cidade [Genebra] e nada viu, porquanto aquela praça de esportes estava fechada. Castelo se esqueceu de perguntar antes da viagem pelos pormenores.” (A Gazeta, 4 de junho de 1954, p. 21).

Já não era possível, nem para os simpatizantes da imprensa paulista, esconder os problemas internos da Seleção Brasileira. Tanto que, ainda faltando aproximadamente duas semanas para a estreia na Copa do Mundo, A Gazeta noticiava:

Verdadeira ‘bomba’ estourou entre os futebolistas nacionais, com o movimento dos jogadores no sentido de ser trocado o local da concentração, repetindo-se aquilo que se verificou em Chosica<sup>211</sup>, no último sulamericano. Os jogadores não querem ficar no verdadeiro paraíso terrestre, que é Macolin, alegando que se trata de um ponto muito distante do centro, num lugar isolado. João Lyra Filho está com problema em suas mãos para resolver o apelo, feito, aliás, com veemência pelos profissionais do Brasil (A Gazeta, 7 de junho de 1954, p. 28).

Dessa vez, até o clima da região ganhava contornos, no jornal, que condiziam muito mais com a localização geográfica de Macolin: “A temperatura baixou muito de ontem para hoje, e o dia se apresenta muito chuvoso, o que não é do agrado dos nossos jogadores.”

<sup>210</sup> AQUINO, Rubin Santos Leão de. Futebol uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

<sup>211</sup> Distrito da cidade de Lima, no Peru. Referência às ocorrências de 1953.

Enquanto *A Gazeta* referia-se ao desconforto gerado pelo frio, dentro da concentração o clima de tensão esquentava, por conflitos advindos do isolamento.

Segundo Nilton Santos escreveu em sua biografia, Didi até fez greve de fome para reivindicar outro tratamento por parte dos dirigentes, principalmente depois que soube que sua esposa, Guiomar, tinha estado em Macolin e, imediatamente, tinha sido convencida a se retirar e a voltar para a cidade, pela direção da delegação:

Didi chateado por não ter podido falar com sua mulher, decidiu fazer greve de fome. Ele ficava deitado, fumando e olhando para o teto. Eu, como seu companheiro de clube e de quarto, decidi amenizar a situação. Pensei e fui conversar com ele: ‘(...) vou começar a roubar comida no restaurante e trazer para você’ (SANTOS, 1999: 70).

Isolamento e dificuldades geradas pelo frio intenso, campos enlameados <sup>212</sup>, traziam como consequência descontentamento, resfriados, lesões musculares, que pareciam levar ao limite aqueles homens. Até mesmo jogadores experientes, como Bauer e Nilton Santos, de modo geral, ainda estavam vivendo a novidade de se prepararem para jogar em terra estranha com equipes, na prática, desconhecidas.

O selecionado brasileiro da Copa do Mundo de 1954, incluindo o técnico, era composto por profissionais que praticavam futebol em uma época que apenas eram dados os primeiros passos no sentido de um grande intercâmbio intercontinental. As experiências internacionais em regiões tão diferentes das quais os atletas estavam habituados eram mínimas, em muitos deles era mesmo nenhuma. Uma situação que parece ter começado a mudar somente após a Copa da Suíça. Segundo as memórias de Nilton Santos, somente em 1956, seguindo o processo de modificações no tratamento, com relação à Seleção Brasileira, anos antes iniciado, se começou a tentar sanar esse problema:

Em 1956, fizemos a primeira excursão com a Seleção Brasileira à Europa <sup>213</sup>. Antes a Seleção só havia ido à Europa para disputar a Copa de 1954. O objetivo maior era de nos adaptarmos mais ao futebol jogado por lá, já que

---

<sup>212</sup> O técnico explicava aos jornalistas as “*sucessivas quedas e escorregões*” dos jogadores, ainda durante os treinos: “*É que não foram usadas as novas travas, de vez que os campos se apresentam com excesso de grama, demasiadamente macios, aliás.*” (*A Gazeta*, 14 de junho de 1954, p. 28).

<sup>213</sup> Sob a direção do técnico Flávio Costa, que retornava à Seleção Brasileira após o vice-campeonato de 1950, realizou-se a excursão à Europa. Foram realizadas 7 partidas, entre 08 de abril e 09 de maio, contra as seleções de Portugal (vencido por 1 a 0), da Suíça (empate em 1 gol), da Áustria (vitória por 3 a 2), da Tchecoslováquia (empate sem gols), da Itália (derrota por 3 a 0), Turquia (vitória por 1 gol a 0) e da Inglaterra (derrota por 4 a 2). Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/sel/brazil195356.htm>>. Acesso 20 mar 2010.

as participações do Brasil nas copas tinham sido duramente criticadas até aquele ano. A mudança principal seria na maneira de jogar (SANTOS, 1999: 60).

Em 1954, Zezé Moreira, como já se disse, estava entre os boleiros que nunca tinham ido à Europa, o que ele confirmou anos depois, quando, ao ser indagado a respeito dos fatores que levaram a Seleção a ser precocemente desclassificada da V Copa do Mundo, fez questão de lembrar em seu depoimento ao Museu da Pessoa.net <sup>214</sup>:

Eu por exemplo nunca vim a público assim dizer que eu... foi... a razão foi essa, ou a razão foi aquela, mas eu nunca tinha ido a Europa. Eu nunca tinha ido a Europa. Eu tinha, eu tinha... Nós ficamos num lugar, numa concentração extraordinária, num lugar tinha três campos de futebol, era uma escola que não tinha... de educação física que tinha sido inaugurada na Suíça. Era numa cidade chamada Biene. Ela ficava... essa concentração ficava, como no Rio de Janeiro, quem conhece o Rio de Janeiro sabe, do Corcovado pra cidade, ela ficava lá em cima e cidade ficava cá embaixo. Os jogadores não tinham nem telefone, eu brinquei com o Bauer aqui, eu brinquei com ele sobre o caso dele, porque o Bauer tinha se casado e a senhora dele estava esperando criança, e o Bauer tava nesse lugar, nessa concentração e ele não podia saber se a criança tinha nascido ou não (...). Eu brinquei com ele nessa festa aí do São Paulo <sup>215</sup>, eu brinquei com ele, lembrei esse detalhe, falei com ele, e por sinal parece que a criança tinha nascido, era uma filha, uma menina parece.

O técnico, ao mesmo tempo em que fez questão de ressaltar sua inexperiência sobre as terras europeias, não deixou, mesmo anos depois, nesse depoimento, de novamente fazer menção a um sentimento que identificou quando estava em plena atividade no comando da Seleção e o que estendia a todos os jogadores do grupo, mais ainda, a todos os brasileiros: como já se disse, o sentimento da saudade como um fator que interfere no bom desempenho das funções quando o elemento nacional se dirige para terras distantes: *“Então você vê, a gente vai, brasileiro é um homem que fica de um sentimento familiar muito grande, não pode viver longe da família, dos filhos, da mulher, os jogadores naquele lugar ali (...).”*

---

<sup>214</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 30 de novembro e 12 dezembro de 1993, por Mauro Malin e Rodrigo. Para o projeto: *História em multimídia do São Paulo Futebol Clube*.

<sup>215</sup> Referia-se a uma festa recente que o São Paulo F. C. havia realizado envolvendo ídolos de sua história.

Nitidamente, pode-se deduzir que o ex-técnico, em suas memórias, dá indicações para o fato de Macolin ter passado longe de ter sido a melhor das opções para abrigar aquele grupo de jogadores. Afastar os componentes da Seleção de um centro comercial, da movimentação das ruas, dos bares e das casas noturnas, trouxe, como efeito contrário, um profundo mal-estar gerado pelo isolamento. Essas contradições causaram problemas que ainda mexiam com as lembranças de Zezé Moreira. Conflitos que o comandante da época tentou contornar:

nós estávamos... eu levei um dia os jogadores, eu tava aborrecido também, queria falar pra casa não podia, então eu peguei... nós mandamos alugar um ônibus e fomos a uma cidade próxima pra poder... os jogadores andaram e compraram coisas, porque Biene era uma cidade pequena, não tinha... fomos lá, fomos de ônibus (...).

Zezé Moreira admitiu, anos depois, que não eram apenas os jogadores que estavam contrariados, ele próprio desejava conseguir trocar notícias com sua família. Contudo, tal situação não foi dessa forma divulgada. Era preciso indicar que o planejamento realizado pela CBD era o mais correto possível. Assim, essa mesma ação de Zezé Moreira, na época, recebeu do jornal *A Gazeta* outro tratamento.

O jornal, afirmando em destaque que estavam “*os peritos europeus entusiasmados com os métodos de treinamento de Zezé Moreira*”, dizia que os passeios da delegação tinham um fundamento técnico para o fortalecimento dos jogadores, não especificando, se esse fortalecimento era físico ou psicológico:

A execução total do programa do treinador, leva os rapazes a excursionarem de Macolin às terras baixas suíças. Essas viagens destinaram-se a lhes tirar a mente do futebol, disse ele, e a mudança de altura os fortalece (*A Gazeta*, 9 de junho de 1954, p. 26).

A intenção estava em continuar a transmitir a idéia de que tudo estava perfeitamente em ordem. Mesmo com os muitos contratemplos que se seguiam, como o do zagueiro Mauro e o goleiro titular Castilho que, daquela vez, foram os outros nomes a se apresentarem resfriados. Parecia inabalável o apoio que até aquele momento recebia a Seleção Brasileira e, principalmente Zezé Moreira. Diversos grupos da imprensa, do Rio de Janeiro ou de São Paulo, quando reclamavam de algo faziam questão de isentar o técnico campeão pan-americano de 1952:

Berna, 15 (de Aroldo Chiorino, enviado especial das *Folhas*) - Zezé Moreira não quis - seguindo, aliás, religiosamente os seus hábitos - anunciar ainda qual o quadro brasileiro que estreará nas oitavas de final da Copa do Mundo, em prélio que se realizará contra os modestos mexicanos, depois de amanhã, em Genebra. Todavia, pelas providências que o nosso técnico tem tomado nos exercícios mais importantes, fácil é deduzir que o conjunto praticamente está mesmo escalado. A par da preparação técnica e física do conjunto, Zezé não descuida, um instante sequer de acendrar as condições psicológicas de seus pupilos. (...) A técnica dos astecas é ainda incipiente, mas de qualquer maneira o técnico nacional não quer deixar que os jogadores se empolguem com a possibilidade de triunfo fácil. Zezé respeita os primeiros contendores e reiteradamente tem frisado aos capitaneados de Bauer que o jogo de depois de amanhã é de suma importância (*Folha da Noite*, 15 de junho de 1954)<sup>216</sup>.

Assim, os dias conturbados passavam e finalmente se aproximava o dia da estreia.

Na primeira rodada do certame de 1954, repetindo o primeiro jogo da Copa do Mundo de quatro anos antes, a Seleção Brasileira goleou a equipe que representava o México. Dessa vez, por um tento a mais na contagem, 5 gols a 0. Um bom resultado que, ao mesmo tempo, não significava nenhuma surpresa, pois a equipe filiada à Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF) não apresentava muitas novidades em relação ao que se tinha visto no Maracanã, em 1950. Cumpriu, portanto, na Suíça, papel semelhante, ou seja, o de mero coadjuvante.

O selecionado cebedino entrou em campo naquela partida realizada no dia 16 de junho, em Genebra, com uma defesa formada por jogadores do Rio de Janeiro: Castilho, Pinheiro (ambos do Fluminense F. C.) e Nilton Santos (Botafogo F. R.); seguida de uma linha média paulista composta por Djalma Santos (A. Portuguesa de D.), que foi considerado por muitos o melhor em campo, em companhia de Bauer (São Paulo F. C.), o único remanescente dos que atuaram na final de 1950 e que agora participava da Copa de 1954 - como capitão do time - e Brandãozinho (A. Portuguesa D.), que foi o outro destaque da partida; na frente, a linha de ataque foi formada pelo extrema-direita Julinho (A. Portuguesa D.), ao lado de Didi (Fluminense F. C.), Baltazar (S. C. Corinthians P.), Pinga (Vasco da Gama F. R.) e Rodrigues (S. E. Palmeiras).

Nitidamente, pode-se perceber que estavam sendo colocadas em prática as promessas de reformulação na Seleção Brasileira. Não apenas pela primeira vez nas Copas, a

---

<sup>216</sup> Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte\\_19580629\\_retro54.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte_19580629_retro54.htm)>. Acesso 12 Ago 2010.

equipe que representava o Brasil envergava a camisa revestida pelo verde e amarelo, mas nomes que, havia mais de uma década, eram presença certa, naquele momento, não mais estavam presentes, como lembrou Bauer, já no ano de 1987<sup>217</sup>, em entrevista onde se refere, em determinado momento, sobre o jogo final da Copa do Mundo de 1950, o que, conseqüentemente, o levou a lembrar do quanto, aquelas mudanças de 1954, promovidas pelos dirigentes, soavam como repreensão aos jogadores:

Terminei me transformando no único jogador da final de 50 que disputaria a Copa de 54. Fez-se muita injustiça com os jogadores de 50, principalmente com o mestre Zizinho, com Ademir Menezes, com Jair da Costa Pinto, com Danilo, com muita gente. Todos eles poderiam ter jogado em 1954, porque estavam na plenitude da forma. Só não jogaram por terem perdido a Copa de 50. Devem ter dito: ‘Vamos sacar essa gente, como castigo.’ Depois da Copa de 54, resolveram chamar Zizinho de novo para a Seleção. O Brasil meteu 4 x 1 na Tchecoslováquia – numa grande partida de Zizinho... (MORAES NETO, 2000: 77).

Entre outros, Zizinho e Ademir (que fora o artilheiro da última Copa) eram reivindicados por muitos, principalmente entre os críticos cariocas. Contudo, não se podia negar que aquela equipe que entrou em campo na primeira rodada da Copa da Suíça era também muito forte.

Além da presença das revelações dos últimos anos, como o rápido e agressivo ponta-direita Julinho, o habilidoso e forte Djalma Santos e o meia Didi, que se destacava desde as categorias de novos<sup>218</sup>, o time formado por Zezé Moreira, contava com alguns craques que, quatro anos antes, disputaram vaga para participar da IV Copa do Mundo. Foram os casos de Brandãozinho e Pinga – que, naquele período, atuavam juntos pela A. Portuguesa de Desportos. Também fazia parte do grupo o consagrado Bauer - o “*Monstro do Maracanã*” da Copa do Mundo de 1950 - e outros de seus companheiros que, apesar de não terem atuado na derrota daquele 16 de julho, estiveram presentes no estádio, no banco de reservas – numa época em que, nos jogos internacionais, a FIFA não permitia alterações; caso de Nilton Santos e Baltazar.

---

<sup>217</sup> Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 15 de julho de 1987, em São Paulo.

<sup>218</sup> Didi foi o primeiro a marcar gol no Estádio do Maracanã, no jogo de inauguração entre as seleções paulista e carioca de novos. Em 1958, consagrou-se com belas atuações e um chute que chamou a atenção de todos, a “folha-seca”.

Era uma Seleção Brasileira tida por muitos da imprensa, principalmente paulista, e mesmo por analistas estrangeiros, como uma das mais fortes equipes e, por isso, candidata à conquista da Taça Jules Rimet, impressão que se reforçou após a estreia, como a agência de notícias France Press informava, em seguida à vitória sobre os mexicanos, trazendo informes sobre as impressões publicadas em alguns jornais suíços:

Djalma Santos mereceu estes qualificativos: artista incomparável, esplendido acrobata. Brandãozinho, chamado ‘o inultrapassável’. Afirma o ‘Suisse’, de Genebra: ‘O gato demorou para comer o rato’ (*A Gazeta*, 18 de junho de 1954, p. 25).

No dia seguinte ao prélio brasileiro, ainda na primeira rodada do certame, jogaram a seleção da Inglaterra contra a equipe belga. Uma partida que, no primeiro tempo, teve o placar empatado em 3 gols, fato que, de acordo com o complicado regulamento, tornou necessária uma prorrogação de 30 minutos, que foi contemplada com um novo empate, após a marcação de um tento para cada equipe. Esse 4 a 4, foi motivo para que se visse algo que até pouco tempo atrás era impensável entre os analistas brasileiros. O English-Team passava a ser alvo, dessa vez, de apontamentos irônicos a respeito de seu desempenho. No mesmo jornal em que chegavam as notícias de elogios internacionais aos brasileiros, suas linhas satirizavam o selecionado inglês, principalmente, o jogador Dickinson que havia marcado um gol contra, o quarto gol belga. O lance de infelicidade e provável imperícia do zagueiro foi o tento que veio a decretar o empate e, além disso, a servir de inspiração para a matéria de *A Gazeta* apelidar o jogador inglês, que, em suas linhas, tornara-se o “*Cabecinha às avessas*”. Uma sátira inspirada no termo “*Cabecinha de Ouro*” que Baltazar, ídolo corintiano e promessa de gols da Seleção Brasileira na Suíça, ostentava na época (*A Gazeta*, 18 de junho de 1954, p. 25).

Essa matéria era uma espécie de resposta à pergunta que Thomaz Mazzoni fizera havia pouco mais de um mês, ainda quando escrevia a respeito do que poderia vir a ocorrer na Copa do Mundo da Suíça, após outra das sucessivas derrotas dos ingleses - desta vez, para os iugoslavos. Na ocasião, Olympic colocava definitivamente à prova todas as antigas opiniões que se referiam a uma superioridade incontestável do futebol que as equipes inglesas praticavam. Ideia, diga-se, da qual ele próprio compartilhava e difundia há anos:

Interessante, por que as táticas, as teorias, não salvam o futebol inglês, tão derrotado desde 1950? (...) Como explicar suas derrotas desde 1950? Decadência? Ou as tais histórias de táticas não passam de bobagem? (*A Gazeta*, 18 de maio de 1954, p. 25).

Dessa forma, a V Copa do Mundo, a segunda após o período das grandes guerras e que pode contar com um recorde de seleções interessadas em participar - foram 37 federações inscritas - foi a representação mais significativa de um momento ímpar de intercâmbio político-esportivo. Logo, aquela Copa do Mundo, que desde o início apresentava resultados diferentes dos esperados - como já havia se observado quatro anos antes, na Copa do Mundo do Brasil - foi uma oportunidade para dar vazão aos questionamentos de verdades até então tidas como incontestes e que passavam a se mostrar cada vez mais frágeis.

Prova disso, é que no mesmo dia em que os ingleses suavam para empatar com os belgas, chamavam muito mais as atenções dos apaixonados pelo futebol outra partida. Um jogo que trouxe um resultado que representava um fator a mais de preocupação para todas as equipes que lutavam pela conquista da taça Jules Rimet e que, definitivamente, mostrava que o eixo do universo futebolístico era muito menos estático do que se imaginava. A seleção da Hungria conquistava mais uma bela vitória, em uma rotina de grandes exhibições que já remontava os últimos quatro anos.

Desde o período em torno da Copa de 1950 até o penúltimo jogo da Copa da Suíça, a equipe húngara jogara 36 vezes, vencendo 32 e empatando quatro. No período, a equipe representante do bloco soviético conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, e as sensacionais vitórias que, definitivamente, destruíram as visões já ultrapassadas de invencibilidade das seleções inglesas. Esse time tornou-se a grande estrela do futebol mundial. O auge foi atingido em 25 de novembro de 1953, em Wembley, em um dos jogos tidos por muitos como um dos mais importantes da história:

(...) as inovações táticas húngaras desnortearam o rígido esquema inglês. Diante de 100 mil espectadores, bastaram cinco toques e cinquenta segundos de jogo para os húngaros abrirem o placar; com meia hora venciam por 4 a 1, no final golearam por 6 a 3 os anfitriões, que não perdiam em casa havia noventa anos (FRANCO Jr., 2007: 61).

Pouco depois, em vias de se iniciar o V certame mundial, os húngaros aceitaram uma revanche e golearam novamente os ingleses, desta vez por humilhantes 7 a 1<sup>219</sup>. Era, sem

---

<sup>219</sup> Partida realizada na cidade de Budapeste, em 23 de maio de 1954, há menos de um mês do início da V Copa do Mundo, portanto. Paulo Planet Buarque e Augusto de Godoy foram os enviados especiais da Fundação Cásper Líbero e, de lá, assombrados com o resultado observado junto ao público de 92 mil, escreveram: *“Daquela feita, os críticos ingleses consideraram o resultado uma catástrofe, uma espécie de calamidade pública que pode assolar qualquer... país. (...) Um placard que jamais poderia ocorrer com os chamados*

dúvida, a sensação do futebol naquele momento, a favorita a conquistar a Taça Jules Rimet de 1954. E, em sua estreia, não decepcionou. O selecionado da Hungria em sua primeira partida no Mundial arrasou a equipe coreana por 9 gols a 0.

O resultado apenas serviu para reforçar as preocupações de todos, mas, em especial, as da Seleção Brasileira. De acordo com as possibilidades de encontros após aquela primeira fase do torneio, tornava-se bastante provável a realização da partida entre húngaros e brasileiros já nas quarta de final. Uma medição de forças que se esperava, mas que muitos desejavam apenas para a fase final do torneio e não tão precocemente.

Com relação à delegação verde-amarela, o temor aos húngaros jamais foi escondido. Membros da equipe brasileira e o próprio técnico Zezé Moreira, por meio da imprensa, eram lembrados e faziam lembrar constantemente o potencial dessa equipe. Por intermédio dos dirigentes brasileiros, a situação não mudava. Pelo contrário, se reforçava o temor aparente e a necessidade de, a todo o custo, superar o adversário que vinha da chamada “cortina de ferro”, como podemos observar na nota jornalística abaixo:

A presença do técnico húngaro Sebe e do preparador Mandi, dentro do campo, dando instruções aos jogadores durante todo o jogo, foi observada pelo dirigente sr. Canor Simões Coelho, do Conselho Técnico da Confederação Brasileira de Desportos, o qual já providenciou para que um protesto seja encaminhado à comissão organizadora do certame (*A Gazeta*, 18 de junho de 1954, p. 25).

A reclamação oficial da delegação brasileira, além de nos fazer lembrar que, apenas no final do século XX, o técnico das equipes de futebol ganhou permissão para se aproximar das linhas laterais e passar instruções durante o jogo, demonstra também que nos bastidores o embate se iniciou muito antes daquela partida que, naquele momento, sua realização ainda era apenas uma possibilidade.

Essa situação também dava mostras do que poderia vir a acontecer no momento de essas duas seleções se enfrentarem. Clima tenso gerado pelo fato de os representantes maiores das duas federações se verem há anos pressionados internamente por suas respectivas

---

*mestres do 'foot-ball association'... (...) tivemos a repetição do fracasso da seleção inglesa (...).*” (*A Gazeta*, 24 de maio de 1954, p. 32).

autoridades de Estado que, por sua vez, apesar das diferenças ideológicas entre ambas nações, buscavam, por meio do futebol, obterem maior visibilidade no plano internacional <sup>220</sup>.

O grande encontro não tardaria a acontecer. Porém, antes, por parte da Seleção Brasileira, era preciso enfrentar um adversário difícil. Como na primeira rodada daquele certame, mais uma vez se repetiria um jogo que acontecera em 1950, dessa vez contra a seleção da Iugoslávia. Ao contrário dos mexicanos, os iugoslavos apresentavam maiores empecilhos aos planos de Zezé Moreira. Quatro anos antes, a Seleção Brasileira os vencera por 2 gols a 0 em uma partida que exigiu muita dedicação. Naquela oportunidade, como depois se viu em outras, a equipe iugoslava mostrava ao mundo do futebol seu ótimo preparo para a prática. Situação que era fruto das atenções que, anos antes, as autoridades políticas do país ofereceram ao esporte, possibilitando o surgimento de grandes jogadores e técnicos, que chegaram a influenciar positivamente o futebol iugoslavo e, até mesmo, o de equipes de outros países. <sup>221</sup>

Assim, como já era esperado, realmente o jogo não foi fácil. Em Lauzanne, um público de 30 mil pessoas (Cf. DUARTE, 1987: 101) observou uma partida que teimou em permanecer empatada – 1 a 1 no tempo normal e sem gols nos 30 minutos da prorrogação. A equipe auriverde, composta pelo mesmo onze que havia atuado contra os mexicanos, após levar o gol de Zebec, aos 4 minutos iniciais, recuperou-se no placar aos 26 com um chute certeiro de Didi. O empate beneficiaria as duas equipes. Para que assegurassem o direito de passar para as quartas de final do certame; bastaria, portanto, deixarem, todos, o tempo correr por mais 94 minutos, ou seja, completar os 90 tradicionais e os 30 de acréscimo. Contudo, os brasileiros, jogadores e comissão técnica, não tinham conhecimento desse detalhe.

Vale dizer que tratava-se de um torneio que contou com uma fórmula de competição não muito simples, o oposto do que a CBD propôs para a FIFA em 1950:

---

<sup>220</sup> A respeito do plano desenvolvido pelas autoridades húngaras, o historiador Hilário Franco diz: “(...) o mundo deveria tomar conhecimento da maior produtividade do operariado socialista por intermédio de suas conquistas futebolísticas, os jogadores foram estimulados a se empenhar totalmente nas metas esportivas do primeiro Plano Quinquenal Húngaro (1950-4), concebido à imagem do soviético. Pretendia-se fazer da Aranycsapat (Seleção de Ouro) peça importante no tabuleiro político da época. O líder político do Partido Comunista frequentemente se referia à seleção nacional como produto direto do socialismo.” (FRANCO Jr., 2007: 57).

<sup>221</sup> Segundo Murray: “(...) Em 1929, o rei da Iugoslávia declarou a consolidação da indefinida federação dos países eslavos do Sul em uma nação unificada por sua ditadura. O sucesso futebolístico podia ajudar a dourar a pílula em relação às minorias étnicas que se sentiam ameaçadas por suas ambições – na década de 1920, a Iugoslávia começava a gerar alguns dos melhores jogadores e treinadores do mundo, que exportaria com uma profusão equiparada só pela Hungria e Escócia.” (MURRAY, 2000: 90).

As críticas maiores ao Mundial de 54 foi quanto à organização da fórmula de disputa das oitavas com dois cabeças-de-chave, escolhidos arbitrariamente, que não se defrontariam. Na série seguinte: eliminação simples. Nunca mais se adotou tal sistema (...) (DUARTE, 1987: 95).

As 16 seleções foram divididas em 4 grupos de 4 equipes cada. Em sorteio, definiram-se dois cabeças-de-chave por grupo que não se enfrentariam. Em consequência disso, os outros dois do grupo também não. Dessa forma, só seriam disputadas 4 partidas por grupo. Em caso de igualdade de pontos, independentemente do saldo e do número de gols marcados seria disputada uma partida extra. Os dois primeiros de cada chave passaram para as quartas-de-final, disputada em partidas eliminatórias até a grande final. No caso do grupo 1, por exemplo, encabeçado pela Seleção Brasileira e da França, uma vitória e um empate foram suficientes para a classificação da primeira. Aos franceses, a eliminação veio sumariamente após uma derrota e um empate. Já no grupo 2, com os húngaros e os turcos como cabeças-de-chave, duas vitórias fizeram com que o primeiro evidentemente se classificasse, porém a seleção turca, com uma derrota frente aos alemães, seguida de uma vitória sobre a Coreia do Sul, se impôs uma nova partida de desempate que veio a classificar a seleção da Alemanha. Além desses fatores, todos os jogos que terminassem empatados contariam com uma prorrogação de 30 minutos que, por sua vez, não necessariamente deveriam indicar um vencedor, pois, permanecendo o empate, a partida se dava por encerrada.

De acordo com as fontes pesquisadas, pode-se concluir que ninguém da delegação dominava o confuso regulamento elaborado pelos suíços (AQUINO, 2002: 75; ASSAF, 2002: 162<sup>222</sup>; GUTERMAN, 2009: 107<sup>223</sup>). Aliás, tudo indica que, ao mesmo tempo em que se falava de planejamento, principalmente com relação ao dia-dia da concentração e ao empenho de Zezé Moreira para cumprir as ações, não se vislumbrava, por outro lado, a mesma atenção por parte dos dirigentes nos bastidores. Ao contrário, além dos já citados, uma série de outros graves problemas fizeram parte da trajetória da delegação brasileira na Suíça, mostrando graves falhas nas ações dos chefes da delegação ou, como outros pesquisadores já disseram, erros aconteceram e demonstraram a “*ignorância dos cartolas*” que lideravam aquele grupo (AQUINO, 2002: 75; ASSAF, 2002: 162). Entre os casos exemplares, mais um deles é o do

---

<sup>222</sup> ASSAF, Roberto. Banho de bola: os técnicos, as táticas e as estratégias que fizeram história no futebol. Rio de Janeiro: Relume, 2002.

<sup>223</sup> GUTERMAN. O futebol explica o Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.

chefe da delegação, João Lyra Filho que enquanto deixava de se dedicar a outros fatores “(...) sustentava que o importante era fazer os jogadores beijarem a bandeira nacional no vestiário.” (FRANCO Jr., 2007: 93). José Maria Castello Branco, diretor cebedino que mostrou certo descontentamento com relação a substituição do uniforme (*Correio da Manhã*, 15 de dezembro de 1953), no passado, também já havia apresentado passagens que, anos depois, Zizinho, em entrevista a respeito da final de 1950, fazia questão de lembrar demonstrando indignação:

O maior choque que tive depois da partida aconteceu no vestiário: os jogadores todos estavam alucinados, aos prantos, enquanto um diretor da CBD vibrava com a arrecadação do jogo. Dizia: ‘Tudo bem, rapazes: vejam a renda que deu!’ Como se a renda fosse nossa... Chamava-se Castello Branco. Tive vontade de avançar em cima (MORAES NETO, 2000: 117)<sup>224</sup>.

Dessa forma, pode-se dizer que o mais emblemático dos casos envolvendo a desorganização da delegação brasileira na Copa do Mundo, evidentemente, consequência de falhas por parte dos responsáveis pela delegação, se materializou no jogo contra os iugoslavos. Como lembrou Bauer, o capitão daquela equipe:

O Brasil ainda foi para a Copa de 54 totalmente desorganizado. Basta ver que precisávamos do empate contra a Iugoslávia, mas ficamos tentando vencer o jogo de qualquer maneira, com apenas dez homens. Perdi cinco quilos! Aquele negócio acabou com o Brasil. Quando chegou a hora de enfrentar a Hungria, o Brasil não tinha time. (MORAES NETO, 2000: 76)<sup>225</sup>

O fato se tornou motivo de ironia nos relatos que surgiram depois. E, naqueles dias, motivo de revolta por parte dos atletas que se desdobraram no pesado gramado de Lauzanne, contra um adversário reconhecidamente difícil e que, durante o jogo, antes de praticar bons lances, mais se preocupava em tentar informar aos jogadores brasileiros o quanto era desnecessário toda aquela correria desenfreada. Como relatou Nilton Santos, anos depois:

O meia direita deles, Tchaikowski – que eu já conhecia porque o Botafogo tinha jogado contra o time dele – fazia gestos com os dois dedos indicadores levantados e tentava falar em espanhol que o empate estava bom. Eu,

<sup>224</sup> Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto em 25 de junho de 1986, no Rio de Janeiro.

<sup>225</sup> Entrevista cedida a Geneton Moraes Neto em 15 de julho de 1987, em São Paulo.

pensando que o gringo queria me sacanear, continuava correndo feito um louco à procura do segundo gol. O desgaste foi tamanho que perdi quatro quilos e meio nesse jogo (SANTOS, 1999: 70-71).

O zagueiro de tantas histórias na Seleção Brasileira, disse ainda, que a situação perdurou até muito depois de encerrada a partida: “*Na volta para a concentração, estávamos todos abatidos e exaustos. Um silêncio tomava conta do ônibus.*” (SANTOS, 1999: 71). Somente quando anoiteceu é que chegou a notícia de que, Nilton Santos e seus companheiros, permaneceriam na competição, pois o resultado de empate já era o bastante.

Caracterizava-se assim um desconhecimento das regras do torneio, que não foi apenas do grupo. Na segunda-feira, *A Gazeta*, ao noticiar o empate brasileiro, precisava trazer uma nota aos leitores, não apenas com a afirmação de que o selecionado brasileiro estava classificado; era necessário também acrescentar argumentos para dar veracidade ao fato, como ter que deixar claro que a concorrente equipe francesa já havia retornado para casa:

De início se impõe um esclarecimento: ao contrário do que foi ampla e destacadamente anunciado, não haverá uma nova partida entre o Brasil e a Iugoslávia. O caso está previsto no regulamento do certame e ambos os países estão classificados para a série de quartas de final.

Não há dúvida nenhuma a esse respeito e o regulamento é bem claro: não haverá novo encontro (...). Podemos ainda informar que os franceses já regressaram à Paris (*A Gazeta*, 21 de junho de 1954, p. 28).

Apesar de tudo, a notícia que até poderia ser encarada, de certa forma, positivamente, foi seguida de outra que preocuparia a todos, fossem os torcedores, os jogadores ou a comissão técnica: como se previa, o próximo adversário seriam os húngaros que, na mesma rodada, impietosamente, acabavam de golear outra equipe, tinham vencido os alemães por 8 tentos a 3. O consolo é que não havia nenhum tipo de ação que os brasileiros pudessem ter colocado em prática para se desviarem desse caminho considerado o mais difícil. O critério para se definirem as partidas da fase final era o do sorteio. Era a sorte que indicava quem enfrentaria quem:

Foram frustrados os desejos daqueles que queriam ver brasileiros e húngaros empenhados na final da V Copa do Mundo. O sorteio não esteve ao lado do sensacionalismo, e o nosso primeiro adversário nas quartas de final é a seleção magiar. O prélio foi marcado para Domingo vindouro, em Berna, e deverá ser assistido por torcida recorde, dado o cartaz dos dois quadros.

Confirmou-se, assim, a nossa velha previsão, quando afirmamos que muito dificilmente o Brasil e a Hungria chegariam juntos à final, em vista da disposição das chaves. Depois de uma partida angustiada contra a Iugoslávia, **quando os craques tiveram a oportunidade de perceber que se joga bem em outros países**, nossa seleção voltará ao gramado para decidir antecipadamente, com os húngaros, uma rivalidade criada pela imprensa de todo o mundo (*Folha da Noite*, 21 de junho de 1954)<sup>226</sup>. [*grifo nosso*]

Não era fácil, em um momento como aquele, manter as antigas construções a respeito dos modelos de se jogar futebol que seriam hegemonicamente praticados por cada nação do globo. O próprio modelo de futebol brasileiro, “*lavrado em certidão de nascimento*” assinada por Gilberto Freyre, ainda no ano de 1938 (FRANZINI, 2000: 77), reafirmado na obra de fôlego escrita por Mário Filho e exportada para o mundo, através dos jogos da Copa do Mundo de 1950 num Maracanã em êxtase, passava por sérios questionamentos.

Após o empate com os iugoslavos, se o jornal *Folha da Noite* tinha em suas linhas a declaração de que “(...) *os craques tiveram a oportunidade de perceber que se joga bem em outros países (...)*” - como já se destacou acima -, na revista *O Cruzeiro* colocava-se o discurso da superioridade do brasileiro sobre qualquer outro praticante de futebol no mundo mais ainda à prova:

Não há uma explicação razoável para a tarde negra do jogo contra o ‘scratch’ iugoslavo – Quase todo o selecionado brasileiro jogou mal – E se perdermos esta Copa do Mundo só haverá uma conclusão a que chegar, uma única razão aceitável: alguém joga futebol melhor que os brasileiros! (*O Cruzeiro*, 03 de julho de 1954, p. 94-95).

Em contrapartida, os grupos mais ligados à CBD, claramente lembrando ainda do vice-campeonato de 1950 e procurando manter o discurso sobre uma superioridade brasileira perante os outros países, em relação à prática futebolística, prevendo que a situação poderia ficar mais difícil, já assediavam a torcida para compreender uma possível derrota. Vargas Netto, por exemplo, procurava, ainda antes do início do Mundial, dar realce ao fator sorte e imprevisibilidade nas pelepas futebolísticas, algo muito apropriado de ser solicitado por um

---

<sup>226</sup> Banco de dados da Folha: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte\\_19580629\\_retro54.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte_19580629_retro54.htm)> 12 Ago 2010.

dos maiores dirigentes esportivos do Brasil que, evidentemente, esperava que as mudanças até ali estabelecidas fossem o suficiente para conter as críticas: “*O ‘soccer’, como a guerra, implica na combinação de um tanto de arte, outro de técnica com um bom tempero de sorte!*”. E completava, parecendo querer antecipar-se a uma possível derrota futura:

A arte e a ciência se conjugam, mas não podem prescindir da sorte. (...) Um dianteiro com sorte acerta os tiros mais difíceis (...) com azar perde todas as oportunidades (...). Um ‘keeper’ pode fazer defesas ‘espíritas’. (...) Outro tende a inibição instantânea, uma indecisão fatal (...). Espero que o calor da luta aqueça as vontades e substitua a expectativa ansiosa pelo entusiasmo construtor! E a vitória será mais fácil para nós... (*O Cruzeiro*, 10 de julho de 1954, p. 36).

Naquela segunda rodada do mundial, outro selecionado também colocava à prova as antigas construções que se fizeram a respeito do seu modelo e da eficiência com que seus jogadores praticavam o futebol. Os ingleses, mereciam destaque nos jornais do mundo esportivo, por finalmente terem vencido. Após os 2 gols a 0 sobre os donos da casa, numa “*peleja das mais renhidas e equilibradas*”, a seleção da Inglaterra apresentou um futebol considerado de bom nível e, dessa forma, conseguia se classificar para as quartas de final do Mundial. Nesse momento, Thomaz Mazzoni parecia querer recuperar a desgastada imagem do futebol britânico que ele mesmo já ressaltava, como vimos acima. Assim, na matéria que enviou direto de Berna para São Paulo, *Olimpicus* encontrava, naquele momento, um novo modo de classificar os antigos “*reis do futebol*”:

Não resta dúvida que segundo os críticos europeus, o resultado de hoje, para a Inglaterra foi dos mais auspiciosos, esperando-se que ainda os **‘pais do futebol’** se recuperem totalmente dos seus últimos insucessos para gaudio dos seus aficionados (*A Gazeta*, 21 de junho de 1954, p. 30). [grifo nosso]

Se a expressão “*reis do futebol*” era impossível manter nos discursos daquele momento, porque não “*pais do futebol*”? Dessa forma, Mazzoni, apesar dos novos tempos, atribuía total coesão à versão histórica que, cada vez mais, se consagrava como oficial do futebol nas terras brasileiras, pois o paulista Charles Miller, “*introdutor do futebol no Brasil*”<sup>227</sup> – logo, pai – tinha a legítima descendência dos patronos do futebol no mundo. Pouco importava, assim, se estes já não eram mais os detentores da hegemonia no esporte. Aliás, era

<sup>227</sup> Ver primeira página de *História do Futebol no Brasil*, de Thomaz Mazzoni (1950).

um fator que validava o sentido linear e evolutivo imprimido pelo autor na construção do discurso a respeito da história do futebol no Brasil. Portanto, através de Mazzoni e outros cronistas, a imagem construída do futebol brasileiro, principalmente uma imagem que seria o espelho do ideal britânico, permaneceria firme, apesar das lesões causadas pelos resultados negativos do futebol inglês ao longo da segunda metade do século XX.

Assim, chegava-se às quartas de final da V Copa do Mundo. O clima era de dúvida, questionamentos, contratempos e não apenas com relação à Seleção Brasileira. Os próprios resultados da maioria das partidas nos revelam as nuances daquele momento. Aquela foi a Copa das goleadas. Placares elásticos foram uma constante: 140 lances terminaram dentro das redes, oferecendo para o campeonato uma média de 5,4 gols por partida. De longe, a maior média de todos os tempos <sup>228</sup>. Kocsis, atacante da Seleção da Hungria, tornou-se o maior marcador de todos os certames mundiais até ali realizados, com 11 tentos – 2 a mais que marcara Ademir em 1950. Uma média de 29.561 pessoas por jogo puderam contemplar partidas repletas de gols, incomuns para o esporte. O prélio mais exemplar, nesse sentido, foi o eletrizante 7 a 5, que eliminou a anfitriã nas quartas de final e colocou a seleção austríaca para decidir vaga contra os alemães. “*Uma contagem extravagante*” (*A Gazeta*, 26 de junho de 1954, p. 25), resultado assim definido por Augusto de Godoy, outro enviado especial de *A Gazeta*, que assistiu a um primeiro tempo que, aos 19 minutos, já estava em 3 a 0 para os suíços e que, até seu final viu a virada austríaca, fechando o placar, ainda nessa primeira parte em 5 a 4. O resultado final já estava assegurado, aos 30 minutos do segundo tempo, com jogadores extenuados.

Era um campeonato verdadeiramente mundial, como nunca se vira. Seleções de terras distantes ou nem tanto, que jamais haviam se enfrentado, passaram a se conhecer. Jogadores que apenas conheciam nomes de colegas com destaque em seus respectivos países, durante as partidas se deparavam uns com os outros. Técnicos que estavam presos ao tradicional WM inglês, de repente, experimentavam outras táticas ou se viam diante de novidades. Enfim, era nesse clima de transformação e intercâmbio futebolístico que a Seleção

---

<sup>228</sup> Segundo o site oficial da FIFA, as médias de gols de todas as Copas do Mundo: 1930 – 3.9; 1934 – 4.1; 1938 – 4.7; 1950 – 4.0; 1954 – 5.4; 1958 – 3.6; 1962 – 2.8; 1966 – 2.8; 1970 – 3.0; 1974 – 2.6; 1978 – 2.7; 1982 – 2.8; 1986 – 2.5; 1990 – 2.2; 1994 – 2.7; 1998 – 2.7; 2002 – 2.5; 2006 – 2.3; 2010 – 2.3. Disponível em: <[HTTP://pt.fifa.com/worldfootball/statisticsandrecords/tournaments/worldcup/organisation/index.html](http://pt.fifa.com/worldfootball/statisticsandrecords/tournaments/worldcup/organisation/index.html)> Acesso 20 dez. 2010.

Brasileira enfrentaria o “*fantasma do Mundial*”, como era chamada a equipe húngara (RODRIGUES FILHO, 1964: 363; NOGUEIRA, 1994: 45<sup>229</sup>).

Um clima de tensão estava presente e era potencializado dentro e fora da delegação brasileira. Os jornais procuravam se antecipar ao resultado, destacando que, em caso de empate, o regulamento indicava que o vencedor seria decidido através de sorteio. Eventualidade que se levantava, evidentemente, surgindo críticas à organização suíça, o que, em contrapartida, gerava a lembrança do regulamento anterior, visto como mais justo e, por consequência, trazendo elogios para os dirigentes brasileiros. O árbitro também era citado e um jogo marcado por desentendimentos já era dado como certo: “(...) *Caberá ao britânico Mr. Ellis, a difícil missão de comandar essa partida, que já começa a mexer com os nervos de qualquer cristão.*” (*A Gazeta*, 22 de junho de 1954, p. 22). Duas páginas em seguida, no mesmo diário, outra notícia procurava atingir frontalmente o espírito de compreensão da torcida, em de um possível resultado adverso:

(...) deve a ‘torcida’ ter em mente que, não obstante nos representarem jogadores profissionais, figuram eles em uma competição esportiva. Si derrotados formos pelos ‘magiares’, de maneira alguma deveremos transformar o tropeço num ‘fim de mundo’. Não deve nem pode a ‘torcida’ brasileira, exigir uma vitória das nossas cores. Não se pode exigir a vitória, nada mais que a vitória. (...) Não somos os únicos que conhecemos os segredos fundamentais do ‘soccer’, ou a dar aulas desse esporte. Vamos jogar contra uma seleção que há quatro anos está invicta. (...) (*A Gazeta*, 22 de junho de 1954, p. 22).

Ao contrário de muitos discursos gerados anteriormente, já se admitia que os brasileiros não eram os “*únicos a dar aulas de futebol*”, mas, ficava claro que não se pretendia, de forma alguma, diminuir a imagem do jogador brasileiro perante os outros, apenas se desejava redimensioná-la. Segundo os redatores de *A Gazeta Esportiva*, deveriam ser os jogadores brasileiros, perdendo ou ganhando, respeitados como professores tanto quanto os húngaros ou outros possíveis.

Zezé Moreira, na medida em que se aproximava o confronto com a Hungria, parecia também muitíssimo preocupado. O jornalista Aroldo Chiorino - “*o enviado especial das Folhas*” - informava a seus leitores que o técnico da Seleção Brasileira fora à Basília

<sup>229</sup> NOGUEIRA, A. Hungria 54: Um time vertiginoso. In: \_\_\_\_\_. Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar. São Paulo: Companhia das Letras: 1994.

assistir aos húngaros “*deglutirem*” o selecionado alemão (no 8 a 3). Na mesma nota, em seguida, reproduzia o depoimento do técnico impressionado também com o que acabara de observar:

‘Se eu os acompanhasse pelo menos há um mês antes, estaria agora melhor preparado para enfrentá-los. É evidente. Todavia, ainda assim deposito inteira confiança nas possibilidades dos nossos homens. Não quero dizer que vamos vencer na certa: seria ridículo negar o valor técnico, o brilhantismo do futebol magiar. Sua equipe é realmente muito poderosa. Vencê-la é tarefa difícilíssima. Não tenho a menor dúvida em declarar que o time que nos mostra a Hungria no V Campeonato Mundial é um dos mais perfeitos que tenho visto atuar nestes últimos anos.’ (*Folha da Noite*, 22 de junho de 1954)<sup>230</sup>.

O comandante da Seleção Brasileira não levou muito em conta que os alemães haviam entrado em campo com o seu time reserva<sup>231</sup>. A impressão deixada pelos húngaros em Zezé Moreira foi forte, mas deve-se ressaltar que essa reação não fora apenas dele. O efeito da equipe da Hungria de 1952, 53 e 54, foi sentido em todo o mundo do futebol e é citado obrigatoriamente em qualquer fala a respeito de táticas desse esporte em diversos trabalhos<sup>232</sup>. Logo, o técnico brasileiro não fugiu à regra.

Zezé Moreira voltou para Macolin surpreso com as novidades táticas observadas através do futebol praticado por Puskas e seus companheiros<sup>233</sup>. Sentimento que o fez impor mudanças repentinas no preparo da Seleção Brasileira, mesmo às vésperas da partida decisiva e que, segundo Armando Nogueira (1994: 45-46), veio a conturbar mais ainda o ambiente, que já não era dos melhores:

<sup>230</sup> Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte\\_19580629\\_retro54.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte_19580629_retro54.htm)> 12 Ago 2010.

<sup>231</sup> Decisão estratégica de seu técnico considerando que, de acordo com as brechas da fórmula do certame: a seleção da Alemanha já havia vencido os turcos em sua estreia (4 a 1), ao ser derrotado naquela partida pelos húngaros – um resultado esperado – teria que disputar um jogo de desempate com o selecionado da Turquia que, no mesmo dia, poderia vencer a Coréia do Sul – algo que era muito provável. Portanto, após a vitória de 7 a 0 da Seleção da Turquia sobre a Coréia do Sul e de 8 a 3 dos húngaros perante os alemães, as duas seleções voltaram a se encontrar; a equipe alemã com todos os seus titulares descansados goleou os turcos por 7 a 2 e classificou-se para as quartas de finais.

<sup>232</sup> Ainda na época em que o 4-2-4 daquela seleção surgia “(...) *um jornal descreveu a movimentação do time húngaro como sendo ‘de fascinante beleza na concepção e na execução’ (The Times, 26/11/1953).*” (FRANCO Jr. 2007: 243). Anos depois, uma obra brasileira dedicada aos estudos das táticas no futebol afirmou: “(...) *a revolução tática dos húngaros em 1954 mudaria, como mudou, a face do futebol.*” Ver: MENDES, Luiz. As táticas do futebol (Antigas e Atuais). Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979. p. 119.

<sup>233</sup> Naquela partida a seleção húngara do técnico Gustav Sabes, foi à campo com Grocsis, Buzansky, Lorant, Lantos, Zakarias e Boszik, J. Toth, Kocsis, Hidegkuti, Puskas e Czior.

(...) O técnico Zezé Moreira resolve, da noite pro dia, mudar o plano tático da defesa. Em vez de ficar atrás, o três beques – Djalma Santos, Pinheiro e Nilton Santos – têm que se mover em bloco, criando sempre que possível, situação de impedimento pro ataque húngaro. A alteração não tem sido bem assimilada pelos beques. Afinal de contas, eles passaram seis meses treinando e jogando dentro do figurino estático: os três lá atrás, à beira da grande área, plantados, sempre. Mas o treinador tem consciência de que, sem o expediente, do impedimento provocado, o Brasil não suportará a trama ofensiva dos húngaros. Dá-se o pior. Nilton Santos se desentende com Zezé Moreira e acaba expulso do treino.

A preocupação de Zezé Moreira estava no setor defensivo, uma tendência que marcara a sua carreira. Jamais o comandante técnico daquela Seleção escondera a preferência por dar atenção à defesa em todos os times por onde passou. Desde 1948 quando despontou no cenário nacional conquistando o título de campeão carioca pelo Botafogo F. R., Zezé Moreira transformava o tradicional WM inglês - reforçado por Flávio Costa na Copa do Mundo de 1950 - realizando variações que procuravam fortalecer o setor defensivo das suas equipes, sistema ao qual ele próprio denominou “marcação por zona” (MENDES, 1979: 79-82).

O técnico da Seleção Brasileira, encantado com a mobilidade que vira por parte do ataque húngaro - uma das grandes novidades que trazia aquela equipe com jogadores que mesmo sem a bola procuravam se movimentar (FRANCO Jr., 2007: 58) - buscava encontrar um antídoto que bloqueasse os efeitos daquela fórmula desenvolvida por Gustav Sebes e vista na época quase como mágica. Em meio às fortes chuvas e ao descontentamento de alguns atletas, como o do defensor habilidoso Nilton Santos, treinos foram propostos no sentido de não permitir que o adversário jogasse com desenvoltura onde era mais forte, ou seja, no ataque. Era com relação a esse setor do adversário que Zezé ficara admirado e, por isso, acreditava que devia combater, como se pode observar em uma definição que colocou para a imprensa: “*‘Os magiares possuem um ataque maravilhoso, quase completo. Homens que chutam, driblam, cabeceiam e, o que é mais importante, com um sentido de equipe que ainda não conseguimos ter’.*” (A Gazeta, 26 de junho de 1954, p. 20).

Faltando pouco tempo para os jogos das quartas de final, a mesma edição de A Gazeta, que anunciava os “milhões” que seriam emprestados do poder público para o São Paulo F. C. construir seu estádio - o futuro Morumbi -, também trazia previsões a respeito do que, segundo os analistas, possivelmente, se veria em campo entre brasileiros e húngaros:

“Muito provavelmente, o espetáculo não venha a ter aquela envergadura que todos esperam. Sumamente preocupados estão os dois quadros. (...) O nervosismo é geral.” (A Gazeta, 23 de junho de 1954, p. 22).

Um dia antes, os jornais também informavam que alterações no elenco brasileiro para enfrentar os húngaros surgiriam. Não se pode esquecer que foi marca dessa Seleção o problema das contusões. Duros treinos e pressão, conseqüentemente, cansaço muscular e distensões, agravados pelas baixíssimas temperaturas e, naquela semana, para piorar, constantes chuvas. Logo, gripes e entorses deixaram a equipe desfalcada de alguns de seus titulares e justamente nas vésperas do grande e decisivo jogo. Assim, Índio (C. R. Flamengo), Humberto (S. E. Palmeiras) e Maurinho (São Paulo F. C.), vieram a substituir Baltazar, Pinga e Rodrigues. Apesar de se tratar de excelentes jogadores, ídolos em seus respectivos clubes, estas foram mudanças bruscas e, em um único setor, o ataque.

Em Macolin, a situação permanecia desconfortável. Não bastassem o frio, a chuva, a lama, além da rotina de exercícios físicos e pouca bola <sup>234</sup>, seguido pelo isolamento, que eram fatores que desagradavam muito os atletas, ao mesmo tempo, os dirigentes surgiam para pressioná-los. Apelava-se para o patriotismo e para as emoções que cada um daqueles homens, que há tempos estavam no alto daquelas geladas montanhas, deveriam sentir em relação a uma comoção nacional que estaria sendo vivida no distante território brasileiro. Assim, após as cobranças do último dia de treino antes do jogo, foi feita a leitura pelo chefe da delegação dos telegramas que antes haviam sido solicitados em campanha através dos meios de comunicação. Dentro dos limites, pode-se tentar imaginar o desgaste físico e emocional dos atletas naquele momento:

O dr. Lyra Filho, finalizado o exercício procedeu à leitura de 85 telegramas de todas as partes do Brasil, destacando-se os enviados pelo general Estilac Leal e pelo famoso atacante Ademir. Em seguida, proferiu eloqüente discurso, manifestando sua confiança e apelando aos jogadores que não poupassem esforços no sentido de uma grande vitória do Brasil (A Gazeta, 26 de junho de 1954, p. 20).

No dia seguinte, 55 mil pessoas, sob um céu nublado que ameaçava trazer mais chuva, assistiram adentrar no gramado do estádio Wankdorf, em Berna, as equipes

<sup>234</sup> Em comparação à rotina diária de preparação entre a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950 e 1954, a primeira possuía muito mais coletivos, “ensaios com bola” como a imprensa da época chamava os treinamentos em que o time titular enfrentava os reservas ou alguma outra equipe que serviria de *sparing*.

representantes do Brasil e da Hungria, duas seleções de alto nível. Cada uma delas, possuía quatro dos onze melhores jogadores da primeira fase da Copa do Mundo - segundo votação dos jornalistas que acompanhavam o torneio <sup>235</sup>. Contudo, segundo as lembranças de Nilton Santos:

O time entrou nervoso, despreparado e levou quatro gols. O Maurinho – ponta direita do São Paulo – e Humberto – centro avante do Palmeiras – foram expulsos. Numa subida que eu costumava dar pela lateral, tentei cruzar a bola e o húngaro Boszik começou a dançar na minha frente, eu o atropeliei e o joguei no chão. Resultado: fui expulso (SANTOS, 1999: 71-72).

Apenas é necessário corrigir que os expulsos por parte da Seleção Brasileira foram o próprio narrador <sup>236</sup> e Humberto <sup>237</sup>, já Maurinho, o outro jogador paulista, que havia entrado como titular, permaneceu até o fim. Contudo, Nilton Santos confirma o que as fontes consultadas e os próprios fatos ocorridos nos revelam, ou seja, entrava em campo, para aquela disputa, uma equipe já bastante desgastada pelos percalços vividos até ali. Ainda mais ao se refletir sobre os primeiros momentos da partida e verificando-se um início eletrizante:

Dada a saída os húngaros atiram-se decididamente à luta. A pressão magiar é realmente impressionante, e a defesa brasileira desdobra-se a fim de impedir a queda da meta de Castilho. Aos 2 minutos por um triz os magiares não abrem a contagem, vencido o arqueiro brasileiro, a bola está prestes a transpor a linha de gol, quando intervém um defensor brasileiro para rebater aliviando o perigo. Aos 3 minutos a defesa brasileira é obrigada a desviar a esfera para escanteio. O tiro de canto é cobrado. A bola pinga na área sendo atrasada para Hidegkuti que atira para marcar, abrindo a contagem. Contra-ataca o Brasil e aos 6 minutos Lorant concede um escanteio a favor da linha de frente do selecionado auri-verde. O tiro de quina é cobrado sem êxito. Em seguida voltam os húngaros a assediarem o ultimo reduto brasileiro. Um remate de Toth I passa raspando o poste direito da meta de Castilho. Aos 7 minutos a Hungria volta a marcar por intermédio de Kocsis (...) (*Folha da Noite*, 28 de junho de 1954) <sup>238</sup>.

<sup>235</sup> Da Seleção Brasileira os quatro melhores foram Pinheiro, Djalma Santos, Bauer e Julinho. Entre os húngaros estavam Boszik, Kocsis, Hidengkuti e Puskas. Completavam as listas dos melhores da Copa até ali, o goleiro Beara da seleção iugoslava e os uruguaios Santa Maria e Borges. (*A Gazeta*, 26 de junho de 1954, p. 20)

<sup>236</sup> Nilton Santos foi expulso aos 25 minutos do segundo tempo, Boszik, capitão húngaro, também teve que deixar o gramado.

<sup>237</sup> No final da partida, após sofrer falta de Buzansky, Humberto revidou e foi expulso.

<sup>238</sup> Disponível em: < [http://almanaque.folha.uol.com.br/esporte\\_28jun1954.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/esporte_28jun1954.htm)>. Acesso 15 Ago. 2010.

Já se percebia que a rotina de muitos gols daquele certame não seria quebrada. Porém, mais que isso, era impressionante a pressão ofensiva inicial por parte de apenas uma das equipes, a húngara. A velocidade que os jogadores daquele time imprimiam aos minutos iniciais de cada partida era impressionante e, naquele dia, a seleção da Hungria repetia um feito que se dava em praticamente todos os seus jogos - na Copa de 1954 em todos. Ou seja, marcava dois gols durante os 15 primeiros minutos de jogo. Contra a Seleção Brasileira, nos primeiros 7.

Não resistia, nem mesmo uma equipe tarimbada, que contava com um técnico que priorizava a marcação e as linhas de defesa e que possuía ótimos jogadores no setor, como Djalma Santos e Pinheiro – ambos na seleção dos melhores do torneio – e, ainda, os experientes Nilton Santos e Castilho (reserva de Barbosa em 1950). Desse modo, como os ingleses, em 1953 e, depois, no jogo da revanche, em 1954, como todos os outros adversários da Copa do Mundo, os brasileiros também foram envolvidos por jogadas rápidas e em profundidade, num ímpeto anormal para os padrões do esporte na época.

Essa correria desproporcional, que se via no início das partidas dos húngaros em relação aos seus adversários, era explicada por uma novidade que aquela equipe também introduzia no universo futebolístico e que, apenas a partir da Copa da Suíça, os brasileiros puderam começar a observar:

No começo os jogadores brasileiros foram apanhados completamente de surpresa. Estavam ainda frios. (...) [os húngaros], que durante vinte minutos antes do prélio haviam-se exercitado num campo de treino próximo ao Estádio, entraram para a luta em condições melhores, que só foram igualadas pelos jogadores do Brasil no meio do primeiro tempo (*A Gazeta*, 28 de junho de 1954, p. 24).

O 4-2-4 húngaro vinha somado à novidade do aquecimento antes de cada partida, algo que, segundo os relatos do período, passava distante das noções dos boleiros brasileiros, mesmo entre os profissionais mais destacados, como comenta o goleiro Barbosa, que pode dar uma ótima dimensão de como eram os momentos antes de uma partida importante entre os jogadores da época, não só os brasileiros. Em entrevista a Roberto Muylaert, anos depois, ele rememora como foi o preparo final nos vestiários em 1950, momentos antes do jogo contra os uruguaios:

(...) o barulho da torcida tão alto como turbina de avião rodando antes de decolar, e aquele nosso aquecimento no vestiário todo fechado, depois de comer sanduíche como refeição principal, deitados nos colchonetes no chão daquele *bunker* de concreto abafado, dentro da estrutura da arquibancada, com as luzes apagadas, ouvindo o alto-falante estridente, aquele barulho crescente lá fora, era o público que já estava impaciente no estádio lotado desde o meio-dia, e nós lá fechados por três horas, sem ar, cheiro de álcool canforado forte no nariz, das massagens nas coxas, que agradecem, ficam soltas e brilhando com aquele óleo todo que eles não economizam até lambuzar, aquele cheiro de cânfora que sempre foi para mim cheiro de futebol profissional, de coisa caprichada, vestiário desinfetado, jogador bem cuidado, cavalo de corrida, atleta de raça, na várzea não tem nada disso, o pessoal entra em campo a seco, e o alongamento, afinal, como foi possível jogar tantos anos sem saber o que era isso, o tal alongamento, hoje imprescindível, será que havia mais distensão sem ele?, acho que não (...) (MUYLAERT, 2000: 72)<sup>239</sup>.

Barbosa, evidentemente, dá detalhes que envolveram especialmente a emblemática partida do vice-campeonato de 1950, porém deixa claro que, tanto para ele, como para a maioria dos jogadores o “*tal alongamento*”, não era conhecido. Em seu lugar, os óleos e as massagens, tentavam cumprir a tarefa de descontrair os músculos dos atletas prestes a utilizá-los o máximo possível. Situação que demorou para mudar, mesmo depois da experiência frente aos húngaros. Os relatos a respeito do preparo dos ex-jogadores brasileiros antes das partidas deixam claro que não havia essa preocupação. O ex-jogador Pepe, craque da ponta-esquerda do Santos F. C. e da Seleção Brasileira dos finais dos anos 1950 e 60, comentou a respeito do preparo físico da época em que atuava e fez coro com as declarações de Barbosa:

A gente fazia muita ginástica, pulava barreira, saltava na forca... não tinha esses testes que tem agora, de cooper e não sei que mais. Não havia nem aquecimento pra entrar no campo. A gente fazia massagem e já entrava direto. Eu me lembro que o primeiro cara que eu vi fazer aquecimento foi o Ramiro<sup>240</sup>, o Ramiro fazendo uns polichinelos, lá, devagarzinho, erguendo o joelho... pra aquecer<sup>241</sup>.

<sup>239</sup> MUYLAERT, Roberto. *Barbosa: um gol faz cinquenta anos*. São Paulo: RMC Comunicação, 2000.

<sup>240</sup> Ramiro era jogador do Santos quando Pepe começou no profissional, final de 1954. Foram campeões paulistas em 1955.

<sup>241</sup> Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada com José Macia – Pepe, em 1º de março de 1999, por José Santos e Matos, Luís Roberto Serrano e Fábio Franzini. Referente ao projeto: *Museu do Santos Futebol Clube*.

Sendo assim, naquela partida, após os dois gols sofridos logo no início, restava à Seleção Brasileira reagir e, aos poucos, principalmente a partir do décimo minuto, várias foram as investidas ao ataque, até que, aos 18 de bola rolando, Djalma Santos, em cobrança de pênalti – sofrido por Índio – diminuiu a diferença. Daí em diante, ataques sucessivos de ambas as equipes foram realizados, com destaque para as defesas do excelente goleiro Grosics, que conseguiu manter o resultado até o final do primeiro tempo.

Após o intervalo, aos 15 minutos, aconteceu o lance mais polêmico de um jogo que já apresentava momentos de confusão, principalmente com relação à violência de parte à parte. O árbitro inglês Arthur Ellis <sup>242</sup> marcava uma penalidade máxima, em um lance bastante contestado pelos jogadores brasileiros, que não admitiam que o zagueiro Pinheiro houvesse dominado a bola com a mão em sua própria área. Reclamações que não adiantaram e, assim, Lantos marcava o terceiro gol húngaro. Cinco minutos depois, Julinho, numa de suas jogadas mais características, fintava dois adversários na faixa direita do gramado, cortando para dentro e batendo forte na bola que, por sua vez, saiu de seus pés com grande efeito e supera o goleiro húngaro. Faltavam 25 minutos para o final e o jogo estava 3 a 2.

De acordo com o que vinha sendo apresentado pelas duas equipes, tanto havia chances para que ocorresse o gol do empate brasileiro quanto para que viesse a acontecer o quarto tento húngaro. Porém, logo em seguida, uma forte chuva começou a cair, o que contribuiu para recrudescer ainda mais os lances da partida. O gramado encharcado tornava mais difícil as ações e, conseqüentemente, ficava mais difícil a tarefa para os jogadores de auriverde, pois se tratava de atletas desacostumados àquelas condições climáticas e, além de tudo, os que, àquela altura, mais precisavam do gol. Para piorar, aos 25 minutos ocorreu a expulsão de Nilton Santos. O gol esperado por todos teimava em não sair e, só ao final, faltando apenas dois minutos para o encerramento do prélio, Kocsis, o goleador húngaro, alcança as redes de Castilho e, assim, fecha o placar. <sup>243</sup>

Contudo, os conflitos que marcaram a acidentada partida estavam longe do fim. Após o quarto gol húngaro, um ataque de Humberto era bloqueado por uma entrada mais

---

<sup>242</sup> Mr. Ellis, como a imprensa o chamava, havia participado da final da Copa de 1950, sendo um dos auxiliares (bandeirinha) de George Reader. O outro auxiliar que completava o trio de arbitragem foi Gunnar Ahler, da Suécia.

<sup>243</sup> Narrativa elaborada neste trabalho, a respeito da partida Brasil x Hungria, a partir de dados extraídos do jornal *Folha da Noite* e *A Gazeta*, ambas do dia 28 de junho de 1954, além dos comentários realizados no livro de Orlando Duarte (1987: 104).

acintosa de um adversário, imediatamente, o jovem jogador revidou e foi expulso. O apito final da partida foi ouvido, mas isso ainda não quis dizer que estavam encerradas as desavenças. Na saída do gramado, logo no acesso aos vestiários, Puskas, o craque que, por contusão, não pode jogar <sup>244</sup>, se desentende com o zagueiro Pinheiro e, a partir daí, uma briga generalizada, que se deslocou para o interior do vestiário, toma conta das duas delegações.

Diversas são as versões que se tem hoje a respeito do episódio, umas culpando mais, outras menos, a Seleção Brasileira pelos lances de violência dentro e fora do campo. Geralmente, os relatos que depositam a culpa das cenas de violência com maior intensidade sobre a equipe brasileira, coincidem com a tese difundida de que aquele grupo estava completamente desestruturado, com jogadores abalados psicologicamente, diante da incompetência da comissão técnica, principalmente do técnico Zezé Moreira:

O mais lamentável veio com o término da peleja: a chamada ‘Batalha de Berna’. (...) Puskas, que havia se aproximado do zagueiro Pinheiro para cumprimentá-lo, acabou lhe dando um tapa na cara. Ao que tudo indica porque foi escarrado. No conflito generalizado, Zezé Moreira acertou o rosto de Gustav Sebes, com golpes de chuteiras. Alegou, posteriormente, que recebera uma cusparada de Sebes, ministro dos Esportes da Hungria. Foi uma vergonha como diria o comentarista Bóris Casoy (AQUINO, 2002: 76).

Outro autor, baseado, sobretudo, em sua tese de que “*o Brasil entrou em campo praticamente derrotado*”, e, em boa parte, apoiado no depoimento do jogador húngaro, Sandro Kocsis <sup>245</sup>, em trabalho recentemente publicado, se referiu às ocorrências de violência na partida da seguinte maneira:

(...) os jogadores brasileiros, extenuados pela pressão e pelas cobranças, resolveram reagir, com violência, para demonstrar a ‘raça’ que tanto lhes pediam. O jogo se transformou em guerra. (...) o apito final desatou uma briga entre brasileiros e húngaros – até o vice-ministro de Esportes da Hungria foi atacado, por Zezé Moreira, que lhe atirou uma chuteira. (...) O Brasil terminou num melancólico sexto lugar e com sua reputação bastante questionada (GUTERMAN: 2009: 109).

---

<sup>244</sup> Contusão no tornozelo adquirida na partida anterior, contra a seleção alemã em que um adversário entrou bruscamente numa disputa de bola.

<sup>245</sup> Segundo a publicação Kocsis teria claramente culpado aos jogadores brasileiros pelo entrevero: “*Lembro apenas da violência, das brigas. Esperava outra atitude dos brasileiros. Era um time nervoso, covarde. (...)*” Entrevista, por sua vez, extraída pelo pesquisador Marcos Guterman, da obra: VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO. Futebol: história, técnica e treino de goleiro. Porto Alegre, Edipucrs, 2006, p. 44.

Também não se pode deixar de ressaltar que a obra acima citada, do pesquisador Marcos Guterman, utiliza como forte referência o livro *O negro no Futebol Brasileiro*, em sua segunda edição (1964). Mário Filho, por sua vez, na passagem em que trata da Copa do Mundo de Suíça (Cf. RODRIGUES FILHO, 1964: 363-366), dedica grande atenção para esse último episódio da Seleção Brasileira, não deixando de, mais uma vez, imprimir a questão racial que, como se sabe, perpassa todas as demais páginas de seu clássico da literatura futebolística: “*Quem meteu o pé em Zurich, quem tocou o braço, quem atirou chuteira, foi o branco, só o branco*”. A análise que desenvolveu sobre as tais ocorrências estava justamente no capítulo intitulado *A vez do Preto*, o que fechava a obra. De acordo com a narrativa de Mário Filho, não cabia mais naquele momento para “*mulatos e pretos*” tomarem esse tipo de atitude destemperada, pois o potencial desse grupo como futebolistas perante os demais do próprio país já estava em vias de reconhecimento completo, mesmo porque já “*tinham pago, mais de uma vez, a dívida de 16 de julho*”<sup>246</sup>. Apenas faltava o reconhecimento internacional, que não tardaria a ocorrer nas duas seguintes Copas do Mundo<sup>247</sup>. Portanto, naquele momento apenas:

Cediam à guerra de nervos desencadeados pelos próprios brancos (...). É o que explica a imobilidade de Castilho, preso ao chão, os pés chumbados no segundo gol húngaro. E os nervos à flor da pele de Nilton Santos que reagiu a um pontapé com um bofetão. E o desespero de Humberto que, perdido, tentou salvar-se dando um pontapé nas costas de Kocsis (RODRIGUES FILHO, 1964: 366).

O técnico, o comandante, além de tudo, branco, se tornava na narrativa de Mário Filho o pior dos exemplos: “*Zezé Moreira fez mais: quebrou a cara de Sebes, Vice-Ministro de Esportes da Hungria. Acabando o jogo pegou uma chuteira, Sebes apareceu na frente dele e levou com a sola da chuteira no rosto.*” (RODRIGUES FILHO, 1964: 364).

Um registro fotográfico que foi amplamente divulgado contribuiu sobremaneira para a ampla difusão de um possível ato específico de agressão por parte de Zezé Moreira. Em meio à grande confusão que se deu ao final daquela partida, numa briga que envolveu

---

<sup>246</sup> Referência às várias vitórias frente aos uruguaios que, depois de 1950, equipes brasileiras – Seleção ou clubes - conseguiram.

<sup>247</sup> A Seleção Brasileira foi bicampeã mundial, nos certames de 1958 e 1962. Como o próprio Mário Filho diz, na segunda edição, publicada em 1964, provas cabais que a ideia de que a mestiçagem havia atribuído qualidades incomparáveis aos jogadores brasileiros que lhes colocavam como os melhores do mundo.

jogadores, dirigentes e até jornalistas, exatamente o momento em que o técnico estava em meio à confusão com a chuteira na mão, Armando Nogueira conseguiu um flagrante que contribuía significativamente para sua projeção, numa carreira que estava ainda no início. Como ele próprio lembra:

Acompanhei o sururu, de ouvido. Eu estava no vestiário e escutava gritos. Era a pancadaria correndo solta. Decidi, então, enfiar pelo basculante minha Rolleyflex. Sem olhar, disparei o flash eletrônico na direção da pauleira. E não é que fui premiado?

No dia seguinte, o filme da minha máquina mostrava um flagrante de raro sabor jornalístico: a figura do técnico Zezé Moreira empunhando uma chuteira e pronto para desferir **um golpe – ou um contragolpe**. Em quem, não dava para distinguir na foto. Coincidência ou não, os jornais suíços estampavam o flagrante de um combatente húngaro com a cabeça enfaixada. Era o vice-ministro de Esportes da Hungria, Gustavo Sebes, que dizia ter levado uma senhora chuteirada de um inimigo.

A foto, publicada pelo *Diário Carioca*, me renderia alguns trocados. Vendi cópias a diversas revistas nacionais e estrangeiras. Em compensação, custou uma boa amizade. Nunca mais Zezé Moreira foi o mesmo comigo (NOGUEIRA, 1994: 51). [**grifo nosso**]

Após se verificar as versões que prevaleceram do episódio, em que se coloca o ato de Zezé Moreira como “*um golpe*” endereçado a um Ministro de Estado estrangeiro, pode se deduzir que sustentar uma amizade entre o jornalista responsável pela imagem – declarado botafoguense – Armando Nogueira e o técnico Zezé Moreira não seria uma tarefa possível. Ainda mais quando, além da foto, se via também proliferarem reportagens que acusavam Zezé de ter sido o maior responsável pelo que passava a ser entendido como um mal comportamento exclusivo dos jogadores brasileiros, como a matéria de Luciano Carneiro, na revista *O Cruzeiro*, em que, dias depois, se dava voz para o ministro estrangeiro agredido, Gustavo Sebes:

Nós não guardamos ressentimentos dos jogadores. Compreendemos que eles estavam nervosos diante da importância do jogo. O que estranhamos foi a atitude dos dirigentes da delegação. Esperávamos que eles nos viessem visitar ou manifestassem de outra maneira o seu apoio às irregularidades havidas. Ainda esperamos (*O Cruzeiro*, 17 de julho de 1954, p. 14 e 15).

Por outro lado, outras narrativas dos fatos vieram à público. Os jornais da corrente paulista nessa Copa do Mundo, muito mais propensos a apoiar o selecionado, surgiram como vozes dissonantes desses discursos acusadores. O jornal *A Gazeta* deixa de dar preferência

para as matérias assinadas por seus enviados especiais, especificamente, nesse caso. Provavelmente, buscando dar um sentido de imparcialidade para os seus leitores a respeito do episódio ocorrido em Berna, o jornal destinou um bom espaço de seu caderno *Todos os Esportes* para as versões das agências de notícias internacionais. Uma delas vinha de uma empresa estadunidense, Associated Press, em que se dizia:

(...) Ferenc Puskas, astro do futebol húngaro agrediu o zagueiro brasileiro Pinheiro, cortando-lhe o rosto com uma garrafa, depois que a Hungria eliminou o Brasil por 4 a 2 (...). A garrafa que atingiu Pinheiro acertou em cheio na cabeça do referido jogador, quando ele deixava o campo. Puskas que é o capitão da equipe, havia assistido ao encontro junto ao alambrado do campo. (...) [no vestiário] Os futebolistas, enraivecidos, lutaram com chuteiras, garrafas, copos, com tudo, enfim, em que conseguiram por a mão. Dois policiais ficaram feridos ao tentarem acabar com a briga. Gustav Sebes, vice-presidente da Federação Húngara, saiu da luta com um corte no rosto (*A Gazeta*, 28 de junho de 1954, p. 28).

Já através da agência francesa, Associated FrancePress, publicava-se o fato da seguinte forma:

(...) Puskas, que não havia participado do jogo, esperava os jogadores brasileiros justamente com outros jogadores reservas da equipe húngara. Na passagem dos jogadores brasileiros, Puskas se dirigiu a eles em tom agressivo e se iniciou um conflito no qual um dos húngaros, com uma garrafa de leite quebrada, agrediu Pinheiro na parte superior da sobancelha direita e produziu um ferimento que sangrou abundantemente. A luta se generalizou, pois os demais jogadores intervieram igualmente, enquanto os dirigentes assim como o treinador Zezé Moreira, da equipe do Brasil, procuravam impor a ordem. Os agentes policiais intervieram, porém uma das portas da entrada nos corredores estava cerrada e não puderam entrar. O conflito fez com que os vidros da porta se quebrassem com estrepito. Durante cerca de 15 minutos houve grande confusão. Pinheiro era assistido na enfermaria e a polícia procurava expulsar os fotógrafos e jornalistas que pretendiam se aproximar dos jogadores. Finalmente, uma barreira de guardas impediu o acesso ao lugar onde se concentravam os jogadores que saíram em calma em seus ônibus, aplaudidos então pelos seus respectivos torcedores (*A Gazeta*, 28 de junho de 1954, p. 28).

As ocorrências, sem dúvida, foram sérias. Uma espécie de crise diplomática, através do futebol se desencadeava em plena Guerra Fria. Evidentemente, as agências internacionais que tinham suas sedes em países do bloco capitalista tendiam a criar um discurso que colocava à prova, principalmente, o comportamento dos húngaros, na Copa, “a

*grande estrela do bloco soviético*” (FRANCO Jr., 2007: 96)<sup>248</sup>. Do lado brasileiro, Zezé Moreira, em ato de revide ou não, atingira uma autoridade política de outro país, de um país da cortina de ferro, mas não apenas ele afrontara a diplomacia. Mário Vianna, o árbitro que, no início do Mundial, ressaltava a importância de bem representar o país e que, em sua única atuação no torneio, fora acusado pela federação italiana de má conduta<sup>249</sup>, também procurou expor seu descontentamento durante a conturbada partida, acusando o árbitro inglês de ter claramente favorecido a equipe húngara. Imparcialidade entendida por Vianna e que, automaticamente, o levava a concluir e a expor a todos que quisessem ouvir que o britânico, Mr. Ellis, era comunista. Esses tipos de comentários e a contestação dos jogadores ainda em campo levaram parte da imprensa britânica a se manifestar: “*O comentarista do ‘Eveing News’ pergunta: ‘Por que demônios se há de misturar os decentes esportistas ingleses, nestes circos de pistoleiros históricos sulamericanos’.*” (A *Gazeta*, 30 de junho de 1954, p. 29).

Paulo Planet Buarque, da equipe de *A Gazeta Esportiva*, presente na Suíça, também contribuiu para esse mal-estar diplomático. O jornalista que, três anos depois, seria indicado por Paulo Machado de Carvalho para compor a delegação brasileira que iria à Copa do Mundo de 1958, no momento do tumulto em Berna, foi fotografado aplicando um golpe de rasteira num policial suíço. A imagem foi publicada na capa da revista *Paris-Mach* (Ver anexo III), “*a mais influente publicação semanal ilustrada da Europa*”. (NOGUEIRA, 1994: 49)

Essas narrativas divergentes a respeito da briga generalizada de Berna, correspondem, na imprensa brasileira, às visões da mesma forma divergentes que se difundiram a respeito da atuação da equipe brasileira com relação ao jogo em si e à Copa do Mundo. A discussão entre a boa ou a má partida disputada, a culpa maior ou menor na confusão fora de campo, o valor ou não daquela equipe formada para a disputa do mundial da Suíça, tem relação com as tendências dos narradores do episódio em aceitar ou não as transformações pelas quais havia passado a própria Seleção Brasileira, principalmente com relação às mudanças dos nomes dos selecionados e, inevitavelmente, suas respectivas origens regionais.

---

<sup>248</sup> Bloco que ainda se fazia representar, no mundial, pelas presenças das seleções da Iugoslávia e da Tchecoslováquia.

<sup>249</sup> Trata-se do jogo em que os suíços derrotaram os italianos por 2 a 1. A respeito de sua arbitragem o jornal *Semaine Sportive*, teria dito: “*Os árbitros, no Brasil, seguem curso de teatro? Monsieur Viana possui gestos amplos, apita de modo divertido, com aspecto de ator compondo um personagem. Recomendo-o para o Scala, no caso de ser admitido lá.*” (A *Gazeta*, 23 de junho de 1954, p. 22).

Anos depois, por exemplo, Armando Nogueira, lembrava o quanto a Seleção Brasileira, apesar de todos os contratemplos, realizou uma grande atuação naquela tarde de 27 de junho de 1954: *“Justiça seja feita: a equipe brasileira começou por baixo, mas acabaria endurecendo a partida graças ao talento individual de jogadores como Didi e, principalmente, Julinho. Que admirável individualista!”* (NOGUEIRA, 1994: 47).

A ressalva do início da frase, escrita vinte anos depois, demonstra que aquela equipe, na visão de Armando Nogueira, com as características desenvolvidas por Zezé Moreira, não era possuidora das qualidades que o jornalista tinha como ideais para uma Seleção Brasileira. Ele frisa para o leitor o talento individual presente em muitos dos jogadores e esse era o aspecto positivo em sua visão. Nogueira tinha que fazer justiça ao talento que via em alguns, porém o modelo adotado não lhe agradava, não era condizente com o que ele, seguidor de Gilberto Freyre, Mário Filho e Nelson Rodrigues – como já se disse anteriormente - entendia como ideal para uma equipe que deveria representar o *futebol brasileiro*.

Entendimento que, em contrapartida, destoava de parte da imprensa, principalmente a paulista. Ao contrário do que ocorrera no passado, principalmente em 1950, naquele momento, preocupava-se em valorizar o desempenho da equipe auriverde e colocar o peso da derrota em fatores alheios às possibilidades do time: *“Os brasileiros não se entregam, apesar da flagrante parcialidade do juiz.”* (Folha da Noite, 28 de junho de 1954).

A equipe liderada por Thomaz Mazzoni, nesse sentido, foi um dos melhores exemplos de apoio ao selecionado, que acabava de ter sua trajetória rumo à conquista da Taça Jules Rimet, mais uma vez, interrompida: *“(...) É uma triste sina. Consolemo-nos, porém, com o fato de que, pelo menos desta vez, os jogadores que defenderam o futebol brasileiro lutaram muito, suaram a camisa. Perderam procurando vencer.”* O articulista procurava ressaltar atitudes positivas dos jogadores, como vontade, luta, empenho. Qualidades observadas *“dessa vez”*, como era frisado. Logo, critica-se o passado, fazendo entender que a Seleção Brasileira, estava no caminho certo. Insistia-se, na mesma matéria, que foram fatores extras que vieram a impedir a vitória. Uma *“triste sina”*, algo do destino, longe do poder dos envolvidos que de tudo fizeram e que ainda foram atrapalhados por um árbitro mal intencionado:

O marcador final do encontro não foi justo. (...) A razão maior, porém, da ausência de mérito no triunfo alcançado pelos europeus está na conduta

negativa apresentada pelo árbitro inglês Arthur Ellis. Este, inspirado talvez por favorecer um conjunto do Velho Mundo, em prejuízo de um grande quadro sulamericano, cometeu numerosos erros, em sua imensa maioria contra o Brasil. (...) para um árbitro apontado como o primeiro do mundo, não se pode justificar os erros palmares que cometeu, nos tentos de números dois e quatro do selecionado vencedor. Ambos foram alcançados em situação de impedimento (...) (*A Gazeta*, 28 de junho de 1954, p. 24).

Naquela oportunidade, em mais um fator, e não apenas no desempenho de seus jogadores, o questionamento referente à credibilidade e à competência dos futebolistas ingleses era algo perfeitamente possível. Inclusive, a notícia da vitória dos uruguaiois sobre os ingleses era recebida com bons olhos, como se pode observar só pelo título da reportagem, publicada na mesma página: “*Vitória justa dos campeões do mundo sobre os ‘pais do futebol’*”.

Contudo, o que mais se deixa transparecer pela análise das matérias do departamento de esportes liderado por Thomaz Mazzoni é que esse setor importante da imprensa esportiva se posicionava a favor da Seleção Brasileira de 1954, pois via com bons olhos as modificações realizadas ultimamente. Logo, o veículo era mais do que nunca um aliado das maiores forças cebedinas. Como se pode notar, nas próprias argumentações a respeito da derrota frente aos húngaros, nitidamente há uma relação entre as que, invariavelmente, Vargas Netto, presidente do CND, trazia e as que os cronistas da redação de esportes de *A Gazeta Esportiva* estavam dizendo.

O poderoso procer constantemente lembrava que poderiam ocorrer, durante o mundial, fatores alheios aos preparativos técnicos, que acabariam por levar à derrota, o que não deveria diminuir o valor dos trabalhos da Seleção. Uma de suas frases parecia, previamente, sintetizar todas as argumentações favoráveis àquela equipe de 1954: “*O árbitro pode interferir e alterar o curso natural de uma partida, mas a sorte é uma coisa respeitável sobre todos os desígnios...*”. (*O Cruzeiro*, 10 de julho de 1954, p. 36)

Além dessas argumentações, que procuravam amenizar acusações e explicar a derrota, boa parte da imprensa também omitiu informações. No intuito de provocar uma menor desvalorização da imagem da equipe, detalhes significativos não vinham à público, como fez notar Armando Nogueira a respeito de uma distensão muscular de Toth II, importante homem do ataque húngaro, um dado que poucos ficaram sabendo:

Quando cheguei ao Brasil, uma semana depois da Copa, meus amigos ficaram surpresos com a revelação feita por mim, de que os húngaros jogaram o segundo tempo com menos um. As rádios brasileiras sonegaram essa informação aos ouvintes. Certamente, por ardor patriótico (NOGUEIRA, 1994: 47).

Evidentemente, não eram todos os setores da imprensa que tinham essa posição tão favorável ao modelo implantado na Seleção Brasileira. David Nasser, por exemplo, foi um dos que, ao retornar para o Brasil, teceu fortes críticas àquela equipe e, principalmente, ao técnico Zezé Moreira. Ao mesmo tempo, nesse discurso adverso à Seleção, procurava isentar dirigentes, com passagens, como as que diziam que o chefe da delegação, João Lyra Filho, era “*um cidadão de bons princípios e bom coração*”, que o jornalista lamentava estar metido numa situação que “*não iria acabar bem*”; ou, a do tesoureiro, Irineu Chaves, “*avarento com as contas da entidade*”; e, ainda, Castello Branco, Paulo Costa e Alfredo Curvello, “*gente na cúpula da delegação, gente útil*”. Enfim, para Nasser, a culpa estava em um único personagem, Zezé Moreira:

Futebol é, sobretudo, bom-senso. Lógica. Raciocínio. Disciplina. Psicologia. Não pode existir sistema que resista à insensatez de se jogar uma partida na defensiva, quando a defesa do time contrário é vulnerável. Não pode haver sistema que resista ao péssimo trabalho psicológico que representa uma concentração que não é concentração, mas clausura. (...) Não há sistema que sobreviva à exclusão dos maiores jogadores de um país (Zizinho, Ademir e Jair) só porque alguém não vai com a cara deles. Não há sistema bom quando sobra a auto-suficiência, a vaidade de um técnico que é – ninguém o nega – um homem de bem, mas que os fatos provaram ser um inepto para as funções, um rapaz de poucas letras a quem se deu uma autoridade maior do que as suas mãos frágeis poderiam carregar. Como poderia a CBD desejar que Zezé Moreira fizesse um trabalho psicológico a fim de que os nossos jogadores entrassem bem em campo, se ele, Zezé Moreira, precisava, mais que todos, de um preparo psicológico? (*O Cruzeiro*, 31 de julho de 1954, p. 36 e 37).

Ásperas críticas que, por sua vez, contradiziam o modo com que, em reportagens anteriores, o próprio David Nasser se dirigia àquele profissional do futebol, que possuía ótimas referências em seu currículo. Antes mesmo da Copa do Mundo começar, uma reportagem de Nasser (como outras que o próprio jornalista fizera até a desclassificação da equipe brasileira) destacava características positivas do técnico da Seleção: “*Inteligente, bom psicólogo, conhecedor intuitivo da natureza humana (Zezé é um auto-didata) o treinador*

*sabia que voltaria herói ou Judas (...).*” Em outras palavras, o cronista, dava a entender que Zezé Moreira tinha plena capacidade para o desempenho da função e conhecimento das consequências que poderiam advir de sua passagem como técnico de uma equipe que representaria o Brasil em competições internacionais: “(...) *homem de personalidade marcante no quadro esportivo, frio como um britânico, Zezé pesou as conseqüências, analisou os riscos e aceitou.*” (*O Cruzeiro*, 27 de março de 1954, p. 6 a 13). Ou seja, ainda no mês de março de 1954, sob o reflexo da vitória do pan-americano de 1952, Zezé era descrito como um homem sábio, gabaritado, e consciente de que o reconhecimento ou não do seu trabalho na Copa do Mundo da Suíça dependeria do resultado final. Voltar como herói ou Judas, dependeria exclusivamente do resultado final.

Em julho, apenas quatro meses depois, o discurso mudava. Na narrativa de Nasser, Zezé tinha sérios problemas psicológicos, que o tornariam incapaz de levar a Seleção Brasileira às esperadas vitórias. O jornalista chega a ironizar, a respeito do técnico, agora, derrotado: “*Para lhes mostrar a ingenuidade, a candidez desse excelente moço que é Zezé Moreira, basta citar um episódio ocorrido às vésperas do jogo Brasil x Hungria, em Bienne, à porta do hotel*”, e, em seguida, o jornalista contava a seguinte história:

Informado por seus ‘boys’ de imprensa<sup>250</sup> que Luiz Carlos Barreto<sup>251</sup> havia feito certa fotografia, Zezé, que considerava inoportuna e prejudicial a publicação da mesma, não nos procurou lealmente: ‘Peço à você que não divulgue aquele flagrante. Seria péssimo para o ‘scratch’. ’ Não, Zezé Moreira não fez isso. Encontrou-nos à porta do hotel, puxou um canivete do bolso e disse: ‘Sou um perverso. Na minha infância quando um homem me puxou a orelha, cortei-lhe o rosto com uma lâmina assim’ (*O Cruzeiro*, 31 de julho de 1954, p. 36 e 37).

Em seguida, no mesmo texto, Nasser dizia que tal ameaça, revestida de uma linguagem que classificava como infantil, não surtiria efeito “*a velhos repórteres acostumados às ameaças policiais, aos perigos dos cárceres e das torturas ditatoriais*”. E procurava deixar claro que o motivo pelo qual não publicava a imagem era apenas ético,

<sup>250</sup> Era grande o apoio da imprensa ao técnico, principalmente antes da Copa do Mundo, como já destacado. Talvez por isso, em seu texto, Nasser procura citar nomes de seus colegas de profissão especializados em futebol, dando a entender que aqueles não teriam relação nenhuma com a história. Os nomes citados eram os seguintes: Fernando Bruce, Ricardo Serran, Geraldo Romualdo, Pimenta Netto, Augusto Rodrigues, Mário Rodrigues Filho e, mesmo, Olímpicus. Além dos locutores: Oduvaldo Cozzi, Antonio Cordeiro, Aurélio Campos, Jorge Curi, Pedro Luiz, Luiz Mendes e Geraldo José de Almeida.

<sup>251</sup> Membro da equipe de Nasser enviada à Suíça.

contudo ameaçava: “*Se um dia, por qualquer circunstância, passasse a interessar – Zezé Moreira teria oportunidade de revelar as aptidões de técnico de canivete.*”.

Curiosamente, por parte de David Nasser, o mesmo que previra de forma muito antecipada esta situação, recaía sobre Zezé Moreira toda a culpa a respeito da derrota e, histórias como essa abalavam a imagem de sério profissional que o técnico da Seleção Brasileira da Copa de 1954 construía em toda a carreira como futebolista.

Muitos anos depois, já aposentado, Zezé Moreira, em meio às suas lembranças no futebol, mostrava muita indignação quando comentava sua participação na Copa do Mundo da Suíça. O episódio narrado por Nasser sobressaía dos demais envolvendo o torneio. Inevitavelmente, vinham à sua memória as acusações sofridas:

Tem casos que a gente fica sem saber. Tem uns jornalistas, por exemplo, que não falo com eles não, quer dizer, mas nunca quis agredir, criar problema não, (...) os jogadores andaram e compraram coisas, porque Biene era uma cidade pequena, não tinha... fomos lá, fomos de ônibus, e eu tenho comigo guardado até hoje a causa da minha contrariedade que comprei, vi uma novidade, era... não sei se era uma faca-punhal ou um canivete, que a gente fazia assim e a calandra fazia ‘tchu’, né, aparecia, e quando ... e foram alguns jornalistas conosco pra ver o jogador, o que que fazia, o que que não fazia, o que comprava, o que não comprava, e quando nós estávamos esperando os últimos que chegaram pra voltar, pra ir pra Biene, tinha um grupo de 4, 5 jornalistas que estavam juntos e eu cheguei, brinquei com um jornalista meu amigo, brinquei com ele, fiz assim ó, ‘theck’ com a faca (risos) e disse isso aqui é praquê, eu comprei que é pra pegar aquele que falar mal de mim, você sabe que no dia seguinte, quando nós chegamos no Brasil, foram duas páginas no jornal ou na revista que ele escreveu, mas falou coisa, que eu ameacei os jornalistas, que eu fiz... e eu fiz aquilo de brincadeira, com intimidade com esse companheiro, com esse rapaz, são coisas que a gente não esquece nunca <sup>252</sup>.

Nitidamente prevaleceu a versão de David Nasser. Não no que se refere ao caso envolvendo as ameaças, nem a respeito de uma fotografia que jamais veio a público. Mas em relação a uma ideia extremamente negativa a respeito da Seleção Brasileira de 1954 como um todo e, principalmente, no que tangia ao seu preparador técnico. Um modo de pensar que o habilidoso jornalista frisava no final de sua extensa matéria, publicada logo em seguida à

---

<sup>252</sup> Alfredo Moreira Jr. – Zezé Moreira. Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 30 de novembro e 12 de dezembro de 1993, para o projeto *História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube*, por Mauro Malin.

chegada no Brasil, em que, valendo-se de seu bordão – “*meninos, eu vi*” – pretendia chamar o máximo de atenção dos seus leitores: “(...) *meninos, eu vi. Vi tudo. Só não vi futebol. Vi, inclusive, um ‘scratch’ perder feio, de quatro. Por culpa de um mau trabalho psicológico, que transformou num ‘scratch’-tremedeira.*” (*O Cruzeiro*, 31 de julho de 1954, p. 36 e 37).

Uma posição bastante diferente da que, em suas memórias, traz o próprio técnico acusado. Zezé Moreira, distante longos 40 anos dessas acusações, oferece sobriedade o bastante para se refletir sobre os fatos. E não apenas isso, também transmite importantes impressões, em suas experiências, para se pensar sobre as participações da Seleção Brasileira nas dezenove Copas do Mundo até aqui jogadas e, no limite, indagar sobre o próprio modelo de futebol brasileiro que prevaleceu na maioria das narrativas que chegam hoje e que procuram estabelecer uma memória hegemônica e homogênea, contrariando passado e presente, ricos em diversidade do futebol no Brasil:

(...) eu passei o ano de 49 sem trabalhar. Eu fiquei vendo o campeonato de 50, o campeonato do mundo de 50, eu fiquei sem trabalhar, fiquei vendo o Campeonato Mundial. (...) Aí começou um fato interessantíssimo porque eu fui treinador da Seleção Brasileira, eu entrei em 52, porque 50 nós tínhamos perdido aqui a Copa do Mundo pros uruguaiois. Sabe, o brasileiro (risos), o brasileiro é um apaixonado, o brasileiro é até, eu às vezes fico pensando, fica até ridículo, porque nós somos mascarados que somos os maiores do mundo, não é? E futebol não tem esse negócio de maior do mundo, porque maior do mundo é aquele que não perde, né? Então nós não temos o direito de achar que nós somos os maiores do mundo, nós podemos ser igual aos maiores do mundo, mas melhor do que outros ninguém pode dizer, que em futebol não há isso, não há times invencíveis.”<sup>253</sup>.

Do alto de seus 76 anos de vida, na época, e da experiência advinda dos mais de cinquenta anos nos gramados espalhados por diversas regiões do mundo, Alfredo Moreira Jr. parece oferecer um grande ensinamento, que pode ser encarado de várias formas. Primeiro, como uma resposta à parte da imprensa, que, na época dos episódios aqui narrados, tanto o fez sofrer. Contudo, o alcance do que disse o experiente Zezé Moreira pode ser estendido.

Ampliando-se suas palavras aos dias de hoje e fazendo chegar a muitos daqueles que se envolvem apaixonadamente nas discussões que giram em torno do universo da bola - que, por vezes, chegam a terminar em cenas de violência, tanto moral como física -, o que

<sup>253</sup> Depoimento colhido em 30 de Novembro e 12 de Dezembro de 1993 - Acervo Instituto Museu da Pessoa.net - [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)

disse Zezé Moreira pode servir para fazê-los compreender que um tanto daquilo que pode tornar-se motivo de desavenças, chega, por vezes, aos ouvidos do público em geral, de forma distorcida. Da mesma forma, também pode ser útil para os profissionais que, cada vez em maior número, buscam se incorporar a esse rico nicho de mercado que o futebol se tornou e, ao mesmo tempo, acabam por terem que se sujeitar às altas exigências por resultados e à forte exposição que sofrem através dos meios de comunicação.

Aos pesquisadores em geral, tomando o futebol por “*metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano*” (FRANCO Jr., 2007: 166) e analisando as reminiscências de Zezé Moreira, principalmente, a sua afirmação do quanto é momentânea a condição de “*melhor do mundo*”, faz-se importante refletir sobre o quanto devem ser questionados os discursos homogeneizadores da sociedade que tendem às cristalizações, sobretudo, no que se refere às identidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado final da emblemática Copa do Mundo da Suíça foi outro fato que deu mostras da ideia que, já beirando o final do século XX, Zezé Moreira ainda fazia questão de expor em suas memórias, ou seja, o pensamento de que “(...) *não temos o direito de achar que nós somos os maiores do mundo, (...) que em futebol não há isso, não há times invencíveis.*”<sup>254</sup>.

Na finalíssima do domingo, 4 de julho de 1954, estavam, de um lado, os francos favoritos húngaros, que, em uma partida emocionante frente aos uruguaios<sup>255</sup>, haviam assegurado o direito de chegar à decisão. Do outro, os alemães que, por sua vez, haviam goleado os austríacos por 6 a 1.

Na segunda-feira, as manchetes dos jornais estampavam o que, para muitos, era impossível: “*CAÍRAM OS ‘FANTASMAS’! - Vitória justa deu à Alemanha o título mundial de 1954*” (*A Gazeta*, 5 de julho de 1954, p. 27). O jornalista José Amádio, da revista *O Cruzeiro*, tentava encontrar explicações culpando o destino:

A Copa do Mundo não está destinada a permanecer nas mãos daqueles que realmente a merecem. Em 1950 ela era brasileira, mas se naturalizou uruguaia. Em 1954 já estava de malas prontas para a Hungria quando, ao apito do trem, visou passaporte para a Alemanha. E se foi de fininho sem acenar, qual mulher caprichosa, deixando aqueles que por ela mais duelaram com cara de bobocas (*O Cruzeiro*, 17 de julho de 1954, p. 8 e 9).

Para surpresa geral, os alemães, que amargavam certa inexpressividade no futebol daqueles últimos anos, com um gol, faltando apenas 6 minutos para o final do jogo, venceram os húngaros por 3 a 2 e se tornaram, pela primeira vez, campeões mundiais. O resultado final daquela V Copa do Mundo, somado ao que já se tinha visto quatro anos antes, mostrava aos analistas do futebol que não se conseguiria mais tecer considerações do jogo como algo previamente dado pelos discursos hegemônicos nacionalistas.

---

<sup>254</sup> Depoimento colhido em 30 de Novembro e 12 de Dezembro de 1993 - Acervo Instituto Museu da Pessoa.net - [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)

<sup>255</sup> Após dois gols iniciais que os húngaros marcaram - como era de praxe -, a Celeste Olímpica, conseguira o empate. A vitória dos húngaros veio na prorrogação, em que conseguiram marcar mais dois gols.

Aquela derrota dos húngaros na final de 1954 declarava que, definitivamente, a geografia do futebol tendia muito menos à cristalização de seus eixos. O olhar daqueles que puderam experimentar o futebol praticado por equipes de diversas regiões, identificava muito mais ângulos possíveis de análise, além dos que até então se conseguia vislumbrar. Os longos anos sem intercâmbio, devido à Guerra, estavam ultrapassados definitivamente.

Ainda sob o calor dos acontecimentos futebolísticos presenciados, as construções tradicionalistas, que teimavam em permanecer nos discursos, sofriam críticas que tendiam a modificá-las. Ao menos, nos momentos recém-saídos daquele mundial novas tendências eram possíveis emergirem, como se pode perceber em Thomaz Mazzoni:

O fiasco do futebol britânico e latino-europeu, na V Taça do Mundo, foi total. Vingou a Europa Central, seguida da América do Sul. (...) Nada se poderia esperar dos britânicos, uma vez que a Inglaterra insiste com a velharia de sempre. Não é de tática nova que precisa o seu 'association' e sim de mocidade, renovação. O resto é coisa para museu... Os latinos europeus, que só têm parentesco com os sulamericanos, marcaram passo outra vez. Todos eliminados nas quartas de finais. Figura apagada. Os danubianos, com exceção dos checos, brilharam, pois até os iugoslavos deram nota saliente. (...) O feito dos Alemães é idêntico aos dos uruguaios em 1950, com a diferença de que a tradição ajudou os 'celestes', enquanto que os alemães não tinham tradição alguma, pois, além de um 3º lugar no campeonato de 1934, o 'onze' germânico nunca teve grande projeção internacional (...) agora entre a elite mundial do 'association' (*A Gazeta*, 7 de julho de 1954, p. 25).

A respeito do futebol no Brasil, o processo que vinha ocorrendo em torno da difusão de uma determinada memória referente à Seleção Brasileira, que percorreu toda a primeira metade do século XX, ficou de certa forma comprometido. Ainda na partida final da Copa do Mundo de 1950, a derrota frente ao selecionado uruguaio abalou a imagem que até ali se estabelecia. Exemplo disso foi a página voltada para as notícias de esporte de *A Gazeta*, logo após a final realizada no estádio do Maracanã<sup>256</sup>. Ela surgiu como emblemática, pois, simplesmente, foi publicada pela metade. Numa clara demonstração de que, caso a seleção do país tivesse vencido, todo o espaço seria preenchido pela fotografia da equipe, porém no espaço provavelmente reservado para isso, estava presente um anúncio da Loja Cliper, o que também era inusitado para a seção *Todos os Esportes* (Imagem 6).

<sup>256</sup> O caderno *Todos os Esportes*, que invariavelmente era dotado de, no mínimo, uma página inteira, não era publicado às segundas-feiras, é bem verdade. Mas, evidentemente, devido ao apelo da final do Mundial essa regra tendia a ser quebrada, tanto que as notícias referentes ao jogo apareceram.

A maior novidade da cidade!

## semana das pérolas

do 17 a 22 de julho

Com alguns cruzeiros... um strante col de pérolas (chechoslovakas) Uma sensacional oferta da Clipper — sempre apresentando as últimas novidades!




— lindos e modernos colares de pérolas da Tchechoslováquia a preços nunca vistos!

artístico fêcho de segurança três modelos distintos:

- de uma volta... \$ 35
- de duas voltas... \$ 65
- de três voltas... \$ 95

LABOR SANTA CECILIA

# A vitória do Uruguai na "Copa do Mundo"

Os uruguaios beijaram as camisas — Como repercutiu o resultado na Espanha — Flavio Costa explica a derrota — Sofreu um colapso com a derrota — Um artigo especial levará os campeões para Montevidéu

Rio 17 (Apostura) — Após o término da partida, os uruguaios soltaram as cores da emblema da Copa. Uma festa dada a comemorar que passou como relembrança da vitória sem omissão. Flavio Costa, jogador uruguiano, viu o momento de amor pela coroa de ouro que veio vestirem as camisas brancas e brancas como o próprio país visível nacional.

**OS URUGUAIOS EXORTAM O AVIAO ESPECIAL**

Rio 17 (Apostura) — Os uruguaios, juntamente com a vitória alcançada ontem, militaram no campo de derrota, a vitória especial para Brasil em uma só vez, podendo assim saudar e receber da população que se agita e se entusiasma que lhes são devidas. Hoje, a vitória foi precedida em um ato de grande importância, a vitória de Montevideo a seguir campeões do mundo, juntamente com o líder "Juni Jimenez" que em homenagem foi entregue ontem pelo presidente da FIFA.

**COMO FLAVIO COSTA A DERROTA DOS BRASILEIROS**

Rio 17 (Apostura) — A reportagem, após o término da partida Brasil vs. Uruguai, procurou nos vestidores o técnico Flavio Costa, que declarou o seguinte: —



Odilho Barria, o artista da vitória dos uruguaios.

autoridades e o corpo de bombeiros militar foi removido para o exterior.

**MEDALHA DE OURO GRAVADA DE BRILHANTES PARA O CENTRO-AVANTE ALEMÃO**

Rio 17 (Apostura) — O centro-avante alemão, com a marcação de nove tentos no Campeonato de Futebol, conquistou, ontem, a medalha de ouro, com o prêmio de 100 mil cruzeiros de prêmio de honra, em homenagem ao seu trabalho de brilhantes que foi patrocinada pelo "Clube de Futebol" de São Paulo e oferecida pelo jornalista Santa Cecilia.

**BATTISTINO MR. READER COM O RICOINTEIRO**

Rio 17 (Apostura) — Mr. Reader, árbitro do encontro de ontem, montou o arbitragem com a partida, quando que o jogo violento, que se iniciou em procura irregular, foi severamente reprimido, tendo que advertir Bittosto, goleador, para a disciplina. O público, como os comentaristas esportivos, aplaudiram a situação de controle que foi feita.

**MARIO POLLO ABANDONA O FUTEBOL**

Rio 17 (Apostura) — O sr. Mario Pollo abandonou ontem para Portugal, montando profunda tristeza, deixando o Brasil, onde o jogador, o último, do futebol.

— "Encerrarei hoje minha carreira desportiva" — disse ontem o sr. Mario Pollo à reportagem. — "Anunciarei meu nome — se necessário — quando chamado de novo cargo na C. B. D. e não quero mais saber de futebol".

## Casacos de Peles

A elegância aliada à qualidade identificam os casacos de peles que há anos proporcionam às senhoras que sabem se vestir!

**MODELOS A SUA ESCOLHA**

Preços excepcionais

Veja estes exemplos:

- Manteaux de Brunel Cr\$ 1.680,00
- Manteaux de Loutra Cr\$ 1.580,00
- Manteaux de "Mouton" Cr\$ 2.280,00, etc.



**G. ARONSON**

Tradição no comércio de peles

R. Conselheiro Crispiniano, 20 - 3.º - S. 306-07

Fone 4-9500 — São Paulo

**COMO REPERCUTIU NA REPÚBLICA A VITÓRIA DOS URUGUAIOS**

Mérida, 17 (APP) — A vitória do Uruguai, como campeão mundial de futebol em 1950, após sua vitória sobre o quadro brasileiro no estado de Minas Gerais, processo mais realista no público brasileiro do que a própria vitória que os brasileiros disputaram para o campeonato no Panamá, em São Paulo, contra a Espanha.

A vitória suprema do Brasil era esperada, mas resultados que, tanto quanto se esperava, os brasileiros jogaram mais falhos do que os espanhóis e portugueses, igualmente, por excesso de confiança.

Apesar de que a Espanha, com sua bela derrota, tenha odiado apenas os quatro jogos, os comentaristas lembram que o quadro nacional de classificação que os brasileiros jogaram mais falhos do que os espanhóis e portugueses, igualmente, por excesso de confiança.

Em meio a essa situação, ocorreu um momento raro. Às 17h30 horas, no corredor, muitos da seleção brasileira, incluindo o goleador, foram chamados para o quarto de hotel, onde se realizou uma reunião com o técnico brasileiro, onde se discutiu a situação da partida, onde se falou da importância da vitória, onde se falou da importância da vitória, onde se falou da importância da vitória.

Quando aos uruguaios, aconteceu que a pele branca, que se vestiam o campeonato mundial e que, há 30 anos, se usavam em forma de forma aberta na Espanha, estava impressa nos jogadores, no momento de se vestir, onde se viu a reprodução de algumas espécies.

**ALITALIA**

COM DOBROS

PREÇOS HATE

DE 44 LINHAS

R. AERES S. PAULO R. I. O LISBOA ROMA

**ALITALIA**

Informações e reservas de passageiros: "ITALMAR" S. A. R. I. O. S. PAULO, R. S. PAULO, 17 - A. 1920 DUAS AGÊNCIAS AUTORIZADAS

R. ROMA, 31 - TEL. ITALIA R. AERES S. PAULO

## ACOLCHOADOS EDREDONS

Desejando adquirir o seu ACOLCHOADO ou TRAVESSOIRO de plumas ou penas esterilizadas e preparados por PROCESSO ULTRA-MODERNO



**LEIBRE-SE QUE A Casa Lemcke**

FUNDADA EM 1902

é o estabelecimento preferido pelos senhores de bom gosto, o e especializado neste ramo, montando grande variedade à sua escolha, e sempre encomendas especiais.

Em São Paulo: RUA 24 DE MARÇO, 224 — TELEFONE 6-7754

Mareadores do Interior, compreem pelo reembolso postal, dirigindo-se às seguintes endereços: Caixa Postal, 221.

### Dever dos paulistas

Brasilian partido político se criou, em São Paulo, no nome de se fazer esquecer do esquecimento histórico. É verdade que este não pode ser considerado um partido político, mas sim um partido político, que se criou no nome de se fazer esquecer do esquecimento histórico. É verdade que este não pode ser considerado um partido político, mas sim um partido político, que se criou no nome de se fazer esquecer do esquecimento histórico.

Brasilian partido político se criou, em São Paulo, no nome de se fazer esquecer do esquecimento histórico. É verdade que este não pode ser considerado um partido político, mas sim um partido político, que se criou no nome de se fazer esquecer do esquecimento histórico.

Imagem 6: Página com notícias sobre a Copa do Mundo de 1950, no dia seguinte à partida final. (A Gazeta, 17 de julho de 1950, p. 11). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O futebol, assim como a Seleção Brasileira e a própria figura do jogador, a partir daí, passaram por um processo de readequação da imagem. A construção amplamente divulgada por cronistas que seguiam a linhagem de Gilberto Freyre, como Mário Filho e José Lins do Rego, parecia não ser a mais apropriada para o momento difícil que se atravessava. Contudo, lutava-se, em grande medida, para recuperá-la.

Nos primeiros anos da década de 1950, enquanto Getúlio Vargas e sua política nacionalista, apesar do fim do Estado Novo, voltavam ao governo do país, também era possível se verificar iniciativas que buscavam atribuir outros sentidos à imagem do futebol brasileiro, sem descaracterizar a herança das teorias raciais freyreanas que, em grande medida, lhes serviam de base.

O objetivo estava em se apresentar o futebol e, principalmente, os jogadores de uma forma tida como mais adequada para aquele momento, como as que podiam ser verificadas na revista *O Cruzeiro*, através da coluna *Ídolos do Futebol Brasileiro*. O futebol já era visto como mais um produto a ser consumido e nesse processo de mudanças na esfera profissional da atividade, alguns jogadores mais antigos eram incorporados, mas o clima de busca pela renovação não dava lugar para todos. Vale destacar as adversidades enfrentadas na carreira por Zizinho e por outros jogadores e as consequentes trocas dos craques que comporiam os selecionados seguintes.

Ao mesmo tempo, as comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, entre outros fatores, atendiam aos interesses das grandes empresas em ampliar o mercado consumidor, além da procura de se difundir um discurso homogêneo sobre o que seria a identidade paulistana. Essa tendência associou-se à crescente influência dos grupos dirigentes de São Paulo na direção do futebol brasileiro. Neste sentido, a instituição do novo uniforme que, de branco passou a verde-amarelo, surge como emblemático exemplo de um processo de transformação, pelo qual passava a imagem que se desejava transmitir, naquele momento, da Seleção Brasileira, do futebol e, evidentemente, da idéia que se buscava relacionar à brasilidade.

## FONTES

### Instituições:

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Biblioteca da Federação Paulista de Futebol

Biblioteca Municipal Oswaldo Eleutério (Barueri-SP)

Instituto Museu da Pessoa.net

Centro de Documentação e Informação Científica (Cedic/PUC-SP)

### Jornais e revistas:

*A Gazeta* de 1950 a 1954.

*A Gazeta Esportiva* de 1942 a 1954.

*Correio da Manhã* de 11/ 1953 a 01/1954

*O Cruzeiro* de 1950 a 1954.

### Entrevistas do Acervo Instituto Museu da Pessoa.net:

Alfredo Moreira Jr. – Zezé Moreira. Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 30 de novembro e 12 de dezembro de 1993, para o projeto *História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube*, por Mauro Malin.

Catarina Pugliese Serroni. Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 11 de Dezembro de 1993, para o projeto *História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube*, por Claudia e Itamar.

José Macia – Pepe. Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada com em 1º de março de 1999, por José Santos e Matos, Luís Roberto Serrano e Fábio Franzini. Referente ao projeto *Museu do Santos Futebol Clube*.

Tomaz José da Silva – Zizinho. Acervo Instituto Museu da Pessoa.net <www.museudapessoa.net>. Entrevista realizada em 16 de Agosto de 2001, para o projeto *Museu do Flamengo*, por Paula Ribeiro e José Santos Matos.

### Entrevista concedida ao Autor:

Antonio Mazzone e Ricardo Mazzone. 24 de Maio de 2010. Na residência da família, em São Paulo. (duração de três horas, aproximadamente)

**BIBLIOGRAFIA**

AGOSTINHO, Carlos Gilberto Werneck. **Futebol e identidade nacional**. In: MELO, Andrade de. O esporte vai ao cinema. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

AGOSTINO, Gilberto. **Nós e ellos, nosotros y eles – Brasil X Argentina**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos. Memória social dos esportes - Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ANTUNES, Fátima R. Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

AQUINO, Rubin Santos Leão de. **Futebol uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARROYO, Jossiana. **Travestismos culturales: literatura y etnografía em Cuba y Brasil**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2003.

ASSAF, Roberto. **Banho de bola: os técnicos, as táticas e as estratégias que fizeram história no futebol**. Rio de Janeiro: Relume, 2002.

BAITZ, Rafael. **Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2003.

BETING, Mauro. **Os dez mais do Palmeiras**. 2.ed. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BUARQUE, P. P. **Uma vida no plural – jornal, rádio, televisão, justiça e muito futebol**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2003.

CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAPINUSSU, J. M. **A linguagem popular do futebol**. São Paulo: IBRASA, 1998.

CARDOSO, H. H. P. **Memória e imagens (re)pensando significados do Memorial JK**. In: MACIEL, L. A. ; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. Outras Histórias: memórias e linguagens, São Paulo: Olho d'Água 2006.

CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **O marechal da vitória: uma história de Rádio, TV e futebol**. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Os gramados do catete: Futebol e política na era Vargas (1930 – 1945)**. In: SILVA, Francisco C. T.; SANTOS, Ridardo P. (Orgs.). Memória social dos esportes: futebol e política; a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Maud Editora: FAPERJ, 2006.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

DEDELIS, Rosana; LESCHER, Artur; CANNABRAVA, Iatã. **Catedral da Sé: arte e engenharia do patrimônio**. São Paulo: FormArte, 2002.

DELBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. RJ: Contraponto, 1997.

DUARTE, Orlando. **Todas as Copas do Mundo**. São Paulo: Votorantim, 1987.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **Concurso comemorativo do 60º aniversário da introdução do futebol em São Paulo (1894-1954)**. São Paulo [s.n.]. 1954.

FERREIRA, João Fernando. **A construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular (1945-64)**. Rio de Janeiro: Civilizações, 2005.

\_\_\_\_\_. **A democracia no Brasil: (1945 – 1964)**. São Paulo: Atual, 2006.

FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. 2.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, E. & RANGER, T. **A invenção de Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, B. B. B. **Dos Engenhos de açúcar aos campos de futebol: a crônica esportiva de José Lins do Rego**. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. São Paulo: UNICAMP, 2005.

LOPES, J. S. L. **Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro**. In: BATALHA, C. H. M. SILVA, F. T.; FORTES, A. *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

MAZZONI, Tomaz. **História do futebol no Brasil: 1894 - 1950**. São Paulo: Leia, 1950.

MEIHY, J. C. S. B.; WITTER, J. S. **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

MORAES, Mário de. **Depoimentos de: Domingos da Guia, Zizinho e Pelé**. Rio de Janeiro: MIS, 2002.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MOURA, Gisela de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

MUYLAERT, Roberto. **Barbosa: um gol faz cinquenta anos**. São Paulo: RMC Comunicação, 2000.

NOGUEIRA, A.; SOARES, J.; MUYLAERT, R. A. **Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PAIVA, Odair da Cruz. **Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930 – 1950)**. Bauru: EDUSC, 2004.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. São Paulo, L&PM, 1986.

REGO, José Lins do. **Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ROQUE, Z. S. S.; FRAGA, E. K. C.. **Futebol nas fábricas de São José dos Campos: memórias de jogadores operários**. In: COSTA, S. M. F; MELLO, L. F. (Org.). Crescimento urbano e industrialização em São José dos Campos. São José dos Campos: Intergraf, 2010.

ROSENFELD, A. H. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SALDANHA. **Os Subterrâneos do futebol**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. Edusp: São Paulo, 2005.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SILVA, Thomas Soares da. **Zizinho: o mestre Ziza**. Rio de Janeiro: Secretaria do Esporte e Lazer, 1985.

SOARES, A. J. **História e a invenção de tradições no futebol brasileiro**. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo!: construções e reconstruções da identidade nacional (1930 – 1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VELLOSO, M. P. **Que cara tem o Brasil?: culturas e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

VIANNA, M. A. G. **Revolucionários de 35: sonho e realidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

WEHLING, Arno. **A invenção da História: Estudos sobre o historicismo**. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF/ EDUFF, 1994.

### **Dissertações e teses**

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. 2007. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/13529/2/Tese%20Defesa%20-%20capa.pdf>>. Vários acessos, 2009-2011.

FRAGA, Gerson Wasen. **“A derrota do Jeca” na Imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950**. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select\\_action=&co\\_autor=81594](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=81594)>. Vários acessos, 2011.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. **No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950**. 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://ri.uepg.br:8080/riuepg/handle/123456789/429>>. Vários acessos, 2010-2011.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Dissertação. PUC, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <[HTTP://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/201139\\_Hollanda%20\(M\)%20-%20-%20descobrimento%20do%20futebol.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/201139_Hollanda%20(M)%20-%20-%20descobrimento%20do%20futebol.pdf)>. Vários acessos, 2009-2010.

LOFEGO, Silvio Luiz. **IV Centenário da cidade de São Paulo – a construção do passado e do futuro nas comemorações de 1954**. 2002. Tese (Doutorado em história Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. 1998. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

### **Revistas, congressos e simpósios**

BRAGA, J. L. M. **As torcidas uniformizadas (organizadas) de futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940**. Revista Esporte e Sociedade. Ano 5, n. 14, mar. Jun/ 2010. <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1407.pdf>>. Acesso em 20 Jun. 2009.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do

Paraná. <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/13529/2/Tese%20Defesa%20-%20capa.pdf>>. Acesso em 20 Mai. 2009.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Revista Projeto História**. Nº 35, p. 255 – 272, dez. 2007.

FRANZINI, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. In: Revista de História, São Paulo, nº 163, p. 243-274, jul./dez. 2010. <[http://revhistoria.usp.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=119:rh-163&catid=6:edicoes&Itemid=7](http://revhistoria.usp.br/index.php?option=com_content&view=article&id=119:rh-163&catid=6:edicoes&Itemid=7)> Acesso 5 jan. 2011.

GORDON Jr., César C. História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo/ Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/ UERJ**. Rio de Janeiro. 3/4 : 65-78, 1996.

LISE; MOSKO; SANTOS; CAPRARO. Copa do Mundo de 1950: a imprensa e os jogos realizados em Curitiba. In: Revista Esporte e Sociedade. Ano 5, nº 14, mar. 2010/jun. 2010. <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1405.pdf>>. Acesso 15 abr. 2010.

LOPES, Leite s. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista da USP, Dossiê Futebol**. São Paulo, 22 (jun, jul, ago): 64-83, 1994.

MARQUES, J.C. A falação esportiva (o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol). In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXV**, 2002, Salvador. São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM.

MOSKO, J. K.; CAPRARO, A. M.; MOSKO, J. K. O Estado Novo (1937-1945) e a Educação Física: doutrinando corpos no exercício do poder. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 15 - Nº 143 - Abril de 2010 <<http://www.efdeportes.com/efd143/o-estado-novo-1937-1945-e-a-educacao-fisica.htm>> Acesso em 31 Ago 2010.

NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Editora UFPR.

PINTO, L. A. Costa. MÁRIO FILHO – O Negro no Foot-Ball Brasileiro – Pongetti – Rio, 1947. **Revista Sociologia** – Vol. XII, Número 1, Março, 1950.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo (15), p. 13-33, abr. 1997.

SOARES, A. J. G.; BARTHOLO, T. L.; SALVADOR, M. S. **Revista portuguesa de Ciência do Desporto**. v. 7 n. 3 Porto dez. 2007<[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-05232007000300011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-05232007000300011&script=sci_arttext)>. Acesso 5 mai 2009.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **Revista História Oral**, São Paulo, nº 5, jul. 2002, p. 9 – 28.

## SITES CONSULTADOS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Rio de Janeiro, Brasil, 2006. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso 16 nov. 2010.

ASSOCIAÇÃO DOS CRONISTA ESPORTIVOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (ACEESP). Disponível em: <[http://www.aceesp.org.br/presidentes\\_imortais.asp](http://www.aceesp.org.br/presidentes_imortais.asp)> Acesso 20 Ago. 2010.

BANCO DE DADOS DA FOLHA. São Paulo, Brasil, 2010. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte\\_19580629\\_retro50.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/textos/esporte_19580629_retro50.htm)>. Acesso 11 ago. 2010.

BRASIL DAS COPAS. Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/copadomundo/brasil-e-as-copas/camisas-da-selecao-brasileira/camisas-da-selecao-brasileira/print>> Acesso 17 Nov. 2010.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. Santo André, Brasil, 2006. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/5811275/india-escocia-austria-e-os-casos-mais-curiosos-de-desistencias-de-copas.aspx>>. Acesso em 8 nov. 2010, 16h30.

EDUCAÇÃO FÍSICA. Portugal, 2010. Disponível em: <<http://educacaohoje.no.sapo.pt/ef/Historia.htm>> Acesso 19 Nov. 2010.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. São Paulo, Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/clube.php?cod=4&ref=1>>. Acesso em 08 dez. de 2009.

FGV-CPDOC. Rio de Janeiro, Brasil, 2009. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/angelo\\_mendes\\_de\\_morais](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/angelo_mendes_de_morais)> Acesso 02 Set. 2010.

FIFA.COM. Suíça, 1994. Disponível em: <<HTTP://pt.fifa.com/worldfootball/statisticsandrecors/tournaments/worldcup/organisation/index.html>> Acesso 20 dez. 2010.

FOLHA TREINAMENTO. São Paulo, Brasil, 2010. Disponível em: <<http://treinamento.folha.com.br/12emcampo/enquantoissoonobrasil/754637-torcedor-do-uruguai-criador-do-uniforme-verde-amarelo-compara-neymar-a-garrincha.shtml>> Aceso 17 Nov. 2010.

JORNAL DA ABI. Porto Alegre, Brasil, 2004. Disponível em: <[http://www.abi.org.br/jornaldaabi/Novembro\\_dezembro-2004.pdf](http://www.abi.org.br/jornaldaabi/Novembro_dezembro-2004.pdf)> Acesso 12 nov. 2010.

JORNALISMO FUTEBOL CLUBE. São Paulo, Brasil, 2008. Disponível em: <<http://jornalismofc.wordpress.com/2009/07/28/osmar-santos-completa-60-anos/>>. Acesso 09 de Set. 2009.

MUSEU DA PESSOA.NET. São Paulo, Brasil, 2003. Disponível em: <[www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)>. Acesso em diversos períodos, 2010.

MUSEU DO FUTEBOL. São Paulo, Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.museudofutebol.org.br/historia/sobre-o-museu/missao>>. Acesso 7 ago. 2010.

MUSEU DOS ESPORTES. Alagoas, Brasil. Disponível em: <<http://www.museudosportes.com.br/noticia.php?id=4905>>. Acesso 10 out. 2010.

PRÓ-TV/MUSEU DA TV. São Paulo, Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.museudatv.com.br/biografias/Oduvaldo%20Cozzi.htm>> Acesso 01 set. 2010.

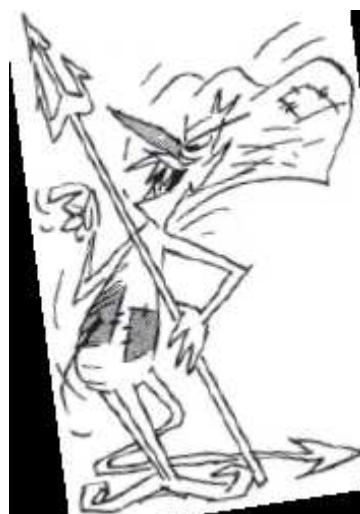
REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro, Brasil, 2007. Disponível em: <[http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1950/2sem\\_aorganizacaojulesrimet.pdf](http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1950/2sem_aorganizacaojulesrimet.pdf)> Acesso 2 set. 2010.

SERVILIO'S BRAZILIAN SOCCER ACADEMY. São Paulo, Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.servilio.com/servilio.htm>>. Acesso 29 nov. 2010.

THE REC.SPORT.SOCCER STATISTICS FOUNDATION. Brasil, 1999. Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/sel/national.htm>>. Acesso em diversos períodos. 2010.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. São Paulo, Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.cidadedofutebol.com.br/AUniversidade/8,25,HISTORICO.aspx?p=25>>. Acesso em 28 Mai. 2009.

ANEXO A – As criações do cartunista Lorenzo Molas

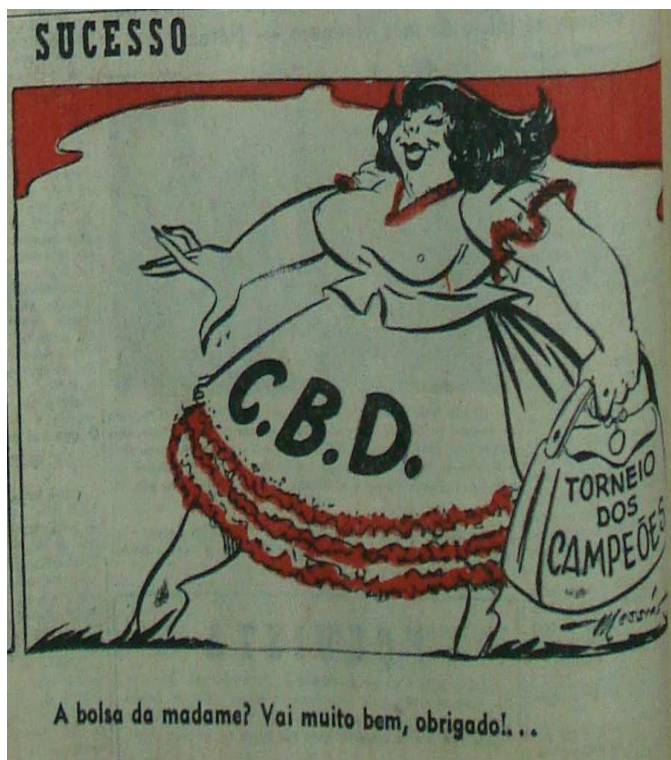


Os mascotes criados por Lorenzo Molas: o botafoguense “Pato Donald”, o “Diabo” do América F. C, o “Almirante” vascaíno, o “Pó de Arroz” fluminense e o “Popeye” flamenguista.

Fonte: Jornal da Associação Brasileira de Imprensa. Outubro/ Dezembro de 2004. Nº 297. Disponível em: [http://www.abi.org.br/jornaldaabi/Novembro\\_dezembro-2004.pdf](http://www.abi.org.br/jornaldaabi/Novembro_dezembro-2004.pdf). Acesso 12 nov. 2010.

ANEXO B – Nino Borges: Charges em a *Gazeta Esportiva*

Após a S. E. Palmeiras ter eliminado o C. R. Vasco da Gama nas semifinais da Copa Rio de 1951, *A Gazeta Esportiva* satirizava a imagem do Cadillac criada por José Lins do Rego, dias antes, ainda após a derrota vascaína na primeira partida. Para José Lins, a derrota por 2 a 1, no estádio do Maracanã, era apenas um tropeço do forte time do Rio de Janeiro: “*apenas um acidente de Cadillac, uma pedra no caminho*”. Como resposta ao cronista carioca, o jornal paulista liderado por Thomaz Mazzoni e através da arte de Nino Broges, ironiza ao representar a classificada equipe palmeirense pela figura de uma pedra “*de granito*” revestida por 4 coroas (referentes aos títulos até aquele momento conquistados) e dois placares favoráveis frente ao C. R. Vasco da Gama na Copa Rio (*A Gazeta Esportiva*, 17 de julho de 1951 - capa).



A C. B. D. representada por uma robusta senhora, com a bolsa também encorpada. Lembrando o quanto os cofres da entidade brasileira estavam repletos, após as duas competições internacionais realizadas no Brasil: A Copa do Mundo de 1950 e a Copa Rio de 1951. (A *Gazeta Esportiva*, 6 de julho de 1951, p. 20)



A Sociedade Esportiva Palmeiras representada, ainda não através da imagem do periquito, mas do jogador que conquistava as cinco coroas, ou seja, os cinco títulos seguidos entre 1950 e 51: Taça Cidade de São Paulo (50/51), Campeonato Paulista (50), Torneio Rio-São Paulo (51) e a Copa Rio de 1951. (A *Gazeta Esportiva*, 24 de julho de 1951, p. 25)

**ANEXO C- Entrevista de Antônio Mazzone.**

Realizada por Luciano DeppaBanchetti, em 24 de Maio de 2010, em sua residência.

L - Eu gostaria de saber a idade do senhor, senhor Antônio.

A – Eu nasci em 1934. Dia 4 de fevereiro de 1934, estou com 76 anos, né... Então você vê como o é que o tempo passa... Meu pai tinha idade do século, ele nasceu em 1900 e morreu em 1970, com 70 anos.

L - E o Sr. nasceu aqui em São Paulo mesmo?

A – Eu nasci aqui em São Paulo mesmo. Já meu pai não. Ele nasceu em Polignano a Mare, na Itália. Ele veio pequeno para o Brasil.

L - De que região da Itália?

A – Fica no Sul, no fim da bota da Itália. Uma cidadezinha pequena, uma cidade de... à beira mar. Polignano a Mare quer dizer polignano ao mar, sabe? Lá os pais dele tinham uma vinícola. E além de vinhos também produziam azeite de oliva... Mas eles vieram pequenos pra cá.

L - Em que ano?

A – Ele devia ter uns 5 anos, por aí. ... na biografia [fornecida no momento da entrevista] você deve encontrar. E ele sempre se interessou por futebol e a família não gostava muito.

L - E lá, a família não tinha algum tipo de relação com o futebol?

A – Não. A relação com o futebol vem através dele. Quando ele vem pro Brasil e quando ele começa, já jovem a jogar futebol na várzea, aqui. Aliás ele foi um excelente ponta-direita, né... Não sei se ponta-esquerda ou ponta-direita... Ele jogava várzea... Ele poderia até ser profissional, jogava muito bem. Poderia ter se profissionalizado. Mas, quando quebrou o joelho então parou com o futebol e se interessou então pela crônica, pelo jornalismo esportivo, porque tinha uma curiosidade imensa sobre os esportes, né. Tanto que ele é chamado de eclético. Ele se concentrou no futebol, mas também falava de ciclismo, boxe, bola ao cesto – que hoje é basquetebol – escreveu um livro a respeito

de todos esses esportes. E, então, ele entrou na crônica esportiva. Foi quando ele começou a se tornar conhecido.

L - Vamos recuar mais um pouquinho. Quando ele [Thomaz Mazzoni] chega com a família...

A - Ele chega com a família, pai e mãe, tio. Ele tem irmãos, mas todos já nascidos no Brasil. Vários irmãos e irmãs mais velhos.

L - O único nascido na Itália?

A - O único nascido na Itália. E ele chega numa certa idade que os pais... naquele tempo o futebol não tinha a consagração que o futebol tinha hoje... e eles queriam afastar o meu pai do futebol. Achava que o futuro dele não tava (risos)... na crônica esportiva e coisa e tal. Então, como ele tinha já idade pro serviço militar, o que fizeram? Mandaram ele pra Itália.

L - Ele voltou pra Itália?

A - É, pra ele cumprir o serviço militar na Itália. E o que que ele faz lá na Itália? Cria um time de futebol (risos)... Mesmo servindo durante esse período ele não se afasta do futebol. Pelo contrário, cria um time de futebol. Volta pro Brasil, né... com 18 anos ... volta pro Brasil e continua... é como ele dizia, ele era brasileiro por opção. Ele dizia pra mim: “Você nasceu brasileiro, eu escolhi ser brasileiro”. Tanto que ele se naturalizou brasileiro, né. Eu tenho até a carta de Getúlio Vargas fazendo a naturalização dele como brasileiro.

L - Como era a relação dele com Vargas?

Ele não tinha muito vínculo com o Estado. Ele cobrava do Estado uma participação em favor dos esportes, né. Você veja que, por exemplo, os Estados Unidos... o Estado, as universidades também... ele achava que as universidades brasileiras poderiam se dedicar mais. Você pega os exemplos os americanos, né? Você vê grandes profissionais em vários campos do esporte, de onde vem? Vem das universidades americanas. Já aqui no Brasil isso não fazem, ele tentava incutir isso, mas parece não ter tido muito sucesso, né, que as universidades hoje não se dedicam muito, né. Por que lá eles dão bolsa de estudo. Eles vão procurar você...

L - Ele escrevia muito nesse sentido, né?

A – Acho que sim, não tenho muita certeza. Mas, ele defendia essa idéia. E a participação do Estado. Por que ele achava que o Estado participando, no Brasil, seria o único meio de você elevar o esporte. Por exemplo, nas ditaduras. Na União Soviética, durante esse período. E os atletas, surgiram por quê? Por que o Estado, né... criava o esportista desde a mais tenra idade até se profissionalizar. Sim, era o profissionalismo marrom. Nunca os atletas soviéticos diziam que eram profissionais. Eles eram os funcionários do Estado. Eram amadores. Tanto que em mundiais juvenis, por exemplo... eram profissionais... nas olimpíadas, o time de futebol da Rússia era profissional! Só que com aquela pecha de amadorismo, né. E nós não. Éramos autênticos amadores. Então você tinha garoto de 18 anos como velho lá, de 23... eles escondiam a idade, né? Então tudo isso... se o Estado brasileiro participasse mais, e dando chances para o pessoal da várzea, né... o futebol brasileiro tinha se destacado muito mais rapidamente. Por que a idéia dele, era a seguinte... não sei se ele era um visionário ou não, mas ele acreditou. Coisa que na época ninguém acreditava, que o Brasil se tornaria uma grande... uma grande força no futebol. Isso ele batia nessa tecla. Ficou sozinho em várias ocasiões. 38 o Brasil foi bem, houve aquele entusiasmo, depois veio... a guerra, né... veio 50. 50 a derrota. Então deu um ceticismo no Brasil inteiro de que o Brasil... o futebol brasileiro não era aquilo que se dizia e que... E ele batendo na tecla de que nós éramos grandes e que, se o Brasil tivesse jogado mais 10 vezes com o Uruguai, teria ganho as outras 10 vezes. Foi um dia fatídico. Infelizmente, numa grande ocasião. E marcou muito forte o futebol brasileiro. Veio 54, na Hungria e novamente não conseguimos, né... nos afirmar. E ele ficou novamente sozinho batendo na tecla que não. Nós éramos grandes futebolistas, que tinha o maior futebol do mundo, aí veio 58.

L - E nesse período entre 50 e 58 ele escrevia dessa forma?

A – Dessa forma, defendendo a Seleção.

L - Os senhores conversavam muito?

A - Todo dia. Eu trabalhei na *Gazeta Esportiva*.

L - Em que período?

A – No período de Cinquenta e ... 51 até mil novecentos e ...eu fiquei quase... eu fiquei 15 anos na crônica esportiva, na *Gazeta Esportiva*. Depois eu passei pra parte publicitária do jornal.

L - Em 51 que o senhor entra na Gazeta?

A – isso, eu entrei com 17 anos.

L - E o que o senhor fazia lá?

A – Eu fui auxiliar de redação (risos). Eu entrei como auxiliar de redação e depois passei à repórter de setor, repórter...

L - E ligado aos esportes?

A - Sempre ligado aos esportes. Sempre no futebol. Viajei, cobri várias... estive com Palmeiras no México, na Guatemala com o Palmeiras. Estive com o Juventus na Argentina, viajei todo o interior da Argentina...

L - Em que ano?

A - Agora assim de cabeça, não sei... Estive com a Seleção Brasileira de Acesso que foi campeã sul-americana, no Peru.

L - No Peru, em 53?

A – Não. Não.

L - Não era a seleção principal?

A – Não, era a seleção de acesso.

O que era a seleção de Acesso?

A – Foi o único torneio que foi feito de seleções de vários países que era uma seleção para um acesso para subir para a primeira divisão, então teve Argentina, teve vários países, várias seleções e o Brasil foi campeão sul-americano.

L - E como era o ambiente da redação de *AGazeta Esportiva*?

A - É, o ambiente era bom, né... Eu tinha que provar que eu não tava lá por força do nome do meu pai. Então comecei por baixo. Eu segui e fui ...fui destacado pra cobrir alguns clubes e felizmente consegui mostrar serviço, né... A ponto de me chamarem pra

cobrir essas viagens internacionais. Ao passo que meu pai cobria todas as viagens da seleção, né. Ele esteve em várias partes do mundo, sempre com a seleção brasileira.

L - Em jogos internacionais, ele sempre ia?

A – Ah! Sempre.

L - E sempre nessa ligação com a CBD e com a *Gazeta Esportiva*?

A – E com a *Gazeta Esportiva*, sempre como enviado também da *Gazeta Esportiva*. Só que a CBD sempre fazia questão de que ele fosse também como representante da CBD.

L – Em 38...

A – Thomaz Mazzoni foi o jornalista oficial da Confederação Brasileira de Desportos. E se tornou o jornalista oficial da Confederação até o falecimento dele. Então ele foi o 1º jornalista a acompanhar uma Seleção Brasileira e mandar artigos, né... via navio... avião... pra Copa do Mundo de 1938.

L - E depois em 1950, 54...

A – Ele foi em todas ele foi até o falecimento dele. Só não chegou a ir em 70 porque ele faleceu um pouco antes da Copa do Mundo.

L - Em 38 ele foi o único? Depois foi aberto para outros?

A – Foi. Outros jornalistas começaram a comparecer através dos órgãos que eles trabalhavam. Ao passo que ele automaticamente já ia como jornalista da CBD, Confederação Brasileira de Desportos. E como jornalista da GE. Ele cobria também pela GE.

L - E na Fundação [Cásper Líbero], no período em que o Sr.trabalhou, quem mais tinha nesse período? Lembro de *Últimas*, me parece assinada por várias pessoas...

A – A opinião oficial do jornal era do redator-chefe, que era do Thomaz Mazzoni. Ele ditava a política da *Gazeta Esportiva*. Ele chancelou o artigo de fundo. Não a principal que era a linha política do jornal.

L - Ele também assinava como Olympicus?

A - Olympicus ele assinou no período em que a *Gazeta Esp...* A *Gazeta* tinha duas páginas de esportes do fim de semana. Então ele assinava aquela coluna como Olympicus. Por que ali ele abrangia vários esportes, não só o futebol. Ele era chamado de eclético justamente por isso. Ele inclusive escreveu livros de regras... ele foi inclusive professor de regras de futebol da Federação Paulista de Futebol. Enfim, ele batalhou junto ao Casper Líbero para que o Cásper Líbero fizesse um jornal diário esportivo. O que era uma ousadia. Não havia um jornal diário esportivo. Eu acho que no mundo inteiro não havia. Que fosse publicar todo o dia, só sobre esporte. E, finalmente, ele conseguiu, em 47, que fosse lançada a *Gazeta Esportiva*. Aí já não era mais *Gazeta*, era *Gazeta Esportiva*. Um jornal diário, dedicado só aos esportes. A *Gazeta Esportiva* se constituía em vários jornalistas, cada um em uma área esportiva. Tinha um redator só de boxe, só de ciclismo, só de futebol. E só no futebol, Cada um jornalista para um clube. Eu comecei como auxiliar de redação, e depois, o primeiro clube que me deram pra ser jornalista oficial, acompanhar diariamente, foi o Clube Atlético Juventus. Daí eu ter uma ligação muito afetiva, muito forte com o Juventus. Inclusive fui... à primeira viagem internacional do Juventus, eu fui... destacado pela *Gazeta Esportiva* e como convidado do Juventus pra ir pra Argentina, onde eles jogaram lá com o Boca Júniers, em Buenos Aires. E nessa excursão pelo interior.

L - Era comum essa prática? [LIGAÇÃO DO JORNALISTA COM O CLUBE]

A – Era comum essa prática. E a *Gazeta Esportiva* começou a participar de todas as viagens internacionais: da Portuguesa, do Palmeiras, do São Paulo, do Corinthians. O jornalista era, inevitavelmente, convidado. E a *Gazeta Esportiva* atingiu o apogeu, foi o principal jornal esportivo do Brasil, na época do apogeu dela.

O Sr. falou que não existia nenhum jornal diário, né?

A- Que eu tenha conhecimento, no Brasil não existia.

L - E o *Jornal dos Sports*?

A – Pois é, esse eu não sei te dizer quando começou a ser diário.

L - Por que ele não era diário?

A – Não tenho muito conhecimento. A referência que eu tenho é que a *Gazeta Esportiva* foi primeiro, eu não sei dizer. Eu não afirmo com convicção. Eu me lembro do *Jornal dos Sports*, inclusive ele era... uma faixa cor-de-rosa. Não sei quantas páginas ele... e meu pai foi colaborador. Muita gente não sabe disso. Ele era um jornalista de São Paulo que cobria São Paulo pro *Jornal dos Sports*.

L - Existia essa prática, né. De se ter um jornalista ligado, basicamente a Rio-SP, né?

A – A rivalidade era Rio-São Paulo. Não havia outra... torneio Rio-São Paulo era importantíssimo. E meu pai foi correspondente de jornal português, Tchecoslováquia... ele escrevia para vários jornais. Ele inclusive colaborava com a FIFA, a Federação Internacional de Futebol, indicando os melhores na América do Sul. Destaques de quando a FIFA fazia uma apanhado.

L - Isso em cada período de final de campeonato?

A – Não sei. Sei que eram vários jornalistas. Sei que no Brasil era ele. Tinha da Argentina, América do sul...

L - Na infância do senhor, seu pai falava muito de futebol?

A – Ele falava. Vivia falando. Esportes em geral. E principalmente do Brasil. Ele era muito brasileiro. Tanto que os inimigos dele, os contestadores da opinião dele, diziam que ele era um pátrio... “patriota”. Mas, num sentido negativo, de que ele era um fanático patriótico. Mas, ele gostava das coisas do Brasil e ele achava que o Brasil poderia se tornar, e se tornou uma potência no futuro ...e poderia ir em outros esportes. Ele vibrou quando o Brasil foi campeão mundial de basquete. Foi bi-campeão mundial de basquete. De Maria Ester Bueno ganhando aqueles torneios de Wimbledon. Tinha o Eder Jofre sendo campeão mundial. Ele batia, ele escrevia e dizia: “Ta aí a prova de que tendo apoio o brasileiro se destaca em tudo.” Seria uma pena... uma pena escrevendo, uma pena escrita, e ele estaria vibrando, ele estaria ... imagina em 70... se ele pudesse ter alcançado, né? O tetra, né?

L - O tri.

A – Tri, o tricampeonato. Ele ficaria vibrando, né? Ele viu em 62, as ideias dele se concretizaram, né? 58 já se concretizaram.

L - O Sr. falou de inimigos. Eu sei que é entre aspas, né, mas...?

A – Inimigos porque... na mesa redonda, ele era o único a bater na mesma tecla de que nós éramos os maiores, e queriam debocha dele.

L - Parece que a mesa redonda começa em 54, né?

A – É, por aí. Começa com a televisão...

L - E ele participava?

A – Oh!... participou de várias. Ele era o principal personagem. E durante aquele período crítico do futebol brasileiro é o único numa mesa redonda defendendo. Diziam: “Mazzone é... um fanático!” “Você tem que por o pé no chão!” “Como é que você explica 50? Como é que você explica 54?” né...

L - E o Sr. lembra quais eram os principais a questionar?

A – Agora assim de cabeça... não... Eu to com 76 anos... Já, muita coisa já me foge, né? Já não consigo ter aquelas lembranças sem nuvens, né... Mas, eu me lembro de um fato... Quando ele dizia que a Várzea era a grande fornecedora. Tanto que... que na *Gazeta Esportiva* tinha uma sessão só de duas páginas dedicada à Várzea. E de jogos que anunciavam lá, jogos a realizar. Inclusive, era o Tita. Era o jornalista que cuidava disso. E o meu pai dava pleno apoio, por que ele achava que o celeiro do futebol brasileiro, tava ali na várzea. Durante muitos anos foi a várzea. E, infelizmente, devido a expansão geográfica de São Paulo, a várzea foi desaparecendo. Hoje, fica nessas academias, escolinhas de futebol e tudo mais. Mas, até então, no período dele... e ele costumava dizer: “Craque no Brasil, é que nem erva daninha” ... pode parecer pejorativo, “erva daninha”, né? Mas, ele queria dizer é que... que a erva daninha você... por mais que você tente erradicá-la, ela volta a crescer. Então é que... “Craque no Brasil é que nem erva daninha”, cresce em qualquer lugar. Aparece em qualquer lugar. E, realmente, aparecia... até hoje. Quem é o grande fornecedor de craques do futebol internacional? É o Brasil. Você tem brasileiro em Istambul... em tudo quanto é lugar... na Espanha... e todos com grande destaque. Você tem Ronaldinho Gaúcho, você tem Kaká, você tem em todos os cantos. Agora, eu queria lhe dizer que ele deu... ele consagrou três fora de série, mundialmente também, foras de série: dos tempos do amadorismo, Arthur Friedenreich, inigualável, que pegou o finzinho do amadorismo e início do profissionalismo. Em que ele também se destacou, heim...

L - Em 19 foi ele quem marcou o gol...

A – E com ele... era grande amigo do meu pai que vinha na GE, era funcionário da Antarctica. Ele gostava de uma... uma cerveja, né... Então, aparecia sempre lá e meu pai o acolhia ele muito bem na *Gazeta Esportiva*.

L - Ele era funcionário da cervejaria? Vender... não de propagandas...?

A- Não, não. De vendas, mesmo.

L - Deveria vender bem, né? (risos)

A – É... com o nome dele... E depois... Leônidas da Silva que também ele achava fora de série. Três grandes jogadores... e Pelé. Então, são os três grandes jogadores, sem querer deixar de lado um Zico, um Garrincha, um Gerson, de jeito nenhum... Feitiço, enfim, grandes craques todos. Mas, esses se destacaram, inclusive, internacionalmente. Porque ... Você vai dizer: “Artur Friedenreich?”... Artur Friedenreich se destacou no Uruguai, na Argentina... O apelido dele era El Tigre... foi um apelido que os uruguaios deram pra ele. O apelido de El Tigre. E... Leônidas era o Diamante Negro, o chocolate que tem até hoje... O Diamante Negro foi criado por Leônidas da Silva – “O homem borracha”.

L -E na relação dele com as Seleções? Quando ele tinha mais proximidade? Ou todas funcionava igual, a que ele tinha mais esperança, ou que ele era mais favorável ou não...

A – Você diz em que sentido?

L - Pessoal mesmo... a Seleção que ele dizia “essa a gente vai ganhar”...

A – Bom... aí não sei dizer... Ele sempre acreditou em todas elas. Em todas elas... mesmo as menos brilhantes, ele acreditava. Porque ele achava que o futebolista brasileiro era fora de série. Haviam circunstâncias, na opinião dele, que levavam ao fracasso. Você veja, por exemplo, o Coutinho que foi da Seleção... Você conhece alguma Seleção invicta sem ser campeã mundial? ... Que que aconteceu, o Brasil foi... quando na Argentina, a Argentina foi campeã mundial e o Brasil foi... saiu da... da competição invicto. Não perdeu pra ninguém. Nem pros donos da casa. Né? Então, por aí você vê que no futebol brasileiro... por que, é claro, a Argentina ali... foi uma jogada da ditadura argentina, né... A compra da... dos peruanos, dos próprios peruanos...

L - Tomaram 6, né?

A – É, confessaram né... E o goleiro era argentino! E ele sabia que a Argentina precisava meter 8, 9 gols pra poder continuar. Por que se não... o Brasil teria ido à frente, porque tavam os dois empatados... E ele tomou os gols necessários (risos)...

L - O Sr. se lembra do depois do jogo final de 50? O Sr. já disse que ele ficou batendo na tecla que o Brasil não perderia nunca. O Sr. se lembra de algum detalhe, de algo após o jogo?

A – Não... ele foi muito criticado. Por que até então, ele... ele... achava que o Brasil seria inevitavelmente o campeão mundial, né... Imagine você, né? E todo mundo compactuava. Mas, quando perdeu... quem é que tem que ser o bode expiatório? Tinha que ser aquele que fica, inclusive, defendendo que aquilo foi um desastre ...foi uma, uma... fatalidade...

L - Algo do jogo...?

A – Algo do jogo. Você vê o... o retrospecto da Seleção Uruguaia durante o torneio e do Brasil... né? Foi algo que ninguém esperava. Eu tava lá. Ele me levou pro Rio de Janeiro. Eu tinha... foi em 1950, né? Eu tinha 16 anos. Eu chorei. Eu chorei, eu fui lá festejar o primeiro camp... o primeiro título mundial do Brasil... eutava lá!

L - O Sr. chegou no dia?

A – Não, fiquei uns dias antes vendo... vivendo aquele ... né? ... cometeram o erro de ficar levando a Seleção pra cá, pra lá... já festejando antecipado, né... Foi um erro, né... Um erro tático, né...

L - O que o Sr. sentia, assim... dá pra dizer alguma diferença entre a participação que se teve? Acredito que lá na cidade do Rio de Janeiro era uma ...um ambiente, na semana... muita festa na rua...

A – Não passava pela cabeça de ninguém... Muita festa, aquele título comemorado antecipadamente, né. Entramos e fizemos o primeiro gol, saímos ganhando de 1 a 0, né... e tomamos a virada, né...

L - E o ambiente em São Paulo, como é que era?

A – Ah, aí eu não sei. Era o mesmo que no Rio. ... Eu acho que no Brasil inteiro. Ninguém acreditava que o Brasil não quisesse ser campeão mundial... Ninguém. Foi um dia de tristeza. Foi um dia de luto. Realmente aquele silêncio do Maracanã é algo notável. Quem tava lá viveu aquilo... não se ouvia nada! Só se ouvia, só se via a comemoração dos uruguaiois em campo. Aquilo era terrível, né... E Obdulio Varela, principalmente. O ódio que a gente tinha do Obdulio Varela foi o que batia no peito, que era o tal, que era o machão, o que batia, fazia e acontecia. Bi... coisas incríveis... e o

Bigode. Um zagueiro que a gente chamava de “Lenhador”. Por que Lenhador? Porque ninguém na grande área ficava de pé, porque ele “fiiii”, rapava mesmo. A grande qualidade do Bigode, qual era? Jogar pesado, então descia a botina pra não deixar ninguém de pé. E os árbitros toleravam. O técnico... quem era o técnico?

L - Flávio Costa.

A – O Flávio Costa: “você tem que jogar no estilo. Nada de dar pontapé.” Onde já se viu? Tirou a característica do Bigode. E... pintaram e bordaram, né... pintaram e bordaram.

L - E ninguém falava nada no Maracanã?

A – Não... eu me lembro que o Leônidas conversava com meu pai e dizia: “Com Obdúlio Varela você tem que impor respeito.” O Obdúlio Varela era zagueiro, né... jogava na defesa e o Leônidas era atacante. Quando havia um amistoso lá com o Peñarol, lá há alguns anos o Leônidas saía, corria lá pra lá e... dava uma cacetada no Obdúlio Varela. Mas, metia a ripa pro Obdúlio não jogar: “- Falta!”, não sei o quê... e o Obdúlio passava a respeitar o Leônidas (risos). Porque sabia que com o Leônidas não tinha vez. Então é... é... coisas pitorescas que envolve o futebol (risos).

L - E... o futebol depois desse jogo quando começaram os campeonatos regionais, Rio-SP... demorou um pouco, né...

A – Demorou... foi aos poucos, né... Foi a medida em que o... o tempo tudo cura, né... Então, foi passando, o pessoal foi esquecendo. Veio 54, aquela esperança. E, infelizmente, o Brasil também não vai bem em 54, né. Daí, se institucionaliza no Brasil que ThomazMazzoni tá errado. Que o futebol brasileiro é bom, mas não é o que TomazMazzonidiz, o melhor do mundo. 54... perdemos em casa em 50... confirma-se em 54 fora de casa. E ta dito e dito. E tá liquidado!

L - 54 não tinha tanta ênfase, né?

A – Não, vai sozinho. Importante, em 54 vai sozinho ali. Vai solitário ali. Vem 58... em 58 a Seleção saiu desacreditada. Ela vai pra 58 desacreditada. Só ThomazMazzoni e veio o título. E é como ele disse: “Empurrou-se goela abaixo de todo mundo que nós somos os melhores do mundo. E vocês vão vê nas... no futuro. Isso daqui vai ser uma constante.” Ele ficou, ainda, sozinho nisso. “-Não, foi bom e tudo mais. Mas, dizer ainda que é o melhor do mundo... Ele vai persistir nisso? Que é isso, Mazzoni?”. E

vem62. O bicampeonato. Daí... ninguém mais... ninguém mais poderia duvidar, né. Passou à escola, à futebol-arte, futebol fantástico, até hoje.

L - E essa rivalidade Rio-SP?

A – A aí é salutar, né. É salutar por que é os grandes clubes e tudo mais, né... e quem ganhava com isso era o futebol brasileiro. Também porque craques de outros estados que sabiam que iam se destacar eles teriam que vir ou pro Rio ou pra SP. Tanto que se instituiu só o torneio Rio-SP. O máximo, né. Hoje em dia é o campeonato brasileiro, que é muito bom, ele teria apoiado, porque você dá chance de você descobrir o futebol brasileiro em todos os cantos do Brasil, né.

L - No livro dele de 50, é uma preocupação dele, né? Ele busca outros estados...

A – O forte dele que... acima de tudo, ele foi um historiador, né. Um historiador do futebol brasileiro. Tanto que a mágoa que eu tenho é essa. Todo mundo que escreve sobre a história do futebol brasileiro vai se embebe lá na *História do Futebol no Brasil* escrito por ThomazMazzoni. Só que uns mencionam, onde eles foram buscar essas referências. E outros não.

L - O Sr. sente isso...

A – O que é uma judiação, né. Mazzoni foi jornalista, ele foi cronista, ele foi autor teatral (risos). Escreveu um romance, uma peça de teatro que foi sucesso na época. Sucesso de crítica e de público. Ele escreveu... um... um romance, que foi o primeiro romance de ... esportivo sobre futebol. Inclusive, veio um produtor argentino pro Brasil, veio fazer um filme. Eu me lembro que ele pediu pra que eu levasse esse produtor argentino pra ver locações de onde seriam feitas a história desse romance que é “Flô, o melhor goleiro do mundo”. E eu levei. O... não foi adiante por questões financeiras. Não houve um acordo financeiro, então o filme não foi feito. Lá na Argentina tem. Na biblioteca lá da Argentina tá lá o romance de ThomazMazzoni e essa referência.

L - E o Sr. tem esse romance?

A – Eu tinha. Não tenho mais, infelizmente. Sabe onde eu descobri e não se conseguiu trazer? Em Buenos Aires. Ele pesquiso no Brasil e não conseguiu. Foi em Buenos Aires e encontrou lá o Romance. Só que não deixaram ele tira. Daí ele volto pro Brasil e conseguiu localiza.

L - E nesse confronto RioxSão Paulo, na Seleção Brasileira havia essa rivalidade?

A – Havia. Havia uma rivalidade entre imprensa paulista e carioca, cada um querendo puxar sardinha para o seu lado. E quando um convocado... era esquecido um craque de SP (risos). É claro que meu pai sempre batalhava mais por SP. Ele reconhecia os talentos dos craques da Argentina... dos craques cariocas. Mas, ele também achava que aqui era um grande celeiro de jogadores.

L - Eu lembro de quando o Mauro foi cortado da seleção, acho que de 54, ou 50. Dá pra perceber na crônica...

A – É.

L - E tinha um rival direto? Eu lembro de uma reportagem diretamente respondendo José Lins do Rego. Como que José Lins do Rego falava diretamente com SP. Eu lembro de Brasil e Suíça, no 2 a 2, ele escreve uma crônica dizendo que aqui se torcia mais pra Itália que pro Brasil.

A - Quem?

L - Os paulistas, no Pacaembu.

A – Fora isso, ele tinha um peso de ser um literato. Ele tinha um peso na literatura brasileira muito grande, que fazia com que ele... a opinião dele fosse muito... né... muito bem acolhida. Se bem que, que... digamos assim... um conhecedor do futebol, não fosse... Ele era mais um torcedor (risos). A colônia italiana era grande, mas, acredito, não ao ponto de torcerem contra o Brasil.

L - E o Mário Filho? Como a gente já citou aqui e escrevia na mesma editora que o José Lins do Rego.

A – E eles tinham o jornal... O Thomas Mazzoni começa a ser ouvido com o apogeu de *A Gazeta Esportiva*. O jornal era *A Gazeta*, mas, como ele ditava a política do jornal, as ideias dele é que ditavam a linha de GE. Então ele podia daí a altura responder todos aqueles que eram contra o futebol brasileiro. Agora, felizmente, ele não viveu uma época que eu estou vivendo, que eu acho muito triste. À época dele, se o Vasco da Gama fosse jogar na Espanha, o Brasil inteiro estaria com o Vasco da Gama, se o Palmeiras fosse jogar na Argentina... Hoje em dia o que eu vejo? Um absurdo. Eu vejo o Boca Juniors jogar com o Palmeiras aqui e a torcida do Corinthians, do São Paulo,

festejar os gols do Boca. Isso me dá uma tristeza. O Palmeiras é brasileiro, não importava se fosse o Clube Atlético Taquaritinga... é Brasil que tá ali. Era isso que o meu pai batalhava. E, felizmente, ele não teve essa tristeza de ver essa separação, né. O clubismo, né. Ganhar essa força.

L - Eu me lembro daquela camisa meio Manchester meio Corinthians... Depois daquele... daquela final.

A - (Risos)... Até hoje eu não consigo... O jogo do Brasil contra a França, o que nós perdemos a final...

L - 98.

A - No mundial, né? ... Então eu vou ver esse jogo, porque eu não vou agüentar... então eu não ligo o rádio, não ligo nada. Eu fico esperando os foguetórios. E “Pum, pum, pa”, “Bom, o Brasil tá ganhando de 1 a 0”. E “pum, pum, pa” “2 a 0 pro Brasil” ... “Pum, pum, pa.” “... que goleada!”, eu to vendo festejo e foguete por toda a parte. Eu ligo a televisão e o Brasil tá perdendo de goleada. Eu fico pensando, onde? Onde que era esses foguetórios? Não é possível que veio de torcida? Até hoje eu não encontro uma explicação. Quem é que tá fazendo festa? Nós não temos tantos franceses aqui no Brasil, a ponto de ... Argentinos? Também, não. Tem uma meia dúzia de gato pingado. Você tem explicação pra mim? Eu não tenho. (silêncio) De onde veio esse festejo?

L - Mas, e a Taça Rio, será que o pessoal do Rio ou as torcidas de São Paulo, torceram para o Palmeiras ser campeão?

A - Você tá falando do torneio internacional?

L - Isso, a Copa Rio de 1951.

A - Eu acho que sim... torceram pro Palmeiras

L - O Sr. lembra?

A - Não lembro... eu tinha o que? Eu tinha 17 anos. É muito difícil, né... sentir o clima daquela época. Não sei te dizer, viu. Eu me lembro que quando o Brasil jogava ... uma coisa que o meu pai batia na tecla era dizer que o Brasil tinha tido a honra de ter sido campeão mundial sempre fora do Brasil. Todos os outros conseguiram na sua sede.

Até hoje. [Poucos dias depois, a seleção da Espanha também conseguiu esse feito, vencendo a Copa da África, em 2010]

A - Até hoje. Foi sempre fora do Brasil. Agora, me lembro também que a GE cobria quando o Brasil vinha... vinha decidir um título fora do Brasil, ela cobria os jornais da América do Sul. Então dizia que os Argentinos estavam com o Brasil, que os Uruguaios estavam com o Brasil. Eu dizia pro meu pai: “Aquilo não me convence.” (Risos)... “O Sr. pode acreditar, porque eu não acredito, não...”. (risos) Porque eu, toda vez que a Argentina tiver que jogar lá fora ...e dizer que eu to com a Argentina, não... Ta contra a Itália, eu sou Itália. Tá contra quem? Contra a... a... a Venezuela, eu sou Venezuela. A Argentina não! É meu maior rival.

L - E o seu pai mantinha alguma ligação com o Palestra, o Palmeiras, fora...

A – Pois é, não tinha... A pesar da descendência italiana dele não tinha. Inclusive, o pessoal dizia: “Ah! Você é palmeirense.” De fato ele não era palmeirense. Ele era Seleção Brasileira. Tanto que ele escrevia na época quem estava no apogeu. Me lembro que o Corinthians atravessou uma fase muito boa com Luizinho e tudo mais. Então passaram a dizer que ele era Corinthiano. Mas, porque que ele batia nessa tecla. Porque o Corinthians tinha que tá em foco. Ele não podia ignorar aquele que era o melhor quadro, a melhor equipe do momento. Quando o Palmeiras conquistou aquelas coroas de rei. Os títulos que o Palmeiras começou a conquistar, ele passou a ser taxado de palmeirense. Quando a Portuguesa fez uma excursão pro exterior com... com...

L - Acho que foi em 54...

A - Conquistando o título que ele chamou de Fita Azul, ele quem criou o nome Fita Azul. Porque Fita Azul é pelo iatismo, não sei bem porque, mas no iatismo quando você tem a Fita Azul é porque você é vencedor, né. E ele deu esse título pra Portuguesa de Desportos. Ele criou o “Trio de Ferro”, né... São Paulo, Palmeiras... opa... o “Quarteto de Ferro” São Paulo, Palmeiras, Corinthians e Portuguesa, né. Não trio de ferro, né...

É, São Paulo, Corinthians e Palmeiras. Até hoje, né...

A – Até hoje. Ele criou o “Moleque Travesso” pro Juventus. O “Mosqueteiro” pro Corinthians. O “Santo” que era o São Paulo, né... E o “Periquito” pro Palmeiras, né. Só que a torcida opto pelo “Porco” (risos), eu acho que entre o Porco e o Periquito, eu fico com o Periquito.

L - O apelido dos jogos, né?

A – Os apelidos... Majestoso, Derby, né? Choque-Rei.

L - E no dia-dia da redação se usava muito?

A – Ah, usava! Ele criou o termo, né. E, depois, ele criou e se expandiu. Você vê, qualquer jornal esportivo, qualquer jornal noticiário esportivo, fala também. Hoje vamos ter o majestoso, hoje vamo ter o Derby. Alguns dizem que Thomaz Mazzoni, não é... Alguns deles falam.

L - Poucas vezes.

A – Você vê agora, o centenário do Corinthians, eles instituíram o “Mosqueteiro” como símbolo do clube. Não sei se eles vão lembrar que quem criou o Mosqueteiro foi Thomaz Mazzoni. Eu acho que sim, tenho certeza que sim.

L - E ele criou na Redação?

A - Na Redação.

L - E a imagem?

A – A imagem... O Nino Borges, que era caricaturista da *Gazeta Esportiva*... ele transmitia a ideia e o Nino desenhava. Inclusive o Nino Borges fez uma caricatura dele também. [busca um quadro em outro cômodo da casa] Esta é a imagem de Nino Borges. É de 44... Ele tinha 44 anos.

L - Não é justamente nesse período que começa a aparecer esses nomes?

A – Não sei, não sei dizer... Eu sei que consagraram esses nomes, né.

L - E a propaganda?

A – Ele tinha uma... uma... agência... ele era um agenciador de publicidade, né. Agenciador, ele era autônomo. Mas, ele tinha uma agência de publicidade, a TM publicidade. E ele fazia publicidade, inclusive recebia dos clubes que queriam fazer... convocação de editais... e tudo mais. E como os clubes conheciam ele, ele fazia essa propaganda na *Gazeta Esportiva*. Só pra *Gazeta Esportiva* e pra *A Gazeta*. Mas, essencialmente, na *Gazeta Esportiva*. Daí vem uma acusação de que ele recebia dinheiro dos clubes. Eu tenho todas as... até fiz questão na época, houve um historiador que fez... e isso me escapou, em que ele acusa meu pai. Acusa não, deixa... né... Quero esclarecer que ele foi acusado de receber dinheiro. Só que ele não fala do outro lado. Da defesa de Thomas Mazzoni. Ele foi de clube em clube e os clubes deram uma carta, assinaram uma carta dizendo que nunca, em momento algum, Thomaz Mazzoni pegou dinheiro deles ou coisa que o valha. Agora, ele passou a ganhar bem porque ele se

consagrou. Ele era a principal elemento... figura de GE, o mais bem pago. Ele era o redator-chefe da *Gazeta Esportiva*. Ele era muito bem pago. E, fora isso, ele recebia dinheiro do exterior. Ele escrevia pra Inglaterra, recebia em libra. Escrevia pra Portugal, recebia em escudos. Recebia da Tchecoslováquia... da Tchecoslováquia ele nunca recebeu nenhum tostão. Porque era um país comunista... tinha a revista “Stadium”, e ele mandava crônicas pra revista Stadium, só que o regime comunista não deixava o dinheiro sair de lá. Então eles abriram uma conta em nome dele e faziam depósitos. Ele só poderia ter acesso a esse dinheiro se ele fosse lá pra Tchecoslováquia. O que ele aproveitou na ocasião em que a seleção passou lá, fez um amistoso e ele adquiriu pra *Gazeta Esportiva* máquinas fotográficas de última... é... mais... de top, pra *Gazeta Esportiva*. Ele adquiriu essas máquinas com esse dinheiro. O que pra muita gente acha... foi um ato desonesto. Desonesto em que?

L - Equipamento pro jornal.

A – É. Ele quis aproveitar, era agora ou nunca.

L - Em que ano foi isso?

A – Ah, também, não sei...

L - Era Brasil e?

A – Era uma excursão da Seleção Brasileira. Não era campeonato mundial. Porque a Seleção viajava o mundo, fazia várias excursões, para vários países. Ele viajou o mundo inteiro.

L - O Sr. já trabalhava na GE?

A – É. E ele então comprou esse maquinário pro jornal. Até que quando ele faleceu, o Leônidas disse: “Eu acho que seu pai tem dinheiro na Tchecoslováquia”. Porque ele continuou a escrever e continuou a ser depositado lá. E o Leônidas fez questão, porque ele sabia que tava sendo feito o inventário e tal. Eu fui na, na embaixada aqui. E eles me disseram o seguinte: de lá não... não vai sair. Você sabe que esse dinheiro ficou lá, né? Nem sei mais que fim levou. Acabou o regime comunista... a coisa se perdeu, né. Me lembro até que... meu pai comentava: “se eu pudesse...”, ele comentou que ele poderia comprar um (????) . Eu sei, não é do seu tempo... (\_\_\_\_) era o carro que era fabricado na Tchecoslováquia. Ele tinha dinheiro suficiente pra comprar um (\_\_\_\_). Era um senhor carro. Você já pensou? Chegaria aqui na alfândega... Aquele dinheiro não iria sair de lá.

L - Ele tinha uma preocupação com as imagens, né? O cartunista que o Sr. falou, o Nino Borges, ele trabalhou quantos anos?

A – Ah trabalhou. O Nino Borges só trabalhava pra *Gazeta Esportiva*. E ele fazia as caricaturas de todos os jornalistas. Lá na Cásper Líberotinha um painel da redação em que todos nós estávamos lá caricaturados. Você entendeu? Então eu apareço lá e tudo mais. Hoje o prédio da Cásper Líbero foi vendido, né... A derrocada financeira de *A Gazeta Esportiva* e da Fundação Casper Líbero começou que... quando ela chegou no apogeu o diretor Carlos resolveu vender o prédio da Rua Cásper Líbero, que era antes. E em frente tinha prédios que pertenciam à Fundação Cásper Líbero. Ele vendeu esse acervo todo e comprou na Av. Paulista um terreno em que seria erguido um prédio da *Gazeta Esportiva*. E realmente foi isso, um prédio da Fundação Cásper Líbero. Que foi erguido até um certo ponto. Até que a situação financeira ficou difícil e o restante não foi feito. Né... o mirante e tudo o mais que deveria ter sido feito, não foi feito por questões financeiras. Apesar da fundação do... das fundações lá, terem possibilidade que se tiver dinheiro podem erguer mais. Eu tenho até... meu pai até ganhou... eu vou mostrar pra você como seria o prédio...

L - E porque, o sr. sabe porque parou?

A - Foi... nós mudamos pra lá... Mas não sei dizer quem é na época. Sei que a situação financeira... como diz... foi um comprometimento financeiro muito grande e teria sido... seria pago só pela Fundação, com dinheiro dela, ela começou a erguer. Veio uma crise na época, né... E a Fundação não pode manter honrado o compromisso... o final da construção, né. Daí foi eleito o Jânio Quadros... foi nesse período. Jânio Quadros foi eleito e era muito amigo da *Gazeta*, porque a *Gazeta* teve um apogeu muito grande. A *Gazeta*, numa certa época, rivalizava com *O Estado de São Paulo*, você tinha... o que hoje é a *Folha*. A *Folha* e *Estado*, né? Naquela época era *A Gazeta* e *O Estado de São Paulo*. E é um dos mesmos nível... Eleito Jânio Quadros, o Jânio chamo os diretores da Fundação e disse: “Olha, o que eu quero fazer em primeiro lugar é uma... uma contribuição. Um empréstimo do Estado pra que vocês concluam essa obra. Concluam o prédio da avenida Paulista. E vocês vão me pagar a longo prazo, financiando.” E o que que a Fundação diz: “Não. Primeiro o Sr. se instala, toma posse, se instala, ganha pé aí, depois a gente conversa. Assim, o Sr. fica à vontade.” E o que acontece? Jânio Quadros renuncia...

L - Então como presidente...

A - Renuncia como presidente da República e a Fundação ficou na mão. Daí ela quebrou mesmo. Foi daí pra *Folha*... pra continuar imprimir, distribuí o jornal. Eu trabalhava na *Gazeta Esportiva*, eu saio da *Gazeta Esportiva* e me torno funcionário da *Folha de São Paulo*. Eu tenho... eu me aposentei na *Folha* com 37 anos de serviço, na *Folha de São Paulo*. Trabalhei na *Folha* 33 anos...

L - E era muito diferente o estilo, o tratamento da *Folha*?

A - Ah, era... mesmo porque eu não fui na parte jornalística da *Folha*. Eu fui na parte de publicidade. Fiquei na parte de publicidade.

L - Qual a relação publicidade com o futebol? Como era antes?

A - Antes não havia uma publicidade específica, né. Então, o jornalista esportivo era procurado no seu jornal pra fazer um editorial de... pra continuar viva a publicidade em torno do... da figura do clube, né. Da imagem do clube não havia. A imagem do clube automaticamente se formava com a campanha do... do clube no campeonato. Estava ali nos jornais, nas manchetes. Não havia uma necessidade de você ...como uma firma, né... quevc tem que fazer um institucional pra se promover e tudo mais.

L - Mas, os outros esportes tinha me parece uma... uma chamada maior pra ...

A - A *Gazeta Esportiva* tinha uma especialidade de cobrir todos os esportes e tinha um cronista pra todos os esportes e fazia a cobertura normal, né. E mesmo porque, à parte... o fabricante do tênis, da bola, e tudo mais, esse queria faze um institucional na GE. Então, procurava o jornalista especializado que, no caso, era o meu pai e ele então fazia a propagando do... do produto... do tênis, da bola de futebol, etc. O que era perfeitamente normal... não havia nada demais. Não vejo porque que... essa castidade de não fazer. O que tem um fabricante de bolas à influir num campeonato? Nada. A intenção é fazer propaganda. AH, a bola foi escolhida pela Federação ele que ponha lá: “A nossa bola é oficial do campeonato sul-americano”... ou coisa que o valha.

L - E a imagem do jogador? Ele era boa? Ela muda muito?

A - Não... a imagem ela é conforme a categoria do jogador, né... o Leônidas tinha uma imagem excelente, né. Apesar de que houve um período da vida dele... aquele serviço militar... matou um primo, não sei... não sei o que aconteceu, né... E o Leônidas era um pouco boêmio, né. Mas depois que ele veio pra São Paulo.

L - Tornou-se técnico, né?

A - É tornou-se técnico... tornou-se cronista, né... era cronista de rádio, né. Comentarista esportivo. Leônidas é uma grande figura. É uma grande alma. Meu pai gosta dele.

L - Seu pai gostava dele?

A – Gostava dele. Meu pai gostava muito dele. O Friendenreich, então, era fora de série. O Friendenreich era uma história... pra te contar.

L - Então a TM ESPORTES, lá começou...

A – É ... A TM ESPORTES era um título... como que se diz? Fantasia, né... ele era autônomo. TM ESPORTES.

L - Ele sempre usou?

A – É... ele usava o título, né. TM ESPORTES pra poder fazer a extensão publicitária no jornal.

L - Mas, desde a década de 40?

A – Não. Isso no período que a *Gazeta Esportiva* ganhou o apogeu, né. Na década de 40 ele trabalhou em vários jornais: *A Estampa*, etc e tal... antes da década de 40. Até entrar na *Gazeta Esportiva*. Aí foi que ele se consagrou, né. E ele se consagraria mais com o apogeu de *Gazeta Esportiva*. Porque ele batalhou pra ser um jornal diário que vingou essa idéia, né. “Como que o jornal vai se agüentar vender todo o dia, né?” No fim o que aconteceu... A *Gazeta Esportiva* suplantou *A Gazeta*, suplantou a mãe, né. Ela surge... o jornal esportivo, o lado esportivo surge na *Gazeta*, na forma de coluna, de duas páginas em fim de semana. Salvo, domingo, né? Pra depois, se consagrar num jornal diário. Pra vc vê como é que é a história do esporte no Brasil, né. A força que ele tem. Principalmente, o profissionalismo do futebol, né... Se bem que hoje em dia você já tem espaço no basquete, no atletismo... tem boa cobertura, né.

L - O Sr. acha que hoje em dia tem boa cobertura?

A – Não tem como lá fora. Não tem... realmente, você vê o futebol feminino não vinga aqui. E nós temos grandes jogadoras. Você não consegue fazer um campeonato. Tem campeonato? Deve ter, não sei. Aparece tão pouco, se fala tão pouco.

L - E se cogitava futebol feminino...

A – Não. Nem se cogitava. Futebol feminino era algo impensável, né.

L - Por quê?

A – Era... era um esporte de machões, né. Acho que o meu pai mesmo... acho que ele nunca, nem conversou a respeito. Não se cogitava a mulher jogar futebol. Não havia...

surgiu depois do falecimento dele, eu acho. (...) E ganha força lá fora, né. Estados Unidos, na Finlândia, ganha força... E nossa Marta tá aí pra prova que é o Pelé... você vê que o brasileiro joga bem até no futebol feminino. O que precisa é campo, né... não vingou como o futebol masculino, né.

[Ricardo Mazonediz: o Santos ganhou a Libertadores feminina...]

A- É ganhou... mas eu tô dizendo internamente. Você não consegue fazer a moça que joga bem futebol aqui, se ela quiser ganhar dinheiro... se ela quiser ter uma vida dentro do esporte profissional, ela tem que ir pro exterior. Se bem que a Marta jogou aqui.

L - Falta um Thomaz Mazzonni pro futebol feminino?

A – Se ele tivesse aqui, ele seria um batalhador. O que ele iria colocar a Marta lá em cima.

L - Ele dizia o quanto através do esporte a sociedade aprenderia a se comportar melhor, se engrandecer fisicamente... ele também visualizava o quanto, também, isso poderia girar de dinheiro?

A – Ele visualizava o crescimento financeiro estável daqueles que se dedicavam ao futebol. Ele achava que era um campo em que o jovem poderia ter uma ascensão social... dentro do futebol. E você vê hoje os altos salários, né. O Fiendereich coitado... com o futebol que ele jogava, ele seria multimilionário. E o Pelé, o Pelé foi aquele que melhor aproveitou, né... essa ascensão do futebol no campo... é... de chance profissional financeira.

L - Foi um outro uso da figura do jogador, né?

A – Foi uma maneira de o jovem, sem chances... Porque estudar no Brasil, vamos ser franco, na época do meu pai uma universidade tava fora de cogitação. Não havia meios de uma pessoa de classe pobre, chegar à universidade de jeito nenhum. Quem deu chance do jovem se consagrar financeiramente foi através do futebol. E, assim mesmo, há alguns anos, né. Alguns craques não chegaram a ter essa fortuna que o Pelé fez. Bauer e outros da época do Bauer... Noronha etc. Nunca foram multimilionários, nunca foram... isso veio mais com o passar dos anos... que o futebol foi ficando o pé aqui no Brasil, né. E propiciando esse crescimento financeiro desses, desses jovens, né. Hoje vc... pega esse garoto do Santos, né. Um deles aí, se eles forem pro exterior eles ficam ricos também. É uma questão de tempo. O futebol vai dar chance a eles. Ronaldinho, Ronaldo, Kaká...

L - E a família... os seus avós...

A – Não. O futebol como meio profissional, nunca. A mentalidade deles era outra: “Não, nosso filho não vai ter futuro nenhum, se ele entrar por esse ramo.” Ele tinha que jogar escondido. Quando ele quebrou o joelho, ele foi parar na Santa Casa... ele não... ele ficou com medo de voltar pra casa (risos). Porque ele jogava escondido da família. A família queria tira... queria porque queria tirar ele do futebol. Tanto que mandou ele pra Itália pra cumprir o serviço militar. Ele não precisaria ter ido.

L - E a família mexia com que?

A – A família, na época, era funcionária do Gasômetro. Ali do... do Gasômetro. Era funcionário o pai.

L - Era um trabalho qualificado...

A – Era. Classe média. Então... eles acharam que ele não teria futuro, né. No campo do esporte.

L - E eles desejavam que ele fosse estudar...

A – Ah, sim. Deveria continuar a estudar, enfim, encontrar um ramo profissional que formasse ele melhor financeiramente. Nunca poderia passar pela cabeça deles... Mesmo porque o futebol, não... Daí ele se dedica... quebra a perna, quebra o joelho, né. Escondido e tudo mais. Não pode mais jogar, então ele começa a escrever. E encontra a veia jornalística dele. Escreve muito bem e se destaca, né. E torna-se um historiador. E se deriva pra vários esportes. Pouca gente sabe, mas Thomaz Mazzoni escreveu sobre hóquei, sobre bola ao cesto... bola ao cesto, hoje o basquete. Uma série de esportes que... ele foi... foi ... como é que diz? É... dava aulas de regras de futebol na Federação. Enfim, escreveu sobre regras de futebol, né.

L - E é assim que ele conhece o Cásper Líbero?

A – Não, ele entra na *Gazeta Esportiva*... não, ele entra na *Gazeta*, porque não existia *Gazeta Esportiva*, né... pra escrever uma coluna na parte de... nas páginas de esportes, que saía nos fins de semana de *A Gazeta*, era encartado na *Gazeta*. Daí ele, amigo de Cásper Líbero, incutindo em Cásper Líbero a ideia de ter um diário. Cásper Líbero não acreditava: “Como? Como é que eu vo vende um jornal todo o dia só sobre esporte?” Era uma idéia visionária, né. Até que o Cásper Líbero resolve então fazer.

L - E a amizade deles surgiu... quando ele já tava no jornal?

A – Quando já tava no jornal. Porque ele visualizava... Cásper líbero foi um revolucionário. Vamos e venhamos. Até então era OEstado de São Paulo, ele impulsiona *A Gazeta*.

L - Ele comprou *A Gazeta*, né?

A - Ele compra *A Gazeta*. Ele... o prédio da Cásper Líbero. Ele compra um prédio novo e... emparelha com O Estado de São Paulo. *A Gazeta* se tornou um sinônimo de jornalismo. E meu pai foi na parte esportiva, né. Então quando surge a *Gazeta Esportiva* diária... se eu não me engano foi no...

L - Em 47.

A – Em 47 ela se torna diária.

L - Sim.

A – A GE começa a ganhar força, bate recordes de tiragem. Tem o recorde brasileiro de tiragens. Acabava um jogo os jornalistas... os jornaleiros saíam pela rua vendendo... era disputada A GE, né. Todo mundo queria, não havia jornal suficiente.

L - Saía mais de uma vez por dia?

A – Saía uma vez por dia, né. Agora em grandes ...por exemplo, em campeonatos mundiais e tudo mais, saía uma edição extra. Saíam edições extras. Tiragens fabulosas, né. Esgotava o jornal. Os jornalistas iam pra porta do estádio. Acabava o jogo pegava e já ia comprar o jornal.

L - E saía rápida as notícias do final de semana esportivo, assim?

A – Saía no dia seguinte, né. Não naquele jogo, né. Aquele jogo sairia numa segunda edição que iria sair lá pela meia-noite. E os jornaleiros vendiam a...

L - Meia noite já saía?

A – Ah, já saía e você tinha que reservar: “Olha, quando sai o jornal é meu”. Então *AGazeta Esportiva* se tornou uma força, comparada... ao passar dos anos, né... a ponto de suplantarem a mãe, *A Gazeta*.

L - Eu tenho um monte de coisas que eu gostaria de perguntar pro senhor, seu Antonio e a minha pesquisa vai continuar. Eu gostaria de saber se... posso entrar em contato...

A – Estou a seu inteiro dispor. Toda vez que você precisar, quiser... enquanto eu for vivo eu to aqui pra te ajudar.Será um prazer.

[continuamos a conversar]

L - A ligação dele com São Paulo é profunda também, né?

A – A ligação com o São Paulo?

L - Essa ligação com o Brasil...

A – Ele era bairrista, você tá querendo dizer?

L - Não sei se é bairrista...

A – Ele era muito ligado ao futebol paulista, sem desmerecer o futebol carioca. Porque na época dele era São Paulo e Rio. Mais tarde começou o Rio Grande do Sul. Ainda na época dele o Rio Grande do Sul, né. Lafaiete, e outros vieram pro futebol paulista. E fomentava essa rivalidade, porque era ali que se vendia o jornal, né.

L - O objetivo era esse, né?

A – O objetivo da venda do jornal era essa... que era a rivalidade entre São Paulo e Rio. Então quando havia um choque tinha que levantar. Tanto lá, como aqui. No entanto, que ele não era bairrista convicto, que ele escrevia pro JS do Rio de Janeiro, tinha uma coluna, lá.

L - Então, e politicamente. Era ligado a partido? Ele discutia?

A – Não. Não tinha uma cor política. Ele era voltado pro esporte. Ele achava que o Brasil tinha um potencial que não tava sendo explorado, né. E como ele era eclético, escrevia sobre vários esportes... ele escrevia vários esportes principalmente na Gazeta, porque desde o surgimento de *Gazeta Esportiva*, *A Gazeta* continuou com uma faixa de esportes, que ele assinava como Olympicus. Então ele continuava batendo pelos outros

esportes. Ele achava que o Brasil... Eder Jofre, Maria Ester, era tudo aquilo que ele queria mostrar que o Brasil tinha um potencial também em todos os esportes, desde que houvesse uma ajuda. E aí, ele que precisava pedir ajuda estatal... oficial do Estado. Porque o Estado que tinha que dar essa ajuda. Porque não havia meios financeiros de outra maneira. As universidades brasileiras não se interessavam a esse ponto. Como fazem nos Estados Unidos... lá nos Estados Unidos você surge no ginásio, hoje em dia não fala ginásio. Mas, você surge no ginásio, o que que acontece? Você recebe uma bolsa de estudo pra continuar sem pagar nada na universidade. Você vai competir naqueles torneios universitários que consagram o esporte norte americano. O meu pai sabia disso. Ele queria criar esse clima. Mas, não fomentava, não. O pessoal de reitoria, sei lá...né... não tinha essa cabeça voltada pra...

L - Mesmo porque também a universidade é pública aqui no Brasil. Pedir pra universidade é pedir pro Estado.

A - Nos Estados Unidos é privado. Então ele achava que dando chances, chegava lá. E haviam aqueles que, por conta própria... Éder Jofre, o basquete, e o que acontecia? Ficava todo mundo lá fora. Maria Esther Bueno foi uma grande jogadora, mas tinha que jogar fora. Né. tinha que participar daqueles torneios. Ele ficava... ele dizia que era mais brasileiro que... (risos)

L - Engraçado, o Sr. falou que ele sofreu críticas por causa do..

A - nacionalismo.

L - E por causa do envolvimento com publicidades.

A - Então você vê, o esporte, o que ele traz de benefício pro Brasil? Hoje em dia, o futebol é mais conhecido lá fora pelo futebol e tudo mais, do que por outra coisa qualquer. Então ele via por esse caminho do esporte, como uma consagração do país. E ele adotou ser brasileiro. Tinha orgulho de ser brasileiro. E ele se naturalizou também...

L - Depois de muito tempo?

A - É depois de muito tempo. Eu queria localizar, mas não está fácil aqui, né. Depois... o próprio Getúlio Vargas que fez a naturalização dele... eu tenho até a carta aí.

L - O senhor sabe dizer quando foi?

A – Não sei dizer. Mas eu poderia procurar. E ele teve a alegria de ver as ideias dele, sendo consagradas. Ele batalhava pelo futebol brasileiro. Uma coisa ele dizia: “É o melhor do mundo.” Isso ninguém tirava dele. É o melhor do mundo e ...cá entre nós, quem é que tem tantos títulos mundiais como o Brasil? O futebol brasileiro até hoje, né.

L - E me parece assim, antes da Copa de 50 era um discurso comum em que o Brasil era vencedor, o melhor.

A – Havia períodos... né. E outros em que vinha aquela depressão de uma grande derrota, como 50. E tudo mais. Aí vinha aquele descrédito. 80% da população já não apostaria.

L - A direção da CBD mudou muito, daí em diante?

A – Antigamente era Confederação Brasileira de Desportos, então a CBD tinha a obrigação de todos os esportes, basquete e tudo mais. Era tudo ...e depois se cria Confederação Brasileira de Futebol.

L - Mas, digo na década de 50 mesmo, depois da segunda derrota, mudou bastante de 54 pra 58, os dirigentes.

A - A mentalidade você diz... Começa a mudar, começa a mudar. Porque 38 foi o último mundial. Depois vem a Guerra. A 2ª Guerra Mundial para, né. E só em 40 e tantos é que... 50...

L - Que veio pro Brasil a Copa.

A – Foi uma fatalidade, né. O Brasil não perdia, né. Foi uma fatalidade. Você tem um time invicto a 40 partidas, né. De repente pega um timinho Itapetininga não sei o que, num dia de azar, ele mete um gol, se fecha na defesa, você perde o jogo e a invencibilidade. O Brasil perdeu num momento menos necessário de perde. Tinha sido melhor perder, né...

L - Perder pra Suíça aqui no Pacaembu...

A – É... do que acontecer aquilo. Aquilo foi um desastre. Marcou. Os uruguaiois até hoje batem naquela maldita tecla de 50. Depois pra eles não restou mais nada, né.

L - Uma última pergunta: O Barbosa, depois daquele jogo... O Sr. acompanhou a carreira dele?

A – Eu não acompanhei, mas ele foi... foi culpado de tudo, né.

L - Pelo que eu vejo ele era um goleiro reconhecido, mesmo depois daquilo...

A - Por coincidência naquele vídeo tem um depoimento do Barbosa. Eu não posso dizer, mas pelo depoimento dele, a vida inteira dele ...

L - O Sr. lembra de onde estava no estádio?

A – Na ala da imprensa, né. De onde fazia a cobertura. Fui lá como bicão.

L - O Sr. lembra da reação de seu pai? O que o seu pai fazia, trabalhava no momento do jogo, passando algumas informações?

A - Escrevia o tempo inteirinho. O jogo inteirinho escrevendo. Pra depois sair no artigo de fundo de A GE.

L - Lances do jogo?

A – Todo lance. Incrível, escrevia páginas e páginas, aquela caligrafia dele... Depois ele tinha que sentar na redação e ditar par uma pessoa. Porque a pessoa via, via... e não, né

L - Não entendia.

A – Ele escrevia a bico de pena. Ele molhava a ...e escrevia à bico de pena.

L - Então ele na Gazeta .. narrava o jogo... fatalmente era seu pai que tinha visto o jogo.

A – Ah. A final ele escrevia e havia outros jornalistas pra cuidar de outros departamentos. Via escanteio, coisas do juiz, como foi a atuação do juiz, etc. e tal. E o artigo mesmo da partida em si, era ele quem fazia, né. E assim mesmo na Copa do Mundo, né. Agora de futebol não. O futebol artigo de fundo do jornal era o dele, né. Ele escrevia sobre a política, etc. e tal do esporte em si no Brasil. E as grandes partidas era o encarregado do clube. Porque... quando eu tava na *Gazeta Esportiva*, cada um recebia um clube pra cuidar, pra fazer cobertura. Eu comecei com o Juventus. Depois havia um rodízio, um ia pro São Paulo, outro pro Palmeiras.

L - Havia um rodízio?

A – É pra você num... você ia começando a ficar muito conhecido, sabe. O diretor já batia nas suas costas, entende. E ficava incomodado: “Olha, vê o q você vai escrever do meu clube.” Entende, então você começasse entrar muito nisso, você começava... devido às amizades, você ficaria numa situação difícil. Então era feito o rodízio. Indo desconhecido, que não tinha ligação. Então, não tinha amizade com os diretores. Isso facilitava o seu exercício profissional. Agora, eu tenho um carinho pelo Juventus, porque eu comecei na crônica esportiva. Quando chegaram: “Você deixou de ser auxiliar de redação”. Não foi meu pai quem disse isso. “Você vai ser jornalista profissional”. Puxa, quando tirei a minha carteira de jornalista profissional, repórter de setor... auxiliar de redação passou pra repórter de setor.

L - Repórter de setor era ...

A – Repórter de setor ia pra um clube. Aí eu passei à repórter, aí generalizou. Porque o Juventus não tinha tanta .. notícia assim. Eu já cobria vários eventos. E depois redator. Então vc fazia uma escala no jornal, né.

L - Existia o rodízio, mas tinha uma certa característica pra ir pra um determinado clube?

A – Não. Não tinha. Tinha os jornalistas ala do profissional e o jornalista ala dos amadores. Então tem jornalista especializado em atletismo, em hipismo, em esgrima. Cada um tinha o seu... a sua obrigação. Porque o jornal, ele cobria tudo. A força da GE era isso. Principalmente futebol. Mas, dava ênfase a todos os esportes. Todos os esportes tinham chance. Inclusive a várzea. Tinha duas páginas de jogos varzeanos. Que era o Tita que fazia.

L - E as redações assim, da *Gazeta Esportiva* com o encarte *Todos os esportes* da *Gazeta*, era feito tudo junto, era dividido?

A – Não A gazeta ficava só com os quesitos primordiais. Era só duas páginas. Mas era diário, né.

L - Era diário.

A – Ah, é. Mas, primeiro era só de fim de semana, depois passou a ser diário. Eu não tenho noção pq a minha ligação era mais com a GE. Eu sei q o meu pai tinha coluna.

L - Eram departamentos diferenciados?

A – A GE ficava no 1º andar, tomava todo o 1º andar, tomava todo o 1º andar. E a *Gazeta* ficava lá no 2º andar.

L - Mesmo os jornalistas de esportes?

A – Totalmente isolado. De esportes ficava aqui, na *Gazeta Esportiva*.

L - Então isso que eu queria saber.

A – Os jornalistas escreviam aqui e era enviado. Só que ...enfocava nos aspectos ... porque como você só tinha duas páginas ou uma página tinha que focar no assunto do dia.

L - Porque o *Olimpicus* escrevia em *A Gazeta*...

A – Em *A Gazeta* e no *Jornal dos Sports*.

L - E quando era época de Copa do Mundo, era só Copa o assunto tratado?

A – Ele assinava *Olimpicus*, né. Aliás, muita gente me cobrou, minha tia me cobrou... porque tem esse tênis esportivo. Tênis *Olimpikus*

L - Ah, sim! A marca.

A – Aí, eles tiveram o cuidado de não pegarem o logotipo idêntico... eles fizeram um K, um negócio diferente. E mesmo porque não tem patente nenhuma, né.

L - Ele sempre usou isso. De onde ele tirou.

A – Eu acho que é de Olimpíada. A idéia da olimpíada é ter todos os esportes. Eu acho que ele bolou esse termo ...esse nome Olimpicus pra ele . E é justamente pra ele poder falar de tudo. E onde ele mais falava nessa coluna na Gazeta e todos os esportes. Ao passo que no jornal, ele falou mais de futebol, né. Mesmo porque a GE tinha os seus departamentos, né. E ele como redator-chefe que era o principal, depois tinha o de esporte amador e os de esportes profissionais, secretários do futebol e dos esportes amadores.

L - E o Sr. depois que saiu do meio jornalístico fundou uma empresa de publicidade?

A - Não, não. Na própria *Gazeta* eu fiquei 20 anos... é... por aí... como jornalista profissional. Depois eu passei pra publicidade. Não, depois me pediram pra eu organizar a distribuição do jornal. Eu fui pra circulação, montamos lá, um sistema de distribuição de jornais pras bancas. Um mapa pra saber como se distribuía os jornais. E, depois eu passei pra parte de publicidade. O jornal vive da circulação. E se fosse viver só da venda de jornais, ele quebrava. É uma mixaria que você pagava na banca. Então o que sustentava o jornal era a publicidade. O Caderno de Anúncios.

L - Qual o tipo de empresas.

A – Ah... Todas. Principalmente lojas de varejo...Só não tinha publicidade feminina. Mas, tudo o que dizia respeito ao homem, tava na GE. Porque feminina não tinha porque a mulher não lia *Gazeta Esportiva*. Ela poderia quando muito, quando o marido ou o filho trouxessem, dar uma passada de olhos. Mas, você não poderia por um sapato alto ou uma lingerie feminina porque todo o leitor de *Gazeta Esportiva* era masculino, né. Não teria como vender o produto.

L - Mais uma vez, senhora Antônio, muito obrigado!

A- Disponha.